

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

**A AURORA DO SOCIALISMO:
FOURIERISMO E O FALANSTÉRIO DO SAÍ
(1839-1850)**

IVONE CECÍLIA D'AVILA GALLO

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento
de História do Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de Campinas,
sob orientação do Prof. Dr. Edgar Salvadori De
Decca

Este exemplar corresponde à versão final
da tese defendida e aprovada pela Comissão
Julgadora em __/__/__.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Edgar Salvadori De Decca

Profa. Dra. Izabel Andrade Marson

Prof. Dr. Michael MacDonald Hall

Prof. Dr. Carlos Eduardo Berriel

Profa. Dra. Helena Müller

Profa. Dra. Sílvia Hunold Lara (suplente)

Prof. Dr. Sidney Chalhoub (suplente)

Março 2002
Campinas, SP

UNIDADE BC
Nº CHAMADA T/UNICAMP
G 137 a
V EX
TOMBO BC/ 48996
PROC 16-837/02
C DX
PREÇO R\$ 11,00
DATA 15/05/02
Nº CPD

CM00167272-B

BIB ID 240128

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

G 137 a Gallo, Ivone Cecília D'Avila
A aurora do socialismo: fourierismo e o falastério do Sai (1839-1850) / Ivone Cecília D'Avila Gallo. - - Campinas, SP : [s. n.], 2002.

Orientador: Edgar Salvadori De Decca.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Mure, Benoît, 1809-1858. 2. Fourier, Charles, 1772-1837.
3. Socialismo - Brasil - Séc. XIX. 4. Colonização - Brasil - Séc. XIX. 5. Homeopatia. I. De Decca, Edgar Salvadori.
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Resumo

Na França do século XIX, nasciam um movimento de idéias e um movimento social dotados de novas características. Os pensadores sociais, Saint Simon, Charles Fourier e Cabet introduziam, como matéria para a reflexão, os problemas sociais, evidenciados por um movimento social que contestava o modelo econômico e político fundado no sistema industrial. O surgimento de uma preocupação com a indigência, o desemprego, a opressão da mulher e da criança, a exploração do trabalho, bem como a proposição de soluções a estes problemas, foram as contribuições legadas por estes pensadores e que, por outro lado, retornaram para a sociedade, imprimindo ao nascente movimento operário uma marca forte. A idéia de transformar o mundo a partir do estabelecimento de falanstérios, de acordo com os princípios de Charles Fourier, apossara-se de parte do movimento operário e, em pouco tempo, assistia-se à emigração de operários franceses rumo às Américas, com o fim de implantar colônias societárias.

O assunto desta tese é o movimento fourierista na França e a fundação de um falanstério no Saí (SC), em 1840, como primeira experiência das idéias de Fourier realizada fora do continente europeu. Deste ensaio teria brotado, no Rio de Janeiro, um movimento fourierista brasileiro, ainda que de pouco alcance.

Abstract

In nineteenth-century France, a current of ideas and a social movement bearing new features were born. Social theorists, such as Saint-Simon, Charles Fourier and Etienne Cabet, introduced as matter for reflection social problems, brought to evidence by a social movement, which contested the economic and political model founded in the industrial system. The rising of concern with the outcasts, unemployment, oppression on women and children, labor exploitation, but also with the proposal of solutions for these problems were the contributions legated by these social theorists, that in the other hand, returned to society, establishing a strong brand on the early labor movement.

The idea of world transformation through the establishment of phalansteries, according to the principles of Charles Fourier, gained a part of the labor movement, and,

666000000

shortly after, French workers emigrated to the Americas, with the aim of creating societarian colonies.

The subject of this thesis is the Fourierist movement in France and the foundation in 1840 of a phalanstery at Saí (Province of Santa Catarina, southern Brazil), as the first experiment of Fourier's ideas out of continental Europe. Out of this essay rose, at Rio de Janeiro, a Brazilian Fourierist movement, that nevertheless attained a limited influence.

Agradecimentos

Um trabalho de tese é sempre acompanhado por muitas angústias que, felizmente, são atenuadas pela presença e participação das pessoas que amamos. A ajuda dos familiares foi fundamental para a realização deste estudo, principalmente da minha mãe, a quem recorri inúmeras vezes. Aos sogros e cunhados também, não saberia retribuir as atenções.

Aos amigos, cujos nomes mencionados individualmente ocupariam uma longa lista, agradeço pelo incentivo, por levarem-me a percepção da possibilidade além dos obstáculos que a vida nos impõe.

Um agradecimento especial vai para Adailton Salvatore Meira, médico homeopata e amigo querido, com quem partilho um interesse pela homeopatia, assunto sempre presente em nossas conversas e motivo de ampliação das minhas perspectivas em torno do tema. A ele dedico, com afeto, o capítulo sobre a vida de Benoit Mure que sei, intimamente, lhe serve de inspiração.

Ao meu orientador, Dr. Edgar Salvatori de Decca, com quem estou sempre em dívida, agradeço imensamente a paciência e a diligência com que presidiu a este trabalho. Na nossa convivência nesses longos anos, fico feliz por ter conquistado a sua confiança acima da minha teimosia.

Ao Dr. Michael Hall, que desde o início demonstrou um interesse no tema desta tese, agradeço as indicações bibliográficas, as críticas e sugestões importantes às quais não pude atender na íntegra, até o momento, mas servirão como reflexão para a continuidade deste trabalho.

À Dra. Isabel Marson, que igualmente me ofereceu um viés de interpretação possível do fourierismo através de uma discussão com o pensamento liberal, agradeço pelo enriquecimento das análises que pude fazer sobre o assunto até agora. Todas as suas sugestões no momento do exame de qualificação serviram de estímulo para a conclusão deste trabalho e um aprofundamento no assunto, que pretendo fazer posteriormente. Infelizmente, não houve tempo para atender a todas as suas observações.

À Profa. Rachel S. Thiago, da universidade de Joinville não sei como agradecer pela simpatia, profissionalismo e toda ajuda que me prestou, durante a minha estada em Joinville, para a pesquisa nos documentos. A nossa paixão comum pelo tema das utopias resultou em conversas estimulantes que acabaram refletidas neste trabalho. A professora é autora também, do primeiro livro sobre a colônia do Saí, com base em uma documentação mais extensa.

Ao prof. Dr. Michel Löwy agradeço ter aceitado a tarefa de orientar a minha pesquisa durante a vigência da bolsa sanduíche

Não posso deixar de mencionar a atenção dos funcionários dos arquivos e bibliotecas por que passei no Brasil, na França e na Inglaterra. Em especial gostaria de agradecer à direção do Arquivo Histórico de Joinville, à Mme. Strub, do Institut Français d'Histoire Sociale em Paris, à Mme. Daufragne, da Bibliothèque de Letres da École Normale Supérieure, ao inesquecível sr. Elizeu, pai dos pesquisadores e ex-funcionário do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, ao pessoal da Swedenborg Society de Londres, do Arquivo Edgard Leuenroth e, finalmente o pessoal do CECULT.

Gostaria também, de agradecer ao Sr. Jean-Claude Dubos, da Association d'Études Fourieristes, com quem mantive uma correspondência durante este período.

Ao Cláudio pelo amor e pela paciência em aturar o meu humor durante este processo. Aos nossos filhos, Diogo, Flora e Catarina por animarem todas as nossas idéias.

O auxílio financeiro prestado pelo CNPq, foi fundamental para a realização deste trabalho.

*"A Map of the World that does not
include Utopia is not worth even
glancing at..."*

(Epígrafe de Lewis Mumford, *The Story
of Utopias*, 1922.)

SUMÁRIO

Introdução.....	11
O Movimento Dissidente.....	39
O dissidente Michel-Marie Derrion – A revolta dos <i>canuts</i> e o fourierismo	59
Dissidências dentro da dissidência.....	72
O Doutor Mure.....	85
A Ciência Organiza o Caos.....	131
O Saí.....	163
As imagens da partida. Divergências com os sansimoneanos.....	163
A chegada tumultuada. Os desencontros no Saí e a fundação da colônia do Palmital.....	178
A vida na colônia.....	201
O fim da experiência e o início do movimento fourierista no Rio de Janeiro	219
"Isto é muito belo para não ser verdade"	231
Conclusão.....	263
Fontes e bibliografia.....	277
Anexos.....	289

INTRODUÇÃO

Em meados do século XIX, o Brasil foi palco de uma experiência, inédita fora do continente europeu: uma tentativa de colonização fourierista no estado de Santa Catarina, a que se deu o nome de Falanstério do Saí, iniciada em 1840 e finda em 1847. Esta experiência entraria para o hall das inúmeras tentativas levadas a cabo, sobretudo na América do Norte, com vistas a colocar em prática as concepções do pensador francês Charles Fourier.

François Marie Charles Fourier, nasceu em Besançon, em 7 de abril de 1772, filho de um comerciante local de tecidos. Apesar de ser um apaixonado pelas ciências matemáticas, foi obrigado a abandonar os estudos aos 17 anos de idade, por exigência paterna, pois o pai sonhava vê-lo acompanhar a sua profissão. Mais do que contrariado por ter sido compelido a aceder, Fourier jamais ocultou a repulsa que sentia por uma atividade sustentada pela astúcia de "comprar por três francos o que vale seis e vender por seis francos o que vale três"¹. Jamais procurou escamotear a sua descrença no liberalismo que nada fazia além de impor a fraude comercial, sob o disfarce da livre concorrência, como dizia ². Apesar das críticas agudas que tecia ao sistema, Fourier cedeu aos anseios paternos

¹ Enciclopédia Barsa, vol. 6.

² Edmund Wilson, *Rumo à Estação Finlândia: escritores e atores da história*, São Paulo: Cia das Letras, 1986, p.87.

e durante um longo período exerceu a profissão de caixeiro viajante, palmilhando toda a Europa antes de estabelecer-se finalmente, em Lyon.

A sua vida transcorreu num período conturbado, como foi o do fim do século XVIII e início do XIX, quando presenciou, em Lyon, as cenas mais chocantes da desagregação da sociedade do seu tempo. Influenciado pelas idéias iluministas e, sobretudo, pelo pensamento de Rousseau quanto à concepção da humanidade como sendo naturalmente boa, porém pervertida pelas instituições, era mesmo de esperar-se que se mostrasse inconformado perante as crueldades que presenciou. Não podia aceitar o fato do progresso, presumido como uma idéia positiva, gerar, já no embrião do capitalismo, a miséria e a perversidade. A reflexão sobre estas questões teria norteado todo o seu pensamento.

Outra marca forte no pensamento de Fourier foi deixada pela experiência amarga do Terror de 1793, quando encarceraram-no e levaram-no para o Corpo de Infantaria. É portanto dentro deste contexto de conflito e de dissolução que devemos interpretar a inocuidade, no seu pensamento, da idéia de revolução, como instrumento positivo de inauguração de mudanças. A recusa, num plano mais geral, a toda forma de violência no campo da política e da sociedade, constitui uma característica particular deste pensador e um elemento importante dentro da sua obra. É fato conhecido que durante a sua infância chegou a levar "surras terríveis em defesa de colegas menores e que aos sessenta anos de idade", saiu em defesa de uma criada que "segundo lhe haviam dito, era maltratada pela patroa..."³. Tudo isto contribui para compreendermos a razão pela qual Fourier se declara, depois da experiência da Revolução, como um pacifista e como um filósofo, cujo pensamento é voltado para as reflexões em torno da liberdade e do amor.

³ Idem.

Fourier via a sua obra como uma grande revelação, capaz de transformar o mundo e trabalhava incansavelmente para aprimorar a sua teoria e trazer para suas idéias adeptos interessados em coloca-las em prática. Porém, ele próprio não estava convencido de uma tal adesão, porque no seu *Théorie des Quatre Mouvements et des Destinées Générales*, já havia alertado os seus possíveis leitores sobre o desprestígio a que os visionários estão sujeitos, sobre o escárnio sofrido por ele e que vitimara também Colombo e outros personagens do mesmo calibre, cujas idéias haviam operado mudanças significativas na concepção do mundo. Ele possuía uma visão clara dos visionários como figuras localizadas além do seu tempo e escreveu: "é um contra tempo que persegue todo inventor, ele deve esperar ser perseguido na proporção da magnificência da sua descoberta, sobretudo se ele for um homem profundamente obscuro, e que não esteja recomendado por nenhuma produção anterior aos conhecimentos cujo acaso lhe entrega a chave"⁴. Cristovão Colombo "foi ridicularizado, difamado, excomungado durante sete anos, por ter anunciado um mundo continental; não devo eu esperar as mesmas desgraças anunciando um novo mundo social?"⁵. De fato, houve quem tivesse observado que as três primeiras letras do seu sobrenome, isto é, *Fou*, já denunciava ser ele dono de uma mente doentia. Talvez a incorporação do estereótipo do louco possa traduzir o espírito da sua obra que vê um mundo além das barreiras da moral – fonte do mal e dos infortúnios – um mundo a ser descoberto, reinventado, o mundo das possibilidades e da experimentação.

A crítica à civilização que foi capaz de sistematizar, exteriorizou-se dentro de uma linguagem própria, plena de ironias, bem característica do século XIX, com abuso de neologismos que pervertiam as regras gramaticais de gênero em que normalmente atribui-

⁴ Charles Fourier, *Théorie des Quatre Mouvements et des Destinées Générales*, 3 ed., Paris : Librairie Sociétaire, 1846, p.21.

⁵ Idem, p.23.

se uma predominância do masculino sobre o feminino. Fourier contrariava a regra ao inventar novas palavras no masculino derivadas do feminino como, por exemplo, a palavra *bonne*, em português boa, corresponderia à palavra inventada *bonnin*, no lugar de *bon*, em português, bom ⁶. Através da linguagem, percebe-se uma intenção encoberta de perverter uma norma geral, ou seja, chamar a nossa atenção para o modo de desarmonia como desenvolve-se a civilização, amparada, principalmente, na sujeição da mulher.

No seu sistema de pensamento, a civilização não corresponderia senão a um estágio de desenvolvimento da humanidade e que estaria em vias de ser ultrapassado. Esta dimensão histórica do pensamento de Fourier é bastante complexa porque abrange desde o plano terrestre até o plano cósmico. A originalidade da sua concepção de tempo acha-se inscrita no Quadro do Curso do Movimento Social, traçado por ele e que comporta todo o desenvolvimento das sociedades humanas do passado ao futuro. São 32 estágios subdivididos em 4 fases. A primeira delas é a da "infância" ou "incoerência ascendente", e que chamou de Edenismo, cuja duração é de 5000 anos. Cinco períodos de infortúnio sucedem à primeira fase conhecidos como as idades da perfídia, injustiça, contrariedade, pobreza, revolução e doenças. Estas idades são: Selvageria, Patriarcado, Barbarismo, e a Civilização. O período da infância da história da humanidade termina com a passagem a outros dois períodos transitórios, o Garantismo e o Sociantismo, ou associação simples, quando poderão ser operadas mudanças na organização econômica e nos costumes sexuais, fundamentais para preparar o momento da constituição integral das falanges e do reino da harmonia. A fase da "harmonia ascendente", cuja duração será de 35.000 anos, desembocará na mais completa felicidade. Quando tiver atingido seu ápice, o mundo

⁶ Michel Butor, "Préface", in Charles Fourier, *Le Nouveau Monde Industriel et Sociétaire*, Paris: Flammarion (Col. "Nouvelle Bibliothèque Romantique"), 1973, p. 18.

declinará gradualmente até chegar à sua fase caduca, de tal forma que voltaremos da harmonia ao caos. Ao término de 8000 anos termina a vida vegetal e animal na terra e o planeta cessa seu movimento em torno do seu eixo. É de se notar que cada período da história é marcado por determinados comportamentos sexuais que acabam delineando a forma assumida pelo contexto social. No Barbarismo, por exemplo, predomina a servidão completa da mulher, na civilização, o casamento exclusivo e as liberdades civis da mulher, se bem que não a amorosa; já no *garantismo*, Fourier vislumbra uma maior liberdade sexual para as mulheres. É através do contínuo da história que pode pensar a possibilidade de um estado futuro de harmonia porque a passagem por cada um dos estágios e a sua superação levam ao aperfeiçoamento. O estágio da civilização é necessário porque nele desenvolve-se a indústria de larga escala e as ciências abstratas que são os prenúncios do mundo da harmonia no futuro ⁷.

O contato inicial com esta visão de história, confesso, foi o que primeiro levou-me ao interesse pelas pesquisas sobre o Falanstério do Saí (1840-1846) porque via nesta primeira experiência de colonização socialista no país, a oportunidade em dar uma certa continuidade aos meus estudos em torno do fenômeno do milenarismo e do messianismo. Isso pareceu-me bizarro à primeira vista, pois diz-se que esse tipo de abordagem é incongruente a todo o pensamento socialista, definido, antes de mais nada, pelo ateísmo. Mas, os paralelos que poderíamos traçar entre os chamados primeiros socialistas e as concepções milenaristas-messiânicas são demasiadamente significativos para ignorarmos este ponto de vista. Para além do problema de enxergar-se na comunidade o estabelecimento de uma cidade ideal, como imagem do paraíso (da perfeição), existe, por

⁷ Jonathan Beecher, *Charles Fourier: the visionary and his world*, Berkley/Los Angeles/Londres: University of California Press, 1986, pp. 318-330.

exemplo, no caso dos saint-simonianos, uma forte influência da filosofia de Wrönsky, marcada por um messianismo ou elemento de positividade que caminha numa direção oposta à dialética de Hegel. Wrönsky partia da noção de absoluto como um princípio incondicional, eterno, de toda realidade, um ponto para o qual deve convergir toda a humanidade que adota este princípio incondicional como o seu destino final. O caráter messiânico da sua filosofia remete o problema de estabelecer um ponto de harmonia localizado além da ruptura conhecida entre razão prática e razão especulativa e, com isto, elevar, no campo da política, as meras opiniões, a verdades submetidas ao rigor científico. O messianismo de Wrönsky, como não podia deixar de ser, é dominado por um forte conteúdo moral, ou antes, através da matemática visa estabelecer as leis da vontade humana e de todas as ciências morais objetivando uma conversão da humanidade do mal para o bem, enfim, para uma conciliação.

Isto apenas nos cobra um olhar mais atento, isento de julgamentos precipitados, quando falamos da aurora do socialismo, porque para abarcarmos a complexidade das idéias em torno do social, no início do século XIX, é necessário um envolvimento anterior com as questões conceituais. Se, por exemplo, Fourier tem deus como um *a priori*, - e Deus para Fourier é apenas um nome para expressar a idéia de unidade - isto deve ser compreendido na totalidade do seu raciocínio e é esta particularidade que confere um colorido diferente ao veio religioso do seu pensamento metafísico e não materialista. Isso pareceu-me bastante interessante, depois de ter estudado uma guerra popular de cunho milenarista e verificado como a população converte estes temas em torno da religião em fonte de inspiração para processos revolucionários, esta população, na maioria de pobres e sem instrução. Fourier e muitos de seus adeptos, ao contrário, são fruto de uma boa formação escolar entretanto, como os combatentes do Contestado, elegeram certos

princípios religiosos como elementos de intelecção do mundo. A adesão de uma massa imensa de trabalhadores franceses às idéias fourieristas também chama a atenção para o fato deste pensamento conter elementos de interesse e de inspiração populares.

No caso de Fourier, a própria religião entretanto, é tratada com um desdém, uma ironia velada, porque confere aos seus princípios fundamentais uma certa ambigüidade. Um exemplo seria a sua visão de história mesmo, aparentemente muito próxima a uma visão Bíblica, porém Fourier jamais prometeu a felicidade eterna, ao contrário, colocou ênfase no caráter efêmero de tudo quanto existe. Mas quando coloca em jogo a instabilidade e a transição, o faz para criticar o elogio à civilização feito pelos iluministas, que viam nela o ápice da história, e para Fourier ela nada mais seria do que a sua fase de infância, um período de imperfeições. A mudança, no sistema de Fourier, aparece justificada pelo destino glorioso reservado à humanidade, cuja duração é muito mais longa do que a do período previsto da queda e de imperfeição e, na sua obra, enfatizará a saída do caos da civilização e a passagem para uma nova era de harmonia e felicidade, de plena realização das paixões. O fim de tudo não é a preocupação central de Fourier, mas a expectativa do começo permeia a sua visão da história onde procura acentuar o lado positivo e extremamente otimista da trajetória humana. Mesmo sobre a perspectiva do fim absoluto, isto é, a morte, a ótica de Fourier preserva o otimismo e prefigura para a alma humana, ao desprender-se do corpo, um número determinado de vidas futuras, mais plenas, em outros planetas.

A sua investigação sobre o cosmo choca-se com a visão dos sábios do seu tempo que limitam as possibilidades humanas apenas ao domínio do conhecido e do tangível. Para demonstrar a inutilidade dos sistemas filosóficos em voga, Fourier põe em prática o método da dúvida, do ponto de vista da sua utilidade e não do absurdo dos questionamentos que foi

capaz de erguer. A partir disto, pensa o Universo como um grão de areia na vastidão inexplorada do cosmo, em que figuram Biniversos, Triniversos, Decuniversos e a infinitude do Poliverso, com planetas e satélites que têm vida se combinam e se reproduzem influenciando, pelo desprendimento de aromas, no nosso planeta ⁸.

O modo como Fourier conduz a sua Cosmogonia, diverge das inúmeras cosmogonias restritas a meras divagações sobre os astros, porque trata de avaliar a função dos astros em si e a influência que exercem sobre o nosso globo. O centro desta cosmogonia são os próprios homens, "co-societários de Deus na direção dos astros, e investidos por ele de uma influência colossal sobre estas enormes criaturas" ⁹. Para Fourier, todo o conhecimento adquirido até o momento nega esta premissa e, ao fazê-lo, fundamenta-se na superstição e na aceitação da pequenez e incapacidade do homem para descobrir as leis da natureza. Em suma, a metafísica providencialista de Fourier brota dos limites da filosofia do iluminismo, construída, é verdade, sobre uma crítica ao cristianismo e a seus dogmas, porém ao fazê-lo, resvala para o elogio à civilização e a partir disto, para a justificativa aos mecanismos repressivos. Neste processo retira-se do homem a sua essencialidade de humano, pois passa a regular as suas ações pelo preconceito e pela moral, em contraposição aos ditames das paixões.

O sistema de Fourier privilegia as paixões, consideradas por ele como o motor dos homens e, no entanto, objeto menosprezado por outros sistemas filosóficos, que resistem a empregá-las como instrumento de investigação da natureza. Para ele, a própria natureza contém em si uma lei de correspondência entre todos os seus elementos o que confere à sua diversidade uma unidade. Basta que estejamos atentos para sabermos extrair das evidências

⁸ Charles Fourier, "Cosmogonie" in: *Oeuvres Complètes de Charles Fourier*, tomo XII, Paris, Anthropos, 1968.

⁹ Idem p.4.

conhecimentos úteis, como fez, por exemplo, Newton, ao descobrir a lei da atração gravitacional. Fourier gabava-se de ter descoberto esta lei fundamental da atração apaixonada, para o terreno social, a partir do reconhecimento de uma identidade indissolúvel entre o homem, o universo e Deus. O espírito, ou Deus, funciona como um princípio ativo e motor, seguido pela matéria, ou princípio passivo, movido, e depois pela justiça ou matemática, instrumento que permite regular todo o movimento e utilizado por Deus na sua relação com o mundo. Enfim, se existe uma lei na natureza capaz de regular o movimento dos astros e estrelas, a felicidade do homem - intuito principal de Deus, que é um ser justo - depende de descobrir uma lei análoga à do mundo físico para o mundo social.

A aplicação desta lei às organizações humanas poria fim a todo tipo de contradições e para que isto ocorresse seria preciso saber colocar em prática o sistema societário, cuja base é a *associação*. Com esta finalidade, pequenos grupos devem unir-se espontaneamente, movidos pelo desejo de realizar um trabalho, uma paixão comum. Estes pequenos grupos unem-se também, por afinidade, a outros grupos, para formar uma *série* de grupos. As várias *séries* representariam cada uma das nuances de uma mesma paixão, a sua variedade em trabalho e em prazer. Todas as *séries* relacionam-se entre si, em rivalidade ou em acordo, mas jamais como no sistema industrial em que a especialização dos profissionais leva-os à monotonia, ao desânimo e ao embrutecimento. A relação das *séries* em pequena escala, isto é, em primeiro nível, de associação simples, ou associação doméstica familiar, forma o que Fourier chama de *Phalange* cuja tendência é de universalizar-se progressivamente e provocar um mesmo movimento no âmbito da política. A reunião de várias falanges dá formação ao *Falanstério*, ou Palácio onde habita a humanidade, um conjunto arquitetônico que inspira, e ao mesmo tempo reflete, a harmonia

e unidade do corpo social, o lugar onde realiza-se o acordo entre o material e o passional, entre o bom e o belo, como diria um discípulo de Fourier, Abel Transon.

O problema conceitual levantado pelos fourieristas, em primeiro lugar, remete o termo socialista introduzido no uso da linguagem por volta dos anos trinta do século XIX, e, naquele momento, não tinha a conotação de hoje. O socialista era aquele cujo pensamento dirigia-se para as questões sociais e isso confere uma certa amplitude à palavra, nem sempre admitida atualmente. A palavra, na sua imprecisão, vinha designar uma nova realidade ainda fora de domínio e isto abria o campo para um socialismo plural, capaz de identificar, ou aproximar, idéias não exatamente iguais como cooperativismo e associacionismo, ou ainda, atrelar ao seu significado as noções de democracia, de república e de doutrina cristã. Isto aparece mais claramente no seio do movimento fourierista depois de 48. O próprio Jules Lechevalier declarou, naquele momento, que "a República, organizada pelo povo e para o povo, com o Sufrágio universal como meio, e o Socialismo como dogma e como alvo, a REPÚBLICA DEMOCRÁTICA E SOCIAL, como único governo entretanto possível e legítimo na França: tal foi, tal é ainda para mim a lógica histórica, a linha direita na moral da revolução de fevereiro, e de nosso progresso nacional

¹⁰. Em segundo lugar, Charles Fourier, jamais intitulou-se socialista e muito menos utópico o que, em princípio, desautorizaria uma tal rotulação, sobretudo porque o movimento fourierista via como uma necessidade a divulgação, na sociedade, de uma separação muito clara entre quimera e a nova proposta de organização social trazida por eles.

Neste conturbado século XIX, Fourier não foi o único a apresentar uma proposta associacionista com o fim de vencer os antagonismos. Um contemporâneo seu, Claude

¹⁰ Haute cour de Versailles. Procès de 13 juin. Déclaration du Citoyen André Luis Jules Lechevallier Jor. Accusé. ex membre du comité de la presse et du comité socialiste. Londres, impr. Française de Jos. Thomas, juin-oct., 1849, p.16.

Henri de Rouvroy, conde de Saint-Simon (1760-1825), movido também, por uma crença inabalável no progresso, vislumbrava a possibilidade de reordenação social. Desde 1802, com a publicação da sua *Lettre d'un habitant de Genève à ses contemporains*, já defendia a idéia do estabelecimento de um governo mundial sustentado por sábios e artistas. Inicialmente inspirado no liberalismo, acreditava no progresso das ciências e da tecnologia como o passaporte para um novo tipo de sociedade, de caráter industrial, sobre a qual poderíamos exercer o controle, graças aos conhecimentos adquiridos no campo das "ciência da sociedade" e que hoje conhecemos como sociologia. Anos mais tarde rompe com o liberalismo e, de 1817 até a sua morte, publica obras com uma tendência para o socialismo, em que defende um caráter mais popular e social das reformas econômicas, como expressa a sua última obra *Le Nouveau christianisme*. Nesta obra, publicada postumamente, defende inclusive, a libertação da humanidade da tutela intelectual do clero, pela aquisição de conhecimento positivo e prático e este seria o caminho trilhado pelos "produtores" (trabalhadores de toda espécie), em direção a sua emancipação.

No modelo de Saint Simon, a propriedade deve passar por uma revisão rigorosa, deixa de ser um direito absoluto e vitalício, como é o direito à herança e permanece submetida ao Estado, incumbido de operar uma distribuição justa, de acordo com o mérito de cada um e em função de uma necessidade social, ou propósito econômico. Isto nos faria supor inicialmente, um Estado forte, centralizador, entretanto, Saint Simon vislumbrava o fim do Estado, na medida em que, os avanços da sociedade industrial fossem substituindo os antagonismos no terreno social, até chegar-se ao ponto da concórdia universal, quando não haveria necessidade da arbitragem de um poder como o do Estado ¹¹.

¹¹ Jean-Christian Petitfils. *Os socialismos utópicos*, Rio de Janeiro : Zahar (Biblioteca de Ciências Sociais), 1978. Ver Também Martin Buber. *O Socialismo utópico*, São Paulo: Perspectiva (Debates), 2ª ed. 1986. A

Um movimento em torno das idéias de Saint Simon apenas tomou corpo após a sua morte, quando seus discípulos, na maior parte, uma elite intelectual jovem, passou a propagar a teoria e a conferir a ela novos conteúdos. Jules Lechevalier, por exemplo, buscava inspiração em Hegel, Enfantin trazia para o movimento uma leitura particular da obra de Fourier, mais atenta à liberação dos costumes, Bazard radicalizava certos conceitos de Saint Simon sobre as divisões da sociedade, interpretando-as agora, como uma repartição em duas classes: a dos exploradores e a dos explorados. O problema começou quando extrapolaram alguns conceitos de Saint Simon e pretenderam conferir à doutrina um aspecto e organização de seita. Talvez, depois de uma leitura da última obra do mestre, imaginassem substituir, com sucesso, a religião tradicional na sua missão de congregar os humildes e com eles imprimir uma nova organização do trabalho que lhes fosse favorável. Eles pretendiam mesmo governar o povo organizando-o, e para tal instituíram as Universidades Populares, sistema este retomado, por volta de 1900, pelos intelectuais. Depois da revolução de trinta, assumiram uma posição mais à esquerda e, reunindo-se em Ménilmontant, procuravam atrair o operariado em aulas públicas no Atheneu, na place de la Sorbonne. A sua atuação acontecia num momento de barricadas, guerras de rua e, por isto mesmo, por atuarem próximo aos operários, foram responsabilizados pelos acontecimentos, sem que efetivamente tivessem tomado parte neles, pois defendiam a teoria da conciliação das classes e a solução dos antagonismos por uma reordenação da economia. O próprio Olinda Rodrigues, um banqueiro muito próximo de Saint Simon, condenava nestes termos a insurreição dos canuts, de 1831 à 1834, em Lyon.

sociedade "será governada por uma "administração", que não deverá ser confiada (...) a uma camada oposta à sociedade e integrada por "legistas" e militares, mas aos líderes naturais da própria sociedade, aos chefes da sua produção", p. 28-29.

Os sansimoneanos, a princípio, foram recebidos com uma certa desconfiança pelos operários, mas estes terminaram atraídos por várias razões: por uma necessidade de vida, em troca de emprego e ajuda de alguma espécie, aceitavam praticar certos pontos da doutrina, o que aborrecia os discípulos, mas convertia-se numa realidade. Uma outra razão atribui-se à possibilidade de desfrutar, no seio dos sansimoneanos, de uma vida familiar por escolha e, nesta categoria, incluíam-se os solitários, os abandonados. Havia também, os anticlericalistas e os operários mais esclarecidos, como por exemplo, Vinçard que logo passou a criticar a classificação pelas capacidades e não pelo voto livre. Não podemos deixar de mencionar também, a adesão dos simples curiosos e gozadores que passavam na "Igreja" só para observar os hábitos e vestimentas estranhas daqueles seres enigmáticos¹².

Naquele período mais uma tendência de pensamento na França chamava a atenção do operariado. Etienne Cabet ¹³, nascido em Dijon, em 1778, e morto em Saint-Louis, nos EUA, em 1856, buscava inspiração, sobretudo em Thomas Morus e Moelly, para estabelecer suas regras de comunismo igualitário. A obra onde expõe os seus princípios e intitulada *Voyage en Icarie*, é uma narrativa, em forma de romance, muito ao estilo de Morus, onde através da trama em volta dos personagens lord William Carisdall, Valmor e Dianaïse, introduz os seus conceitos acerca da moral, da filosofia, da economia, da política e da sociedade. Se pode haver ressalvas quanto ao aspecto literário da obra de Cabet, o que não se pode negar é que através dela vem reintroduzir o problema do estabelecimento da comunidade, agora sob a ótica do seu tempo. Isto é, se importa de Morus o abuso da imaginação, a inventividade, por outro lado, adota do seu contemporâneo Babeuf todo o

¹² C. Bouglé. *Chez les prophètes socialistes*, Paris : Librairie Félix Alcan, 1918.

¹³ A biografia mais completa sobre este personagem é a de Jules Prudhommeaux. *Icarie et son fondateur Etienne Cabet*. Genebra : Slatkine-Megariotis Reprints, 1977, reimpressão da edição de Paris de 1907. Ver também Christopher H. Johnson, *Utopian communism in France. Cabet and the Icarians, 1839-1851*. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1974.

rigor na regulamentação da comunidade e esta impõe que a felicidade geral deva ser o objetivo primeiro da sociedade. A felicidade, na ótica de Cabet, é salvaguardada por uma comunidade regulada pelo regime republicano, com um acento paternalista e nacionalista, em que o Estado é forte. A administração, na imaginação de Cabet, precisa ser centralizadora para garantir a todos os membros da comunidade o desfrute, em igual proporção, dos bens produzidos pelo conjunto. Numa tal sociedade em que impera a modéstia franciscana, o rigor espartano, o Estado intervém para coibir o desejo, a cobiça e os excessos, em nome do bem comum. Com o fim também, de garantir a igualdade absoluta, nenhum detalhe deve escapar na organização da vida da comunidade, isto é, cada pormenor deve ser notado, cada número bem anotado, da produção à repartição. A cidade de Cabet tem prédios iguais, guarnecidos por um mobiliário idêntico, como as vestimentas dos associados respeitam a um modelo padrão. Ao viver sob as mesmas condições materiais, Cabet acreditava que os homens, mesmo possuindo temperamentos diferentes, passariam a comportar-se socialmente pelo regime da fraternidade cristã e este seria o objetivo da comunidade, alargar as fronteiras do ambiente familiar privado, estendendo-as ao plano coletivo.

Cabet havia se tornado deputado no ano de 1831 e, neste mesmo ano, começava a escrever e a incomodar o governo de Louis-Philippe com uma propaganda republicana e democrática. Dois anos depois, fundava o jornal *Le Populaire*, que pretendia converter-se num organismo de luta pelos direitos políticos, materiais e morais do povo, proposta esta que lhe valeu, em 1834, uma prisão por dois anos. Para escapar à sentença exilou-se na Bélgica e depois em Londres, onde estabeleceu contato com Robert Owen, cujas idéias viriam influenciar as suas noções de comunismo.

Houve adesões do operariado ao sistema proposto por Cabet, mesmo sob o conhecimento de que a vida na sonhada Icária representava a renúncia das liberdades individuais. O perfil de uma parcela dos cabetistas podemos avaliar pelos levantes de republicanos no ano de 1839, aos quais recusaram-se a aderir, formando milícias próprias para os combates de rua e adotando a prática dos saques ao comércio como forma de reparação ao longo período que vinham sendo espoliados pelos comerciantes. Não seria surpreendente se, entre estes, uma mistura de significados advinda dos pensamentos tanto de Cabet como de Fourier, embasasse sua atuação no teatro das lutas de rua¹⁴. Na verdade, o período de 1830 à 1848 é o momento do encontro de todas estas tendências no território francês e, em torno das quais, mobilizam-se os movimentos sociais. No caso de Cabet, as suas teorias comunistas, se bem que postas em prática apenas depois de 48 e em território americano, lhe valeram a perseguição e antipatia dos liberais e dos republicanos, a perseguição do governo de Louis Phelippe e finalmente, a crítica de Marx e Engels e outras correntes à esquerda. Com a revolução de 48, decidiu então, praticar a teoria e enviou um grupo de 69 cabetistas ao Texas. No ano de 1849 ainda, ele mesmo partiria à frente de uns 200 associados em direção à Nauvoo (Illinois). Alguns em que lá estiveram, derrotados pelas intempéries, pelas doenças e desavenças e trabalhos exaustivos, logo descobriram que não se tratava exatamente de um passeio ¹⁵.

Uma outra tendência ainda, dentro do pensamento social do século XIX e que devemos mencionar é Robert Owen. Nasceu em 1771, numa família de um pequeno comerciante do País de Gales, porém logo rumou para Londres, cidade onde aprendeu um

¹⁴ A. Chenu. *Les Conspirateurs*, Paris : Garnier Freres, Libraires-Editeurs, 1850.

¹⁵ Fernand Rude (apresentação). *"Allons en Icarie". Deux ouvriers viennois aux États-Unis en 1855*. Presses Universitaires de Grenoble (Col. "L'empreinte du temps"), 1980. O texto é um relato de época de dois operários Jean-François Créton e François-Marie Lacour que estiveram em Nauvoo.

ofício na indústria de tecelagem e, posteriormente, tornou-se o dono de quatro fiações de algodão em New Lanark, próximo a Glasgow. Ali procurou implantar um projeto filantrópico, num momento em que iniciava as suas reflexões sobre o domínio do social, defendendo o princípio da influência do meio ambiente sobre a formação do caráter do indivíduo. Para ele, de nada adiantava implementar medidas sociais sem atuar sobre a formação moral do homem, ou antes, é aquela formação anterior a responsável pelas reais transformações no plano social. No seu pensamento, a pedagogia ocupa então, um papel essencial.

A partir de 1817, Owen tenderá gradativamente para o socialismo associacionista e apresentará publicamente uma proposta com o fim de substituir a iniciativa filantrópica do Estado para com os pobres, por um projeto de formação de cooperativas agro-industriais, com a ocupação dos desempregados. Em tais cidades, organizadas como uma comunidade, onde não se conhece a propriedade privada, nem salários, os associados poderiam usufruir igualmente de todos os serviços, como cozinha comum, enfermaria, bibliotecas, etc. A rejeição, pelo governo, das medidas propostas por Owen, o levaram, cada vez mais, ao encontro da população, organizando reuniões públicas e propaganda na imprensa nas quais imprimia um tom subversivo. O seu *Relatório do Condado de Lanark* de 1821, espelha uma inclinação de Owen no sentido de suprimir o papel do Estado neste tipo de iniciativa e a organização de comunidades auto gerenciadas e autônomas.

Poucos anos depois, dirigiu-se aos Estados Unidos onde adquiriu de uma seita de rappers o terreno da comunidade de Harmony e, ali fundou, em 1825, a sua comunidade modelo com 900 pessoas. O projeto viria a fracassar no momento em que Owen tentou implantar o comunismo integral.

Se o projeto de uma comunidade parecia irrealizável, por outro lado, a obra de Owen viria a influenciar a formação de um movimento cooperativista na Inglaterra que, em 1829, reunia várias cooperativas para fundar uma federação de auxílio mútuo. Esta iniciativa não teria agradado a Owen.

A partir de 1834, quando faliu o seu projeto de National Equitable Labour Exchange, voltou-se para o movimento trade-unionista, com vistas a transformá-lo em sociedades produtivas e auto geridas e autônomas, em suma, em micro estrutura de uma futura sociedade socialista.

As tendências socialistas apresentadas aqui tendem a ser niveladas entre si numa perspectiva analítica, o que é um erro, considerando-se não apenas o encobrimento de diferenças fundamentais entre os vários sistemas como, por outro lado, que em virtude destas, as várias tendências entravam em disputa. Cabet e Owen, por exemplo, eram considerados comunistas pelos fourieristas e justamente, estas nuances demarcam os pontos a serem ressaltados se intentamos analisar o "primeiro socialismo" ¹⁶. No caso dos seguidores de Fourier, definiam-se como associacionistas e, ou falanterianos, que dentro do grupo subdividiam-se em correntes, de acordo com o modo como concebiam o modelo ideal de realização da teoria do mestre. Ser falanteriano é ser contra o comunismo, embora defendendo a liberdade e a igualdade; é admitir a propriedade e condenar a miséria. Isto pode parecer um anacronismo para os que buscam respostas fáceis, como quem visa livrar-se logo de um embaraço, admitindo estas idéias como sendo liberais, ou como apenas uma alternativa possível num século de reflexões ainda imaturas no terreno social. Este

¹⁶ Fourier critica Owen principalmente porque menospreza a agricultura com relação à indústria, por ser um filantropo e moralista ao invés de verdadeiro associacionista. Ainda condena em Owen o anticlericalismo e o modo brusco como pretende implementar certas transformações como, por exemplo, a abolição do casamento. Ver. Charles Fourier, *Le Nouveau Monde Industriel et Sociétaire*, Paris: Flammarion (Col. Nouvelle Bibliothèque Romantique), 1973, p. 198 à 210.

desconforto nos levou a tentar observar estas idéias pelos elementos que lhes são inerentes e tentar compreendê-las sem impor para elas um julgamento anterior, porque o real problema que viam levantar-se no século XIX, era a questão da emancipação.

As várias tendências do pensamento socialista passavam também, pelo crivo dos liberais. Mesmo no pensamento de Stuart Mill ¹⁷, considerado mais à esquerda, a crítica, sobretudo aos comunistas, é apresentada como uma série de objeções advindas do julgamento com base no senso comum. As alegações que tornam o sistema comunista inexecutável seriam a falta de um controle demográfico e a falta de liberdade. Na verdade, Mill faz uso de uma fórmula bastante astuciosa que primeiro afirma ser possível o estabelecimento de um tal modelo de sociedade, para depois dizer que do modo como é concebido torna-se inviável, porém possível desde que realizado dentro das instituições já em vigor. Nesse sentido, passa a raciocinar por um suposto nivelamento entre os princípios socialistas e os liberais no que toca à propriedade, aos modelos institucionais e à distribuição das riquezas. Para Fourier, tanto as objeções quanto as coincidências apontadas pelos liberais são facilmente desmontadas. Na verdade, ele também utilizou-se do artifício de tomar para si o discurso do oponente com o fim de desacreditá-lo e nesse sentido, Fourier concorda, por exemplo, com o fato de que o problema todo da sociedade pode ser matematicamente resolvido. Se na visão dos liberais uma produção e distribuição aceitável das riquezas aparece condicionada ao controle populacional, para Fourier é a má aplicação das matemáticas que resulta, para a civilização, o desperdício, o exagero e o prejuízo para uma maioria. Os liberais acreditam numa coincidência entre os princípios socialistas e os defendidos por eles quando apregoam o aperfeiçoamento da civilização, entendida como o

¹⁷ Stuart Mill, *Princípios de economia política. Com algumas de suas aplicações à filosofia social*, São Paulo: Abril Cultural (Col. "Os Economistas"), 1983, vol. 1, livro segundo, cap. 1.

regime da liberdade e que para Fourier não passa do regime da liberdade individual sem contrapeso, com os benefícios sendo gerados apenas aos ricos. Um sistema de liberdade verdadeira deveria, contrariamente, residir no estabelecimento de garantias solidárias a iniciar-se pela aplicação da fórmula "unir o útil ao agradável". Para isto é necessário encerrar com o sistema anárquico da livre concorrência no comércio, estabelecer uma aproximação entre produtor e consumidor, sem a intervenção do intermediário. Além disto, torna-se necessária a demolição das pilastras que sustentam o espírito liberal, ou, dos saberes que alimentam esse espírito, capazes de produzir monstruosidades do tipo: rebaixamento dos salários pela alta da taxa do crescimento populacional. Mas, a incongruência entre mundo civilizado e mundo da harmonia, não aparece apenas quando abrimos a discussão dentro do plano material, porque a lei da atração universal deve valer também, para todo o resto e aí vai chocar-se contra os moralistas, os economistas e outros defensores de valores invertidos, como, por exemplo, dos casamentos e da base familiar de produção de riquezas. Em suma, embora Fourier não declare isto, o seu sistema visa uma revolução sem derramamento de sangue e a ser estabelecida gradualmente.

Os socialistas como dissemos, não foram criticados apenas pelos liberais. A crítica marxista que apresenta esse socialismo como utópico, em oposição a um outro tipo de socialismo posterior e científico, reduz a importância assumida, por exemplo, pelo movimento fourierista, na França e nos Estados Unidos, no período de 1830 à 1850, período em que todo o pensamento sobre política e economia, voltado para o social, sofria algum tipo de influência da obra de Fourier e nisso podemos incluir até o próprio Marx e Proudhon, outro crítico feroz do fourierismo. Sobre este último caso, Pecqueur no seu *Salut du Peuple* conclama Proudhon a restituir à Fourier "todas as grandes luzes que tem guiado o sr. na crítica da organização econômica e dos vícios da civilização, todas as concepções

positivas que deram ao sr. a aparência de um organizador, tais que o banco de troca, sua formula do direito ao trabalho, suas séries, que o sr. desfigurou ou transformou até não sei o que de ridículo e de ininteligível" ¹⁸. O Manifesto comunista de Marx e Engels, por seu turno, é constituído, em muitos pontos, sobre a crítica fourierista da civilização, bem como é marcado pelo pensamento de Considerant e recolocado sob a ótica marxista. Um paralelo pode ser traçado entre o *Manifesto Comunista* e o *Manifesto da Democracie Pacifique*, publicado no jornal de mesmo nome, em 1843, e reeditado em 1847 sob o título de *Principes du Socialisme, Manifeste de la Démocratie au XIX siècle* ¹⁹. Neste texto, Victor Considerant traça o perfil histórico do seu tempo e introduz uma análise das condições políticas e econômicas trazidas pela revolução francesa. Em seguida, analisa as forças políticas do momento, inclusive os próprios falansterianos. Nisso já percebemos uma aproximação na forma do texto, com o *Manifesto Comunista*, redigido meses depois. Mas também no conteúdo verificamos semelhanças, em expressões como "exploração do homem pelo homem", ou no esboço de uma sociedade dividida e ainda, na valorização do trabalho como mercadoria. Todas estas questões adiantadas por Considerant, reaparecem no *Manifesto Comunista* de Marx e Engels. Existe, evidentemente, entre os dois textos, uma diferença de concepção básica: os fourieristas pregam a descentralização econômica, a associação de todas as classes. De qualquer modo, quando Marx, Engels e outros socialistas restringem sua admiração por Fourier à crítica que foi capaz de sintetizar sobre a civilização, colocam em segundo plano, várias das idéias no nível organizacional levantadas pelos fourieristas, e posteriormente, retomadas por outros, sem as quais seria

¹⁸ Apud, Morris Friedberg, *Influence de Charles Fourier sur le mouvement social contemporain en France*, Paris : Marcel Giard, 1926, p. 42.

¹⁹ Victor Considerant. *Principes du Socialisme. Manifeste de la Démocratie Pacifique au XIX siècle suivi du procès de la Démocratie Pacifique*, reimp. da edição original publicada em Paris em 1847, Osnabrück: Otto Zeller, 1978.

impossível pensar o que surgiu depois, em termos de reflexão sobre o social. Para exemplificar citamos as questões previdenciária, da educação e dos direitos das mulheres e crianças.

O movimento fourierista no período atingira uma amplitude indiscutível na França, que não pode ser comparado ao de outras escolas socialistas que lhe foram contemporâneas. A partir de 1831, os discípulos de Fourier iniciaram um movimento de popularização das idéias do mestre, pois julgavam a teoria inacessível às massas. Nesse momento, a escola societária recebeu um apoio fundamental com a adesão de quadros importantes vindos do sainsimonismo, como, por exemplo, Abel Transon, Jules Lechevallier, Constantin Pecqueur, Hippolyte Renaud, que com o cisma entre Bazar e Enfantin em 1832, aderiram ao fourierismo. Neste mesmo ano surge o jornal *Phalanstère*, depois rebatizado de *Rèforme Industrielle*, hebdomadário cujo número de assinantes chegava a mil. Em 1836, surge o jornal *La Phalange* que saía três vezes por mês e, em 1843, substituído pelo *Démocratie Pacifique*, um jornal diário, tido por Benoit Malon, como o principal jornal socialista do período, opinião compartilhada por outros que viram no jornal um meio através do qual a "escola fourierista representava o socialismo aos olhos do público desta época em oposição ao comunismo" ²⁰. Junto com a atuação na imprensa, os discípulos de Fourier apresentavam conferências, expunham em cursos a teoria e publicavam a obra do mestre (escondendo as partes mais polêmicas, verdade seja dita) ou suas leituras da obra. Essas publicações, na maior parte dos casos com um caráter bem popular, como, por exemplo, os *Almanach Phalanstériens*, publicação anual que saiu de 1845 à 1852, e cujo primeiro volume alcançou uma tiragem de nove mil exemplares, vendidos em quinze dias, visavam conquistar o público operário, tratando de maneira simples pontos elementares da doutrina.

²⁰ Friedberg, *op. cit.* p. 11.

As divergências em torno da propagação da teoria levaram à formação de um movimento dissidente dentro do fourierismo, que publicava, entre outras coisas, o jornal *Le Nouveau Monde* (1839-1844) e contrariando os objetivos definidos pelo chefe da Escola societária, Victor Considerant, preferiam aproximar-se dos operários e aplicar na prática a teoria, de que conquistar a simpatia dos burgueses liberais com a exposição da doutrina.

Nos documentos do movimento fourierista analisados por nós, notamos a preocupação com alguns elementos teóricos importantes que queriam ver assimilados pela sociedade: a ciência social, a associação, a organização do trabalho, a propriedade privada.

A ciência social engloba os domínios da filosofia, da economia e da política, mas não como abstração e sim como um instrumento com uma destinação configurada. Ela atua sobre o social como uma ciência exata, dotada de um caráter prático, que tem no homem o seu sujeito e o seu objeto e lança suas luzes sobre todas as questões difíceis de serem resolvidas. Para Fourier independentemente da forma de governo a ciência social apresenta-se como a arte de enriquecer a massa, sem prejuízo para os processos industriais, administrativos ou de outra ordem. O problema da civilização só pode ser ultrapassado quando estiver solucionada a questão da miséria. A associação é parte integrante deste conhecimento. Antes de mais nada, a associação é uma inclinação natural que pode ser observada nos seres e que para o homem representa a sociabilidade, induz a unidade. É por meio dela que o homem pode retomar o rumo certo na sua trajetória. Pois não se pode falar em harmonia, sem as garantias mínimas de pão cotidiano, educação, apoio para a infância, habitação, saúde, etc. O sistema da associação visa eliminar a discórdia e provocar a combinação de interesses, o que acontece naturalmente a partir do uso, por cada indivíduo, da liberdade de escolha para dar desenvolvimento às atividades que é capaz de exercer por atração, por prazer. A palavra associação pressupõe a combinação de elementos diferentes e

exclui, por exemplo, tanto a reunião, em separado, de capitalistas, como a de operários em organizações próprias, pois nestes casos ocorre a coalisão, com tendências tirânicas e opressivas, incapazes, por sua própria natureza, de levar à harmonia. Os fourieristas almejam a combinação dos elementos de produção, a associação entre o trabalho, o capital e o talento.

A propriedade privada já estabelecida na sociedade, devemos encontrar um meio de transformar o ponto de vista que se tem sobre ela e retirar-lhe o conteúdo nocivo. É preciso proporcionar ao trabalhador todas as facilidades para tornar-se também, um proprietário e isto implica, num primeiro momento, em atribuir ao trabalho um valor proporcionalmente igual ao do capital como parte da produção, este é um meio para eliminar a exploração do operário pelo capitalista. A questão da propriedade é ambígua na perspectiva fourierista. Por um lado admite-se a propriedade como um meio de eliminar a miséria e a exploração e estabelecer um discurso conciliador que não irritasse aos poderes constituídos, nem aos conservadores. Por outro lado, o falanstério é constituído como uma sociedade por ações, de tal modo que, mesmo contando com ações de valores diferentes, para atender às possibilidade de cada um, permanece como um todo indivisível. As teorias de Fourier sobre este assunto, se levadas até ao fim, chegariam num sistema comunitário de igualdade. Muito desta concepção de propriedade deriva do modo como Fourier encara a natureza humana que pelo instinto de vida desenvolveu o desejo de riqueza e na busca desta satisfação gerou um sistema desordenado de produção dos bens. Por este sistema é impossível gerar uma massa de produtos que satisfaça a todos e, muito ao contrário, priva os homens de um direito primitivo que é o direito ao trabalho, isto é, o direito a uma ocupação a que possa escolher, que esteja de acordo com sua inclinação natural.

Todas estas questões acham-se interligadas, é a ciência social, aliada à filosofia, à economia e à política que indica e, ao mesmo tempo produz, uma organização do trabalho e daí, uma organização social verdadeira, pela justa repartição das riquezas.

A respeitabilidade das idéias associacionistas nos anos 40 do século XIX pode ser medida pela sua penetração nos meios literários. Béranger compôs uma ode à Fourier, Eugène Sue, escrevia romances sociais fortemente inspirados pelas idéias de Fourier, o mesmo podemos dizer de Georges Sand e Victor Hugo, embora estes dois últimos jamais chegassem ao compromisso direto com a causa. Just Muiron, primeiro discípulo de Fourier, mencionou, em carta de 16 de abril de 1837, que Felix havia escrito a Georges Sand e que não obtivera resposta ²¹. Se no meio literário havia focos de resistência ao engajamento direto no movimento, da parte dos fourieristas o trânsito com os meios literários não se dava tampouco, de uma forma muito tranqüila. Just Muiron fazia ressalvas sobre o "caráter ambíguo" de Georges Sand, a quem julgava como as pessoas do "gênero ambivalente, as quais por serem transcendentais na ordem combinada, como diz Fourier, não fazem menos o que há de mais vergonhoso em civilização" ²².

O intuito de Hugo no *Les Misérables*, por outro lado, antes de fazer a apologia do socialismo, seria o de fornecer um retrato, para o leitor, do momento histórico vivenciado por ele próprio e permanecer no limite onde ficção e realidade se entrecruzam. Certamente, na sua história, fez um largo uso da interpretação do mundo do trabalho pela perspectiva fourierista, até porque se a idéia de socialismo parece definir o século XIX, deve ser parte constitutiva do universo descrito no romance. Posteriormente, Emile Zola, que se declarava um admirador de Fourier, escreveu *Travail*, influenciado pelo pensamento de Fourier. Fora

²¹ Carta de Just Muiron, 16 de abril de 1837, fonds fourieristes, série 10as40, ANF.

²² Idem.

da França, também, pode ser notada uma aproximação entre o "movimento romântico" e o pensamento de Fourier. Basta citarmos Dostoiévsky como um exemplo, quando afirma que o "fourierismo é um sistema pacífico, ele encanta a alma por sua beleza, seduz o coração graças ao amor pela humanidade que inspirava Fourier quando ele compôs seu sistema, e aturde o espírito por sua harmonia. Ele atrai para si, porque no lugar de recorrer a ataques amargos, ele inspira-se no amor pela humanidade. Nesse sistema não há nenhum lugar para o ódio" ²³. Dostoiévsky foi um dos simpatizantes das idéias de Fourier que compreendia a idéia de Deus como "a idéia da humanidade coletiva, da massa de todos" ²⁴.

Evidentemente, existe toda uma discussão em torno do relacionamento entre romantismo e socialismo estabelecida, de início, na própria dificuldade em se obter uma clara definição, no período, para estas palavras, mesmo porque, enquanto prática parecia impossível abarca-la como unanimidade. Além disso, o trânsito entre aquilo que pertence ao domínio da literatura e o que permanece no da teoria deve ser realizado e analisado com cautela. O romance pode ser de cunho político e social, mas não pode, sob risco de perder suas características e seu poder de comunicação, envolver-se na análise e na proposição de esquemas complicados do domínio da economia e da política. Não pode também, por outro lado, negar o seu caráter ficcional, na medida em que, "por histórico que ele deseje ser, o romance não deve fechar-se num histórico muito limitado, o que lhe permite tornar-se lido por todo mundo, e eventualmente por outros públicos que não seus primeiros leitores" ²⁵.

Tudo isto nos confronta com o seguinte: esse socialismo, que não é ateu, não é materialista e, como no caso do fourierismo, é favorável à propriedade privada, faz parte de

²³ Louis Allain "Dostoiévsky entre le romantisme et socialisme", *Romantismes et Socialismes en Europe 1800-1848 (Actes du colloque de Aille, 1987)*, Paris: Dif : Didier Erudition (Études de littérature étrangère et comparée, 82), 1988, p.8.

²⁴ Idem, p. 10.

²⁵ André Billaz, "Romantisme et Socialisme dans Les Misérables de Victor Hugo", *Romantisme et socialisme en Europe*, já citado, p.37-38.

um movimento de idéias mais amplo, que encontra sua expressão também na pintura, na música e na literatura, como reflexo de um momento histórico em que parecia importante recuperar, depois do período revolucionário, um sentido específico, revalorizado, de humanismo. Esse sistema de pensamento começa a declinar na Europa em fins de 40 começo de 50 e muitos acreditam que o fracasso do fourierismo esteja relacionado aos insucessos nas tentativas de aplicação da teoria de Fourier, que normalmente são atribuídos a falha nas concepções, proposições impraticáveis, etc. O próprio Considerant, depois do fracasso na tentativa levada a efeito nos EUA escreveu um texto intitulado *Des vnes que je ne soutiendrais plus aujourd'hui les ayant reconnus pour erronées*²⁶. Ali ele considera como errônea a fórmula "os destinos são proporcionais às atrações", e explica: "A primeira fórmula supõe e traduz um plano preconcebido, um destino pré estabelecido em vista do qual as atrações teriam sido dadas, ela supõe e impõe a crença na harmonia universal das coisas, em uma ordem providencial do mundo, no "Cosmos". A segunda formula um fato incontestável, a saber, que as atrações sendo forças determinadas e dadas, elas tendem incessantemente como tais a fazer realizar pelo ser inteligente e ativo que é dotado delas as condições que lhe solicitam sem cessar à criação do meio o mais conforme as suas indefectíveis exigências. Atingido ou considerado tão somente como alvo virtual permanente de seu trabalho histórico e de seus incompreensíveis esforços este meio lhe constitui bem um destino". Pessoalmente, preferimos acreditar que os fourieristas pecaram mais por uma fé incondicional na humanidade, que colocasse o desejo acima da necessidade.

²⁶ Manuscrito de Considerant, fonds Considerant, caixa 2. Bibliothèque de Lettres de l'Ecole Normale Supérieure (d'Ulm), Paris.

Para encerrar, gostaria de dizer que o texto que apresento está composto por quatro capítulos. O primeiro deles, intitulado O movimento Dissidente, trata, como indica o título, da formação de um movimento dissidente dentro do próprio movimento fourrierista, repartido, por sua vez, em várias tendências e em oposição à direção exercida por Victor Considerant. Achei importante esclarecer que quando falamos de fourierismo é preciso compreender a diversidade de pensamentos agregada aos princípios inicialmente propostos por Fourier. O interesse, em particular, pela articulação do movimento dissidente se dá porque parte dos seus filiados emigrou para a experiência do falanstério brasileiro. Um segundo capítulo, dedicado à uma breve biografia do empresário da colônia do Saí, o médico homeopata e fourierista Jules-Benôit Mure, visa justamente demarcar as diferenças de tendências esboçadas no bojo da dissidência fourierista. Além disto, a peculiaridade do pensamento de Mure, acaba convertendo-se num exemplo valioso para compreendermos também, o modo como, no século XIX, uma idéia de ciência não aparece dissociada de uma certa noção de organização social e política ideal. O capítulo seguinte, A ciência que organiza o caos, vai tratar exclusivamente, de analisar o diálogo estabelecido por Mure entre os vários autores, cuja influência teria sido marcante sobre o seu próprio pensamento social. Por este caminho achei possível trazer para o leitor uma perspectiva nova de interpretação das idéias socialistas no período e que representasse com mais fidelidade, mesmo em se tratando de um exemplo singular, as preocupações em torno do social dentro da ótica de um homem que experimentava as tensões daquele momento. Ao acreditar na possibilidade de colocar-se em prática uma idéia de ciência capaz de organizar o mundo, Mure, na verdade, rompeu com as barreiras do tempo ao trazer para a sua época, pensadores do século anterior e estabelecer entre eles, e alguns seus contemporâneos, uma conversa, da qual brotaram elementos de uma aliança de idéias. Esta corrente de

pensamento no tempo representa para Mure, uma continuidade, ou soma de esforços, na tentativa de interferir na história e mudar o seu rumo. Um capítulo sobre O Saí, vai abordar como as idéias fourieristas aplicam-se no tempo e, para isto, utilizei propositalmente, uma narrativa de caráter quase estritamente documental, com as fontes que pude reunir. Por esta narrativa o leitor vai ser capaz de penetrar em todas as tensões e confrontos, normalmente encontradas quando se procura executar uma idéia, mas que são também, fruto de desentendimentos anteriores e pouco comprometidos com as questões teóricas da obra de Fourier. Para encerrar, introduzi um capítulo intitulado "Isto é muito belo para não ser a própria verdade", frase tomada de empréstimo de Considerant. Neste capítulo, tratarei da constituição, em vários tempos, de uma estética política, social e arquitetônica em torno do tema das cidades ideais, com o intuito de demarcar a diferença representada pelo pensamento de Fourier. Se confrontado ao capítulo sobre o Saí, ou a experiência da idéia, levantará ainda, os inevitáveis questionamentos sobre os desencontros entre teoria e prática, um dilema persistente quando abordamos o socialismo.

O MOVIMENTO DISSIDENTE

Um sopro de discórdia fez-se sentir entre os falansterianos poucos anos antes da morte de Fourier. Just Muiron, primeiro discípulo de Fourier, empenhado numa disputa com Victor Considerant¹ pelo direito à sucessão na direção do movimento, catalisou o descontentamento dos adeptos das províncias com a liderança parisiense, exercida por este. Apesar da intervenção de Fourier, no sentido de amenizar as rivalidades, os descontentes mantiveram-se firmes na intenção de reivindicar, ou provocar, a reunião de todos os círculos fourieristas e sua participação no gerenciamento de fundos e assuntos relacionados a *École Sociétaire*. As intenções deles foram reunidas em forma de estatuto de uma organização intitulada *Union Phalanstérienne*, que Just Muiron redigiu, submeteu à apreciação de seus amigos de Besançon, fez imprimir e enviou, em junho de 1836, aos diversos grupos constituídos, bem como a Considerant e Fourier.

Um encontro foi marcado entre Considerant e Muiron na tentativa de estabelecerem um acordo. Just Muiron não daria seguimento ao projeto se o centro de Paris atendesse às

¹ Victor Considerant (1808-1893), engenheiro militar e politécnico, travou seu primeiro contato com Fourier em 1831 e abandonou o exército para dedicar-se com exclusividade à propagação das idéias fourieristas. Com a morte de Fourier em 1837, assumiu a direção do movimento conquistando várias adesões. Como representante do povo, eleito, defendeu na Assembléia, os direitos da mulher e o reconhecimento do direito ao trabalho. Condenado por contumácia pela participação nos acontecimentos de junho de 49, refugiou-se na Bélgica e depois na Inglaterra. Foi apenas na década de 50 que, numa viagem pela América, decidiu tentar a experiência das idéias fourieristas.

reivindicações, tais como: aceitar adesões "sem rejeitar ou excluir nenhuma"², provocar uma comunicação e entrosamento entre todos os membros, receber propostas, conselhos e ajuda, sem sonegar informações. Atendidas as demandas principais, o jornal *la Phalange* seria constituído como um centro para onde todos os interesses relativos à propagação e realização da teoria de Fourier convergiriam.

Em 1837, um grupo de fourieristas, descontentes com o encaminhamento dado à causa pelo grupo formado em torno do jornal *la Phalange*, e encabeçado por Victor Considerant, lançou um manifesto intitulado *Aux Phalansteriens – La commission préparatoire de l'Institut Sociétaire* ³. Eram quatro os principais membros da comissão preparatória, presidida por Harel, membro também, da *Société Phrénologique*, Eugène Tandonnet ⁴, Edouard Ordinaire, Hugues Doherty e Henri Fugère, tornaram-se bem conhecidos dentro do movimento, seja por sua militância, seja por seus esforços no sentido de conceder à teoria de Fourier um papel fundamental no movimento de idéias inaugurado com o século.

Nos Regulamentos do *Institut Sociétaire*, aparece como objetivo da organização o interesse em:

² Just Muiron, estatutos da *Union Phalanstérienne*, fonds fourieristes, microfilme 681mi68, ANF.

³ *Aux Phalansteriens – La Commission Préparatoire de l'Institut Sociétaire*. Paris: Imprimerie de Lottin de Saint Germain, agosto de 1837, fonds fourieristes, 10AS8(39), IFHS.

⁴ Eugene Tandonnet, no final da década de 30 rumo para o Uruguai, onde põe em prática o sistema de Fourier e através do jornal *Le Messager Français* inicia uma propaganda socialista com o seguinte teor "Enquanto os princípios de associação, de organização do trabalho, de garantia de trabalho para todos e de repartição mais equitativa de seus produtos, não tenha começado a introduzir-se nas sociedades atuais, todos os desenvolvimentos da civilização, todas as descobertas, todos os progressos da ciência e da indústria (...) não terão outros resultados, no presente, que enriquecer a um pequeno número de privilegiados, de criar uma tirania pecuniária mais opressiva que a tirania feudal, e de reduzir a classe mais numerosa, a dos trabalhadores, à mais horrível miséria, à escravidão mais absoluta e mais cruel". Citado em Carlos Zubillaga e Jorge Balbis. *História del movimiento sindical uruguayo*. Tomi I: Cronología y fuentes (hasta 1905), Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1985. Sobre o fourrierismo no Uruguai ver Carlos Rama. *La utopia de América*. Caracas: Ayacucho (Col. Biblioteca Ayacucho, 37), 1978. Do mesmo autor ainda, "Mouvements ouvriers et socialistes: chronologie et bibliographie. L'Amérique Latine (1492-1936)", in

"estabelecer um laço entre todos os homens que aceitaram a ciência social descoberta por Charles Fourier e aqueles que a aceitarão no futuro; assegurar pelo concurso de todos, a propagação da ciência, dar os desenvolvimentos e as aplicações que ela pode receber desde hoje, e reunir todos os elementos indispensáveis à fundação de um ensaio" ⁵.

As reuniões aconteceriam todas as quintas feiras às sete horas da noite e delas poderiam tomar parte os que tivessem sido apresentados por, pelo menos, três falansterianos e tivessem feito um pedido por escrito. Entretanto, as normas para o ingresso na organização não eram tão rígidas a ponto de impedir o acesso dos curiosos e, quem sabe, futuros correligionários. Estes seriam admitidos, nas sessões, uma vez por mês, bastando para isto, o pedido efetuado por um membro do grupo. Anualmente, no dia do nascimento de Charles Fourier, 7 de abril, aconteceria a abertura de uma sessão pública, durante a qual seriam prestadas contas dos trabalhos do ano, entre outras coisas. Mas, dos Regulamentos podemos observar também, que esta reunião objetivava discutir e propagar a teoria, por isso mesmo estava prevista, nos regulamentos do *Institut Sociétaire*, a criação de uma sessão de publicações com o fim de divulgar os artigos de seus membros e estes deviam versar sobre a ciência social, economia política, artes e ciências e, ao mesmo tempo, divulgar os resultados das sessões. De igual ou maior importância, parece ser a intenção de gerar fundos, pela cotização de seus associados, com o fim de impulsionar o projeto de realização de um falanstério.

Com o projeto da fundação do *Institut Sociétaire* em mãos, os dissidentes foram ter com Fourier, que inicialmente, segundo disseram, prestou lhes seu apoio, oferecendo-se para dar o suporte teórico necessário, em questões de "emprego de capitais" e auxiliar

Michel Crozier (org.), *Mouvements ouvriers et socialistes: chronologie et bibliographie*. Paris: l'Institut Français d'Histoire Sociale/Editions Ouvrières, 1959.

⁵ Aux Phalanstériens, já citado., p.17.

quanto à adoção dos "procedimentos de organização industrial" ⁶. A partir deste encontro, marcaram uma reunião, para o dia 31 de julho, entre os dissidentes e Considerant, na presença do próprio Fourier, pois os fundadores do *Institut Sociétaire* pretendiam submeter ao primeiro, que se autoproclamava chefe da escola, a aprovação de seus estatutos. Entretanto, ao chegarem, os dissidentes renunciaram o desastre, pois lá estavam também, além de outros falansterianos, amigos próximos a Considerant. Este deu início à reunião, apontando como motivo do encontro o aparecimento de um movimento dissidente, no bojo da *École Sociétaire*, cujas reuniões ocorriam "fora da *Phalange*". A resposta de Tandonnet a esta provocação viria, dura e seca, com acusações a Considerant de ter afastado da *Phalange* os falansterianos mais ardorosos, pois pouco a pouco foram se distanciando por falta de garantias para a execução de seus trabalhos, desmotivados pela ausência de um comitê de leituras e por não poderem assinar os seus próprios artigos. E, com tudo isto, na opinião deles, o jornal foi ficando sem administração, sem correspondência e sem contabilidade.

Os dissidentes estavam então, questionando a capacidade administrativa de Considerant e, além disto, ao interpretarem as atitudes do chefe da escola como tirânicas, já que concebia o jornal como um negócio particular, por onde todas as questões deveriam passar, questionavam a sua autoridade de chefe exclusivo. A proposta deste grupo a Considerant era a de aplicar a *associação* ao jornal, em que aos membros fosse garantida uma contrapartida de acordo com o trabalho, o talento e a utilidade dos serviços prestados, isto é, aplicar ao jornal o que o próprio pensamento de Fourier visava para o plano social. Não se tratava de negar a Considerant um papel de direção do movimento, mas de criar um

⁶ Idem. p. 23.

comitê de administração e de redação para dar um impulso maior à causa e evitar certos constrangimentos advindos da falta de ordem. Tandonnet parecia convicto, por exemplo, de que "o talento de escritor não é suficiente para dirigir um grande movimento (...) é necessário saber ao menos, impor aos outros deveres em lhes acordando alguns direitos" ⁷. Entretanto, o chefe da *École Sociétaire* encontrava na escrita um modo de ação que julgava eficaz, até a ponto de "decidir os acontecimentos, mudar o curso da história" ⁸ e este seu pendor para a articulação do movimento nesta esfera, dificultava os entendimentos com os falansterianos mais inclinados à ação imediata.

Em contraposição às reclamações de Tandonnet, Considerant, apontava que entre os falansterianos não havia homens capazes, em termos de conhecimento, para exercer sua influência num comitê de direção. Ao recusar a proposta do grupo dissidente, esclareceu que não pretendia fazer uma concessão, naquele momento, para futuramente, não ter que fazê-las novamente. A recusa do chefe da *École Sociétaire* se devia a formação de um grupo paralelo, mas não ao concurso dos falansterianos dispostos a dirigirem-se ao *centro* e advertiu que faria empenho numa forte oposição contra aquele projeto.

A posição de Considerant já era conhecida mesmo antes da reunião, porém o grupo dissidente estava consciente da necessidade de reunir recursos e atrair os trabalhadores que o atual centro afastava e com isto desperdiçava talentos para uma causa cuja execução dependia, não apenas de capitais e de homens de idéias, mas, sobretudo, de braços. A relutância de Considerant em aceitar os provincianos como membros do grupo pode ser confirmada pela carta que lhe fora enviada por Constant, um agricultor que a duras penas, debaixo de uma feroz resistência do pároco local, que via Fourier como o anticristo, tentava

⁷⁷ Idem. p. 29

⁸ Michel Vernus, *Victor Considerant 1808-1893. Le Coeur et la Raison.*, Dole: Canevas Editeur, 1993, p. 87.

difundir a teoria em Brest e posteriormente teria sido também, responsável pelo envio de exemplares da obra do mestre a Francia, no Paraguai. Na carta dizia o seguinte:

"Você ainda não me respondeu, eu não sei como interpretar seu silêncio (...). Você tornou-se para nosso jornal o centro, em direção ao qual nós voltaremos todas nossas vistas e do qual nós esperamos o impulso, não rejeite os primeiros que lhe oferecem seu apoio, é melhor tê-los como ajuda (...) que vê-los contra (...). Os pequenos riachos formam os grandes rios" ⁹.

Enfim, essas desavenças nos levam a crer que se entre todos os falansterianos existia, como asseguravam, um acordo quanto ao aspecto das convicções, da teoria, no momento do como conduzir a aplicação havia uma pluralidade de opiniões.

Um documento esclarecedor sobre as razões do Centro em rejeitar a cisão é a *Lettre Confidentielle* ¹⁰. Ali, Considerant explicou seu ponto de vista motivando a sua recusa no fato de ver na *Phalange* o verdadeiro centro e contestou a iniciativa da dissidência ao apontar essa cisão como um rompimento de unidade e não como pensavam os seus proponentes, um reforço dela. Um grave obstáculo no caminho dos fourieristas, em caso de formação de um grupo paralelo, seria o ingresso de pessoas estranhas à causa, como por exemplo, os republicanos, pois a partir da recepção deles como membros dever-se-ia:

"sofrer todas as conseqüências de uma solidariedade oficial estabelecida entre a sociedade e estas individualidades; ou de recusa-los, rejeita-los por fora e leva-los, a exemplo dos primeiros que cindiram que teriam estabelecido a afiliação, constituído eles próprios tantas afiliações e centros novos que existiriam ali categorias

⁹ Carta de Contant a Considerant, Brest 10 de setembro de 1836, fonds fourrieristes, 14as37, ANF. Fourier, no seu *Fausse Industrie*, faz referências ao ditador paraguaio, a quem considera limitado em matéria de política, porém contemplando o fato de que este vinha realizando, mesmo que de uma forma incompleta o mecanismo da indústria combinada. O modo como Fourier faz referências a Francia denota o seu fraco conhecimento sobre a situação do Paraguai. De resto, o déspota paraguayano tornara-se, na época, para os europeus, um personagem controvertido, tirano implacável, por um lado, e por outro um defensor dos índios guaranis e inimigo do clero e da velha aristocracia. Thomas Carlyle, Auguste Comte, entre outros, ocuparam-se deste personagem controvertido. Ver Jonathan Beecher "Fourier et Francia" *Cahiers Charles Fourier*, (3), 1992, p. 3-8.

¹⁰ *Lettre Confidentielle des membres de la reunion du 31 juillet en reponse a une brochure intitulée: Aux Phalanstériens, la comission préparatoire de l'Institut Sociétaire*, Paris: Imprimerie de Decouchart, 18 de agosto de 1837, fonds Considerant, caixa 11, Bibliothèque de Lettres de l'école Normale Supérieure (d'Ulm), Paris.

descontentes" ¹¹.

A pressa em realizar a teoria seria, finalmente, na visão de Considerant, uma insensatez, principalmente diante da tentativa frustrada de Condé sur Vêrgres¹², quando havia um órgão de divulgação das idéias, mas insuficiente ainda, naquele momento, na sua missão de fazer germinar, na sociedade, a semente de uma nova organização social. Com o fim de preencher esta lacuna o *La Phalange* havia sido concebido. Para Considerant, foi o sucesso do jornal, pelos seus esforços pessoais, que permitiu adesões importantes a partir das quais tornou-se possível pensar a transição, da propaganda para a realização.

Havia uma preocupação, da parte da liderança de Paris, em evitar qualquer prejuízo à causa, porque muitos se iludiram com a facilidade da realização e experimentaram nada além do amargo fruto do fracasso. Os insucessos de Condé, de Cîteaux e do Saï, serviram de mote aos detratores da teoria que agora haviam encontrado um bom argumento contra os falansterianos, a quem censuravam pela audácia de alimentar os espíritos ávidos com ilusões desmentidas pela própria experiência¹³. Contra tais investidas, o grupo de Paris tinha uma resposta pronta, justificável, apesar de pouco convincente, como por exemplo, o fato da experiência de Condé ter sido levada adiante na fase inicial do movimento e, ter sido encerrada antes mesmo de concretizar, na íntegra, o projeto de falanstério e posto em prática o sistema das *séries*. Nos casos de Cîteaux e do Brasil, a École Sociétaire serviu-se do exemplo de Condé para desestimular, sem efetivamente conseguir, estas tentativas

¹¹ Idem. p. 7.

¹² O projeto deste falanstério foi concebido por volta de 1833 por Just Muiron. A idéia era a de criar uma organização de caráter puramente industrial capaz de mudar as condições de vida e de trabalho na cidade e no campo, levar os capitais para a agricultura e a mão de obra excedente das cidades para o campo. Ao mesmo tempo retirar da indústria manufatureira os obstáculos que a tornam repugnante e insalubre. Ver: Just Muiron et Cia. *Société pour la fondation d'une phalange agricole et manufacturière associée selon la méthode de Charles Fourier*, fonds fourieristes, 14AS6 (55) à (59), IFHS.

¹³ École Sociétaire, *Illusions en facilité de Réalisation – Digressions sur Condé et sur Cîteaux*, Bulletin Phalanstérien n° 3, 15 de fevereiro de 1847, p.26, fonds fourieristes 14AS7 (36), IFHS.

frustradas e, por isto mesmo, isentar-se de qualquer responsabilidade sobre tais episódios. Na opinião do grupo de Paris, nesta fase do movimento, os projetos deviam ser concebidos para realização dentro do território francês, em terras férteis, e em lugares onde fosse possível gerar conforto. Entretanto, o essencial para a realização, além de uma propaganda bem preparada, seria atingir o volume ideal de capitais. Enfim, em toda esta polêmica percebemos que existe também, além das justificativas de caráter prático, o sentimento de vaidade ferida do chefe da *École Sociétaire* que projetara centralizar em torno de si o movimento.

Fourier, que inicialmente se propôs a fazer o papel de mediador, colocou-se, como podemos depreender da leitura da *Lettre Confidentielle*, pela manutenção da unidade, isto é, a favor dos encaminhamentos dados por Considerant. A unidade a que se refere acontece em três níveis: no de doutrina, no de execução e no de concursos superiores. Quanto ao primeiro ponto, Fourier aproveitou para criticar o grupo de Toulouse, sob orientação de Prévost, de quem recebera uma circular onde pode enumerar várias heresias. Segundo Fourier,

"os detratores teriam razão em dizer que minhas vinte e trinta doutrinas são um caos indecifrável; mas eu não tenho trinta doutrinas, eu tenho apenas uma que, francamente oposta aquela de Toulouse, onde Prévost coloca a razão divina no primeiro plano, e a razão civilizada no segundo plano, donde se conclui que a filosofia devia procurar o código divino sobre as paixões, e não mais as prescrever. (...) Ele diz que a ciência está incompleta. Eu sei que faltam a ela diversas publicações de alta importância; mas qual apoio dar-me-iam para publicar? Dão-me as calúnias imundas do jornal *Girardin la Presse*, enquanto dá-se aos romancistas compiladores, no *Panthéon littéraire*, cem mil francos adiantados" ¹⁴.

No que se refere à execução, Fourier foi taxativo: "eu declarei desde o começo que reprovava tudo que pudesse contrariar a ação do *la Phalange*, e prejudicar uma marcha da

¹⁴ Idem. p. 21, 22.

qual temos hoje resultados muito satisfatórios sob os olhos" ¹⁵.

A última questão, que remete à unidade de concurso superior, Fourier aponta a necessidade, para a causa, de seus adeptos colocarem-se ao lado das autoridades, do governo, de conquistar sua confiança e este efeito produz-se quando são criados "a indústria atraente e o quádruplo produto, e não de se lançar cabeça abaixada nas velhas superstições filosóficas, recolocadas em crédito pela circular da sociedade de Toulouse"¹⁶.

Just Muiron via na formação das facções uma consequência natural do processo de assimilação das idéias do mestre e antes do fato consumado já havia alertado Considerant sobre a necessidade de estabelecer um centro de reunião dos vários grupos. Em uma ocasião inclusive, Reydor procurou Considerant para expor o modo das afiliações na Alemanha, que conhecera de perto, e sobre as quais nutria boas impressões, mas o chefe da escola desdenhou da iniciativa. Na correspondência tumultuada mantida com Considerant, Muiron defendeu desesperadamente sua convicção em torno da multiplicidade das associações de falansterianos, lembrando, entre outras coisas, que um dos princípios fundamentais da ciência social, da qual Fourier teria feito o prospecto, seria o reconhecimento da importância de cada individualidade num todo. O fato é que Muiron percebia a ineficiência da instituição de um centro em Paris, para os falansterianos das regiões mais distantes, e que a decisão de fazer publicar o *La Phalange* em nada poderia modificar a situação anteriormente estabelecida de grupos constituídos em Lyon, Brasbourg e outros, todos com estatutos prontos e em vigor. De Besançon, Muiron pode observar a movimentação dos grupos isolados das várias regiões no intuito de promover uma afiliação unitária e a eles cedeu o seu apoio. Com esta atitude não pensava em declarar guerra aos de

¹⁵ Idem. p. 22.

¹⁶ Idem.

Paris, mas alertar para a necessidade de dirigir-se, de forma diplomática, aos que cindiram e extrair dos fatos consumados o melhor proveito para a causa. Sob este ponto de vista, criticava a *Lettre Confidentielle* como "uma quimera... monstruosa" por ver, nos projetos e planos apresentados pelos da *Union*, "jacobinarias, clubes republicanos", ou condenar, por antecipação, os vínculos dos dissidentes à religião e ao magnetismo, porque se em nome de um e de outro se cometem abusos, há também os Gréa, Fenélon, Belsame, que aproveitam, destes meios, os bens que operam. O próprio Muiron teria sido conduzido ao fourierismo pela via do magnetismo. Mas sobre os pontos em discussão, ainda dirigiu-se a Considerant nos seguintes termos:

"a afiliação ou corporização falansteriana, não é menos utilmente praticável em civilização entre pessoas (...) como a corporização religiosa, científica, entre os membros do clero, da academia, de todas as companhias que se formam com um objetivo qualquer sabendo conduzir-se em combinação, senão com harmonia, operar frutuosamente e atingir seu objetivo. Você grita sempre: 'Sufrágio universal! Maioria incompetente!' (...). Em toda afiliação as condições e formas de eleição, de decisão e outros casos especiais podem ser [ilegível] muito diferentes. É dos fundos e não dos acessórios que se trata".

Como fundo Muiron entendia esperar capitais e trabalho não apenas de uma pessoa mas de várias; formar uma verdadeira organização, com regulamentos, pessoal e um objetivo claro no lugar de lançar-se em discussões abstratas e nesta organização, nada impediria que Victor Considerant exercesse sua autoridade ¹⁷.

Apesar das observações de Fourier e Considerant, o *Institut* formou-se e possuía como veículo de divulgação a folha mensal *Cronique du mouvement social*, dirigida por Tandonnet. Ali eram discutidas, por exemplo, questões relativas à ciência do mestre, com o intuito de justificar, por vezes, o ensaio de falanstério, mesmo em modo *garantista*. Na

¹⁷ Carta de Just Muiron à Clarisse Vigoureaux, 26 de julho de 1833; carta de Just Muiron à Considerant, Besançon, 14 de agosto de 1836; carta de Just Muiron à Clarisse Vigoureaux, Besançon, 6 de novembro de

Chronique du Mouvement Social de outubro-novembro de 1838, relembram uma brochura de Fourier de 1831, onde o mestre criticava Saint Simon e Owen; "estas páginas, onde ele entra em alguns detalhes sobre o estabelecimento das fazendas de asilo, são ao mesmo tempo uma boa resposta àqueles que imaginam e imprimem que Fourier jamais se teria ocupado dos meios de transição que a sociedade atual pode apresentar" ¹⁸.

A revista não reconhecia a autoridade exclusiva do jornal *La Phalange*, sobre todos os grupos, mas apoiava, incondicionalmente, o envolvimento do jornal em debates políticos, um outro tema polêmico, uma vez que o próprio Fourier aconselhava aos seus discípulos o máximo de neutralidade, de distanciamento de tais questões ¹⁹.

Um outro grupo muito importante dentro do movimento dissidente formara-se, em Lyon, em 1837, sob a direção de Brac de la Perrière, e reunido em torno da *Correspondance Harmonienne*, que, em 1839, constituía um grupo, em Paris, adotando o nome de *Union Harmonienne*, grupo este atrelado ao jornal *Le Nouveau Monde*. As divergências do grupo com Considerant podem ser parcialmente recuperadas por uma carta enviada, em 1835, por A.B., ao chefe da *École Sociétaire*, na qual colocou-se de acordo com o grupo de Paris sobre a aplicabilidade da teoria e quanto ao modelo de sociedade que visava implantar. Ainda sobre as questões teóricas, A.B. não punha em dúvida a necessidade de um aprimoramento referente às leis cosmogônicas, mas não acreditava tampouco, que a falta de uma compreensão mais ampla de tais leis, pudesse causar algum

1836; carta de Just Muiron à Victor Considerant, Besançon, 4 de setembro de 1837, fonds fourieristes, 14as40, ANF.

¹⁸ *Chronique du mouvement social*, oct.- nov 1838, Paris, A. Riant Libraire, p. 60, BNF.

¹⁹ "Para Fourier, o ensaio experimental seria um dos meios de fazer passar a teoria no mundo, o melhor meio entre outros. Entretanto, o meio não era pensado como exterior à teoria; ele era menos ainda à respeito da divulgação. Desse ponto de vista Fourier teria sido "traído" por seus discípulos "ortodoxos", como pelos discípulos "realizadores". Nós diríamos sobretudo que os conflitos entre uns e outros assinalam a dificuldade, isto é o impasse, no pensamento do mestre". Urias Arantes, "Et l'Idée Organise le Monde... Notes sur les Fourieristes Dissidents", *Cahiers Charles Fourier* (5), Besançon: Société Charles Fourier, 1994, p. 62.

empecilho à realização, isto é, a execução do projeto de Fourier poderia passar sem a urgência de um aprofundamento teórico neste nível. Entretanto, os falansterianos deviam discutir o aspecto falho de Fourier, no que diz respeito à aplicação da teoria, mais precisamente, o problema da transição. Sobre esta questão, sugeria que não há um modelo único de aplicação, mas esta pode assumir várias formas, desde o falanstério completo, até associações menores, dirigidas para fins mais específicos. Para A.B., os membros da *École* precisavam concentrar seus esforços tanto nos trabalhos de propagação, como nos de fundação. Na sua opinião, a propaganda deveria ser dirigida em dois sentidos: propaganda científica, isto é, uma divulgação da teoria, em seus conceitos e termos abstratos e, propaganda passional, "que fala por imagens e dedilha vigorosamente as cordas da harpa"²⁰. Considerant pretendia justamente evitar a exacerbação da paixão e do sentimento e tudo que pudesse acarretar de inesperado como o risco da fundação de uma "associação, cabalística, borboleta, sobre uma idéia de abnegação católica ou sansimoneana", mas A.B. parecia obstinado em aceitar a idéia do caráter passional da propaganda como uma

"formula a mais geral da paixão unitária (...) a base do edifício de mil variedades de construções, de milhões de formas sedutoras, de milhões de ornamentos capciosos ou bizarros, mas que isto bem será a grande pedra enterrada sob o solo que suportará o conjunto do monumento em toda sua simplicidade mas com toda sua força"²¹.

A proposta de A.B. acabou contagiando muitos e em poucos anos a *Union Harmonienne* havia angariado afiliações em 34 cidades da França, mas também na Suíça e na África. A partir de 1837, o grupo fazia circular a *Correspondance Harmonienne*, que contava entre seus principais membros Berburguer, Brac la Perrière, Boyron, Madaule, Doherty, Raverchon, Pompéry, Tamisier, Valois, Deniey. O objetivo principal da correspondência seria o de unir, ou mais precisamente por em contato, os vários discípulos

²⁰ *Correspondance harmonienne*, n° 19, Lyon, 15 de fevereiro de 1839, BNF.

dispersos, e gerar uma comunicação entre os adeptos das regiões distantes, sem grandes pretensões, além da de saber o que pensam os falansterianos das diferentes regiões, se teriam projetos em discussão, etc, e isto parecia importante num momento em que a teoria começava a alcançar o terreno social e seus adeptos ainda não tinham conhecimento da amplitude que era capaz de abarcar. Mas numa carta de 8 de setembro de 1838, o correspondente Archelange recomendava a centralização do debate teórico em questões mais urgentes, visando o aumento no número de unionistas participantes, pois em 1837, dos 60 ou 70 inscritos, apenas uma quinzena teria enviado cartas²². Em novembro de 1838, Valois escrevia de Bordeaux, por recomendação do centro de Lyon, com a proposta dos Estatutos Orgânicos da *Union Harmonienne* cuja finalidade seria dar um caráter mais formal a esta reunião. Segundo o esboço dos novos regulamentos, para a admissão no grupo a pessoa precisava assinar a adesão e apenas a partir disto, desfrutar do direito de receber a correspondência. Dela poderiam participar todos que assinassem as cartas, por isto não haveria espaço nela para as mulheres que não tivessem conquistado uma posição de independência, mas apesar desta restrição, estas seriam bem vindas como membros da união²³. Os estatutos surgiram então, com o fim de instituir uma organização da *Union Harmonienne* e fazer da *Correspondance* o seu órgão de divulgação, mas sem conferir a ela uma forma de jornal. Todavia, no segundo ano de veiculação partira, de alguns dos seus próprios correspondentes, a proposta de centralização dos debates em torno de questões atuais e para isto uma reordenação interna da *Correspondance* se faria necessária. As cartas seriam separadas pelo critério da utilidade, da diversidade de assuntos, e, por fim, as de caráter noticioso que interessassem à associação. Mas, em princípio, as cartas aceitas

²¹ Idem.

²² *Correspondance harmonienne, supplément au n° 14*. Lyon, 15 de setembro de 1838, BNF.

seriam publicadas sem censura e as recusadas poderiam passar por novo julgamento, sob demanda. Daí por diante, para Valois,

"os que tiverem a fantasia, quando falarmos da propagação, de virem falar da aurora boreal, do membro pivotal dos solarianos, e do nascimento do antileão (...) esses gozadores serão convidados a esperar um momento, que tenhamos encontrado os homens que tem idéias a apresentar sobre os interesses urgentes da causa" ²⁴.

Na verdade, não se tratava de excluir este tipo de discussão, aliás, bem presente no pensamento de Fourier, e isto fazia a diferença da dissidência em geral, pois aceitava os swedemborguistas, os poetas, as mulheres, os operários e todos os outros rechaçados pelo centro de Paris, além de posicionar-se de forma destemida quanto à discussão de aspectos polêmicos da obra de Fourier. Apenas, o que estava em jogo, naquele momento, era a realização como assunto prioritário e os membros da correspondência admitiam, como necessidade, um período de transição entre a harmonia e a sociedade do seu tempo. Em correspondência de 12 de novembro de 1838, Tam alegava que mesmo o grupo considerado ortodoxo partilhava desta opinião, de resto admitida pelo próprio Fourier. A polêmica entre os ortodoxos e os chamados "transitórios", acendeu-se mais em função dos meios a serem empregados, para torna-la praticável, e da duração concedida ao período de transição ²⁵.

Durante a sua existência, a correspondência sofreu os efeitos advindos do seu próprio critério de livre associação, isto é, estabeleceu-se ali um debate, é verdade, porém sem um critério que possibilitasse dar uma direção ao tão repisado problema da realização. Os seus membros achavam-se divididos em torno de muitas outras questões sobre as quais se digladiavam. Do grupo reunido em torno da *Correspondance Harmonienne*, surgiam subdivisões. As relações entre Tandonnet e o diretor da *Correspondance* tornaram-se

²³ *Correspondance harmonienne*. n° 17, Lyon, 1 de dezembro de 1838, BNF.

²⁴ *Idem*.

²⁵ *Correspondence Harmonienne*. Supplément au n° 17, Lyon, dezembro de 1838, BNF.

estremecidas, na medida em que, cresciam as críticas ao grupo de Lyon e de Bordeaux, a ponto de Tandonnet recusar-se a apresentar para a *Union* os planos que tinha em mente e o modo de execução planejado e, em contra partida, a ele interditavam o acesso ao dinheiro. Para encerrar as disputas, A. B. propôs uma fusão completa do *Institut* com a *Union* e a transformação da *Chronique du mouvement social* em órgão do partido da *Union* sob o nome de *Journal de l'Union harmonienne des provinces* ao passo que a *Correspondance* serviria como órgão interno do partido ²⁶. Evidentemente, Tandonnet não pensava em aceitar uma proposta onde o seu grupo terminasse dissolvido dentro de outro.

Um motivo forte para as disputas internas recaía também, na interrogação sobre se a obra de Fourier estaria incompleta e, por isto, precisando ser aperfeiçoada (uma heresia para os adeptos da visão da obra do mestre como uma ciência exata, como é o caso de Doherty), ou, se a compreensão da obra pelos discípulos é que seria imperfeita? Se a prática dependeria de um amadurecimento dos pressupostos teóricos e da penetração na sociedade, ou o contrário, a prática acabaria por dar a forma final e constituiria a prova da própria teoria? Depois, propunham-se a um modo de união pelo "credo", isto é, à associação, como força capaz de congregar a diversidade da sociedade da qual a organização pretende ser o espelho. Entretanto, quando todos se viram unidos sob a bandeira branca de Fourier, os saint-simoneanos, fourieristas, owenistas, swedemborguistas, morávios e todo o mundo, cada qual com sua bandeira particular, foram incapazes de falar a mesma linguagem. Enfim, o balanço da correspondência havia sido negativo porque "em meio a uma multidão de cartas de onde surgiram tantas personalidades, tantas heresias e debates estéreis e, no final, nove ou dez projetos que não tiveram de modo algum a honra de um começo de

²⁶ *Correspondance Harmonienne*, n° 19, Lyon, 15 de fevereiro de 1839. Carta de A.B. à P.F. BNF.

execução" (...) ²⁷.

O projeto de uma correspondência entre os vários grupos não havia sido totalmente abandonado e chegou a ser retomado posteriormente pelos fundadores da *Union Phalanstérienne* de 1840 (Boyron, Aucagne e Passot) que projetaram dar uma nova forma a esta comunicação. O embrião da organização formou-se depois da morte de Fourier, quando uns poucos falansterianos de Lyon e do leste da França reuniram-se para as comemorações do aniversário de nascimento de Fourier, em 7 de abril de 1838. Um ano mais tarde, em 27 de agosto, marcaram uma nova reunião, em Cluny, com o propósito de "fazer convergir para um só e mesmo objetivo a realização, todas as forças esparsas" (...) ²⁸. Estes encontros anuais entre os diversos grupos viriam a dar um novo alento aos que, distantes do centro de Paris, e menosprezados pela direção do movimento, viam-se perdidos depois da morte de Fourier. Em 1841, os encontros promovidos pela *Union Phalanstérienne* já assumiam para uns, aspecto de congresso e duas questões principais seriam propostas para discussão geral naquele ano. Em primeiro lugar, a propagação, os meios de provocar, através dela, a reunião dos diversos interesses e partidos "contra as misérias da humanidade" ²⁹. Para isto deviam buscar idéias sobre como obter boas brochuras ao menor preço e como torna-las alvo de interesse de leitura. O segundo ponto levado à discussão era a realização em modo transitório, porque percebiam a necessidade de buscar uma solução imediata para a miséria crescente e com essa finalidade aos falansterianos pedia-se uma reflexão sobre quais lugares, na França, poderiam prestar-se à fundação de institutos-modelo, agro-industriais, baseados no sistema da associação, sem

²⁷ Carta de 18 de julho de 1843 assinada por Joffroy, Jouanne, Ac. Suin, Philardeau, Jounin. *Nouveau Monde*, 1 de agosto de 1843.

²⁸ Chevallier, Emmanuel. *Theorie Sociétaire de Charles Fourier. Les 27 et 28 aout a Cluny*, La Croix Rousse: Imprimerie de Th. Lépagnee, 1841, p. 8, fonds fourieristes, 14AS1-5(16), IFHS.

risco de fracasso. Os Unionistas Falansterianos de Lyon, representados por Royron, Romano e Boirivand, colocaram na pauta dessas discussões mais cinco itens. Em primeiro lugar, sobre quais meios seriam empregados para manter e universalizar a *Union Phalanstérienne*; em segundo lugar, sobre a organização das publicações, precisavam ser estabelecidas as bases econômicas que permitissem vantagens para os associados e colaboradores; em terceiro lugar, seria necessária a reflexão sobre o modo de correspondência entre os vários grupos, da França e do exterior, a menos dispendiosa possível, e que possibilitasse as relações, as rivalidades, o entrosamento; em quarto lugar, como seria feita a subscrição falansteriana de forma a preservar os interesses coletivos e privados no negócio; em quinto lugar, seria conveniente discutir sobre o meio de realização que garantisse a aposentadoria para a classe operária, principalmente ³⁰.

Neste debate houve também, a participação do grupo ligado ao jornal *Le Premier Phalanstère*, sob a direção de Jan Czynski, mesmo redator do *Le Nouveau Monde*, mas que defendia a realização de um falanstério em grande. Este grupo entendia ser necessária a publicação dos trabalhos sérios que os discípulos viessem a apresentar à *Union Phalanstérienne*, entretanto, acreditava também na utilidade de um critério para fazer das publicações um guia para os leitores. Do contrário, se o centro interferisse como um mero editor de uma diversidade de projetos, poderia causar, ao invés da união de seus membros, uma grande dispersão das forças, onde cada parte estaria voltada para um modo de realização específico. Para cumprir sua missão de centro a *Union* precisaria manter-se receptiva aos pensamentos dos seus membros, porém, conduzi-los para um objetivo comum, um projeto estudado e amadurecido pelo centro. Se a *Union Phalanstérienne*

²⁹ Idem p. 10.

admite realizar, por ela mesma, uma associação, em modo garantista, opção de resto, defendida também, por outros grupos dissidentes, necessitava, por outro lado, deixar claro aos falansterianos que este tipo de realização não representava, de modo algum, o objetivo final³¹.

Durante a reunião de Cluny, Arthur de Bonnard, que teria sido um dos diretores da *Correspondance Harmonienne*, sugeriu a transferência do centro da correspondência, de Bordeaux, para o de Cluny, e este passaria também, a assumir a direção do veículo no seu quarto ano de circulação. O presidente do centro da Union, Stanislas Aucagne, resistiu à idéia por discordar do modo como vinha sendo conduzida a correspondência, entretanto, os argumentos de Passot falaram mais alto. Em primeiro lugar, lembrou a precariedade da representação junto à opinião pública da École Sociétaire, que contava praticamente, com apenas três órgãos de divulgação. O *La Phalange*, havia dedicado seus esforços às questões da alta política e deixado de lado o problema da realização; o *Nouveau Monde*, inicialmente, saindo três vezes ao mês, tornara-se, depois da intervenção das autoridades, uma folha mensal sem grande alcance; a *Chronique du mouvement social* sofria, pela sua irregularidade de publicação, das mesmas conseqüências. Diante desta fragilidade Passot chamava a atenção para a oportunidade de gerar, pela reestruturação da *Correspondance*, os meios para atingir-se aos objetivos propostos pela reunião de Cluny. Isto é, a solução seria o empenho na publicação à parte dos melhores trabalhos dos correspondentes através da fundação de uma *librairie véridique* que remeteria aos assinantes da correspondência o material, a preços de custo. As publicações permanentes responderiam à segunda questão

³⁰ E. Royron, Romano, Boirivand. "Science Sociale - Quatrième anniversaire de la mort de Fourier" *Nouveau Monde*, 1 de outubro de 1841.

³¹ "Union Phalanstérienne", *Le Premier Phalanstère*, 15 de janeiro de 1841.

colocada para a discussão em Cluny. Enfim, tudo isto implicaria numa reestruturação da própria *Union Harmonienne* que, segundo Passot, devia separar a correspondência, da organização propriamente dita.

A tão sonhada reestruturação da correspondência seria concretizada em 1843, pela ação do grupo dos harmonistas, encabeçado por Joffroy, Jouanne, Ac. Juin, Philardeau e A. Jounin. A *Correspondance Phalanstérienne*, surgiu como circular num primeiro número de março de 1842, e um segundo número foi lançado algumas semanas mais tarde, quando teria sido suspensa e depois retomada em 1843. No seu novo formato, a correspondência prometia distinguir-se da antiga. Nada de debates estéreis, mas um esforço no sentido da ligação entre pensamento e ação. No seu número de 1º de setembro de 1843, sugeria algo inédito em termos de proposta de organização. Ao tomar como inspiração o grupo desconhecido dos newtonistas, formado por apenas cinco pessoas, que estabelecia contato com a nova correspondência, aconselhavam aos falansterianos a multiplicação de pequenos grupos, formados por pessoas com laços de amizade já consolidados. O comitê da própria correspondência teria ido além, ao formar também, entre seus oito membros, um grupo com seus próprios estatutos – o grupo dos harmonistas – e estabelecido a *série* de trabalho entre eles. A ambição deste novo grupo voltava-se para a ampliação da esfera das relações dos falansterianos isolados ou restritos a uma correspondência individual e propiciar a eles, através deste contato entre os vários grupos, uma visibilidade maior dos seus projetos e das suas idéias, submetendo-as também, a uma apreciação mais geral. A idéia básica era trabalhar nas micro-estruturas do movimento, fazer da correspondência um ponto de convergência das discussões teóricas nesses mini grupos com vistas a estimular a discussão e a crítica. A correspondência em si estaria a serviço destes grupos no propósito de fazer a propaganda deles e com isso estimular, cada vez mais, a formação de novos grupos, todos

eles ligados à correspondência, concebida, em princípio, para ser o centro dos debates. O público alvo seria o dos adeptos pouco confiantes na possibilidade de execução, naquele momento, do falanstério em grande escala ou aqueles cujos poucos meios disponíveis permitiam vislumbrar apenas modelos de organização parciais. Para organizar a correspondência, o grupo dos harmonistas sugeria alguns temas em torno dos quais levantar-se-iam as discussões de fundo teórico, mais relacionadas ao problema imediato da realização, ou seja, as *séries passionais e industriais*, o mecanismo de associação dos 1.620 caracteres da *harmonia doméstica*. Entretanto, no que diz respeito às questões teóricas mais polêmicas, como a analogia e a cosmogonia, haveria espaço para os seus desenvolvimentos. Enfim, com projetos discutidos, conhecidos, o último passo seria o estabelecimento de uma subscrição com a finalidade da execução daqueles votados pela maioria ³².

Alguns meses depois, com o perfil da correspondência mais delineado, ficou decidido que investiriam toda a energia no projeto do falanstério de crianças, aliás, já conhecido e aprovado pelo próprio Fourier ³³.

Os poucos números da correspondência que tivemos a oportunidade de analisar, não nos permite saber se tais objetivos foram alcançados, apenas reafirmam os bombardeios de críticas ao grupo constituído em torno de Considerant, principalmente por dois motivos: a transferência dos restos mortais de Fourier que haviam sido depositados provisoriamente no cemitério de Montmartre, de onde teriam que ser retirados e, em segundo lugar, os manuscritos de Fourier, de posse de Considerant que relutava em torná-los públicos na íntegra. Os grupos dissidentes, de uma maneira geral, sentiam-se contrariados por terem o

³² *Correspondance Phalanstérienne*, 1 de setembro de 1843, 14AS8(24), IFHS.

³³ P. A. Guilhaud. *Plan d'un phalanstère d'enfants approuvé par Charles Fourier*, Paris: Lacour et Compagnie, Imp. de Baudouin, 1840, 26p. Na lista de subscrição para este ensaio encontramos os nomes de Confais, Jamain, Rouffinel, Mure e Derrion, fonds fourieristes, 14AS6(8), IFHS.

acesso vetado à obra do mestre e frustravam-se por poder conhecer dela apenas os extratos escolhidos por Considerant. Estes discípulos julgavam insana a atitude obstinada do chefe da *École Sociétaire* em manter na obscuridade os manuscritos do mestre e com isto prejudicar o desenvolvimento da própria ciência social pois assim acarretava a inibição do movimento, afastando os falansterianos dispostos à realização e à reunião ³⁴.

Na base do movimento dissidente estava o grupo de Lyon, na sua maior parte formado por discípulos chegados ao fourierismo diretamente do sansimonismo e, em muitos casos, mantendo entre as duas doutrinas e seus respectivos grupos uma transição, isto é, aderiam ao fourierismo sem abandonar o sansimonismo. Um exemplo disto é o de Derrion, sobre quem discorreremos a seguir.

O dissidente Michel-Marie Derrion – A revolta dos *canuts* e o fourierismo

Para nós, o estudo da dissidência assume um caráter prioritário, na medida em que os operários vindos ao Brasil formavam parte deste grupo, e, mais precisamente, filiados à *Union harmonienne*, formada a partir dos grupos estabelecidos em Lyon. Um exemplo é o caso de Derrion ³⁵, um dos diretores da *Société Union Industrielle*, organizada com o fim de reunir os operários interessados num projeto de realização.

Sobre Lyon e o grosso dos seus habitantes, Flora Tristan nos fornece um relato breve, porém impressionante. A grande cidade do proletariado francês oferecia aos recém chegados, uma paisagem tenebrosa, como era o retrato da miséria que assolava a sua população pobre, colocada num contraste gritante com uma burguesia próspera. A própria

³⁴ *Correspondance Phalanstérienne*, Suplemento ao número de Setembro de 1843, 14AS8(27), IFHS.

divisão do espaço da cidade espelhava esta contraposição: de um lado habitações luxuosas, espaçosas, de outro, os miseráveis confinados em bairros mais afastados, de ruas estreitas, úmidas, frias, por onde a luz do sol não ousava penetrar. O conjunto, - dos monumentos aos prédios -, causava um efeito ameaçador, "um frio na alma", muito próximo ao inspirado pelas prisões.

A população, na maioria de operários tecelões e outros ofícios ligados à indústria da seda, em nada assemelhava-se com a classe operária parisiense. A começar pela vestimenta: enquanto os de Paris exibiam, pelo traje, os distintivos da sua condição de operários, os de Lyon, em seus andrajos, lembravam os operários ingleses. O grau de pobreza e exploração desses operários podia ser medido por sua aparência física, em geral, de baixa estatura, magros, feios, tendo ainda seus corpos encurvados pelo vício de postura imposto pelo trabalho. A sua palidez, a fraqueza estampada no rosto, mas também, a falta de cabelos e dentes, traça o perfil da miséria como o perfil da morte. Aos domingos, único dia de descanso, esta multidão decrépita e silenciosa enchia os cabarés da Croix-Rousse para beber cerveja. Essas reuniões também, muito diferentes das freqüentadas pelos operários parisienses, marcadas pela movimentação e barulho. Ao contrário, em Lyon, a aparente tranqüilidade daquele povo, sua dispersão, e o fraco impulso, segundo Flora Tristan, em discutir interesses mais amplos de classe, fez com que ela duvidasse de que tivesse sido o agente de dois levantes na cidade.

Neste ambiente teria nascido Derrion, numa família de fabricantes de seda, atividade que durante um longo período impulsionou a vida econômica da cidade. A família habitava o bairro Croix Rousse, lugar onde instalaram-se vários dos estabelecimentos de

³⁵ Uma biografia bastante completa é a de Jean Gaumont. *Le commerce véridique et social (1835-1838) et son fondateur Michel Derrion (1803-1850)*, Amiens: Impr. Nouvelle, 1935.

fabricação de tecido e onde habitavam também, operários ligados a esta atividade. Durante a infância e a adolescência Derrion conviveu com as consequências da política de terror, implantada na cidade entre os anos de 1816 e 1817, período da segunda Restauração. Em consequência das arbitrariedades cometidas acirrou-se, na cidade, o ódio de classes. De um lado a média burguesia, comerciantes, negociantes e operários; de outro lado, os aristocratas e ricos proprietários. Este período coincide com o momento de prosperidade da indústria da seda que viria a ser abalado muito depois, durante a Revolução de 30, quando a concorrência com o produto vindo da Suíça fez-se sentir. As greves multiplicavam-se: em 1819 houve a paralisação dos tulistas, no mesmo ano e no seguinte, foi a vez dos chapeleiros que, em 1822, novamente, por duas vezes, insurgiram-se. Esses acontecimentos foram moldando o pensamento de Derrion para o social, até porque, no que se refere ao espaço ocupado por fabricante e operário, na chamada indústria da seda, não havia ainda, naquele momento, para a maioria dos casos, uma separação muito clara. O fabricante era, na verdade, mais um comerciante, que sequer dispunha de um atelier próprio e, por isto mesmo, os operários não estavam sob seu controle ou de seus contramestres. O fabricante comprava as sedas, as fazia preparar e, em seguida, as confiava a um tecelão, chamado chefe de atelier e este as tecia e as fazia tecer em seu próprio domicílio. Salvo algumas poucas exceções, o pequeno negócio era predominante e a concorrência avassaladora.

Em função talvez, da própria fragilidade do negócio, a mão de obra da tecelagem era tratada pelo preço da metragem, e não da jornada, e o valor estipulado antecipadamente, numa negociação entre o fabricante e o mestre. A este cabia a renegociação do preço com os operários para que do montante recebido, retirados os salários, o mestre recebesse uma parcela do benefício. Enquanto o mestre era proprietário dos instrumentos e domiciliado na cidade, a imensa maioria dos operários compunha-se de uma população flutuante que

passava por Lyon, Avignon e até Nîmes, em busca de trabalho e esta situação de indigência, muito provavelmente fez com que incidisse sobre o mestre uma pressão muito forte no sentido de enfrentar os fabricantes. Os mestres recorreram às autoridades e desde 1811 já havia a tentativa de fazer valer as tarifas estabelecidas e garantidas pelas autoridades e que, sendo reconhecidas e tornadas públicas, não podiam mais ser ignoradas pelos fabricantes sem a ameaça de um confronto.³⁶

A partir de meados da década de vinte, podemos notar na cidade, a movimentação dos operários no sentido de uma organização em defesa dos seus interesses. Pierre Chantier, um conhecido chefe de atelier de tecelagem de seda, criou a sociedade do Devoir Mutuel, com intuito de estabelecer um foco de resistência dos operários. Pelo fato de haver, na época, uma proibição legal de funcionamento de associações, organizavam-se como uma sociedade secreta. Com o aumento do desemprego, criaram um projeto de tarifas de salários, posteriormente submetido aos fabricantes, que o recusaram, apesar da aprovação do prefeito. Como consequência, houve uma greve geral, transformada em motim armado, e a população, depois de combates terríveis de rua, avançava sob a divisa *Vivre en travaillant ou mourrir en combatant*, apossando-se da cidade e de sua administração. Depois de uma semana de controle completo da cidade pelo movimento, os revolucionários, por inexperiência, acabaram perdendo suas posições e as autoridades foram reconduzidas aos seus postos. As tensões evidentemente persistiram e foi pouco antes do levante que a participação dos sansimoneanos junto aos operários tomou impulso em Lyon. Para aquela cidade haviam se dirigido os primeiros discípulos sansimoneanos como, Laurant, Jean Reynaud, Pierre Lerroux, com o fim de iniciar a propaganda da

³⁶ Dossiers Soult n° 1. Note du Ministre du Commerce et des travaux publics au Marechal Soult, nov 1831. 42AP22, ANF.

doutrina. Ali permaneceram quase três meses fazendo palestras que chégaram a alcançar a adesão de um público próximo a 2000 pessoas. Provavelmente, foi neste momento que Derrion, como Arthur de Bonnard e o próprio Mure, tomaram contato com as idéias de Saint Simon que incorporariam à sua maneira no seu pensamento social. A adesão dos operários viria por volta de 1832, quando assimilaram muitas das idéias propagadas pela militância sansimoneana em seu discurso e na sua forma de organização. Assim, utilizavam-se de expressões como associação e exploração do homem pelo homem, tipicamente sansimoneanas e fourieristas. Os sansimoneanos, inclusive, desde 1830 já praticavam as idéias de associação e chamavam para as suas experiências os operários.

O movimento iniciado pelos operários, caracterizado inicialmente, como movimento de reivindicação basicamente econômica, começava a evoluir para um posicionamento político da classe, agora mais preocupada em organizar-se independentemente dos burgueses e republicanos que a experiência havia lhes ensinado dos malefícios de uma tal aliança para os seus interesses próprios. Assim, crescia o movimento de idéias em Lyon, com muitos operários e intelectuais voltados para as questões sociais ocupando um lugar na imprensa também.

O levante de novembro de 1831 foi retomado em abril de 1834, quando houve uma baixa dos salários dando início a novos conflitos que culminaram, em 12 de fevereiro, numa greve geral, recrudescida em 22 de fevereiro, porque se dava ampla aplicação à lei Barthe, promulgada em 10 de abril, e que proibia as associações. O cumprimento estrito da lei havia levado a julgamento seis chefes mutualistas, fato decisivo para a ampliação do movimento. Em 9 e 13 de abril, a cidade transformou-se novamente, em um campo de batalha, com barricadas feitas pelos operários com janelas e portas arrancadas das casas e o pavimento arrancado das ruas. Estes levantes, iniciados em 1831, tornaram-se conhecidos

como a revolta dos *canuts*, como eram chamados os operários da seda. Apesar de ter permanecido restrito a Lyon e a sua vizinhança, gerou um grande impacto no país, conquistando também, a simpatia e adesão, apesar de mal sucedida, dos operários parisienses. Uma tal relação veio antecipar a questão posteriormente levantada por Marx, da necessidade de união dos operários, do estabelecimento de uma comunicação mundial mesmo, dos membros desta classe³⁷. De uma certa maneira, Flora Tristan também antecipou esta discussão quando percorreu a França na tentativa de convencer aos operários da necessidade de formação de uma União, tese defendida por ela no livro *Union Ouvrière*. Um embrião desta idéia talvez já estivesse em desenvolvimento antes, entre os próprios operários, que passaram a identificar Paris a Londres, Lyon à Manchester e Liverpool a Saint-Etienne.

Em 1834, em meio à guerra civil instaurada em Lyon, o que fazia Derrion? Ao que tudo indica, a ele não podemos atribuir uma participação ativa junto aos combatentes nos confrontos de rua, entretanto, optou, talvez por influência das idéias sansimoneanas (pertencia ao grupo sansimoneano *Compagnons de la femme*), por preservar uma postura pacifista. Então, teve a idéia de tornar público o seu projeto de organização social³⁸, que surgiu, segundo nos diz, da "dolorosa inspiração" dos choques de novembro de 1831 e fevereiro e abril de 1834, em Lyon. Ele havia presenciado o horrível espetáculo do confronto sem que dele pudesse ter percebido algum resultado benéfico para qualquer um dos lados vitoriosos numa e noutra ocasião. Entretanto, notava uma certa inquietação no meio operário, cada vez mais inclinado a reagir à opressão pelo uso da violência e, por isto

³⁷ Sobre os acontecimentos de Lyon ver Jean Gaumont, op. cit. e também Fernand Rude. *C'est nous les canuts*. Paris: Maspero (Col. Actes du Peuple), 1977; e do mesmo autor, *Les révoltes des canuts (1831-1834)*. Paris: Maspero (Petite Collection Maspero), 1982.

mesmo, dirigiu a ele o seu apelo de canalização de todos os esforços, num outro sentido, no das transformações pacíficas, como um meio eficaz de se passar de vítimas, incondicionalmente vencidas, a vencedores. Em nome das vítimas da guerra civil, conclamou também, os capitalistas e negociantes a unirem-se à obra de harmonização que propunha.

O ponto de vista de Derrion, parecia compartilhado por Rivière Cadet, estampador de tecidos, que na época dos acontecimentos de Lyon achava-se à frente de um estabelecimento que ocupava uma centena de operários. Inicialmente influenciado pelas correntes republicanas, havia pendido, mesmo antes da revolta, para o fourierismo, cujas idéias já difundia, em 1833, no *Echo de la Fabrique*. Através do jornal, e em conformidade com a doutrina fourierista, pregava que o mal é social, e não político, isto é, advém de uma organização viciosa ou da desorganização da indústria e do comércio, idéia idêntica à de Derrion. Para Rivière Cadet, um fator decisivo para a eclosão das revoltas é a miséria e, sendo esta fruto de uma forma social defeituosa, parecia lógico envidar esforços para mudar o social, verdadeiro núcleo da guerra de interesses. A política apresenta-se apenas como um reflexo disto e não como o ponto de partida das disputas. A cura para a doença instalada na sociedade não dependeria da utilização da força, alimentada por uma raiva cega que mata e destrói, mas o remédio eficaz seria fornecido pela inteligência ou, conservação do que foi conquistado até o momento e sua direção em benefício da sociedade. Do momento em que haja a harmonização de todos os interesses, o governo será constituído como uma

³⁸ Derrion, *Constitution de l'industrie et organization pacifique du comerce et du travail ou tentative d'un fabricant de Lyon pour terminer d'une manière definitive le tourmente sociale*, Lyon: Mme Durval, 1834.

administração de todos para todos ³⁹. Ao que parece, via nas instituições e nos poderes constituídos, um lado positivo e até necessário para a organização social, desde que se prestassem a um papel meramente administrativo visando o benefício do conjunto da sociedade. Na perspectiva de Rivière Cadet, o fourierismo apresenta-se como uma força oposta ao sansimonismo, corrente que havia pretendido uma reforma social com base em princípios errôneos como, por exemplo, abolição do direito à herança, destruição das liberdades e da individualidade, em nome de um sacerdote. A elite de intelectuais que aderiu ao sansimonismo é acusada, em geral, pelos fourieristas, de ter comprometido, com seus experimentos extravagantes, a palavra associação e ter implantado na sociedade o descrédito com relação à possibilidade de mudança, ou, pior do que isto, o riso. Os fourieristas, ao contrário, e até para revalorizar o conceito de associação, viram-se na contingência de reforçar o lado racional das fórmulas do seu discurso, conceder provas baseadas na lógica e no cálculo material para demonstrar a eficácia do método associacionista.

Para Derrion, do mesmo modo que para Cadet, a sociedade estava doente, e as medidas de cura, uma necessidade urgente pelo bem mesmo da sociedade inteira, independia de partidarismos. O remédio para combater o mal material causado pela produção e distribuição das riquezas de forma desequilibrada, seria uma "organização pacífica da indústria e do comércio". Este seria o primeiro passo dado na direção de uma mudança gradativa para uma sociedade nova. No seu entendimento, é na indústria manufatureira da seda de Lyon, o lugar onde aparecem mais abertamente as distorções do

³⁹ *Cour de Paris. Affair du mois d'avril 1834 (catégorie lyonnaise). Memoire justificatif presenté à la cour par l'accusé Rivière Cadet de Lors-de-Saulnier -imprimeur sur etoffes. Paris: Imprimerie de Bourgogne et martinet, 1835.*

sistema, as desigualdades. Por esta razão, tornara-se o primeiro alvo a ser atingido com as mudanças. Na concepção de Derrion, toda reestruturação econômica deve visar, antes de mais nada, o bem estar do trabalhador e isto pode ser traduzido nas seguintes medidas: criação de um fundo, pelos próprios operários, como garantia aos capitalistas que investissem no sistema cooperativo. A partir deste concurso dos capitais, seria fácil destinar às indústrias uma direção unificada, com vistas a eliminar a concorrência, principal motivo na queda dos salários no setor. Ao mesmo tempo, como medida de urgência, criar cooperativas de consumo dos gêneros de primeira necessidade, essenciais aos operários que veriam melhoradas as suas condições de vida através de uma recuperação do poder de compra dos seus salários. Como consequência imediata destas medidas emergenciais, Derrion vislumbrava um crescimento da produção e isto, por sua vez, acabaria por aproximar, ainda mais, o trabalho do usufruto do produto por ele criado. Ao apresentar o seu raciocínio objetivava convencer o capitalista a mudar o seu ponto de vista e perceber vantagens na concessão de garantias de toda espécie aos operários, uma vez que, ao contrário do que imaginavam, estas medidas poderiam elevar e aprimorar o processo produtivo.

As idéias propagadas por Derrion, já revestidas por um tom mais fourierista, causavam uma certa polêmica na cidade, mas isto não impediu que pusesse mãos à obra e lançasse, pela imprensa, um apelo à subscrição para a fundação de uma venda social de especiarias, que deveria dar início à reforma comercial. Ao projeto proposto, juntaram-se importantes figuras entre fourieristas, sansimoneanos, operários, chefes de atelier. Com as adesões e com a maior parte dos recursos empregados por ele mesmo, abriu uma sociedade por comanditas, da qual tornou-se o gerente. Em pouco tempo montou a loja de venda no

atacado de comestíveis e produtos domésticos, em que o comprador usufruía anualmente dos benefícios. A este tipo de empreendimento batizou-se com o nome de *commerce véridique*, porque o controle por uma *Commission de Surveillance* gabaritada, assegurava a lealdade, a honestidade de todas as operações da empresa e garantia a participação dos associados, e do próprio comprador, no negócio, além de evitar as fraudes comerciais.

A perspectiva de Derrion parecia levar em consideração a situação grave da indústria na cidade, multiplicada em um grande número de pequenos negócios que não podiam sustentar-se num confronto cotidiano no mercado e, nos anos trinta, perdendo suas posições no mercado externo, para os produtos fabricados por estabelecimentos maiores, em maior quantidade e a preços mais convidativos. Esta concorrência fazia a indústria de Lyon manter-se inativa em certos períodos por não poder trabalhar a troco de perda. Mas o projeto do *commerce véridique* aponta que a perspectiva de Derrion era de que a indústria devesse ser regulada pelo comércio, a produção pelo consumo e que todo negócio favorecesse a sociedade e, sobretudo, os operários.

Na organização proposta por Derrion, o papel desempenhado pelo capitalista, foge do modelo tradicional, limitado pelo egoísmo opressor. Ao invés disto, caberia a ele as atribuições de executivo, porém aos operários seria reservada a função de direcionamento das condutas do executivo. As sociedades mutualistas, os representantes dos operários, participariam ativamente junto ao executivo e respaldados por uma legislação e instituições voltadas para atender às suas necessidades. Enfim, nas teses do gênero, alguns estudiosos vêem uma aproximação entre este embrião de fourierismo e o nascimento do movimento cooperativista na França, hipótese muito contestada, por outro lado. As polêmicas suscitadas pelo assunto são de difícil solução, porque até para o próprio Fourier, a sociedade é um organismo complexo que ultrapassa o mundo restrito da cooperativa, ao

mesmo tempo o sistema *garantista*, admitido por ele, preserva suas diferenças com relação à cooperativa. Na verdade, Derrion montou seu projeto tendo como fonte de inspiração, em primeiro lugar, Saint-Simon, principalmente na concepção de uma estrutura econômica-social, baseada nas ciências positivas e na concessão da função executiva aos detentores do conhecimento. Distancia-se de Saint Simon quando enfatiza a preponderância do comércio sobre a indústria. A idéia de criação de um fundo pela própria cotização dos operários pode ser encontrada também em Flora Tristan, considerada como uma personalidade do mundo fourierista. Quanto à concepção de trabalho e à sua organização, como no âmbito da distribuição das riquezas, são frutos do pensamento de Fourier, estes são indicativos de que para o próprio Derrion o seu sistema nada mais representava do que um primeiro passo no sentido de mudanças estruturais mais abrangentes e, por outro lado, que desenvolvia uma visão particular das teorias de Fourier e Saint Simon. Na verdade, para aquele período, o conceito de associação tornara-se, em certa medida, universal, pois era aceito e utilizado tanto pelos republicanos da Société des Droits de l'Homme, como pelos sansimoneanos, fourieristas e também pelos tecelões do Devoir Mutuel e Derrion nada mais fez do que se aproveitar desse ponto comum de contato para aplicar o conceito ao projeto de reforma industrial e com isto estabelecer uma via conciliatória ⁴⁰. As suas idéias e a sua participação no movimento fourierista e na imprensa (escrevia num jornal lionês intitulado *l'Indicateur* e era membro correspondente da *Correspondance Harmonienne*, participante, até 1838, como secretário do centro de Lyon da Union Harmonienne) levaram as autoridades a mantê-lo sob vigilância.

Por volta de 1838, o estabelecimento de *commerce véridique*, que nos anos

⁴⁰ Ver Gaumont, *op. cit.*

anteriores ia de vento em poupa, ruiu, e Derrion afundado em dívidas e problemas pessoais rumou para Paris, cidade em que se mantinha em condições precárias, mas onde pode dar seguimento à sua militância dentro da dissidência fourierista. Ao que parece, as idéias de Derrion encontraram apoio na dissidência fourierista (mesmo sem conquistar unanimidade), sempre disposta a acolher qualquer projeto voltado para o social e inspirado, ainda que superficialmente, nas idéias do mestre. Por outro lado, foi no contato com os fourieristas, que Derrion passou a lapidar o seu pensamento. O jornal *Nouveau Monde*, sobre o qual falaremos adiante, respaldou alguns projetos de Derrion, como, por exemplo, a *Petition de six cents phalanstériens aux Chambres de 1840*. Neste documento, Derrion preocupou-se em expor às autoridades a teoria de Fourier e pedir o seu exame, além de um adiantamento de capitais para a fundação de um falanstério de 400 a 1.800 famílias. Com pretensões de organizar-se como o primeiro experimento de falanstério, a proposta de Derrion respeitava o modelo proposto por Fourier, na tentativa de reunir famílias desiguais em fortuna, idade e temperamento. Entre os seiscentos signatários achavam-se funcionários, artistas, proprietários e diversos membros da *Correspondence Harmonienne*. Uma iniciativa tão ousada exasperou o grupo do *La Phalange*, que protestou veementemente alegando tratar-se de uma demanda prematura cujo único efeito seria o de comprometer a École Sociétaire, além de provocar o riso apenas em ouvir-se a palavra falanstério ⁴¹. Sobre este temor, os redatores do *Nouveau Monde* responderam afirmando uma crença maior na ciência social e interpretavam o episódio apenas como a confirmação do fato de que "a trindade *legítima* [Considerant, Clarisse Vigoureux e Just Muiron] não quer renunciar a seu cetro despótico" e, a partir disto, seria útil demonstrar "tudo que há de ridículo na organização desta

⁴¹ *Nouveau Monde*, 1, 11 e 21 de março de 1840.

autoridade sem autoridade" (...) ⁴².

O jornal *Nouveau Monde* tornou-se um dos principais incentivadores dos projetos de realização, apoiando abertamente Citeaux, Brasil e Texas, além de propostas em menor escala, como a da fundação, em Paris, da *Unité de la Propagation Phalanstérienne selon le mode composée*, estabelecida por Arthur de Bonnard. O projeto consistia num estabelecimento de *commerce véridique* que recebia as demandas dos produtos e, ao mesmo tempo, fazia as ofertas, sem outros intermediários entre produtores e consumidores.

A intenção de Bonnard era a de engrenar, na França, Metz, Lyon, Cluny, Macon, Dijon, Louviers, Elbeuf, Marselha, Bordeaux, Brest e, no exterior, Nova York, Londres e os falansterianos do Brasil que passariam a fazer parte da casa de Paris como sucursais. A ambição de Bonnard era divulgar a teoria através de uma prática. Este novo modo de propaganda consistia na formação de várias empresas garantistas, em comunicação umas com as outras, de cujo desenvolvimento progressivo imaginava acarretar o fim da civilização. Para o incremento desta operação de *Commerce véridique*, os falansterianos deviam organizar-se em grupos admitindo neles alguns membros da elite. Isto feito, o grupo formado procuraria engajar-se a vários outros, preenchendo múltiplas funções de tal forma a criar uma aproximação serial entre eles próprios. Assim, aos poucos, os falansterianos substituiriam "os abutres e outras aves de rapina do comércio" (...) ⁴³.

Em meio à diversidade de propostas apresentadas pela dissidência tendemos a perceber que seu modo de ação realizou-se de forma dispersa, porém é através da análise da sua diversidade que podemos construir um perfil da totalidade dos adeptos das idéias de Fourier e, ao mesmo tempo, esclarecer para nós quais os aspectos da teoria que se tornaram

⁴² *Faits Divers*, *Nouveau Monde*, 1 de março de 1840.

⁴³ *Nouveau Monde* 15 de dezembro de 1841.

mais relevantes ou de caráter mais utilitário naquele momento. Nesse sentido, a questão do falanstério parecia distante, e o mais urgente seria a busca de projetos de execução parcial, como as *boulangeries véridique*, os *commerces véridiques*, etc. Além disto, não havia, para muitos dissidentes, nenhum problema em posicionar ao lado de Fourier, figuras como Owen e Saint Simon, ambos muito criticados por Fourier, diga-se de passagem, mas a quem, julgavam, seria justo reconhecer o mérito por terem caminhado no mesmo sentido, na busca dos meios positivos da ciência social ⁴⁴. É preciso lembrar que entre os discípulos mais notáveis de Fourier havia ex-saint-simoneanos e, entre os operários, muitos de origem lyonesa, as idéias de Saint Simon há muito haviam frutificado. Dentre os imigrantes vindos para o ensaio brasileiro podemos citar Derrion e o próprio Benoit Mure, que inclusive contraíra matrimônio com a filha de Bazar, chefe do culto saint-simoneano.

Dissidências dentro da dissidência

Quando, em 1839, Considerant candidatou-se às eleições legislativas, isto originou novas dissidências. Em junho de 1839, Jan Czynski ⁴⁵ e Mme. Gatti de Gamond lançavam o jornal *Le Nouveau Monde*, dirigido por Czynski, periódico que inicialmente aparecia três vezes por mês. O pedido de permissão, junto às autoridades, para a publicação e circulação do jornal, havia sido feito pelo sapateiro Laurant Heronville, em 14 de junho de 1839, em

⁴⁴ *Première Commemoration du jour de naissance de Charles Fourier*, Paris: Imp. de Lottin de Saint Germain, 1838, p.16-17, fonds fourieristes, 14AS8(9), IFHS.

⁴⁵ Czynski nasceu em Praga em 1801, numa família de origem judaica, porém convertida ao catolicismo. Formou-se em Direito pela Universidade de Varsóvia. Em 1830 participou ativamente da insurreição na Polônia quando defendia a liberdade de seu país, mas também a igualdade social e política a todos os poloneses. Com o fim do movimento exilou-se na França onde tomou contato com o círculo fourierista por volta de 1834. Neste contato abandonou suas idéias republicanas e igualitárias, apesar de manter relações com cabetistas. Para uma biografia mais detalhada deste combativo fourierista ver: Michael D. Sibalis; "Jan

virtude da posição de Czynski como exilado na França e ativista pela libertação da Polônia. Entre os membros do conselho do *Nouveau Monde* podemos notar também, o nome de Benoit Mure a quem franquearam suas colunas para que pudesse fazer a propaganda da homeopatia.

Depois de alguns meses de circulação, um contrato fora firmado entre Czynski e Heronville, com o fim de transformar o jornal numa sociedade por ações (300 ações de 300 francos cada), sociedade esta em que os associados receberiam de acordo com o talento, o trabalho, e aos assinantes caberia um vigésimo dos benefícios. Contra tal associação, insurgiu-se o grupo da *Correspondance Harmonienne*, pois via no projeto uma obra de caráter privado e clamava, em nome de Brac de la Perrière, pela substituição desta idéia por outra, baseada no modelo cooperativista defendido pelos harmonianos ⁴⁶.

Mme. Gatti de Gamond tornara-se uma figura expressiva dentro do movimento fourierista, chegada a estas idéias pela via do sansimonismo. De origem belga, parecia próxima ao círculo de fourieristas lioneses. Autora de diversos livros sobre a teoria de Fourier, logo passou a questionar alguns dos seus conceitos, principalmente quanto à questão das mulheres e às liberdades amorosas no falanstério. Por conta destas divergências, teria rompido com a École Sociétaire, associando-se a Czynski e fundando com ele o jornal *Le Nouveau Monde*. Por questões relacionadas ao modo de realização, acabou distanciando-se de Czynski e passou a admitir publicamente, as suas discordâncias com Fourier. Mais interessante do que o falanstério proposto por Fourier, ela acreditava ser as instituições de Fellemborg na Suíça, ou ainda as novas propostas trazidas pelos grupos em torno do *commerce véridique* que interpretavam como realização os projetos de

Czynski: Jalons pour la biographie d'un fouriériste de la Grande Émigration polonaise", *Cahiers Charles Fourier* (6), Besançon: Société Charles Fourier, 1995.

associação de consumidores, no lugar da associação de produtores e industriais num falanstério.

Além da relação conflituosa com membros da dissidência, Czynski viu suas relações com Considerant estremecerem a partir de 1839, quando publicou o seu livro *Avenir des Ouvriers*, diretamente endereçado a esta classe, o que provocou uma resposta do grupo da *Phalange* nos seguintes termos: "A teoria de Fourier é uma ciência e uma ciência endereça-se apenas aos homens esclarecidos que podem julgá-la; ela não tem nada a esperar das classes pobres e ignorantes quanto ela não tenha a lhes apresentar um Ensaio pratico" ⁴⁷. A polêmica com Considerant estendeu-se, ainda, por conta do pedido feito por Czynski, na Bélgica, para a reimpressão da obra de Fourier, em virtude do chefe da *École Sociétaire* ter adiado a reedição das obras a baixos preços. Desta vez, a resposta da *Phalange* revestiu-se de uma fúria insana, que não hesitou em qualificar Czynski de "parasita" e "Judeu polonês refugiado", um explorador cuja atitude visava retirar os benefícios que seriam revertidos para a causa falansteriana. A resposta de Czynski foi mais elegante e plena de ironia ao comparar a figura de Considerant à do diabo que trancafia os manuscritos num cofre misterioso onde são velados por sua corte como "um tesouro perigoso". Satan, muito consciente do perigo da descoberta, repete: "Escondei, escondei bem estes livros: do dia que eles sejam conhecidos, nosso reino é findo" ⁴⁸.

Desde o princípio, o jornal *Nouveau Monde* havia se colocado em oposição flagrante contra o *Phalange*, mas em função de um outro problema: o fato do seu oponente ter entrado no debate político e por ter imprimido à propaganda um perfil elitista. O novo grupo, além de frisar o desejo de Fourier em manter o total distanciamento quanto às

⁴⁶ Idem p. 69.

⁴⁷ Apud, Sibalis, artigo citado, p.67.

questões políticas e religiosas, ainda mantinha-se fiel a uma divulgação de caráter popular, que pudesse ser dirigida indistintamente, tanto aos ricos como aos pobres. Acreditavam que o primeiro ensaio não seria tarefa para um único homem, mas sim o resultado de um esforço coletivo que, inclusive, se tornara crescente com a penetração da teoria no domínio público. O adiamento da realização devia-se, sobretudo, à insistência em dirigir a propaganda apenas aos ricos e contar exclusivamente, com o seu concurso. Para reverter este quadro, o grupo formado em torno do *Nouveau Monde*, acreditava que seria preciso lançar um apelo geral, propondo ações ao alcance de todos ⁴⁹.

O diretor do jornal também estabeleceu a *Librairie Sociale*, em Paris, na rue de Seine, com o propósito de publicar e divulgar as obras dedicadas à economia política, à ciência social e tudo que dissesse respeito ao sistema de Fourier, seja do ponto de vista intelectual, seja do ponto de vista material. Todas as obras de Fourier, e de seus discípulos, poderiam ser encontradas ali e a preços acessíveis.

Em 1841, Czynski cederia a Arthur de Bonnard os seus títulos do *Nouveau Monde*, com o fim de dar prosseguimento a uma nova linha de propagação que se mostrasse eficiente na tarefa de reunir os vários grupos esparsos. Todavia, os projetos de grande porte de Bonnard, acabaram levando à falência o jornal, cuja circulação ficou interrompida por um período de 14 meses, quando ressurgiu tendo seu antigo diretor à frente. Em 1844, o jornal convertera-se num periódico de incentivo ao ensaio societário tendo como um de

⁴⁸ Idem p. 67-68.

⁴⁹ *Almanach Social*, publié par la Librairie Sociale, 1840, p. 57-61, fonds fourieristes, 14AS8(4), IFHS.

seus redatores Junin.

É de suma importância sabermos exatamente o que os falansterianos visam dizer quando declaram-se fora da política. Uma matéria não assinada do *Nouveau Monde* parece bastante elucidativa sobre o assunto, em que desvincula a ciência social da política nos seguintes termos:

"... Abram os livros de Machiavel, o maior de todos os políticos, e diga se eles parecem-se em algo àqueles de Fourier. O fundamento da política é este axioma: Dividir para reinar. Todo o pensamento dos socialistas pode resumir-se assim: Associar para libertar.

E, se queremos tomar a palavra *politica* na acepção moderna, no sentido mais geral que lhe deram a revolução francesa e a imprensa, podemos além disto pretender que esta política pareça à NOSSA CIENCIA? (...) Ai! Enquanto nós associamos, ela revoluciona; enquanto nós afirmamos, ela nega; enquanto nós organizamos, ela destrói; (...) nós não somos (...) de mesma origem. Ela é filha da filosofia do século XVIII, nós somos filhos da revelação religiosa universal..."⁵⁰.

A política, na abordagem dos fourieristas, é tomada como um elemento isolado e sem outra função que a de instrumento de opressão, enquanto o instrumento a serviço deles é a ciência social, pautada na religião universal representada pelo conceito de harmonia. Isto não quer dizer que o jornal não fosse político, tanto era que, em 1840, sofria um processo exatamente por este motivo. Do ponto de vista da legislação francesa, o *Le Nouveau Monde* tinha por objetivo

"demonstrar a necessidade de substituir uma nova organização social àquela que existe; de levar os trabalhadores a uma associação geral, em lhes prometendo um conforto e uma felicidade que eles não poderiam encontrar no estado atual de nossas instituições, de nossa moral, de nossos costumes..."⁵¹.

Talvez toda esta manifestação contrária à política, levada a efeito pelos fourieristas, em geral, tivesse como fundo o temor da repressão e a aniquilação do movimento, a exemplo do que acontecera anos antes aos saint-simoneanos. Talvez por este caminho

⁵⁰ "La Science Sociale n'est pas la politique", *Nouveau Monde*, 21 de junho de 1840.

⁵¹ "Procès du Nouveau Monde", *Nouveau Monde*, 21 de junho de 1840.

possamos compreender o documento, surgido nos anos 40, e dirigido aos amigos de nossas idéias ⁵². Os conselhos ali são de jamais conferir às reuniões de falansterianos um caráter de franco maçonaria, ou de seitas e associações proibidas pela lei. Nas reuniões, evitar as longas discussões sobre metafísica, que não apontem para resultados satisfatórios; do mesmo modo as questões de religião porque a doutrina deve colocar-se acima disto. As questões de cosmogonia devem ser abordadas como curiosidade e não como fato incontestável, para não afastar os recém chegados e dar-lhes a oportunidade para o amadurecimento do seu pensamento e a absorção voluntária da doutrina. No campo da política, sobretudo, evitar oposições sistemáticas, e fazer a defesa dos direitos de todos, governantes e governados, em nome da aliança. Por este documento podemos figurar que toda a dissidência entregava-se a práticas condenáveis.

Um outro órgão de difusão do pensamento dissidente surgiu depois do processo movido contra o *Le Nouveau Monde* e que havia tornado sua publicação irregular. Era o jornal *Le premier Phalanstère*, fundado também por Jan Czynski, em 1841, com circulação mensal, e dirigido posteriormente por Storm. O objetivo da nova folha parecia bem definido: realizar o falanstério de crianças, idéia acalentada por Fourier nas suas últimas obras. Na verdade, Czynski via na criação de uma casa rural de aprendizagem agrícola e industrial, um modo de operar, pela educação, uma transformação moral nos seres humanos desde a tenra idade. Para tornar o projeto viável, o jornal formou um comitê de subscrição e realização com o fim de arrecadar os fundos necessários e cuidou também, de fazer publicar uma brochura intitulada *Phalanstère d'Enfants*. Afora o empenho dirigido à causa da realização, o jornal propôs-se a promover e recomendar o trabalho dos operários a ele

⁵² *Nature des relations que les amis de nos idées doivent établir entre eux*, 184..., impresso, fonds fourieristes, 14 AS6(50), IFHS.

ligados, na França ou no exterior, como forma de assegurar-lhes trabalho e reconhecer e incentivar o esmero na profissão. Isto, por outro lado, proporcionou um tipo de coalizão de socorro recíproco entre os operários, fato que deve ter despertado algum tipo de reação, pois mais tarde o jornal viu-se na obrigação de explicar o seu ponto de vista sobre o assunto, nos seguintes termos:

"Nós somos inimigos da coalizão dos operários; porque a coalizão é igualmente perniciosa para os chefes dos estabelecimentos e para os trabalhadores. A coalizão leva a ruína das casas que, caindo, esmagam aqueles que ali encontravam asilo. Também, jamais nós prestaremos nosso apoio a esta liga hostil que arma os operários contra seus mestres. Mas se os trabalhadores, animados por um espírito de conciliação, sem prejudicar aos patrões, procuram garantias contra a miséria, contra a fome, longe de combatê-los, nós aplaudiremos a seus esforços, e nós trataremos de ajudá-los por todos os meios dos quais pudermos dispor"⁵³.

O jornal chamava atenção para os benefícios advindos de um esforço conjunto entre patrões e operários, a exemplo do que aconteceu aos operários fabricantes de botas, no sentido de assegurar-lhes o trabalho e prestar-lhes seguro durante a baixa estação, em caso de doença e na velhice. Inspirando-se neste modelo, o jornal havia criado o escritório de oferta de empregos, que julgava uma iniciativa útil para as duas partes, e, sobretudo para o lado mais frágil da relação, na medida em que os operários participantes contribuíam para uma caixa de socorros mútuos. Pouco tempo depois de ter sido lançada, esta iniciativa retumbou entre os trabalhadores de Lyon ligados à escola falansteriana e reunidos também, numa sociedade de socorros mútuos.

O *Le Premier Phalanstère* abriu ainda, espaço para a discussão sobre a emancipação da mulher, tornando-se simpático da idéia de conceder às mulheres um papel equivalente ao do homem na luta pelos direitos e contra a escravidão de todas as formas e, na igual participação no movimento de regeneração social. Embora houvesse uma imensa

⁵³ "Influence de la Science sociale sur les travailleurs", *Le Premier Phalanstère*, 15 de março de 1841.

disposição em liberar as mulheres, estas idéias, como, aliás, muitas outras defendidas pelos fourieristas, estavam muito adiante do século e, na prática as mulheres estavam submetidas. Por outro lado, pela sua própria condição de dependência, elas retraíam-se diante de tais expectativas, seja por sentirem-se incapazes de avançar, seja por encontrarem quase nenhum espaço para intentá-lo. Emilie Brazier compreendia bem este entrave e, num de seus artigos observou que:

"Esta tarefa que nós nos designamos, tão nobre e doce que ela é, não é, entretanto, senão transitória; nós sabemos bem que, malgrado seus meios nós permanecemos sempre em tutela; é preciso que seja assim: o tempo de uma emancipação radical aproxima-se, mas ainda não chegou. Admitamo-lo francamente, nós não estamos preparadas para usufruir imediatamente da liberdade que nós ambicionamos [o homem] não hesitará mais a nos assegurar uma independência que, em fazendo nossa felicidade, fará também a sua" ⁵⁴.

Um estudo mais aprofundado do conjunto da dissidência ainda está por ser escrito porque, além destes grupos citados aqui que tiveram uma maior visibilidade, havia outros, menos expressivos, dos quais pouco se sabe, como por exemplo, o dos *newtonistas*. Além disto, um grupo de operários reunia-se para divulgar a teoria em Paris e atrelava-se aos vários grupos de fourieristas dissidentes. Fugères, gravador, discutia com os operários do seu atelier a ciência social. Encontros com esta finalidade aconteciam em Belleville e deles participavam Content, Stourm, Lerois, Thiebaut, Boissy, Lenoir, Leroi e Confais, que servia no Café Phalanstérien. De um modo geral, os falansterianos conferiam uma enorme importância às suas reuniões e todo primeiro domingo de cada mês promoviam um banquete que durante o verão realizava-se em Belleville, na Ile d'Amour e, no inverno, no Palais Royal e nessas ocasiões os discípulos tinham a oportunidade de proferir discursos e apresentar seus cantos poéticos. O fato de aderir à teoria de Fourier, implicava algo além da assimilação dos seus conceitos básicos, isto é, induzia o indivíduo numa sociabilidade

levando-o a viver como um falansteriano.

Outros operários como Vinçares, Reynier e Rouffinel, sansimoneanos que aderiram ao fourierismo, trabalhavam também, ativamente na propaganda, e participavam dos banquetes comemorativos de nascimento de Fourier e bailes, contribuindo para a decoração dos salões, escrevendo canções e poesias e engajando-se nos projetos de realização. Rouffinel inclusive, que trabalhava com pinturas decorativas, esteve entre os falansterianos vindos ao Brasil e Reynier, que anos antes estivera ligado a Derrion no estabelecimento de *commerce véridique*, em Lyon, ajudou Mure a arregimentar os operários lioneses para o empreendimento da colônia do Saí. Outros operários, como por exemplo, o ebanista Andron, partiam para realizações por conta própria. Andron foi o idealizador da *boulangerie véridique*, projeto apoiado pelo *Nouveau Monde*, em que havia a associação de operários no negócio onde todos recebiam de acordo com o trabalho o talento e o capital empregado. Este projeto teve uma grande repercussão e inspirou a outros semelhantes, fazendo dos trabalhadores sócios e ao mesmo tempo consumidores dos produtos. Assim surgiram, por exemplo, projetos de *librairies véridiques*, ou as idéias de subscrição para publicações populares, como as de Jamain, mecânico, que também esteve no Brasil. Mas, estes projetos ficam muito a dever a Derrion, responsável, quando em Lyon, pela demonstração da aplicabilidade da associação com o projeto do *commerce véridique*. Havia ainda operários que tendo se instruído dedicavam-se à discussão e publicação das idéias sociais e da condição operária. Este é o caso, por exemplo, da própria Flora Tristan, muito próxima dos fourieristas.

Em suma, o movimento e diversidade de idéias levados a efeito pela dissidência,

⁵⁴ Emilie Brazier. "Aux Phalanstériens", *Le Premier Phalanstère*, 15 de março de 1841.

apontam para muitas questões. Em primeiro lugar, as disputas ocorriam em diversos níveis; em direção ao centro de Paris, mas também entre as várias facções e, muitas vezes, dentro de uma mesma facção. Entretanto, na perspectiva da maioria dos próprios fourieristas, as divergências são componentes necessárias, até inerentes aos relacionamentos humanos e, encaradas com tal naturalidade, devem propiciar um terreno fértil do qual tendem a surgir bons frutos. Uma das pilastras principais do pensamento de Fourier é a concepção da diferença como elemento necessário na composição de um todo harmônico. Isto explica porque Tandonnet apoiava Considerant, mesmo separando-se do seu grupo e, posteriormente, manteve com ele uma relação de amizade muito próxima, como comprova a correspondência entre eles.

Se aos olhos de Considerant a divisão do movimento o enfraquece, por outro lado, esta multiplicação lhe dá uma direção inesperada, enraizando-o mais profundamente no meio operário. Quando isto acontece, emerge para primeiro plano a discussão da necessidade e da solução imediata do problema da miséria e isto vai conferir à teoria múltiplas dimensões. Cada um que dela se apossa lhe conferirá um conteúdo específico, como Derrion, mais voltado para uma solução no plano econômico, e Benoit Mure, mais voltado para a inventividade e a espiritualidade, os operários, mais apegados à ação imediata, os ex-saintsimoneanos, por sua vez, viam no fourierismo a possibilidade de realização dos objetivos de Saint Simon, mesmo diante das claras diferenças que os separavam e em diversas ocasiões salientadas pelo próprio Fourier. A carta de Cazeaux a Jules Lechevallier, por exemplo, é a comprovação das expectativas de alguns saintsimoneanos em ver no movimento fourierista uma continuidade com relação às idéias defendidas por Saint Simon. Ali, são lembradas as idéias compartilhadas pelos saintsimoneanos, tais que uma concepção de Deus como espírito e matéria, em que todas as

individualidades se dissolvem, a unidade da família, a extinção dos privilégios de nascimento, uma hierarquia baseada na vocação, no talento e no sentimento, recompensa segundo as obras, crescimento moral, intelectual e físico dos pobres; e tudo isto parece aproximar as duas teorias em questão. Cazeaux traçava todos estes paralelos com satisfação:

"Eis porque eu estou encantado em ver, pelo prospecto do jornal *Le Phalanstère*, que você e Transon são os principais redatores deste jornal destinado a fazer valer a teoria do Sr. Charles Fourier, e a provocar a fundação de uma falange agrícola e manufatureira. Como este objetivo é perfeitamente saint-simoneano, eu apresso-me de vos anunciar que eu quero me interessar pela sociedade de propagação, e em consequência eu venho pedir que me inscrevam com três ações de cem francos (...)"⁵⁵

Diante destas questões objetivas paira no ar uma dúvida sobre o grau de influência de outras teorias e doutrinas no movimento fourierista e também, sobre o seu grau de similaridade com elas, até porque muitos novos fourieristas assimilavam o pensamento de Fourier pelo que conheciam das teorias e sistema de Saint Simon⁵⁶. Isto nos remete, por outro lado, à observação do distanciamento enorme existente entre a conduta dos falansterianos e os escritos de Fourier que pensava a transformação moral do homem como o resultado de uma nova estruturação do mundo e vice versa. A teoria e a prática formam um todo indissociável no seu pensamento. Os falansterianos, por seu turno, incapazes de encontrar o elo entre pensamento e ação, condenavam a política como uma paixão, um vício da civilização, porém entre eles mesmos não souberam agir de maneira diferente. Talvez nisto possamos apreender a razão de Fourier que percebia os homens como vítimas das suas próprias ações.

Sem dúvida nenhuma, as previsões de Considerant sobre os malefícios para o

⁵⁵ Carta de Cazeaux enviada à Jules Lechevallier, de Bordeaux, 14 de junho de 1832, fonds fourierristes, 14 as 37, ANF.

movimento da produção incessante de cisões se confirmaram e, em meados dos anos 40 os dissidentes foram tendendo à união com o Centro, e Considerant também foi cedendo às idéias deles, isto é, tornou-se mais receptivo à idéia da realização. Finalmente, entre Considerant e os outros, Fourier não escolheu nenhum dos lados.

⁵⁶ Carta de Contant (agricultor) a Considerant, Brest 27 de agosto de 1836, fonds fourrieristes, 14 as 37, ANF.

O DOUTOR MURE

O personagem mais enigmático da nossa história talvez seja o Dr. Mure. Sua vida foi marcada por uma atividade intensa, permanentemente alimentada por uma paixão desmedida pelo ser humano, para quem imaginava um dia ver realizar um mundo que representasse o resultado de um completo entendimento entre a matéria e o espírito.

A tentativa de recuperar neste breve capítulo a história de vida de Mure tem como objetivo trazer para o leitor o perfil de um fourierista dissidente peculiar, num certo sentido, porém bem característico de uma ala do movimento, dissidente ou não, mais intelectualizada e voltada para o espiritualismo. O espírito romântico, aventureiro, do doutor, espelha ainda, as características marcantes do século XIX em que faziam sucesso relatos de viagem, descrições fantásticas de mundos desconhecidos, a inspirar, em contraposição à exploração e dominação colonialista, as idéias de interpenetração cultural. Se o relato que apresentaremos a seguir lembra, pelo aspecto dramático, os temas de ópera, é esta a verdadeira intenção de nossa parte para expressar com mais fidelidade, o modo como, não apenas Mure, mas boa parte dos fourieristas, emprestava à política uma dose de lirismo. Os arroubos do nosso personagem, o heroísmo que emprestava à ação diante dos obstáculos à sua frente, são, de resto, os distintivos dos revolucionários.

Jules Benoit Mure, para os brasileiros simplesmente Bento Mure, nasceu em Lyon a 4 de maio de 1809. O seu pai havia se estabelecido na cidade como comerciante que fez

fortuna com a venda de crepe e de seda. A mãe de Mure, Mme. Boissard pertencia a uma das famílias abastadas da cidade e com o dote que trouxera com o casamento, ajudou a impulsionar os negócios do marido.

A espera ansiosa de Mme. Mure pelo nascimento do seu primeiro filho foi marcada por um acontecimento inesperado. Jules Benoit Mure nasceria no sétimo mês de gravidez, com apenas um quarto dos pulmões funcionando. Conseqüentemente, o estado de saúde da criança inspirava cuidados e, manteve-se, por toda vida, debilitado. A fragilidade do filho fez com que os pais, desde cedo, o cercassem de todas as atenções e quando chegou à idade de instruir-se, buscaram os serviços de uma professora e uma governante.

Em Lyon, os Mure viviam em uma casa na rue Sébastien, mas possuíam também uma outra propriedade nas proximidades, em Fontaine-sur-Saône, onde passavam temporadas com vistas a proporcionar ao filho uma melhor qualidade de vida. Deste lugar Benoit Mure guardou, durante a vida, as mais belas recordações de infância, do tempo em que ali se ocupava com brincadeiras e estudos. Tanto apreciava estar lá que com o passar dos anos fez da casa um refúgio para a meditação, bem como para desfrutar do prazer das longas caminhadas pelos jardins. O lugar tornava-se, cada vez mais, parte integrante da vida de Mure a tal ponto que demonstrou uma grande mágoa pelo fato do pai ter vendido a propriedade. Numa ocasião teria desabafado "Meu pai vendeu esta vila, ele não quis dá-la a mim como dote; eu teria abandonado uma parte de minha fortuna por este campo tão cheio de recordações de minha juventude"¹.

Se compararmos com o exemplo de Derrion, a vida de Mure transcorria num ambiente diferente, de uma burguesia mais abastada, apesar da família de ambos dedicarem-se, em Lyon, ao comércio de tecidos.

Os cuidados e atenções de que Mure fora cercado, não conseguiram evitar a afecção por uma doença grave, a tuberculose pulmonar, diagnosticada já em estágio avançado. Uma longa e dispendiosa peregrinação aos médicos famosos da época teve início, sem que nenhum pudesse dar esperanças de recuperação. Sem o conhecimento de um tratamento eficiente que pudessem recomendar, os médicos aconselharam simplesmente, uma viagem para a Sicília, onde o clima ameno poderia atenuar os efeitos da doença. Aos 23 anos de idade, o jovem Mure havia sido, portanto, desenganado pelos médicos.

Por esta época, partiu da França, a contragosto, para hospedar-se em Palermo na casa de Santo-Noscia, um chefe de família, que lhe cedeu um quarto. Doente, entristecido e sem esperanças, certa vez, passeando pelas ruas de Palermo, encontrou numa livraria, um livro sobre homeopatia, uma das edições do *Organon* de Hahnemann. Esta descoberta reativou-lhe o ânimo porque podia depositar suas últimas esperanças de cura na nova ciência que, além do mais, vinha sendo praticada, com pleno êxito, em Lyon, pelo conde Sebastien des Guidi. Sem perda de tempo decidiu retornar à sua cidade natal e iniciar o tratamento.

O seu retorno coincidia com o período de difusão das idéias sansimoneanas em Lyon e talvez, neste momento é que tenha aderido às novas idéias.

Aos cuidados do conde, Mure encontraria um pronto restabelecimento e surpreso comentou posteriormente, que via o medicamento como

"uma potência que tomava pouco a pouco possessão do meu organismo, e parecia caçar nele o mal passo a passo. Um dia eu sentia meu apetite renascer, depois minhas forças reerguerem-se; o sono, que eu quase não conhecia mais vinha visitar-me, minhas cores voltavam, e a influência de minha vida que se reanimava comunicando mesmo ao meu espírito um vigor, um impulso não costumeiro"².

¹ Charles Janot, *Benoit Mure*, sem referência completa.

² Dalibert, *Histoire de l'Homoeopathie en Sicile*, Paris: Imprimerie de Mme Lacombe, s.d., p.6.

Maravilhado com a eficácia do tratamento, passou a interessar-se pela nova ciência que o havia resgatado para a vida e, em poucos meses, já dominava os seus princípios básicos.

A afinidade existente entre Mure e o conde talvez tivesse origem no fato de terem partilhado uma experiência semelhante com relação à homeopatia. A esposa do conde Des Guidi ³ esteve muito doente em Nápoles, e foi curada ali pelo Dr. Romano, médico homeopata. A partir disto, o conde teria se tornado um, entre os incontáveis entusiastas e mensageiros da nova ciência, na Europa do séc. XIX.

Com a moléstia sob controle e munido dos conhecimentos básicos sobre homeopatia, Mure projetou retornar à Sicília em 1834, desta vez por vontade própria. No momento da sua partida, os *canuts* insurgiam-se novamente em Lyon, mas não sabemos se isto o teria influenciado na decisão da partida e as causas disto. Teria sido ele ameaçado pelos insurretos pelo fato do pai ser negociante ou, ao contrário, vinha sendo mal visto pelas autoridades pelo fato de aderir ao sansimonismo? Por outro lado, há a hipótese de ter rompido com os sansimoneanos antes da partida. Eis uma dúvida que não conseguimos esclarecer. O início da movimentação de sansimoneanos em Lyon deu-se por volta de 1830, quando Enfantin enviou discípulos para recrutar novos adeptos na cidade. Durante três meses atraíram as atenções de um numeroso público com suas palestras e, no ano seguinte, percebia-se já, na cidade, a formação de um pequeno núcleo sansimoneano, uma nova igreja, reunida em torno de dois médicos, Peiffer e François, e um negociante, Corréard. Não tardou muito e as brochuras começaram a aparecer, bem como artigos no jornal

³ O conde Sebastien des Guidi foi o introdutor da homeopatia na França. Nasceu no reino de Nápoles em 1769. Por ter convicções liberais e republicanas exilou-se na França, onde tornou-se professor e obteve o doutorado em medicina em 1820. Exerceu a homeopatia em Lyon de 1830 à 1863, quando era então nonagenário.

Précurseur, contra o individualismo e a livre concorrência. Quando em 1831, os canuts insurgiram-se pela primeira vez, os sansimoneanos foram responsabilizados pelo fato. Pela época dos acontecimentos, mais precisamente em novembro de 1831, acontecia a cisão na igreja sansimoneana acompanhada de um processo contra a comunidade de Ménilmontant o que tornava seus membros alvos de vigilância da polícia. Em 1832, o prefeito de Lyon recebia ordens superiores para proibir as reuniões do grupo. Tais fatos não chegaram a inibir a atuação dos sansimoneanos na cidade que se posicionavam claramente ao lado dos operários, entre eles Arnaud e Reynier, posteriormente engajados na Société Union Industrielle. O próprio Enfantin, em 1832, durante o processo teria dito que com a retirada do movimento dos doutores e burgueses, terminavam a carreira de exercício teórico da política, ingressando na prática⁴. Os reais motivos que teriam levado Mure ao rompimento com os sansimoneanos não pudemos identificar, pois ele apenas apontou divergências com relação ao problema da hierarquia e da situação das mulheres, que, aliás, são os motivos freqüentemente apontados para as cisões internas no sansimonismo. A partida, entretanto, representa, de alguma forma, a concretização da ruptura.

A sua chegada na Sicília foi retardada, porém, involuntariamente. A caminho, fora acometido por uma forte gripe e vira-se obrigado a parar em Nápoles e entregar-se aos cuidados do dr Giuseppe Mauro. Em Nápoles, aproveitou o tempo de repouso forçado para continuar os seus estudos sobre homeopatia quando teve então, a oportunidade de consultar a longa correspondência mantida entre o Dr. Mauro e o próprio Hahnemann. Mure surpreendeu-se ao verificar nas cartas, que Hahnemann tinha avançado nas suas descobertas, com relação aos seus últimos trabalhos publicados, e passara a adotar como

⁴ Ver Jean Gaumont *Le Commerce Véridique et Social (1835-1838) et son fondateur Michel Derrion (1803-1850)*, Amiens: Impr. Nouvelle, 1935, p. 22-23.

medicação, diluições mais elevadas como 50^a, 60^a, 80^a, ao invés de 30^a. O Dr. Mauro vinha testando as recomendações de Hahnemann e estudando os seus resultados junto a outros homeopatas italianos, e Mure, evidentemente, acompanhou parte deste trabalho. Entretanto, Mure pensava em voltar para a Sicília e lá concentrar as suas atividades de propagandista da homeopatia, tarefa que assumia com o ardor de alguém nutrido por um profundo desprezo pela alopatia. Dizia ele:

"Meu ódio contra os médicos, não era senão muito justo. São eles próprios que contribuem para a maior parte às doenças e à mortalidade da espécie humana e as devastações de sua arte em nossas cidades são bem maiores que aquelas das epidemias as mais mortíferas (...) eu tenho em mãos uma arma com a qual eu golpearei sem piedade e sem descanso os médicos. (...) Hoje é uma guerra de morte entre eles e seu antigo paciente, e eu tratarei de devolver-lhes em parte o mal que me fizeram impedindo-os de fazerem o mesmo aos outros" ⁵.

Os rancores de Mure parecem justificados pelo sofrimento que experimentou com os longos, dolorosos e ineficientes tratamentos aos quais havia se submetido inutilmente.

De volta a Palermo, os seus amigos mais chegados surpreenderam-se com o seu pronto restabelecimento e aos seus visitantes, entre eles simples curiosos, mas também alguns médicos, Mure fazia preleções sobre a homeopatia e conquistava prosélitos. Na verdade, na sua tarefa de divulgação, ele teria sido ajudado pelas próprias circunstâncias porque a disseminação da escarlatina que precedeu o cólera coincidiu com o momento do seu retorno a Palermo e por isto, Mure teve a oportunidade de demonstrar, nas duas ocasiões, a eficácia dos medicamentos que levava consigo na sua pequena farmácia.

Os bons resultados obtidos na prática da nova ciência, levaram o ministro do interior a recomendar, por meio de uma circular, a difusão da instrução homeopática no interior da ilha. Com tudo isto, Mure preencheu as suas expectativas de arrebanhar alunos e poder contar com a ajuda de outros médicos, como o Dr. Tranchina, Dr. De Blasi, e Dr.

Bartoli. A simpatia das autoridades facilitou a atuação de Mure na área da saúde pública e ele pode então, prestar serviços em vários hospitais. Isto, suponho, deva ter sido um foco inicial de algumas inimizades cristalizadas posteriormente porque a prática da homeopatia em escala maior, ocasionou uma diminuição das vendas dos remédios alopáticos, bem como uma vacância de leitos no grande hospital, para onde inclusive, os doentes recusavam-se a ir, preferindo o hospital Saint-Jean-de-Dieu, onde a homeopatia era praticada. Depois destas primeiras conquistas, Mure fundou, às próprias custas, em 1837, em Palermo, um dispensário, que dizem ter sido um dos mais belos da Europa daqueles tempos, mais tarde, em 1844, transformado na *Academie Royal de Médecine Homeopathique* ⁶. A instituição era um exemplo de organização e eficiência; apesar do vultoso número de pacientes ali recebidos diariamente (em torno de 200 todas as manhãs). Havia registros minuciosos sobre os pacientes e anotações detalhadas sobre o histórico das moléstias que os acometiam, fato normal para este tipo de medicina em que a doença torna-se conhecida quando somos capazes de identificar o conjunto de sintomas provocados por ela e o diagnóstico preciso passa a depender da observação da totalidade dos fenômenos da doença. Por isto mesmo, atribui-se uma importância ao conhecimento das causas interiores aos organismos que para o processo de cura são essenciais, na medida em que determinam as origens do mal. Já o conhecimento das causas exteriores, assume um papel secundário neste processo. Os homeopatas acreditavam, como podemos depreender, na eficácia do tratamento das moléstias pela aplicação do rigor científico e, particularmente, no caso de Mure, o método de Bacon afigura-se como uma condição essencial da acuidade na prática

⁵ Dalibert. *Histoire de l'Homoeopathie en Sicile*, op.cit., p.5.

⁶Mme Vve. Liet. *Manuel Homoeopathique à l'usage des familles suivi de la liste et des propriétés des médicaments brésiliens et autres, de l'école du Dr. Mure ou Algèbre Homoeopathique mise à la portée de tout le monde*. Gênova: Via Galata Casa Ponte, 1861, p.12.

médica. A análise, o método da indução, a lenta observação dos fatos são os recursos disponíveis para a compreensão dos fenômenos, mas que não vinham sendo aplicados à medicina, num século marcado, paradoxalmente, pelo despertar do homem para a ciência. Na opinião de Mure, os conhecimentos na área da medicina permaneciam estacionários quase como se negligenciassem o movimento de idéias em torno, pois persistia-se nos métodos antigos herdados da arte hipocrática e galênica de curar. Com as suas pesquisas, ele sentia-se na incumbência de dar continuidade a uma obra que Hahnemann havia apenas esboçado e via a necessidade de proporcionar uma sustentação teórica à descoberta do princípio dos semelhantes, que julgava extremamente vaga sem o estabelecimento de uma fisiologia e de uma patologia, cuja função seria de aproximar mais, numa comparação, a fisionomia da doença com aquela do remédio. Por isto mesmo a reunião criteriosa dos sintomas tornara-se essencial nos procedimentos de Mure. Do mesmo modo, na opinião dele, não bastava a conclusão da eficiência das pequenas doses, era preciso encontrar respostas precisas para apontar como cada diluição seria mais indicada numa dada forma assumida pela doença.

Com a inauguração do dispensário, Mure havia criado as condições necessárias para atender apropriadamente a um número maior de doentes e, por outro lado, fazia nascer o embrião de uma escola voltada para o ensino da homeopatia pura, em que as conferências entre os homeopatas realizavam-se em latim e diante dos pacientes. A escola também oferecia cursos públicos de homeopatia pura.

Associado ao trabalho clínico e de formação, Mure, nos anos de 1836 e 1837, dedicou-se com afinco à experimentação com as doses, num período em que este tema tornava-se uma polêmica entre os homeopatas. Hahnemann, nas suas últimas publicações, havia parado na indicação da 30ª diluição e muitos seguiam esta recomendação. Além

destes, havia os que tinham voltado às primeiras diluições e, no outro extremo, os que como Gross e Korsakoff preferiam as atenuações de 1500^a ⁷. Finalmente, os que acreditavam num sucesso de cura, malgrado a dose que viesse a ser aplicada. Mure levou para o centro deste debate, uma nova tese baseada na afirmação de que cada caso exigia a indicação de uma diluição apropriada e esta constatação nada impedia, por exemplo, uma agravação causada por uma atenuação, como resultado do emprego da diluição incorreta para o estado mórbido a ser atingido. As suas conclusões inovadoras foram apresentadas aos seus colaboradores, em Palermo, e publicadas, em 1838, nos anais do Dr. De Blasi, reproduzidas, em 1839, a partir de uma carta do Dr. Calandra, pela Bibliothèqu de Genève e, em 1840, revistas em um artigo mais amplo, escrito pelo próprio Dr. Mure. Uma das conclusões a que chegou encontra-se ainda no uso da prática homeopática da atualidade e consiste no emprego das baixas diluições em doenças agudas, e de altas diluições nas doenças crônicas. Neste último caso, as doses deveriam ser administradas a intervalos de duas em duas horas, ou de hora em hora, somente. Uma segunda conclusão, extraída por Mure da sua prática médica, seria a adoção das dez primeiras diluições exclusivamente em caso de doenças agudas, portanto, para as doenças crônicas valeriam as diluições a partir da décima, acrescentando-se uma a mais para cada ano de duração da doença. Sobre as doenças crônicas, diferia da opinião de Hahnemann que atribuía a elas a ação dos vírus da psora, da sífilis e sycosis e Mure, sem modéstia, apresentava uma tese diferente para preencher, como julgava, uma lacuna no *Organon* de Hahnemann. No seu entendimento, qualquer ação persistente vinda do mundo exterior, incluindo-se nisto a ação prolongada de medicamentos, pode alterar, de modo permanente, o estado psicológico do indivíduo e com

⁷ Charles Janot, texto citado.

isso provocar uma doença crônica.

A cada passo dado adiante em suas pesquisas, Mure parecia maravilhado e, tendo comprovado, através da prática médica, a eficácia do remédio, mesmo em doses ultra-infinitesimais, para ele, aí residia a confirmação de que existe uma teoria possível das doses, a ser extraída da dedução lógica. O interesse dele sobre a questão de manter intacta as propriedades do medicamento, mesmo diluído até a ínfima parte, advém indubitavelmente, das suas noções filosóficas sobre ser a matéria contingente e relativa e uma criação da nossa força vital ⁸. Elevar suas concepções espiritualistas e metafísicas ao grau de ciência, e provocar com isso uma revolução dos conceitos e atitudes, esta me parece ser a maior ambição do nosso personagem. Ele estava consciente, no entanto, das barreiras impostas à tentativa de "lançar uma noção puramente espiritualista numa época e uma ciência totalmente materiais..."⁹. O dinamismo vital, que compreende o princípio básico da homeopatia, contrapõe-se aos princípios materialistas da medicina alopática, pautada nas ações físicas e químicas. Para além da fisiologia moderna, Mure vislumbrou um mundo orgânico, de feições espiritualistas e dotado, nas suas especificidades, de uma fisiologia própria e capaz de constituir-se, nas suas particularidades, como matéria médica, como lei terapêutica.

Do ponto de vista da técnica, entretanto, Mure encontraria menos obstáculos para a concretização das suas experiências a partir de 1838, com a invenção de uma máquina de triturar em porfírio, potente para reduzir a pó a *nux vômica* e até mesmo a limalha de ferro. As vantagens principais do uso da máquina em farmacologia era a vascojeação mais intensa do medicamento e a garantia de não oxidação do mesmo. Vê-se que Mure também

⁸Benoit Mure. *Doctrine de l'École de Rio de Janeiro et pathologie brésilienne*, Rio de Janeiro, Publicação do Instituto Homeopático do Brasil, 1849, p.21.

era dotado de um talento extraordinário para a mecânica, elogiado até mesmo por Hahmeman, com quem encontrou-se em Paris em 1839, e que surpreendeu-se ao ver a rapidez com que o mecanismo reduzia a pó as substâncias mais resistentes. O fascínio de Mure pela mecânica e pela indústria o fará inclusive, dotar sua imagem de mundo perfeito de elementos altamente tecnológicos, porém existentes apenas na sua imaginação, como por exemplo, o plano que havia delineado de uma necrópole, ou o sistema de comunicação venusiano descrito no seu *Philosophie Absolue*, como imagens vistas numa revelação. Além de incitá-lo a escrever sobre o assunto, a sua paixão pelo desenvolvimento da técnica o levou a ocupar o cargo de presidente do Instituto da Indústria de Paris e também o de membro do comitê diretor da Associação dos inventores e artistas industriais, fundada pelo barão Taylor. Tal como Jobard, que foi diretor do museu da indústria belga, Mure esboçava teorias sobre a necessidade de patenteamento da indústria como forma de proteção contra a concorrência e a partir desta medida capacitá-la a vender mais barato. Por este caminho talvez possamos compreender qual o sentido conferido por ele ao anticomunismo e anti-socialismo, idéias das quais se diz adepto porque, como ele nos faz perceber, com a atribuição do título de proprietário, cada um tornar-se-ia visível no campo social e facilmente responsabilizado por suas obras. Mas esboçar um tal pensamento, representava defender o inverso das leis de patentes de 1844, que inspirada no modelo de 1789, viria a atribuir à sociedade, como um todo, a propriedade da invenção, em detrimento do pai da idéia. De qualquer modo, perpassava a utopia de Mure a imagem de um mundo tecnológico, mas neste caso, o progresso, ao invés de constituir-se como expressão das contradições sociais, espelharia, na verdade, toda a criação do intelecto livre e a própria

⁹idem, p. IV.

independência dos homens, aptos assim, para pensar na ciência como uma grande aliada no seu relacionamento com a natureza. Nessas concepções de Mure podemos vislumbrar certos traços do pensamento de Saint Simon e de Fourier.

Bem, se as idéias do nosso personagem no campo da política e da sociedade parecem controvertidas e obscuras, na medicina alcançavam resultados mais concretos. Com o tempo, Mure aperfeiçoou as suas teses a ponto de ver como uma necessidade urgente o estabelecimento de uma verdadeira patologia para obter-se uma verdadeira terapêutica. Isto é, para ele, sem uma descrição mais completa das doenças tornava-se inviável a prescrição de um tratamento mais adequado. Com este objetivo em mente, Mure estabeleceu um método matemático denominado *álgebra medica* para facilitar ao médico a prescrição do tratamento. Desde a idéia inicial de conceber para isto uma fórmula matemática, passaram-se vinte anos até que pudesse estabelecer um sistema rigoroso onde cada sintoma fosse representado por um símbolo de modo a assegurar que cada doença encontrasse um único e exclusivo medicamento correspondente.

A estada de Mure em Palermo foi marcada por uma imensa atividade de propagação da homeopatia, não só pelo exercício da profissão, mas, sobretudo, por ter estabelecido, paralelamente a isto, uma política destinada a amparar esta prática. Em primeiro lugar, formou uma clientela e atraiu discípulos; depois conquistou a confiança das autoridades, em seguida, ampliou a esfera da divulgação fundando os *Annali* e publicando uma tradução para o italiano do manual de Jahar; publicava também um jornal chamado *l'Attrazione*, através do qual difundia as idéias de Charles Fourier. O momento exato em que teria aderido às idéias de Fourier permanece uma incógnita, mas não pareceria absurdo afirmar que tivesse tomado contato com a sua obra já em Lyon, cidade onde Fourier estabeleceu-se e tornou-se conhecido desde 1802, quando passou a publicar artigos, como, por exemplo,

"Triunvirat continental et Paix perpétuelle sous trente ans", impresso por Ballanche, e que antecederam a publicação de sua primeira obra, aparecida também em Lyon, em 1808 e intitulada *Théorie des quatre mouvements et des destinées générales*. Isto fazia da cidade um terreno de difusão comum das idéias tanto de Fourier como de Saint Simon.

Adepto de uma ou de outra corrente, Mure, na Itália, procurou dar desenvolvimento, em primeiro lugar, à prática da homeopatia. Não mediu esforços para criar os meios necessários a esta prática, enviando gratuitamente os medicamentos e instruções a todas as comunas da ilha. Mas tudo isto ainda não bastava para saciar o ímpeto de mudança que caracterizava o gênio de Mure. Em Malta, não se contentou em difundir a homeopatia e tratou logo de propor às autoridades um plano capaz de resolver o problema da miséria, a começar pela aceitação da idéia de uma repartição mais justa do trabalho e da necessidade de se promover uma boa educação profissional. Para tal, oferecia seus serviços com o fim de implantar, em Malta, diversos ramos da indústria e da manufatura. O plano de Mure veio a chocar-se com interesses de outros e naufragou. Mas, não se deixou abater por este revés e continuou a vislumbrar para Malta um belo destino, desta vez como centro de difusão da homeopatia pela Europa e África, porto onde paravam os viajantes e de onde partiam os missionários. Novamente Mure fora impedido de dar seguimento ao seu projeto. De qualquer maneira, em Malta soube conquistar bons dividendos para suas idéias, mesmo diante da resistência dos seus oponentes e, em 25 de fevereiro de 1837, o secretário em chefe do governo cedeu-lhe gratuitamente o salão dos Chevaliers de Province para que pudesse expor publicamente os princípios da homeopatia. O agasalho da elite que o ouvia na ocasião serviu como escudo contra os ataques dos alopatas, contestadores pertinazes das curas alcançadas pelos homeopatas no Dispensário de Malta. Com a oportunidade cedida para a réplica, Mure deu por encerrada a sua missão no lugar, e de lá partiu, tendo se

transformado, para a população, num personagem mítico, de quem se comentava exercer, pelo magnetismo, um poder sobre os ventos. Os navegadores, fiando-se nisto, ofereciam a ele transporte grátis para visitar as ilhas de Gozzo e de Comino ¹⁰. De fato, Mure cria no magnetismo como uma ciência alicerçada no princípio de unidade absoluta entre todas as coisas e por isto, convertia-se num instrumento capaz de permitir a leitura da natureza tornando-a, por este meio, perfeitamente decodificada.

Da parte de Mure, as lembranças dos seus tempos em Palermo foram exaltadas num trecho da ode a Hahnemann que escreveu:

"Et sur les bords fleuris où Palerme repose
Sous un ciel tout d'azur, sur un sol tout de rose,
Naguère j'annonçai la grande vérité
Qui délivre du mal la pauvre humanité.
Le peuple m'entendit; jamais académie
De si grands changements ne fut vraiment amie;
Mais l'instinct populaire, infaillible creuset,
Soumet toute doctrine à l'épreuve du fait:
Et si quand elle sort elle étincelle et brille,
Il la proclame vraie et adopte pour fille." ¹¹

As bases da medicina homeopática lançadas na Itália, médicos em número suficiente para dar continuidade aos trabalhos, Mure decidiu voltar para a França e escolheu Paris como ponto de referência no combate contra a alopatia. Ali, em 1839, abriu um dispensário na rue de la Harpe, lugar logo transformado num centro de uma atividade intensa e variada.

¹⁰ Dalibert, *op. cit.*, p. 6.

¹¹ Benoît Mure, "Homeopathie". Versos lidos em 10 de agosto de 1849 pelo sexagésimo aniversário do doutorado de S. Hahnemann in Benoît Mure, *Doctrine de l'Ecole de Rio de Janeiro, op. cit.*, p. XXXXVII-LII.

Os projetos de Mure para Paris, situavam-se além das querelas com os alopatas, pois, ainda em Palermo, escrevia a Victor Considerant o seguinte:

"Eu endereço ao sr. o prospecto do *l'Attrazione* jornal de ciência social o qual eu acabo de obter autorização depois de dois anos de tratativas assíduas. Esse espaço de tempo foi preenchido por uma ativa propagação oral e a fundação de uma escola Falansteriana da qual eu espero o sr.ouvirá logo falar. Eu me servi eu confesso ao sr. para este fim da influência que adquiri no mundo medico em Malta, na Sicília e (...) grande parte da Itália por meus trabalhos pela difusão da homeopatia. O triunfo definitivo desta doutrina na Sicília depois de cinco anos de uma luta encarniçada me permite voltar em proveito do fourierismo todos os meios de ação concentrados em minhas mãos para o objetivo que almejo. Há três anos atrás, época de sua fundação eu inseri em nossos *Annales de Medicine Homeopathique* dois artigos onde eu faço entrever aos médicos uma aplicação nova da lei dos semelhantes à economia social.

Por lá eu preparei os caminhos e levei a vossas idéias vários homens notáveis, entre outros o Dr. Calandra que redigirá o *l'Attrazione*. Companheiro assíduo dos meus trabalhos pela homeopatia ele não será menos feliz eu espero, em trabalhar pelo fourierismo.

Entretanto nossos adeptos não são todos médicos. Eu posso citar um dos literatos o mais destacado que preserva a Sicília D. Ferdinand Charlom [ininteligível] que neste momento prepara um artigo para nosso jornal, e o célebre astrônomo Caccialon...

A aparição de nosso jornal e a reprodução de vosso belo desenho de idéia de um Falanstério já fizeram uma grande impressão sobre os espíritos (...) aqui como na França e dispostos de resto às coisas as mais extraordinárias pela grande revolução medica que eu acabo de [ininteligível] sob seus olhos. A escola economista está desconfiada e não tem o vigor necessário para nos opor resistência. A condenação de [ininteligível] de resto é suficiente para a desmoralizar. Nossos governantes num momento de ferocidade, e que haviam recusado a mim a autorização para publicar *l'Armonia* estão enfim seguros e permitiram o *l'Attrazione*. Tudo está então bem encaminhado e o sr. pode contar que antes de um ano as idéias falansterianas estarão em bom ponto na Sicília. O sr. sabe que as grandes e belas propriedades não faltam por aqui. Faça então um falanstério modelo, e terá aqui muitos imitadores.

Segundo algumas cartas particulares, eu anunciei que o de Ch. Dulary continuava a edificar-se, mas isto merece confirmação. Não é suficiente [ininteligível] a avidez por notícias... Eu aguardo então uma carta do sr. com duas ou três destas boas novas que pensem formar um tema para a conversação. Apresse-se a penúria é grande! Eu estou além disto impaciente que dentro de alguns meses conto

ir à França onde entender-me-ei convosco sobre as relações a estabelecer entre a escola da França e aquela que nasce na Sicília..."¹².

Se chegou a encontrar-se com Considerant, não pudemos apurar, mas é bem provável que não porque, em Paris, Mure apareceu ligado ao grupo do movimento dissidente formado pela *Union Harmonienne*. Mas, se houve algum relacionamento, o certo é que posteriormente, Mure viria a lamentar o fato da teoria de Fourier ter caído nas mãos de um segundo Enfantin, que só fez "atenuar-lhe o elemento democrático e de tapear a impaciência dos discípulos ávidos de realização e de resultados" e, em resposta deste clamor popular a rue de Beaune proclamava "discutamos, *escrevelhamos*, politiquemos"¹³.

O caso de Benoit Mure não chega a ser uma raridade, isto é, naquela época os rumos traçados pelo desenvolvimento industrial logo fizeram despertar as consciências para os problemas sociais donde surgiram iniciativas voltadas para fazer das ciências um uso eficaz no combate à miséria. Conseqüentemente, havia vários médicos para quem a adoção da homeopatia representava o engajamento em uma revolução científica a qual atrelava-se inclusive, uma prática política revolucionária. Como exemplos disto para a França, podemos citar os casos do Dr. Paul Curie e do Dr. Léon Simon, ambos homeopatas e, ao mesmo tempo, discípulos de Saint Simon ¹⁴.

Em Paris, Mure entregou-se completamente ao seu projeto de vida, na época um tanto extravagante para a maioria de seus contemporâneos. O dispensário que havia fundado na rue de la Harpe, atendia semanalmente oitocentos pacientes que recebiam gratuitamente as consultas e remédios¹⁵. Inaugurou também, em 20 de novembro de 1839, na presença de Hahnemann, uma escola de homeopatia pura. Esta medida tornou possível

¹² Carta de Benoit Mure para Considerant, Palermo, 15 de abril de 1839, fonds fourieristes, 10as40, ANF.

¹³ Benoit Mure, *La Philosophie Absolue*, edição póstuma, revista e atualizada por Sophie Liet, Paris: Librairie Moderne, 1884, p. 177.

¹⁴ J. Baur, *Petite Histoire de l'Organon et de ses métamorphoses*, 1975, p. 161.

um crescimento expressivo do número de praticantes da nova ciência em Paris, que de doze a quinze subiu para quase cem ¹⁶. Ao que parece, a maior parte dos formandos da escola não possuía diploma na área de medicina e, no exercício da profissão, esbarravam nos entraves impostos pela própria legislação francesa. Entretanto, era por convicção que Mure concedia o título de homeopata aos não-médicos, pois, para ele, a homeopatia não poderia ser exercida com dignidade e na integridade dos seus princípios, pelos seus próprios inimigos. Por outro lado, via com muita suspeita o meio acadêmico, conservador, pedante, cuja função assemelhava-se, segundo ele, à da inquisição, esmagando os Galileus, petrificando o movimento do mundo. Ao formar cidadãos comuns na arte de curar, Mure acreditava estar contribuindo para uma real emancipação do povo, situada além da política, isto é, na ciência, mas não naquela atrelada ao *status quo*, e sim numa outra, que instituída pelo próprio povo não tivesse ódio do futuro e fosse capaz de criações sociais ¹⁷. E, ancorava as suas posições polêmicas em artigos que fazia publicar na imprensa cotidiana. Um exemplo disto é a aproximação que estabeleceu entre Hahneman e Fourier, por sinal mal vista por alguns fourieristas, mesmo entre os dissidentes, que alertavam para os riscos de ver a obra de Fourier associada a temas como o magnetismo, a frenologia e a homeopatia, consideradas como ciências novas que ainda não haviam conquistado uma aprovação geral ¹⁸. Mas para a sorte de Mure, um jornal fourierista, o *Le Nouveau Monde*, mostrou-se receptivo às suas idéias, por julgar ser um dever da imprensa prestar auxílio ao desenvolvimento das novas ciências que demonstrassem algum tipo de utilidade, expondo-

¹⁵ Faits Divers, *Le Nouveau Monde*, 1 de novembro de 1839.

¹⁶ Liet. *op. cit.* p. 12.

¹⁷ Benoit Mure, "Prefácio" in *O médico do povo. Instrução pondo ao alcance dos homens conscienciosos e de boa vontade os processos mais aperfeiçoados e as mais recentes descobertas da arte de curar, indicando os meios de tratar todas as moléstias segundo os princípios da homeopatia*, 3ª ed. rev. e melhorada pelo dr. A. de Castro Lopes, Rio de Janeiro: A. J. de Mello, 1868.

¹⁸ *Le Nouveau Monde*, 11 de novembro de 1839.

as ao exame, no lugar de simplesmente registrar o sucesso das descobertas já em uso. Ao submeter a homeopatia ao julgamento público e ao julgamento de um comitê, formado pelo próprio jornal e presidido pelo Dr. Künzli, para avaliar os seus princípios, a posicionaram inclusive, na mira da crítica. Mure não parecia preocupado com isto e até incentivou a iniciativa lançando um apelo aos falansterianos. Dizia ele na ocasião, que no sistema de Fourier, da harmonia, da ordem perfeita, quando então os homens já não agissem mais em sentido contrário à natureza, haveria uma renovação física dos indivíduos e o desaparecimento das moléstias que os afligem no mundo civilizado. Tais mudanças seriam introduzidas pelo próprio estabelecimento de uma política de saúde preventiva, e sobre este ponto, Mure aplaudia a lucidez do mestre no tratamento da questão. Entretanto, aos meios vislumbrados por Fourier, deveriam ser associados os meios propostos por Hahnemann, os do primeiro com capacidade para atuar no nível coletivo e os do segundo operando no individual e complementou o seu pensamento elucidando-o pelo seguinte:

"aqui, como em todas as coisas, a natureza que chega ao seu fim por meios tão diversos, parte entretanto de um princípio único, e os que compreendem a harmonia universal não se surpreenderão em apreender que este princípio é comum a Fourier e a Hahnemann, e que um o nomeia atração, enquanto o outro a chama *lei dos semelhantes*"¹⁹.

Segundo Mure, as experiências de Hahnemann acabaram por construir uma medicina verdadeira, transformando-a numa arte de curar baseada na experimentação o que, por isto mesmo, obrigaria o seu reconhecimento como uma ciência exata. E, ao abordar os obstáculos defrontados por Hahnemann, mais uma vez Mure encontrara um paralelo entre os dois pensadores, isto é, o confronto de ambos com os preconceitos, com o principal empecilho à penetração das descobertas deles, no movimento de idéias do século. O apelo de Mure aos falansterianos fazia-se no sentido de ultrapassar-se as barreiras

impostas pelo pensamento cristalizado na ordem, como ele próprio fizera na Sicília, quando tornou possível a introdução do fourierismo através do movimento de difusão da homeopatia. Assim procedia também em Paris, quando abria as portas do Instituto da rue de la Harpe para expor, num domingo, a um auditório numeroso, a teoria falansteriana ²⁰. O momento havia chegado de questionar a validade e a legitimidade de todo saber proveniente das instituições autorizadas e principalmente, do meio acadêmico cujo interesse primordial dirigia-se para a aniquilação dos conhecimentos verdadeiramente úteis à sociedade.

Uma transformação da medicina subversiva que é pertinente, por sua vez, ao sistema de civilização, em medicina positiva harmônica, como idealizava Fourier para o sistema de associação, é operada como uma consequência natural das transformações no todo. Ao sistema de civilização corresponde a fraude em que para a medicina representa a alta remuneração do médico pela propagação do mal, por outro lado, a medicina harmônica não pode ser concebida fora do sistema de associação em que sendo o médico e o farmacêutico co-associados da falange, pareça natural o seu interesse em despender o mínimo possível com o tratamento das doenças. Se é este o pensamento de Fourier, então percebemos uma coerência das idéias defendidas por Mure com relação às do mestre neste campo.

A fidelidade das idéias de Mure pelas de Fourier não era total, se contarmos o seu envolvimento com o swedenborguismo. Não pudemos determinar com precisão o grau deste envolvimento, mas é certo que Mure mantinha uma correspondência com Le Bois de

¹⁹ Benoit Jules Mure. "Appel aux disciples de C. Fourier", *Le Nouveau Monde*, 21 de novembro de 1839.

²⁰ "Faits Divers", *Le Nouveau Monde*, 11 de dezembro de 1839.

Guays²¹, chefe do culto em Saint Armand. Além disso, mantinha um relacionamento com uma swedenborguista, Mme. Dalibert, que, em 1839, publicava um livro intitulado *La Nouvelle Jérusalem et le Phalanstère*, cuja pretensão seria a de associar o sistema de Fourier, com as revelações de Swedenborg, as descobertas de Mesmer, Gall, Hahnemann e Jacotot. Uma ambição tão elevada, e mesmo ousada, fez erguerem-se críticas de todos os lados contra a autora e suas idéias. Jean Czynski, por exemplo, escreveu uma resenha severa sobre o livro, nos seguintes termos:

"Madame Dalibert, que sabe tão bem fazer justiça a todos os homens dos quais ela indica o pensamento, os sentimentos e os trabalhos, não aprecia, devemos dizer, tudo o que há de grande no gênio de Fourier, revelador da lei divina, provada por uma ciência exata. É necessário nos evocar os sentimentos religiosos, nós que estamos convencidos da universalidade da providência? É a fé na sabedoria do Criador e na sua justiça distributiva que impulsionou Fourier a procurar uma ordem social onde todos os homens, sem exceção fossem chamados a gozar dos benefícios do Criador, tanto o civilizado como o selvagem, ou o bárbaro. Quem combate com mais lógica e mais fé não somente os ateus, mas os semi-crentes os semi-sábios, que, bem admitindo a existência de Deus, duvidam de sua previdência (...)? Quem proclamou que os destinos são proporcionais às atrações? Quem, melhor que Fourier, provou a imortalidade bicomposta de nossas almas no passado e no porvir? Quando nós nos dirigimos aos civilizados acostumados a duvidar e a sofrer, nós lhes falamos de economia e do quádruplo produto, mas ao nos endereçarmos à autora do *Nouvelle Jérusalem et du Phalanstère*, (...) nós temos direito de exigir que ela compreenda a alma da doutrina de Fourier e se incline diante da augusta revelação dos destinos" ²².

Esse tipo de conflito apenas esboça o quão parece delicada a relação entre fourierismo e swedenborguismo, e isto serve tanto para França como para os EUA. De qualquer forma, Mure certamente esteve envolvido, de alguma maneira, com o que se passava em Saint Armand, pois mantinha uma correspondência com Le Bois de Guays. Por outro lado, o

²¹ Jean-François-Etienne Le Bois des Guays (1794-1864). Juiz no tribunal civil de Saint Armand de 1827 à 1830; ocupou de 1830 à 1831 o posto de sub prefeito do departamento, mas foi destituído por ser liberal. Em 1834, descobre Swedenborg e em 1837, funda um culto na sua própria casa, em Saint Armand, onde chega a reunir em torno de 50 pessoas, a maioria de condições modestas. Em 1838, cria a revista religiosa e científica *La Nouvelle Jérusalem*, que sai até 1848. Ver Jean-François Mayer. *La Nouvelle Eglise de Lousanne et le mouvement swedenborgian en Suisse romande des origines à 1848*. p. 24-28.

²² Jean Czynski "La Nouvelle Jérusalem ou le Phalanstère", *Le Nouveau Monde*, 21 de dezembro de 1839.

chefe do culto, também não viu com bons olhos a brochura de Mme Dalibert, a quem chamava de fourierista, e criticava juntamente a conduta de Mure por ambos utilizarem "erroneamente os nomes de Novi Jerusalemitas". Ao que parece, Mure e Dalibert vislumbravam uma aliança entre novi jerusalemitas e fourieristas, os primeiros tomados como simples místicos. Le Bois de Guays, que no princípio teria aceitado esta interpenetração de idéias, e até a escrever sobre isto o *Concordance de la Nouvelle Eglise avec le système Social de Fourier*, passou a demarcar com mais clareza o campo de separação entre as duas doutrinas, principalmente depois da enxurrada de críticas vindas do *La Phalange* e do *Le Nouveau Monde*. Para Le Bois de Guays, o sistema de Fourier tem o mérito de fornecer um quadro da vida social, entretanto, para os novi jérusalemitas o respeito ao Decálogo aparece como condição fundamental.

Mesmo com as diferenças postas à mesa, o trânsito entre fourieristas e novi jérusalemitas parecia uma ocorrência natural, se não para Fourier, ao menos para alguns de seus discípulos. Um dos primeiros fourieristas a juntar-se ao culto de Saint Armand foi Hauger ²³ que levava consigo a família pensando encontrar ali um tipo de falanstério. Um outro exemplo de figura proeminente do fourierismo que flertava com o swedenborguismo é Hughes Doherty.

Mure em Paris, participava ativamente do movimento para a realização do primeiro falanstério. Tal como Arthur de Bonnard, ele parecia inclinado a difundir uma propaganda capaz de atingir o seu alvo não apenas por uma massa de informações carregadas de um conteúdo teórico, mas, sobretudo, estabelecida com o fim de atingir os corações, pela excitação da imaginação, seja através do discurso seja pelo uso de imagens. Então, em

1840, houve um grande baile de falansterianos, o salão havia sido decorado com esmero por la Haye, Rouffinel e Joly, que cobriram as paredes com quadros e inscrições tendo como tema o falanstério. O objetivo da festa era angariar fundos para a fundação do primeiro falanstério e, lá estava Mure, em meio a outros membros do comitê de subscrição, distribuindo, entre os convivas, um folheto com um tom apelativo de propaganda popular.

O pequeno folheto transmitia a idéia de falanstério como:

"um palácio magnífico, cercado por jardins alegres (...) onde todos os prazeres da cidade, reunidos aos gozos do campo, recompensam os trabalhos de seus habitantes associados. Lá não haverá nem pobres abandonados, nem doentes sem seguro, nem idosos sem apoio. A mulher não terá necessidade de vender sua honra para comprar um pedaço de pão. As crianças educadas às custas do estabelecimento seguirão sua vocação e desenvolverão suas faculdades. A terra abrirá seus tesouros imensos à indústria societária." ²⁴

A esta visão maravilhosa contrapunham a visão de uma Paris daqueles tempos, imunda, miserável, perigosa e, com isto, incitavam todos a cumprir aquilo que Fourier buscou por toda vida sem conseguir realizar: o primeiro falanstério. Os membros do comitê haviam decidido lançar esta propaganda de caráter universal e popular, com o fim de reunir todos os recursos, mesmo as doações mais singelas, a fim de estabelecer "este edifício esplêndido, esta verdadeira morada da humanidade" ²⁵. Faziam parte do comitê, além de Mure e Mme Dalibert, vários outros falansterianos, entre os quais Derrion, Jamain, Ruffinel, Leclère, que posteriormente tomaram parte no falanstério brasileiro.

O movimento de subscrição marchava a passos largos, pois conquistava rapidamente a adesão dos falansterianos das províncias, como Brest, Bordeaux, Mâcon e, no exterior, recebia o apoio da Suíça. Em Mure crescia também o ímpeto pela realização e,

²³ Philippe Hauger foi discípulo de Fourier e mantinha com ele uma relação de amizade. Certa vez ofertou-lhe um livro de Swedenborg que acredita jamais ter sido lido por Fourier, apesar de ver na obra do mestre uma repetição das grandes idéias de Swedenborg.

²⁴ "Ecole Sociale-Appel de souscription aux amis", s.l., Imprimerie de L. Douchard-Huzard, s.d.. fonds fourieristes, 14AS8(52), IFHS.

já pensava em, por conta própria, assumir a tarefa histórica de concretizar o sonho de Fourier. Na verdade, ele fazia parte de uma sociedade que no verão de 1839, havia agrupado um pequeno número de falansterianos determinados a fundar um falanstério como forma de romper com o círculo vicioso imposto pela civilização. Inicialmente, não pensaram em um lugar em particular, apenas estabeleceram as condições básicas para guiar a escolha: o solo deveria ser fértil, o lugar salubre e seguro. Também, naquele momento, não cogitavam sair da França e a Argélia parecia uma escolha ideal, entretanto, logo desistiram por dois motivos: o clima e a insegurança. Depois de conversas com os encarregados dos negócios do Egito, dos Estados Unidos e do Brasil, decidiram-se por esta última opção. Na ocasião, Mure ofereceu-se para fazer a viagem ao Brasil, às suas próprias custas, com o fim de obter uma concessão de terras e dinheiro para levar adiante o projeto

26

O entusiasmo de Mure era total e antes de partir foi ao encontro do pai em Martonville, expor suas idéias, mas deste encontro não obteve o apoio almejado é o que podemos imaginar pelo modo como dirigiu-se posteriormente ao pai: "você jogou água sobre o incêndio de minha alma..."²⁷. A suposta reserva do pai quanto aos projetos megalômanos do filho parecem não tê-lo influenciado minimamente no sentido da dissuasão e, depois de quase dois meses de travessia, Mure desembarcava no Rio de Janeiro, em novembro de 1840, vindo do Havre no navio *Eole*. Tinha então, 32 anos de idade, era um homem alto, claro, rosto redondo, emoldurado por uma barba cerrada, ruiva, seu nariz e boca eram regulares e por trás dos óculos via-se um par de grandes olhos azuis. A francesa que o acompanhava e que apresentou como sendo sua mulher, chamava-se

²⁵ idem

²⁶ Reynier, "Union Industrielle" *Le Nouveau Monde*, 1 de junho de 1843.

Anabelle Cretiat, além dela acompanhavam-no duas outras mulheres, Camille Lallement que, inicialmente aparece no registro de entrada como sendo filha de Mure e depois como sua sobrinha, e, finalmente, uma criada. Sobre a vida privada de Mure pouco sabemos, mas é fato conhecido que contraíra matrimônio com a filha de Bazard, um dos chefes do culto sansimoneano, do qual ele próprio parece ter tomado parte. O casamento fora desfeito por Mure que depois é notado em companhia de outra mulher, Mme Dalibert, a quem mencionavam como uma antiga figurante de ópera e que parece, teria vindo com ele ao Brasil para viver, segundo os moralistas, sob "um ajuntamento escandaloso" no Saí.

Munido de uma lista contendo os nomes dos societários, Mure parecia compenetrado da idéia de conquistar a simpatia das autoridades brasileiras. A princípio não teve grandes dificuldades em penetrar no ambiente que pudesse favorecer a concretização de seus objetivos, pois viera recomendado a Manuel de Araújo Porto Alegre, futuro Barão de Santo Ângelo, por Silvestre Pinheiro Ferreira. Este último era membro da *Academia de Ciências de Lisboa* e, entre outras coisas, membro das *Sociedades Histórica e Literária do Rio de Janeiro*. Em 1840, Silvestre Pinheiro publicou um "*Projecto d'Associação para o melhoramento da sorte das classes industriais*"²⁸, onde discutiu brevemente a constituição do pensamento utópico desde Thomas Morus até os chamados reformistas do século XIX. Vemos, portanto, que entre Silvestre Pinheiro e Benoit Mure havia um elo de ligação.

Depois de alguns dias passados no Rio, onde hospedara-se no Hotel de Europa, escreveu aos seus amigos dizendo estar quase certo de obter a concessão e pedindo que não tardassem a organizar-se²⁹.

²⁷ Charles Janot, texto citado.

²⁸ Silvestre Pinheiro Ferreira. *Projecto d'Associação para o melhoramento da sorte das classes industriais*, Paris: Rey e Gravia/J. P. Aillaud, 1840.

²⁹ Reynier, loc. cit.

No Brasil, trabalhava incansavelmente no sentido de convencer às autoridades do país da utilidade do seu projeto para a fundação de uma colônia industrial. Em artigos que publicou no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, defendia o seu ponto de vista pela necessidade de emigração européia causada pela crise da indústria e, por outro lado, a necessidade dos países do continente americano de atrair colonos. Uma questão essencial para o caso brasileiro, seria a mecanização da agricultura, que numa vasta porção territorial poderia substituir a mão de obra cativa, aproveitar melhor o tempo e as áreas de produção.

O doutor Mure prometia também construir máquinas a vapor seja para beneficiar o comércio seja para proporcionar uma base estratégica que garantisse ao governo não só uma maior integração nacional, mas inclusive, a formação de uma marinha equipada convenientemente nos moldes da modernidade. O incentivo do transporte a vapor viria como o complemento ideal para suprir as lacunas deixadas pelo deficiente transporte terrestre e férreo. Talvez por ter já vivenciado, em Palermo, as agruras de ver seus planos ruírem pela forte oposição de seus detratores, Mure desta segunda vez, portava-se com mais cautela procurando assegurar que os seus projetos nenhum prejuízo causariam para a ordem estabelecida. Ao contrário, utilizava-se de uma outra forma de convencimento, a febre do seu próprio idealismo, combinada à excitação da vaidade dos poderosos. Sem dúvida nenhuma, acreditava no poder da retórica como uma grande aliada na sua intenção de conquista e assim, dirigia-se ao nosso imperador como o monarca jovem e poderoso, destinado no futuro, a "possuir o mais belo império que monarca algum haja ocupado; teus súditos serão os mais submissos e os mais dedicados de quantos têm tido os reis, pois dever-te-ão uma pátria verdadeira e a ventura de ter-te livremente escolhido" ³⁰. A

³⁰Henrique Boiteux, "O falanstério do Sai", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, Florianópolis (12,) 1º sem. de 1944, p.54.

penetração no ambiente político brasileiro deu-se de forma rápida e sem grandes dificuldades, pois, chegava bem recomendado e logo teve acesso ao ministério do império, que no período, estava incumbido das questões relativas à colonização. Como a palavra final para a aprovação do projeto dependesse da aquiescência do imperador, Mure fora a ele apresentado pelo ministro do Império. Da audiência com o imperador Mure saíra confiante da obtenção do terreno e de recursos para explorá-lo, muito embora o monarca apenas tivesse prometido analisar o projeto com atenção. Como trabalhava para criar fatos e não para ser ultrapassado por eles, Mure antecipou-se e, ao mesmo tempo em que expunha publicamente as maravilhas da associação e as intenções mais transparentes de resolver, por métodos infalíveis, o problema da nação, resolveu partir logo, em busca do lugar ideal no qual a colônia deveria ser instalada. Na sua investigação fora ajudado pelo governo e saiu em direção ao Desterro num navio da nossa marinha de guerra. Ao chegar no destino, apresentou suas recomendações ao presidente da província e pode obter facilidades. Inicialmente, visitou o sul da província e, em 18 de janeiro de 1841, partia no patacho "Bélico" em direção a São Francisco do Sul. O movimento do Dr. Mure era acompanhado pelo correspondente do Jornal do Comércio no Desterro e, depois de ter optado pela ilha do Saí, localizada naquele município, o próprio Mure, em correspondência, fez saber da sua escolha o redator do jornal. As terras referidas localizavam-se à margem esquerda do rio São Francisco, e limitadas por uma cadeia de colinas em toda a extensão do rio. A beleza natural do lugar parece tê-lo seduzido de imediato e Mure via as vantagens para a colonização do uso da abundância dos seus recursos naturais como cascatas e madeira de qualidade, além da facilidade de transporte por água. Para a decepção de Mure, as quatro léguas quadradas ambicionadas já tinham um dono, o coronel Oliveira Camacho, que, entretanto, sensibilizou-se pela empresa do médico e cedeu-lhe os terrenos.

Para Henrique Boiteux, a inclinação de Mure pelo lugar deu-se também, por outro motivo: o fato de perceber naquelas populações humildes, sem instrução e abandonadas à sua própria sorte, numa região de matas virgens, a pratica dos preceitos do um por todos e todos por um, princípios estes que o próprio Mure tinha a pretensão de ensinar, inspirando-se nas idéias mais avançadas do século! O que havia presenciado era o *puxirão*, uma forma de mutirão exercida pelos habitantes do lugar, em que os vizinhos ajudavam-se mutuamente para a execução das tarefas pesadas. Esta forma de trabalho conjunto fora assimilada dos índios carijó, pelos primeiros açorianos que povoaram aquele litoral ³¹. Enfim, Mure, no ápice do seu idealismo, deve ter ficado maravilhado ao perceber que, nesse sistema, o trabalho é realizado com alegria e com vontade e, no final, termina com uma bela festa regada a comida, bebida, música e dança. Secretamente, deve ter traçado os seus paralelos entre isto e as teorias do mestre acerca do trabalho, percebendo, entre os dois casos, uma inegável aproximação.

De volta ao Rio de Janeiro, fora levado pelo ministro do império à presença do imperador, em 31 de março, que demonstrou um vivo interesse pelas idéias de Mure e encarregou o ministro do império da tarefa de dar seguimento ao projeto. Isto feito, o plano foi levado à discussão na Câmara dos Deputados, em 6 de julho de 1842, e aprovado o auxílio de 64:000\$000, por parte do governo, para o estabelecimento da colônia. Em 11 de Dezembro de 1841, o ministro dos Negócios do Império, Cândido José de Araújo Viana, assinava o contrato com o Dr. Mure. Pelo documento, Mure seria responsável pela contratação e transporte, até o rio São Francisco, de aproximadamente 500 colonos vindos da França. O governo concederia o domínio útil das terras e Mure as distribuiria entre os

³¹ Boiteux, artigo citado, p.60.

colonos como julgasse conveniente. Quanto ao auxílio material, o governo enviaria ao ministro brasileiro em Paris, 30 contos de réis para custear o transporte dos imigrantes desde o Havre até o porto do seu destino, o que deveria ser concluído no prazo máximo de até um ano. Para o preparo necessário à recepção dos colonos no Saí, o governo adiantaria ainda, mais 10 contos de réis e, para o auxílio à sua subsistência empregaria mais 24 contos de réis, assim distribuídos: três contos de réis em cada um dos três primeiros meses, dois contos de réis em cada um dos seis meses seguintes e até perfazer o total, mais um conto de réis mensalmente. Sobre estas quantias o governo seria reembolsado em 20 anuidades, segundo uma progressão aritmética 1, 2, 3, 4, com juros calculados em 6% ao ano. Estes pagamentos deveriam ter lugar após o terceiro ano da chegada dos últimos colonos. As conquistas de Mure causavam um certo despeito num compatriota e também fourierista, radicado no Recife, onde exercia a profissão de engenheiro. Era Louis Léger Vauthier que assim referiu-se a Mure em suas memórias: "é um charlatão, mas enfim sabe usar da língua e palavras melífluas..."³². O motivo real de um possível desentendimento entre Mure e Vauthier desconhecemos, mas talvez esteja relacionado às posições ocupadas por cada um deles dentro do movimento fourierista, sendo o engenheiro mais próximo do grupo de Considerant ³³. Mure também, de alguma maneira, ameaçava a posição conquistada pelo engenheiro, com suas promessas de desenvolvimento e de utilização, para tal, de uma mão de obra altamente qualificada. Dizia ele que, entre os selecionados para imigrar para o Brasil, havia oito engenheiros os quais, em outras circunstâncias, não poderiam ser trazidos ao país senão mediante salários muito compensadores e ilustrava o seu ponto de vista

³² *Diário íntimo do Engenheiro Vauthier 1839-1846*. Prefácio e notas de Gilberto Freyre, Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Ministério da Educação e Saúde, 1940, p. 183.

³³ Sobre o papel desempenhado por Vauthier em Pernambuco ver o interessante artigo de Izabel Andrade Marson, "O Engenheiro Vauthier e a Modernização de Pernambuco no Século XIX: as Contradições do

citando o próprio caso de Vauthier cujo salário anual beirava à exorbitância de quatro contos. Se o governo tivesse que contar com a vinda espontânea dos oito engenheiros trazidos por Mure desembolsaria então, 160 contos, entretanto, Mure pedia a metade desta quantia para instalar uma colônia inteira ³⁴. Isto deve ter provocado uma certa irritação no seu contrêrrâneo instalado em Pernambuco.

Durante o tempo em que esteve fora, Mure permaneceu ignorante dos novos acontecimentos passados dentro da sociedade da qual tomara parte na França. Segundo Reynier ³⁵, depois da partida de Mure, a sociedade havia aumentado consideravelmente e, por esta razão, cogitaram solicitar uma concessão junto ao governo. Para tal, reuniram um comitê formado por cinco membros, com o fim de elaborar os seus estatutos. Quando os trabalhos finalmente foram concluídos, os associados reuniram-se numa assembléia geral e discutiram artigo por artigo dos estatutos e, ao mesmo tempo, formaram um comitê "encarregado de proceder ao exame de cada um dos postulantes, quanto à sua admissão" ³⁶.

Em fins de abril ou começo de maio de 1841, os cem primeiros signatários da ata reuniram-se em assembléia geral com o objetivo de constituir definitivamente a sociedade, nomeando um conselho de administração composto por 15 membros e este, por sua vez, incumbiu-se da nomeação, entre seus membros, de 3 diretores ou gerentes "então, e somente então a sociedade fora regularmente constituída, pois um poder que não existindo ainda, fora estabelecido a fim de dar-lhe impulso" ³⁷. Mas para Mure, como teremos a

Progresso in Bresciani, Stella (org.), *Imagens da cidade séculos XIX e XX*, São Paulo: ANPUH-SP/ Marco Zero/ FAPESP, 1994, p. 35-59.

³⁴ Boiteux, p. 59.

³⁵ Joseph-François Reynier (1811-1897), foi operário tecelão de Lyon, sansimoneano, membro da sociedade do Devoir Mutuel e da Société des Droits de l'Homme. Em 1831 participou do levante dos canuts, porém em 1834 não engrossou o novo levante por motivo de doença e por estar ausente de Lyon. Depois, tornou-se falansteriano e um dos principais aliados de Michel-Marie Derrion no projeto do commerce véridique.

³⁶ Reynier, artigo citado.

³⁷ Idem.

oportunidade de verificar mais adiante, a sociedade já estava constituída anteriormente, e a ele cabia o papel de seu mentor e não de mero delegado. Sem que tivesse conhecimento, os societários constituíram uma nova ata da sociedade, em Paris, na data de 18 de abril de 1841, e registraram-na a 21 de maio do mesmo ano. Em julho, tiveram notícias vindas do Brasil, sobre a escolha do terreno e a concessão das terras que, de tão vastas, ultrapassavam todas as expectativas. Entretanto, a retificação da concessão tomaria ainda um tempo e esta previsão exaltou o animo dos societários, impacientes como estavam pela conclusão das negociações. Muitos dentre eles dispuseram-se a partir imediatamente para o Brasil, não só impulsionados pelo desejo de colocar mãos à obra, mas, sobretudo visando uma solução imediata para os entraves burocráticos que protelavam a assinatura do contrato. Por outro lado, pretendiam resolver o mal entendido surgido entre eles e o Dr. Mure. Assim, desconfiados das condições em que o Dr. Mure estabelecia o compromisso com o governo resolveram partir às próprias custas, 110 falansterianos entre homens mulheres e crianças, tendo à frente dois de seus gerentes: Jamain e Derrion. Depois de 17 dias de espera no Havre, embarcaram no *Caroline* em 11 de outubro de 1841 e chegaram ao Brasil em 14 de dezembro de 1841 ³⁸.

Pelas desconfianças e os mal-entendidos, explicam-se parte dos desentendimentos ocorridos posteriormente, entre Mure e os membros da *Société Union Industrielle*, e que acarretaram a cisão do grupo, indo uns na companhia de Mure para o Saí, e outros na companhia de Derrion para o Palmital. Em pouco tempo, nada sobraria daquilo que Reynier orgulhosamente chamava de "vanguarda sagrada da armada pacífica"... Sobre os acontecimentos desastrosos do Saí trataremos com mais detalhes no capítulo intitulado o

³⁸ Idem..

Saí.

Com o insucesso do falanstério, Mure retornou para o Rio de Janeiro, onde entregou-se a sua atividade de propagandista da homeopatia. Ali, fizera erguer uma casa sobre a inclinação do Morro do Castelo, no alto do terreno, cercado por espinhos. O lugar, marginalizado, era freqüentado exclusivamente pelos negros que para lá dirigiam-se ao anoitecer e ali permaneciam drogando-se com o *pango* (*cannabis indica*) para atenuar as agruras dos trabalhos exaustivos aos quais eram submetidos, e isto faziam apesar de conhecerem a proibição do uso da planta para tal finalidade. Neste recanto, nem mesmo a força policial ousava penetrar, mas Mure fez do lugar uma agradável morada na qual desfrutaria do merecido descanso depois dos meses tumultuados da sua permanência no Saí. A sua casa ligava-se, por um lado, à rua São José, endereço onde havia concentrado a maior parte de suas atividades, de modo que bastava descer o morro para chegar à escola, à farmácia, livraria ou consultório. O telhado de sua casa ligava-se, por um dos lados, à encosta do morro por uma ponte e era ali que buscava refúgio quando precisava descansar, abandonando-se à visão magnífica do Pão de Açúcar, da Serra dos Órgãos, do forte de Santa Cruz e da Ilha das Cobras. Neste lugar, deixava-se dominar pelo espírito da *cannabis* e transportar-se em imaginação, embalado pelo alento da brisa refrescante da atmosfera tropical, sem que ninguém pudesse interrompe-lo, sem ser incomodado por nenhum som. Pela rotina de trabalho a qual submetia-se diariamente, podemos imaginar a necessidade desses momentos de retiro e extenuado, no final do dia, recolhia-se sem permitir mais visitas, apenas recebia, através de um mecanismo inventado por ele, as mensagens do

Instituto que havia criado, entregues por um empregado, solicitando suas decisões sobre determinados assuntos. Assim como chegavam as mensagens, partiam as respostas ³⁹.

Um simples panorama das realizações de Mure no Rio de Janeiro, pode nos fornecer a dimensão da sua atividade. O temperamento irrequieto de Benoit Mure, não permitiu que se deixasse abater pelos insucessos do Saí. Quando, desde meados de 1843 abandonou a colônia, dedicou-se a dar continuidade às atividades iniciadas já em 1841, no Rio de Janeiro, como médico homeopata. Através do *Jornal do Commercio*, divulgava em 1841, por exemplo, o projeto para a formação de um *Instituto Escola Homeopático* que intentava implementar no Saí, mas isto não pudemos apurar se chegou a concretizar-se.

Em 1843, entretanto, Mure estava no Rio de Janeiro reunindo esforços com o Dr. Vicente José Lisboa para criar um *Instituto-Escola Homeopático* naquela cidade. Em dezembro de 1842 já havia fundado o *Instituto Homeopático do Brasil*, mas conseguiu instala-lo apenas em 10 de março de 1843. O objetivo principal da criação daquela instituição era o de propagar a homeopatia em favor dos pobres. Na verdade, o Dr. Mure movia-se por ambições mais elevadas e desde o princípio projetava equiparar a homeopatia no Brasil ao patamar em que era praticada no exterior. Para isso, o primeiro passo seria o da divulgação da nova ciência e, em seguida, o da criação de uma Escola capaz de formar médicos homeopatas e formá-los dentro dos princípios hahnemannianos puros. A Escola devia ainda, proporcionar um ensino teórico (história da homeopatia, cursos de terapêutica, posologia e farmacologia) e prático (experiências no homem são, prática á cabeceira dos leitos e preparo de remédios).

Logo na segunda reunião anual do *Instituto*, o Dr. João Vicente Martins propôs a

³⁹ Benoit Mure, *La Philosophie Absolue*, op. cit. p.1.

fundação de uma *Academia de Medicina Homeopática e Cirurgia* e um mês depois, em 6 de fevereiro de 1845, as aulas tiveram início. Na Escola, Mure ministrava os cursos de fisiologia, patogênese e doutrina homeopática.

Mas a prática da medicina, na visão de Mure, devia ser acompanhada da criação de farmácias habilitadas para o preparo dos remédios e podemos imaginar o tamanho do empreendimento em que se teria envolvido, pois antes dele nada disso existia, apesar da homeopatia ter sido introduzida e praticada no Brasil desde 1818 por Antônio Ferreira França.

Mure estava convicto, inclusive, de que a antiga medicina (a alopatia) viria a transformar-se pelo conhecimento da nova ciência e pelos resultados apresentados pela prática da homeopatia. Como tudo isto dependesse da aceitação do caráter científico da homeopatia Mure tratou de propor a criação do *Instituto Panecástico do Brasil*, o que se deu em 3 de maio de 1847, quando reuniu várias pessoas numa sala da casa da rua São José, 59, endereço onde funcionava o consultório homeopático. O objetivo do *Instituto Panecástico* seria o de "propagar os princípios da emancipação intelectual do imortal Jacotot, e substituir à autoridade e ao pedantismo os direitos da razão humana"⁴⁰. Do próprio *Instituto* deveriam sair os fundos para a criação de um colégio normal. Vê-se, portanto, que Mure alimentava a esperança de reconstruir, desde as bases, as formas de conhecimento e entre os escritos que nos legou acha-se uma proposta curricular de ensino para o Brasil.

Para difundir os progressos da homeopatia no país, ele e seus companheiros fundaram uma revista, chamada *A Sciencia*, que começou a circular em 1847. Além de uma discussão teórica, a revista divulgava também dados interessantes sobre o movimento

homeopático que tomava impulso no país. Em setembro de 1847, divulga-se pela revista, por exemplo, que o consultório homeopático da rua São José, atendia por mais de três horas por dia, tinha três mesas de consulta que no prazo de uma semana chegavam a atender a 100 pacientes, que teria recebido 3 mil doentes no prazo em que o de Nova York recebera apenas 100.

No mesmo lugar do consultório funcionava ainda, desde 1845, a *Sociedade Hahnemanniana*, cujos estatutos foram modificados em 1847. Era uma sociedade científica que visava o "exame e o aperfeiçoamento teórico e prático da homeopatia"⁴¹, e que se reunia com esta finalidade todas as quintas feiras às cinco horas da tarde. Duas sessões solenes aconteciam anualmente, uma em 11 de janeiro e outra em 3 de julho.

Por esta época há o rompimento entre Mure e Duque Estrada (1812-1900) que teria sido um de seus colaboradores. Este obtivera o diploma em medicina em 1833 pela Faculdade de Medicina da Corte e, em 1840, elegeu-se deputado à Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro. Dizia ter rompido com a medicina tradicional, porém para conservar as posições galgadas junto aos poderes constituídos, praticava a alopatia. Enquanto Mure defendia a maior liberdade possível no exercício da homeopatia, o seu colega admitia que só poderiam praticar a nova ciência os diplomados em escolas regulares de medicina. E, em oposição ao *Instituto Hahnemanniano*, Duque Estrada fundou a *Academia Médico-Homeopática*, cuja finalidade seria a de propagar e desenvolver as idéias de Hahnemann e a de criar um hospital dedicado, inteiramente, ao tratamento dos enfermos pobres. À reunião de criação da *Academia* compareceram várias pessoas que haviam fundado o *Instituto* com o Dr. Mure, inclusive o próprio Dr. Vicente José Lisboa.

⁴⁰ *A Sciencia revista synthética dos conhecimentos humanos* (3), RJ: Typ. Universal Laemert, 3 set. 1847.

⁴¹ *A Sciencia...*, já citada, (4), out. 1847.

O principal motivo da cisão foi que Duque Estrada não podia admitir o fato de "a nobre ciência médica" vir a ser praticada pelo povo, pessoas sem conhecimento, mal preparadas inclusive, na sua opinião, para executar até mesmo as tarefas mecânicas às quais estavam habituadas.

Em março de 1848, em reunião extraordinária do *Instituto Homeopático*, o Dr. Mure demitiu-se da presidência e, em 8 de abril, fez publicar um artigo sobre seu afastamento por motivo de doença. Em 13 de abril deixou o país.

A contribuição do Dr. Mure para a definitiva implantação da homeopatia no Brasil é inegável. Segundo números fornecidos por Sophie Liet, que foi sua aluna, e o acompanhou posteriormente ao Egito, e a quem devemos a publicação póstuma das obras de Mure, ele teria deixado, só na província do Rio de Janeiro, mais de 25 dispensários, e no restante do império, 50. Além disso, ele também formou mais de 500 alunos que passaram a praticar a homeopatia em toda a América do Sul.

Os seus esforços estendiam-se também, às conquistas no plano da legislação vigente no país e, pela lei de 3 de outubro de 1844 pode adquirir o direito de abrir a escola de homeopatia, fundada em 10 de janeiro de 1845, na qual 12 professores ensinavam conforme a doutrina de Hahnemann. Depois de longas disputas e argumentações recebeu, pelo aviso de 27 de março de 1846, a autorização para conceder certificados de estudos, e estes passaram a ser distribuídos a partir de 2 de julho de 1847. Neste mesmo ano, em 10 de outubro, fundou a Academia médico-homeopática e, em 12 de dezembro abriu o Hospital em Santa Teresa. Entre as inúmeras preocupações de Mure, estava a assistência aos necessitados e para garantir o tratamento homeopático aos negros, fundou a Sociedade Prosperidade e, além disto a Confraria de São Vicente de Paula para a qual fez virem 12

irmãs, chegadas a 20 de fevereiro de 1849. A sua intensa atividade como médico valeu-lhe uma acusação por envenenamento, posteriormente reconhecida como caluniosa.

Todas as suas realizações, seja como médico, seja como empresário, sempre estiveram amparadas por um trabalho de divulgação pela escrita e, quando havia engajado-se no projeto da colônia, o *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro deu ampla cobertura aos fatos relativos ao empreendimento. As suas atividades como homeopata encontravam divulgação pela revista *A Sciencia*, que fundou em julho de 1847, de cuja redação participavam os professores da Escola Homeopática do Rio de Janeiro. As suas idéias e estudos, tratou de redigi-las e encontram-se publicadas em vários idiomas. Um de seus livros, intitulado *Prática elementar da Homeopatia*, obteve uma tiragem de mais de 10.000 exemplares objetivando a popularização da arte de curar nas plantações de cana de açúcar. Segundo Sophie Liet, nesses lugares, a saúde dos negros foi sensivelmente melhorada e a taxa de mortalidade entre eles que, em 1842, era estimada em 10%, depois da introdução da homeopatia desceu para 2 ou 3 % ⁴². Ainda, segundo dados fornecidos por esta aluna de Mure, a sua obra *Le medicin du peuple* teve uma primeira tiragem de 50.000 exemplares e uma segunda de 30.000, ambas esgotadas.

No campo das experiências homeopáticas, é de se notar a dedicação aos estudos dos efeitos sobre o organismo humano de 36 ervas brasileiras e do veneno da cobra coral que tanto inquietava os plantadores da península do Saí. Entre professores e alunos da escola homeopática era comum o teste sob o organismo são, com substâncias ainda desconhecidas da matéria médica homeopática. Foi assim, por exemplo, que João Vicente Martins arriscou-se experimentando o veneno da mandioca, no que foi imitado por vários alunos e estes, que não tiveram a mesma sorte do seu mestre, foram obrigados a um tratamento

longo devido aos efeitos do veneno. João Vicente Martins, mais afortunado, pode observar e descrever as sensações do envenenamento nos seus oito dias de duração. Às custas de experiências do gênero, que Mure teria sistematizado uma farmacopéia homeopática brasileira.

Em 1844, Mure desenhou e fez fabricar, no Rio de Janeiro, um aparelho de sucção que permitia retirar o ar da garrafa de diluição e, segundo imaginava, poderia garantir a pureza da substância em altas atenuações. Para a preparação dos remédios, Mure elegera uma pessoa de sua confiança e por princípio, sempre orientou os alunos a exercerem um controle, o mais completo possível, sobre a manipulação do medicamento.

Os trabalhos extenuantes e o clima abalaram a sua saúde e, por isto, e também pela ruptura com os seus seguidores, decidiu retornar à França. Na sua carta de despedida escreveu:

"meus serviços já não eram tão imediatamente necessários à causa da homeopatia no Brasil, e de que se eu ainda a podia servir, o devia fazer, porém de outra maneira, e sem continuar a expor a minha vida, privando-me de todo o repouso, como o tenho feito.

Colher os materiais da história da homeopatia, que estou escrevendo, e fazer participante à Europa dos progressos que a doutrina de Hahnemann tem feito no Brasil, são os dois fins que me pareceram adequados a preencher"⁴³.

Mure partia convicto de duas coisas: primeiro, de ter deixado no Brasil uma prática homeopática que em nenhum ponto da Europa podia gabar-se de ter conquistado; em segundo lugar, que esta posição só pode ser galgada pela ruptura existente entre medicina tradicional e medicina homeopática. Para ele, a garantia da manutenção da pureza dos princípios da homeopatia é que, no fundo, representavam a garantia de sua própria existência como ciência, e sobre isto, existe o caso da Alemanha para comprovar como

⁴² Liet, *op. cit.* p. 14.

havia sido desviados os rumos da arte de curar quando passou a ser ensinada na faculdade de medicina alopática.

Não podemos ignorar também, que o momento da partida de Mure, coincidiu com a eclosão da revolução na França, em fins de fevereiro de 1848, quando caiu Luís Felipe e foi proclamada a república. Apenas não pudemos determinar a relação existente entre a súbita decisão de partida e os acontecimentos políticos passados no seu país. Sobre isto Mure nos deixou um relato breve no seu *Philosophie Absolue* de uma visão inspirada pelo espírito de *cannabis* que lhe teria dito "Consola-te. Os maus adormecem na prosperidade, mas Deus vela. O reino de Luis Felipe não é eterno". Depois destas palavras Mure teve a visão do rei fugindo da cólera do povo e do trono incendiado na praça do Carroussel e, segundo ele, foi por esta visão que resolveu promover ele também uma revolução, deixando o Brasil "para rever a França (...) rejuvenescida e purificada" ⁴⁴.

As opiniões políticas de Mure são controvertidas para o período porque ele se apresenta como um crítico contundente tanto da monarquia quanto da república e isto, em nome de um modelo de sociedade formulado a partir dos princípios de uma ciência verdadeira, isto é, que fosse identificada com os preceitos da natureza. Sobre a república, por exemplo, dizia ser um regime tão opressivo quanto a monarquia, porque debaixo da demagogia do sufrágio universal, que cria a ilusão da soberania popular, aparece uma "espoliação monstruosa disfarçada sob o nome de imposto" ⁴⁵. Para ele, a soberania popular se configura como uma realidade, quando cada cidadão percebe a sua parte do budget. Não era monarquista, nem republicano, socialista e muito menos comunista, mas ainda assim,

⁴³ Benoit Mure "Minhas despedidas", *A Sciencia...*(15), 29 de abril de 1848, Rio de Janeiro: Typ. Real Silva Lima.

⁴⁴ Benoit Mure *Philosophie Absolue*, *op. cit.* p.19.

⁴⁵ Idem p.24.

não era indiferente. Admitia a propriedade privada não como um direito natural, mas na forma de uma instituição social e enquanto tal, submetida ao imposto anual. Sob o nome de propriedade compreendia a propriedade do solo superficial e profundo, a propriedade científica, a artística, a literária, a industrial, a comercial, mas neste regime, o povo é soberano, isto é, não está sujeito a uma administração central parasita e corrupta responsável pela destruição das riquezas, quando deveria, ao invés disto, cuidar da sua multiplicação. Paradoxalmente, é um crítico do materialismo e um entusiasta da emancipação do espírito humano.

Com essas opiniões não saberíamos dizer que os últimos acontecimentos na França tivessem sido decisivos para a partida de Mure, mas o fato é que ele deixou o Brasil em 13 de abril de 1848, prometendo voltar em no máximo seis meses, o que não conseguiu cumprir.

Durante três anos permaneceu na França persistindo na sua luta pela formação de médicos homeopatas, mas ao final fatigou-se quando viu seus alunos recorrerem à faculdade para a obtenção do diploma que facultaria a eles o direito de exercer a profissão sem serem incomodados. Farto por ver-se, como dizia, recrutando para o inimigo, decidiu partir para o Egito, pois acreditava que ali se poderia viver e curar sem médicos. Tudo indica que para Mure, a aversão aos médicos tornara-se obsessiva.

Por volta de 1851, Mure travou conhecimento com Sophie Liet, sobrinha de M. Lemaire, membro do Corpo Legislativo e do Institut de France. Mme Liet, como Mure, tornara-se discípula de Hahnemann e dedicava-se à prática e à propaganda da homeopatia no departamento do norte. A sua dedicação aos doentes, muitos deles desenganados pelos médicos, bem como os resultados que alcançou com os seus tratamentos, valeram-lhe uma

homenagem da sociedade de beneficência dos Incas. Um forte laço estabeleceu-se entre Sophie Liet e Mure e, em pouco tempo ambos estavam decididos a partir rumo ao Egito.

Para o nosso médico, o objetivo da viagem não restringia-se, como de hábito, à propagação da homeopatia. Os dissabores experimentados no Saí, ao invés de provocarem um desalento em Mure, só serviram para reformular seus planos e recolocá-los na ordem do dia. Se o sistema de Fourier, tal como tentou aplicar dera em nada, agora fixava-se na realização de uma colônia às margens do Nilo, baseada em princípios humanitários, tal como ele próprio havia projetado no seu *Armanase, ou Organon de la sociabilité humaine*, escrito com a finalidade de apresentar uma solução possível para o problema da organização humana de acordo com os princípios da homeopatia. A concepção de Mure não formou-se, todavia, à revelia e nela podemos notar uma forte influência das doutrinas socialistas de Fourier e de Jobard.

Do Cairo, os dois partiram em 1852, num vapor que subia o Nilo, levando todo o necessário à realização do empreendimento a que se propunham. Desnecessário dizer das penas sofridas durante o trajeto, por água e por terra, mas nada disto retirou-os da rota. Em 13 de abril, Mure escrevia a seu pai, incentivando-o a tomar parte na empresa:

"Não diga que eu sou um louco. Homens de coragem e de inteligência deixam neste momento suas mulheres, seus filhos, seu futuro, na fé de minhas palavras e vêm não somente de Paris, mas de rios longínquos da América do Sul para trabalhar na realização dos meus grandes projetos humanitários... Venha então eu te mostrarei maravilhas bem mais altas, mais interditadas aos olhares profanos dos vulgares. Eu te ensinarei que a rota dos astros está com efeito aberta..."⁴⁶.

Vemos que o idealismo de Mure permanecia intacto, malgrado as decepções sofridas a cada passo.

⁴⁶ Charles Janot, citado.

Durante a viagem, Mure vivenciou uma experiência amarga talvez provocada pelo choque cultural, pouco sabemos, mas o fato é que se teria desentendido com nativos incumbidos de ajudá-lo na travessia das cataratas que separavam Ouadi-Halfa e Dongola, onde pretendia chegar. Parece que os nativos, valendo-se da condição de Mure de estrangeiro rico, pretendiam fazê-lo pagar muito além da conta pela travessia, o que Mure recusou. De qualquer forma, a seriedade da situação podemos imaginar pelo relato deixado por ele próprio:

"Somente, se eu sucumbir, este papel que deve sobreviver a mim explicará as causas do meu naufrágio... Reprovar a exploração, desmascarar os hipócritas, distinguir os fracos, curar os sofredores, instruir os simples, associar os bons, enfrentar os perversos: tal é o único pensamento de minha alma, ocupação constante de minha vida. Nada far-me-á desviar disto um instante" ⁴⁷.

Bem, Mure pagou caro pelo risco da travessia, pois os seus pertences foram engolidos pelas cataratas e teve sorte de chegar a Dongola são e salvo. Entretanto, nem esta tragédia, que praticamente ameaçava o sonho de ver florescer a sociedade armanasiana, viria a aplacar a alma inflamada do nosso personagem. Ele e Sophie, sua inseparável companheira, permaneceram em Dongola por um tempo, curando os nativos e os animais pela homeopatia. Depois seguiram viagem, ainda resolutos a fundar a colônia.

Em 1853, já haviam conquistado um número suficiente de inimigos e em 21 de janeiro, Mure sofria um atentado quando achava-se entre os missionários católicos em Ianonica. Gravemente ferido, foi levado à Cartum, onde recebeu os primeiros socorros de Sophie. Cinco longos meses se passaram até que pudesse recobrar as forças e dar continuidade aos seus escritos. Em primeiro lugar, tratou de levar ao conhecimento do cônsul da França no Cairo, a gravidade do atentado que sofrera e pedir proteção, uma vez que os inimigos prometiam que do Sudão ele não sairia com vida. As autoridades nada

fizeram ou mesmo nem chegaram a receber as cartas, e Mure arcou sozinho com os riscos de uma viagem ao Egito. Chegou com Sophie ao Cairo em novembro de 1853 e mesmo ainda com a saúde abalada iniciou ali a propaganda da homeopatia conquistando adesões importantes, como por exemplo, do Dr. Polv, do barão Gottenberg, e do sr. Alaça, que viriam a dar continuidade aos trabalhos no Cairo na ausência de Mure.

Em janeiro de 1854, partiu para Genova ao encontro do Dr. Jules Gougon e aliado à inseparável Sophie, abriu um grande dispensário, onde passou a tratar os doentes do cólera. Os sucessos alcançados pela homeopatia no tratamento da doença fizeram lotar o dispensário e durante 11 dias, sem descanso, Mure, Sophie e os alunos, debruçaram-se sobre os leitos dos 864 doentes a quem assistiam e destes conseguiram salvar 790 o que representa uma taxa de mortalidade de 5%. A taxa de mortalidade dos alopatas era bem superior, em torno dos 60% e isto fazia aumentar a demanda no dispensário de Mure para onde afluiu uma multidão de 10.000 genoveses em busca de um tratamento preventivo para o cólera. Nesta empresa, Mure colocava dinheiro do próprio bolso, como de costume, e quando chegou o momento de não mais poder continuar despendendo, pediu o socorro da municipalidade. O prefeito não só recusou-se como ainda fez perseguir o doutor por exercício ilegal da medicina. Nada restava além de fechar as portas do dispensário e enviar os doentes novamente à municipalidade. Houve imediatamente após isto, uma revolta da população, que se dirigiu amotinada, por duas vezes, à porta da prefeitura aos gritos de "A homeopatia ou a morte!". Para conter a revolta, o governo viu-se compelido a enviar tropas de Turim ⁴⁸. Antes do início da operação policial, Mure conseguiu evadir-se, temendo ser apontado como o responsável pelos episódios.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ Liet, *op. cit.* p. 18.

Cansado e debilitado por ter contraído cólera por duas vezes, Mure dirigiu-se à Lyon, onde permaneceu pouco tempo, pois era esperado em Marselha por autoridades egípcias interessadas em fundar, no Cairo, uma escola de homeopatia. O seu estado de saúde não permitiu que partisse imediatamente e por isto permaneceu na França mais dois anos. Finalmente, em 1856, partiu para o Cairo e ali manteve-se em atividade até a sua morte, em 4 de março de 1858, aos 49 anos de idade, ocorrida no momento em que fazia os preparativos para voltar ao Brasil, pois sonhava ver os frutos do movimento que lançara no país.

Em 15 de junho de 1849 a necrologia do Dr. Mure pelo telégrafo de Bruxelas informava que teria sido levado pelo *kramsin*, o frio do deserto. Ali as qualidades de Mure foram exaltadas como:

"... uma inteligência incorporal destacada da matéria, como estes anacoretas do deserto passados pelas macerações ao estado de profetas...

Mure era por sua vez, como os grandes gênios da idade média, um engenheiro, um poeta, um inventor, um publicista, um colonizador, um filósofo cristão, servindo a humanidade e desprezando os homens avaros por ele mesmo, e despendendo uma grande fortuna em aliviar e iluminar o mundo, que o desconheceu, rejeitou, caluniou, abandonou, como todos os precursores e criadores de alguma verdade nova.

(...) era um desses espíritos superiores que Deus delega de tempos em tempos sobre a terra para esclarecer a humanidade. Mure foi um dos primeiros espiritualistas de nossa época; ele repetia freqüentemente: o homem acredita andar, mas Deus o leva"⁴⁹.

Certamente, estes traços bem espelham o gênio de Mure, porém são insuficientes para definir o seu princípio de vida. Antes de mais nada, todo o seu pensamento advém de uma noção de tempo e de história perpassada pela mistura de concepções extraídas da tradição hermética, cabalista e alquímica com traços de um cristianismo heterodoxo. Na sua

⁴⁹ Idem. p. 18-20.

concepção de mundo, um tanto prolixa, encontraremos, por exemplo, referências a Raimond Lull, Lacunza e São João dos quais utiliza-se para criar uma cosmogonia particular. No centro da criação está Deus, ou a inteligência, mas ele não é o responsável direto pela criação do mundo material tal como ele se apresenta, isto é, como experimentação do inferno. O nosso mundo é o resultado da obra dos espíritos rebeldes – os anjos decaídos – cuja finalidade seria de operar uma cisão entre mundo espiritual e mundo material. O mundo decadente em que vivemos é, para Mure, transitório, mas uma vivência necessária para nós, na medida em que a existência do mal gera um movimento na história para reconduzir os homens a Deus, à unidade do universo. Isto faz da história um instrumento de aperfeiçoamento dos homens e também, de um modo inverso, o percurso do seu próprio aniquilamento porque, na linha do tempo, os bons e os maus estarão sempre em disputa até o ponto em que o mundo ache-se definitivamente dividido entre os espiritualistas e o resto. A partir desta cisão perfeitamente caracterizada, lutas terríveis encerrarão a história, que desde o seu princípio já estava destinada a uma duração limitada.

O caráter provisório do tempo parece despertar em Mure uma certa indiferença quanto ao movimento da história. Em primeiro lugar, os fatos são criações falsas advindos de uma imaginação arbitrária, tal como havia intuído Bacon. A história verdadeira não pertence ao domínio deste mundo, mas encontra-se no absoluto, na esfera celeste, onde o tempo adquire uma dimensão infinita. As revoluções, tal como as temos praticado de nada valem e apenas representam "os terríveis sintomas de um mal escondido". Essas reflexões o levaram a crença na inocuidade das mudanças no estado social e à compreensão de que antes de intentar mudanças neste plano é preciso que se transformem os próprios homens. Uma verdadeira revolução terá lugar quando o homem, em substituição às lutas intestinas, souber dedicar-se ao desenvolvimento geral do intelecto. Quando todos os indivíduos

reconhecerem-se no terreno social munidos das mesmas capacidades, poderão igualar-se e tornar-se-ão independentes. Do contrário, permaneceremos atados a um modelo de sociedade, não importa a forma que assuma, sempre atípico com relação ao modelo normal, isto é, com relação àquele que segue os preceitos da natureza. É preciso que lutemos contra a nossa organização social, pois está fundamentada numa falsa ciência e pelo arbitrário da imaginação e podemos iniciar este processo de demolição quando reconhecemos que existem outras formas de conhecimento legítimas e desenvolvidas fora das instituições. A instrução é o alimento da alma, nos diz Mure, o elemento essencial para a vida e que nos faz independentes. Esta revolução no intelecto, que representa, em suma, uma revolução moral, será capaz de operar transformações mais profundas. É preciso também, ouvir as vozes de pessoas de gênio que surgem no tempo, como o seu mestre Lebailly Grainville, que costumava ensinar sobre a equivalência dos extremos, ou, de outra maneira, sobre serem as coisas negativas o produto da raiva. A miséria, portanto, é conseqüência do ódio que os homens nutrem pelo seu semelhante e provoca o sofrimento de todos e não apenas de uns. Para por um fim à organização viciosa da sociedade seria preciso que os cristãos se unissem e ignorassem as leis humanas e passassem a praticar apenas as leis cristãs porque o simples reconhecimento de um axioma que se tornou vulgar, o "amai-vos uns aos outros", seria suficiente para a aniquilação do materialismo.

Para reconstruir um mundo sob novas bases, é preciso ler na natureza o espírito que ela contém, como faziam os antigos e como pretendeu imitar, sem tanto sucesso, Fourier e também Swedenborg, com seus sistemas de analogias. O desvelar da natureza e a atenção aos preceitos a nós revelados por ela, poderiam lançar os fundamentos de uma nova ciência, diferente da ciência da modernidade assentada no método da observação dos fatos (e os fatos são, na verdade, uma falsa representação da realidade) e pela experimentação, isto é,

conhecer pelo peso, medida, coleta de dados, etc., em suma, pelo aspecto puramente material. Uma concepção de ciência sob novas bases nos teria sido legada por Hahnemann, fundamentada no princípio geral *similia similibus curentur* do qual se depreende a idéia da criação da matéria vida pela força vital, isto é, Hahnemann construiu uma ciência baseada no domínio do espírito sobre o mundo físico.

O aspecto mais interessante do pensamento de Mure é que ele eleva à categoria de ciência o conhecimento popular baseado nas tradições, quando ele admite, por exemplo, que não existe novidade em se curar pessoas pela adoção do princípio dos semelhantes, uma prática estabelecida desde tempos imemoriais, apenas Hahnemann teria introduzido a descoberta das leis deste processo. Enfim, a novidade de Mure, reside no fato de conceber o mundo ideal para o século XIX, construído pelo conhecimento, sobretudo matemático, porque é um conhecimento capaz de lidar com abstrações. Um tal conhecimento pode estar ao nosso alcance, ou mesmo ser produzido por qualquer indivíduo, sem levar-se em consideração o lugar aonde venha a situar-se no edifício social. Somente quando tivermos ultrapassado as barreiras impostas pelos preconceitos, na maior parte, fruto da indústria destruidora da ciência da modernidade, teremos conquistado o elemento de felicidade fundamental para produzir um mundo ideal onde todos possam, em igualdade de condições, reconhecer-se como fazendo parte de uma aliança representada pela legítima organização social.

As peculiaridades do pensamento de Mure analisaremos no capítulo seguinte, quando tentamos resgatar um tipo de diálogo que estabeleceu entre os vários autores que influenciaram as suas idéias.

A CIÊNCIA ORGANIZA O CAOS

Uma iniciativa que vem se tornando cada vez mais freqüente entre os historiadores é a produção de biografias. É que os relatos biográficos, na verdade, podem ser reveladores não somente de uma vida, mas de aspectos pouco explorados da sociabilidade, da imersão de uma vida na coletividade e, através de estudos dessa natureza podemos medir o grau de influência exercido pelo pensamento e atividade de uma pessoa em um determinado grupo ou na sociedade como um todo e, inversamente, traçar o percurso do raciocínio de um indivíduo, ou o modo como ele estabelece uma intercomunicabilidade entre as idéias do seu tempo e as exteriores a este. Ao final, se nos desligássemos de todos os preconceitos que inibiram a exploração, pelo historiador, das biografias, como uma ferramenta útil de trabalho, poderíamos admitir que, de uma certa maneira, um único ser humano é capaz de fazer história, contrariando muitas opiniões já cristalizadas sobre o assunto. Porém defender esta hipótese pareceria um contra-senso, sem que considerássemos o seguinte: o indivíduo que inevitavelmente, faz um recorte particular das idéias que absorve, atua na sociedade acreditando pertencer a uma grande corrente para a qual vem prestar também, a sua contribuição pessoal. O caso de Benoit Mure é bastante ilustrativo do ponto de vista que procuro demonstrar. A recuperação da saúde levou- a uma mudança radical no modo de viver. Estudou a nova ciência, a homeopatia, diplomou-se em Montpellier e passou a exercer a arte de curar como uma missão. Por todos os lugares onde passou, França, Itália,

Inglaterra, Brasil, Egito, procurou desenvolver uma propaganda sólida da homeopatia, mas principalmente, consolidar, através da assistência aos pobres, a crença na nova medicina, como uma alternativa aos métodos ortodoxos e, segundo ele, pouco recomendáveis, da medicina tradicional. A sua trajetória de vida, indubitavelmente, contribuiu para o recorte e seleção das idéias as quais pretendia dar seguimento, isto é, a opção pelo exercício da homeopatia não significou, para Mure, simplesmente uma ruptura com a medicina alopática, mas induziu-o a viver integralmente, de uma maneira diferente e, com isso, a romper também, com a alternativa de vida oferecida pelo plano institucional. Mas, Mure não se preocupava apenas em produzir uma crítica à organização política e social, nem satisfazia-se apenas em racionalizar as soluções possíveis. Ele era um empreendedor e buscava sem descanso a execução de seus projetos, tendo demonstrado uma capacidade extraordinária para suprimir todas as adversidades, dotado como era, de uma habilidade rara para atrair, com promessas fabulosas, até os mais precavidos. Dessa maneira, inclusive, encontrou no Imperador Pedro II um grande aliado na concretização do seu projeto ousado da formação do falanstério do Saí.

Mais interessante do que relatar aqui os dados biográficos do nosso personagem, parece ser investigar a singularidade e as origens do seu pensamento. Nas várias obras que escreveu e em artigos publicados em jornais e revistas, Mure desenvolve teorias próprias, resultantes da fusão do pensamento de vários autores, todos eles pouco conhecidos ou ocupando uma posição marginal no meio científico. No tipo de atividade intelectual que exerce, podemos notar que para além das escolhas individuais há nas suas teses um modo de reflexão típico das concepções do século XIX, como por exemplo, a crença na ciência como o paradigma absoluto, simbolizado pela imagem da árvore, cujos vários ramos brotam de um

tronco comum. Não que o conhecimento fosse concebido como imutável, mas que a busca da verdade – possível pelo intermédio da ciência – levaria o homem, progressivamente, para o aperfeiçoamento do conhecimento dos fenômenos e, conseqüentemente, ao aprimoramento no que tange as suas intervenções no meio.

Uma das primeiras influências teria sido exercida por um tio, Mure-Latour, um físico, aparentemente, escritor de uma trilogia da qual, infelizmente, não pudemos até o momento conhecer os princípios. Depois, desta primeira descoberta, despertou para Swedenborg, Hahnemann, Wrönsky, Fourier, Mesmer, Jacotot, Ling, José Vitorino dos Santos. A idéia de Mure, que alias parece bem em voga no século XIX, é a da confluência de todos os conhecimentos para a formação de uma lei geral capaz de reger e organizar o mundo. Assim, compreendeu que Hahnemann havia pautado as suas descobertas sobre a homeopatia exclusivamente na experimentação, sem que houvesse uma explicação satisfatória das causas, uma falha que impedia a elevação da homeopatia ao grau de ciência, ao rigor da exatidão matemática. Assim como na matemática a soma de 2 e 2 será sempre 4, todas as demais ciências devem conter regras fixas, válidas em todos os lugares e apreensíveis por todos. Mas, se Hahnemann não pode resolver este problema, uma lei da homeopatia poderia ser deduzida da Teoria da Unidade Universal de Charles Fourier, cujo princípio é o da compreensão do universo como um organismo onde tudo acha-se ligado e coordenado. Isto é, cada elemento deste universo, cada planeta, etc. contribui para a vida geral e os vários degraus de manifestação da vida, das formas superiores às inferiores, estão também, relacionados de per si. Essa descoberta alertou Fourier sobre a existência de uma lei da analogia universal que vem explicar como as manifestações da existência de um ser, seja um animal, um vegetal ou um mineral, estão reproduzidas alegoricamente nos vários

degraus da escala, correspondendo também, aos efeitos da vida no homem. Cada forma, cor, gosto, odor, enfim, as várias manifestações de vida, são o reflexo ou mesmo a representação das várias paixões, dos vícios ou virtudes da sociedade. O homem, que corresponde ao mais alto grau de manifestação da vida - ele é o pivô da criação -, pode conhecer a si mesmo, descobrir-se, no seu relacionamento com o mundo, pois no homem, como microcosmo, estão representadas todas as faces do universo que se tornam, por assim dizer, também o seu espelho. Nesse exercício de descobertas, o homem pode aprimorar-se, aperfeiçoando conjuntamente não mais o mundo, mas todo o universo.

Para o caso da homeopatia, essas teorias de Fourier servem como fundamento científico para o que antes existia apenas como prova de experiência. Aos corpos, ou à matéria, foram atribuídos sensações, movimentos, subjetividade, e esses atributos, ou essências de todas as coisas, explicam, por si, como são capazes de produzir bons ou maus efeitos em nossos corpos. Os bons efeitos comprazem, os maus efeitos causam repugnância, desorganizam, porém tem a utilidade de provocar as reações naturais e, conseqüentemente, a busca dos meios próprios ou exteriores para sanar os problemas. Estes mesmos efeitos sobre o corpo reproduzem-se, alegoricamente, no organismo social. A doença, tanto do indivíduo, como da sociedade, aparece quando se rompe um equilíbrio na organização interna dos organismos e a recuperação do estado de saúde é possível quando buscamos tanto a harmonia interna quanto à harmonia com relação ao mundo exterior. Deste ponto de vista a doença traz em si as causas físicas, mas também um fundo moral.

O pensamento de Franz-Anton Mesmer (1734-1815), contribui sobremaneira para a investigação do pensamento de Mure. Mesmer, que começou como teólogo e finalmente, optou pela medicina, dedicou seus estudos à idéia de que os astros exercem uma influência

sobre os homens e sobre o seu estado de saúde. A partir de 1776, passou a lapidar esta idéia, inspirada pela física newtoniana, e transferiu para o campo da medicina as suas análises em torno da física, resultando disto sua tese *Dissertatio physico-médica de planetarum influx*, através da qual buscava comprovar, inclusive, a veracidade da tese sobre a existência de uma *gravitas universalis*, como uma energia primordial, sideral, que se desprendendo dos corpos celestes como um fluído, penetra em toda matéria. Esta energia, nada mais seria do que a força da atração, como Newton havia descoberto. As hipóteses e investigações de Mesmer inspiravam-se, supomos, em teorias medievais, no campo da astronomia e também, da medicina. O método analógico, empregado naqueles tempos como procedimento científico, havia despertado Paracelso, por exemplo, para a utilização do imã como um instrumento de cura, pois parecia plausível admitir que, se esse metal possuía a capacidade de atrair certos objetos, podia também, atrair a doença para fora do corpo. Esse procedimento de Paracelso estava amparado, na verdade, no resultado alcançado pelos estudos sobre uma hipótese mais geral que vinha investigando: a da correspondência existente entre o *macrocosmo* e as várias partes do corpo humano, isto é, cada astro ou corpo celeste estaria relacionado a uma determinada parte do corpo humano. Mesmer defendia que a doença nada mais representava do que um bloqueio do fluxo do fluído de energia no corpo e o retorno ao estado de saúde se fazia por meio de massagens em pontos específicos para restabelecer a livre passagem do fluído. Muitas vezes, o retorno ao estado normal de saúde fazia-se por meio de convulsões a partir das quais restaurava-se o equilíbrio do organismo. Em outras palavras, Mesmer defendia que os próprios seres contém uma força íntima capaz de fazer recuar o estado mórbido e o imã seria apenas um estímulo para que isto ocorresse. De qualquer modo, para ele, a cura só é atingida quando há um

reatamento do homem com a natureza, em que nessa relação seja possível uma influência recíproca. É interessante de se notar que o processo de cura não era individual, mas coletivo, porque neste método importa a influência recíproca, a correspondência de uns com os outros, os seres vistos, neste processo, como uma unidade. Os pacientes ligavam-se uns aos outros por cordas, ou pelas extremidades dos dedos, em torno do recipiente com água magnetizada e, deste modo, esperava-se favorecer a circulação do fluído através dos organismos. A música cumpria um papel importante neste processo, pois acreditava-se, contribuía para acentuar esta circulação. Mesmer, na verdade, era um amante da música, tocava clavicórdio e violoncelo e tornou-se amigo e protetor de Mozart, com quem freqüentava a mesma loja maçônica. Na casa que habitava em Viena, onde Mesmer recepcionava freqüentemente os seus amigos, Mozart realizara a primeira de "Bastien e Bastienne". O músico, diga-se de passagem, não esqueceu-se de homenagear o amigo em várias ocasiões, como, por exemplo, em "Cosi fan tuti", nestes versos: Aqui a pedra imã/
Deve prová-lo/ Um dia Mesmer a usou:/ Ele que a origem deveu/ A um cantão alemão,/ E
tanta fama alcançou/ Em França ¹.

De fato, as suas teses e experimentos lhe valeram a antipatia dos meios acadêmicos vienenses e, por sucessivas perseguições, acabou dirigindo-se à França onde exerceu a medicina de 1778 a 1785.

As experiências de Mesmer na área médica tiveram início com o uso do imã no tratamento das doenças, método conhecido em pouco tempo como magnetismo. Posteriormente, Mesmer descobriu que, na verdade, a força da cura não residia no imã, mas em si próprio, em suas mãos, e passou a analisar como a energia de uma pessoa pode ser

¹ Stefan Zweig, *Mesmer*, Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores (A cura pelo espírito, 1), sd.

transferida e influir sobre a vontade ou a ausência de vontade de outra pessoa. Este processo de investigação culminou então, no estabelecimento das primeiras hipóteses sobre a existência também, de um magnetismo animal, pois, deduziu que os seres parecem dotados da mesma energia presente nos imãs. A aplicação da hipnose nos tratamentos, que, diga-se de passagem, jamais teria sido utilizada por Mesmer, foi uma consequência natural da investigação dos efeitos da transferência da vontade de uma pessoa para a outra. Embora os procedimentos de Mesmer fizessem crer que toda sua filosofia estivesse perpassada por conteúdos místicos e mágicos, na verdade, todos os seus esforços concentravam-se na descoberta de meios adequados para o homem realizar um uso eficaz das forças contidas em seu próprio organismo. A isto prestam-se inclusive, os estudos sobre o sonambulismo, que juntamente com os estudos sobre a hipnose foram, posteriormente, desvirtuados pelo espiritismo, que retirou-lhes o caráter de investigação científica, ao privilegiar apenas o lado sensacionalista destas descobertas, e nessa qualidade não mais receberam crédito algum nos meios científicos.

Mesmer era um homem mergulhado na tradição iluminista, como bem lembrou Darton, um século de empirismo e experimentalismo em que "o fluído invisível de Mesmer parecia igualmente miraculoso, e ninguém poderia afirmar que era menos real do que o flogisto que Lavoisier vinha tentando expulsar do universo"² Neste mesmo século, este conhecimento científico, amparado numa realidade física, transfere ou empresta seus significados para a tradução e interpretação das novas realidades do campo social, fragmentado. Não é sem razão que Darton percebe no processo revolucionário francês uma importância menor de Rousseau do que de Mesmer, cujo conteúdo tornou-se muito mais

popular. O seu pensamento abre as vias de um domínio popular sobre o saber do corpo físico e do social inusitados, pois suas teses rejeitam o plano institucional de onde emanam as formas reconhecidas de saber, e instituem um novo conceito, o de *influx*, que é externo ao ambiente científico, como ponto de referência para o conhecimento. O fato de ter optado pela palavra *influx*, (mais próxima de emanção) ao invés de *influentia*, (utilizada pelos antigos latinos para expressar a ação dos astros sobre o destino) já é indicativo de que as suas teorias encontram-se muito mais próximas de uma raiz iluminista do que da medicina vitalista de Paracelso ³. Entretanto, naquele momento, até a ciência não escapara do recurso à imaginação, à teologia e à ficção para formular suas próprias teses. A investigação da possibilidade da Lua exercer uma força magnética vinha sendo levada adiante por Von Humboldt, enquanto Galvani, na Itália, pesquisava a eletricidade animal ⁴.

As idéias de Mesmer teriam servido de apoio tanto para místicos quanto para radicais revolucionários, tendo se misturado às idéias swedemborguistas, ocultistas, etc. de caráter mais popular, até não se poder identificar mais, já no século XIX, os elementos pertinentes à teoria original. Para Mesmer, entretanto, sobrevive, para além das suas leis terapêuticas, uma preocupação de cunho político e social, mesmo que não levada declaradamente. Talvez o desejo de conscientização sobre a necessidade de introduzir a harmonia como uma regra geral, que de resto já era um conceito bastante difundido entre os maçons, o tivesse levado a organizar em 1784 a Société de l'Harmonie universelle, que posteriormente os seus discípulos difundiram em Bordeaux, Lyon, Estrasburgo, Ostende e

² Robert Darton. *O lado oculto da revolução: Mesmer e o final do iluminismo na França*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

³ Agnes Spiguel, "Mesmer et l'influence", *Romantisme- Revue du dix-neuvième siècle*, (98), Paris: Sedes, 4º trimestre, 1997.

⁴ Darton, *op. cit.*, p.22.

nas colônias de São Domingos. Lyon, principalmente, um território de confluência de práticas e teorias místicas, revolucionárias e maçônicas. Ali, Pierre Ballanche, simpatizante também do mesmerismo, apesar de defender posições conservadoras, abriu espaço para Fourier, no seu *Bulletin de Lyon*, para que anunciasse a sua descoberta da lei da Harmonia Universal. De adeptos do mesmerismo podemos encontrar desde Owen, até Pierre Leroux (sansimoneano) e inúmeros fourieristas, a começar pelo primeiro discípulo de Fourier, Just Muiron, até figuras tão expressivas dentro do movimento como Victor Hannequin e também Benoit Mure. Hugh Doherty, chegou a escrever uma carta para uma revista swedenborguista, onde comparava os fatos por ele presenciados durante uma sessão de mesmerização e certos aspectos da teoria de Fourier sobre a influência, no mundo material, do aroma ou fluído "imponderável". Para Doherty, este fluído universal, é o mesmo presente nos braços do mesmerizador e que é refratado pelos seus dedos, assim como os raios solares refletem-se num prisma. Do mesmo modo, cada dedo refletiria uma cor. Para Doherty, parece perfeitamente possível uma tradução de significados entre a teoria dos aromas de Fourier e os fluídos magnéticos de Mesmer. O cimento desta translação seria possível pelos princípios da analogia universal. Durante a sessão de mesmerização, ele pode constatar, por exemplo, que o dedo médio, refletiria a cor vermelha ou rosa, relativa a ambição, o dedo mínimo, a cor púrpura ou violeta, da amizade, e assim por diante. Na verdade, estava ansioso por comprovar as descobertas sensuais de Fourier e mesmo levá-las adiante, pois os fatos que presenciou o voltaram para a reflexão, por mais absurda que nos pareça, da analogia no âmbito geral: "se uma pessoa cega pode ser mesmerizada e levada a ver as cores refratadas dos fluídos magnéticos, de resto invisíveis a todos, pois, as cores vistas por uma pessoa sob sono mesmérico não são as refrações da luz solar, mas daquele fluído peculiar

que perpassa o corpo humano, e o qual não podemos nem ver, nem sentir, acordados, mas, que o cão pode sentir, pois os seus nervos olfativos são mais suscetíveis do que os nossos"

⁵.

Na verdade, os discípulos de Fourier viviam sob o desconforto de volta e meia serem obrigados a explicar os pontos polêmicos da teoria legada pelo mestre, como a cosmogonia e a analogia universal, que lançavam a possibilidade da pluralidade de mundos, da existência de vida em outros planetas e da transmigração das almas. Estes mesmos pontos foram deixados na penumbra pelo próprio Fourier, mas, na época, tais hipóteses já não deviam causar espanto tendo em vista a popularidade dos escritos de Herschel, em 1835, que versavam sobre a Lua, supostamente habitada por seres estranhos para nós e denominados Vespertilhos e Selenitas. Na tentativa de conferir às teorias de Fourier um caráter científico Hugh Doherty escreveu no *Démocratie Pacifique* uma série de 15 artigos entre os anos de 1845 e 1847, dedicados ao problema da religião e que visava explicar a pluralidade dos mundos utilizando como recurso à interpenetração das idéias de Fourier, com os Evangelhos e os escritos de Swedenborg ⁶

Mesmer, tanto quanto os já citados aqui, possuía também um projeto próprio ao qual denominou *Notions élémentaires sur la morale, l'éducation et la législation pour servir à l'instruction publique en France*, publicado postumamente no *Journal du magnétisme*, 1845-1855 e 1882-1885. Segundo Darton, ali Mesmer defendia, dentro de um rigoroso jacobinismo, a idéia da plena soberania popular e da lei como expressão da vontade geral ⁷.

⁵ Hugh Doherty. "Mesmerism" *New Church Advocate, a magazine on review of theology, science, art and literature*, (29), 1 de julho de 1843. Swedenborg Society.

⁶ Michel Nathan, *Le ciel des fourieristes- habitants des étoiles et réincarnation de l'ame*, Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1981, p. 93. No livro o autor demonstra como estes temas assumiam, na verdade, um caráter extremamente subversivo.

⁷ Darton, *op. cit.*, p. 127, e Spiguel, artigo citado, p.37.

Da parte de Mure, as descobertas de Mesmer seriam a comprovação da possibilidade de um canal de comunicação aberto com a exploração científica entre o visível e o invisível, o finito e o infinito. Em uma passagem do seu *Philosophie Absolue* teria escrito que Mesmer "não somente prova a realidade dos atos perturbadores dos taumaturgos antigos; ele os multiplica ele os vulgariza. Ele subordina ao espírito a matéria vencida e trêmula" ⁸. A Mesmer ele reputava a descoberta da unidade absoluta como uma ciência capaz de revelar aos homens uma natureza sem mistério. Mas não saberíamos dizer até que ponto teria ele explorado os recursos descobertos por Mesmer em suas próprias especulações, apenas sabemos que Mure procurava enxergar sempre além das teorias apresentadas e, por isto mesmo, nutria uma profunda admiração pelos que se arriscavam a contestar os conhecimentos aceitos incondicionalmente. Assim, parece ter crescido diante dele também, a figura de José Victorino dos Santos e Souza, professor de matemática e de física na escola militar do Rio de Janeiro e autor do livro intitulado *Nova Teoria do Universo*, cujo último dos mil exemplares Mure teria recebido das próprias mãos do autor. Entre os dois estabeleceu-se um laço de amizade de tal forma que o doutor teria convidado José Victorino a expor suas teorias sobre o sistema astronômico num curso de física ministrado na escola de homeopatia, curso que, para a infelicidade do doutor, não foi apreciado pelos alunos. Não é de se admirar o motivo do espanto dos alunos, pois ele pretendia contestar o modelo newtoniano ao rechaçar a hipótese aceita para explicar o movimento dos astros baseada nas forças de atração e repulsão das forças centrífugas e centrípetas atuantes em espaços vazios. Para José Victorino, o espaço que se pretende vazio está, na verdade, ocupado por gases e todo o nosso sistema planetário estaria imerso nesses fluídos. A sua sagacidade estava, para

⁸ Benoît Mure, *La Philosophie Absolue*, edição póstuma, revista e atualizada por Sophie Liet, Paris:

Mure, em ter aplicado a lei de Arquimedes sobre a imersão dos corpos num fluido, para os corpos celestes e, a partir disto, determinar a posição dos planetas na atmosfera solar pelo peso de cada um. Os planetas são envolvidos por uma atmosfera especial na qual flutuam os seus satélites até o ponto em que são capazes para deslocar uma quantidade de gás que seja igual ao seu peso e isto explicaria o fato do movimento dos planetas em torno do seu eixo e a imobilidade dos satélites que giram em torno dele voltando uma mesma face para um mesmo lado do hemisfério. Para Mure, as especulações do amigo poderiam servir não só como explicação para os fenômenos inexplicáveis, mas principalmente como base para informar com conteúdos novos outras ciências, como a geologia.

Uma das influências mais marcantes sobre o pensamento de Mure teria sido exercida pela filosofia de Emanuel Swedenborg. Nesse pensador parecia estar equacionado todo o problema da existência, já que a sua filosofia tratava de reunir num todo de correspondências harmônicas o mundo material e o espiritual, que cindidos no campo da compreensão humana, geravam, no seu desacordo, os distúrbios que observamos nos vários aspectos da vida. Swedenborg, vindo de uma família protestante, possuía uma inclinação para o estudo das ciências naturais e para a matemática, e este interesse influenciou completamente os seus escritos teológicos - ele escreve sobre as coisas do mundo como uma revelação, porém não de forma poética como acontece, por exemplo, com os relatos bíblicos, mas escreve com o objetivo de produzir um relato elaborado racionalmente, a revelação entendida como fonte de verdade. A cosmologia de Swedenborg parte da comprovação da existência do infinito como princípio e fim de todas as coisas, e nesse movimento o homem ocupa um papel decisivo: ele completa a criação e ele, nas suas ínfimas

partes, assemelha-se à natureza, assim como nas suas qualidades íntimas, sua sensualidade, sua racionalidade e na sua capacidade para amar, explica a finalidade e a razão de todo este movimento de criação e retorno da criação ao princípio (infinito). Pela existência destas identidades físicas, de significado e de finalidade entre homem e natureza, Swedenborg conclui que aquilo capaz de explicar o mínimo da criação deve igualmente explicar o homem. Os seres humanos são o meio que permite a realização da criação e a intersecção entre o criador e o homem é o amor ⁹. A sua revelação, recheada de elementos de racionalidade, representa um instrumento na busca da verdade sobre o problema do infinito e, conseqüentemente, do retorno de todas as coisas a ele, mas nessa busca teve que discutir obrigatoriamente, os problemas da imortalidade e da alma. Para nós atualmente, pode parecer estranho o fato de alguém apresentar uma visão materialista da alma, porém, é o que parece fazer Swedenborg. O ponto de partida das suas investigações nesse campo é o estudo da anatomia. A alma analisada por ele reside no corpo, mais propriamente no cérebro humano, e tem como uma das componentes o sangue, assim, na sua interpretação, a matéria seria a própria manifestação da vida espiritual. No seu modelo de classificação da natureza, por séries subordinadas umas às outras, perceberemos mais claramente que pretendia chegar na elaboração de um sistema de coerência dos fenômenos naturais como um sistema científico ¹⁰. As três séries inferiores do sistema classificatório de Swedenborg correspondem à organização do mundo da natureza. Essas séries subdividem-se em outras tantas e essas ainda estão classificadas em degraus. O elo de ligação de todos esses estágios é uma substância primordial existente fora de todo o sistema, de modo a estabelecer uma

⁹ Jane K. Williams Hogan. "Swedenborg: a Biography", in *Swedenborg and his influence*, Pennsylvania: Editors Erland J. Brock et alli, The Academy of New Church, Bryn Athnyn, 1988, p. 12-13.

¹⁰ Inge Jonsson "Swedenborg and his Influence", in *Swedenborg and his influence*, já citado, p. 34.

correspondência entre todas as séries e obtermos um todo harmônico. Neste sistema de correspondências, tudo que é externo, visível, tem uma causa interna espiritual, de modo a que o corpo se torne a expressão do caráter do espírito do homem, assim como o produto do seu trabalho e a sua arte, revelam a sua natureza íntima e é através destes elementos que escrevemos a nossa história. Nestes termos, a arquitetura, por exemplo, é a incorporação da vida nacional. A lei de correspondências de Swedenborg assume um aspecto mais amplo quando ele traduz para as suas próprias referências a idéia dos antigos sobre ser o homem o universo em miniatura, o microcosmo. Se a natureza é a forma das idéias divinas, e o homem foi criado à imagem de Deus, deve também existir uma correspondência entre todas as coisas da natureza e todas as coisas do homem. E, tudo que é material, físico, encontra o seu análogo espiritual.¹¹

Swedenborg, em seu país, tornou-se um homem público que voltou a sua atuação para os aspectos financeiros, administrativos e políticos, mantendo uma posição independente no seio da Câmara dos Nobres, lugar de onde procurava defender a liberdade e posicionar-se claramente contra o despotismo. As suas atividades políticas evidentemente são fruto das impressões adquiridas na infância e juventude, quando o poder arbitrário e ilimitado de uma monarquia havia mergulhado o país na miséria e numa séria crise financeira. Por isto mesmo, tornou-se partidário de uma constituição que pudesse satisfazer a maioria dos cidadãos. Durante a vida demonstrou ser um fervoroso adepto também de idéias pacifistas, na medida em que percebia a inutilidade da aplicação dos recursos do país no setor militar e na guerra, em prejuízo das finanças. O seu interesse em especial pelas finanças devia-se ao fato de compreender que "a circulação num país é como o sangue no

¹¹ Trobridge, G. *Swedenborg, life and teaching*, Londres: The Swedenborg Society, 1974, p.175-6.

corpo, do qual depende sua vida, saúde, força e defesa" ¹². O fato de perceber a sociedade como um organismo vivo, também explica a forma adotada por ele na solução dos problemas de desequilíbrio da balança comercial, isto é, incentivava o desenvolvimento dos recursos internos na agricultura e na manufatura.

Esta é, sem dúvida, uma forma bastante simplificada de apresentação do pensamento de Swedenborg, entretanto o nosso objetivo é o de apontar elementos de possível identidade entre os vários autores que corroboraram na formação das idéias de Benoit Mure e também de boa parte das idéias sociais do período. Em todo caso convém lembrar que Swedenborg jamais procurou conferir às suas idéias um caráter de culto, porém, foi nessa forma que se difundiu na Inglaterra antes de 1830 e também na França, quando Le Bois des Guays, instituiu em Saint Armand, em 18 de novembro de 1837, o culto da Nouvelle Jérusalem. Muito embora Le Bois des Guays procurasse deixar claro que o caráter das reuniões que patrocinava fosse estritamente religioso, pautado numa forma pura de cristianismo, não impediu que sansimoneanos, fourieristas, magnetizadores e outros percebessem elementos afins entre as teorias que abraçavam e as idéias de Swedenborg. Le Bois des Guays agia sempre no sentido de desencorajar tais vínculos, como na resposta a um artigo de jornal comparando o culto ao sansimonismo, teria esclarecido: "Os Novi-Jerusalemitas não reconhecem nenhum pontífice" ¹³, para lembrar que entre os swedenborguistas não havia hierarquia como entre os sansimoneanos. Entretanto, o próprio Le Bois des Guays não escapou da tentação de perceber uma certa identidade entre a analogia universal de Fourier e a língua das correspondências de Swedenborg. Outros swedenborguistas foram seduzidos

¹² G. Trobridge, *Swedenborg. life and teaching*, op. cit. p. 286.

¹³ Siöden, Karl-Eric. "Swedenborg en France" in *Acta Universitatis Stockholmiensis* (Stockholm Studies in history of literature, 27), 1985, p.99.

pelo sistema de Fourier, assim como traçavam paralelos entre as teorias de Swedenborg e as de Mesmer como comprovam os vários artigos publicados na revista *New Church Advocate*.

Até aqui percebemos certos pontos de ligação entre conhecimentos de conteúdos muito diversos, mas devemos nos lembrar de que para os séculos XVII, XVIII e ainda para o século XIX, os métodos determinista e mecanicista constituem a base de todo pensamento, por isso mesmo, o mundo é visto como um sistema cujo movimento se realiza como o operar de uma máquina, onde cada parte, cada engrenagem, responde pelo bom funcionamento do todo. O instrumento para garantir o bom funcionamento da máquina e o conhecimento pleno do movimento atual e futuro, é o cálculo. Mas, esses pensadores são também metafísicos, isto é, buscam as causas primeiras, o que está além da física, o princípio absoluto e o destino de todas as coisas.

A teoria de Hahnemann aproxima-se, de fato, das de Mesmer e Swedenborg, em termos de uma concepção de ser humano e de natureza, ele, judeu, químico. A sua idéia de *vix medicatrix naturae*, ou caminho de cura natural, está calcada na descoberta da potência da energia vital nesse processo. As suas concepções em torno da medicina, ou como diz, a arte de curar, buscaram inspiração no modelo animista difundido por George-Ernest Stahl (1660-1734), para quem o princípio de vida localiza-se na alma, que é também o principal elemento atuante na cura das doenças. Isto vem explicar o fato de desprezar o estudo da anatomia, da física e da química, como auxiliares na medicina. Neste ponto, distanciava-se de Paracelso, que introduzira na prática médica as análises física e química como elementos importantes. Hahnemann via as doenças como um distúrbio do princípio vital, ou poder espiritual, que anima o corpo humano e, por isto mesmo, entendia como errônea a base da velha medicina (alopatia), que sustenta a crença na causa material das doenças. Para ele, na

história da medicina, desde Hipócrates, vêm se constituindo sistemas, métodos, uns contraditórios aos outros, e por este caminho esperando alcançar a cura das doenças, quando, na verdade, engendram um conhecimento que se opõe à natureza e à experiência, tornando-se apenas modelos teóricos sem sustentação na prática. Em nome da busca das causas das doenças, na verdade, invisíveis para Hahnemann, os alopatas partem de um princípio materialista, herdado de Galeno, e utilizam-se da investigação dos corpos sem vida (anatomia), para depois aplicar estes conhecimentos sobre os corpos vivos. O princípio dos semelhantes adotado por Hahnemann introduziu um novo conceito de cura, baseado numa correspondência entre remédio (que não é químico, mas dinâmico) e sintomas, que deveriam entrar numa sintonia perfeita a ponto de provocar no corpo uma reação da força vital contra o medicamento. O poder dinâmico de que nos fala é uma energia invisível, oculta, a mesma que move a lua e com isto influencia a alteração das marés, também é aquela presente no ímã que atrai o ferro, como a do remédio que influencia o corpo na restauração da saúde. Essas energias não são materiais, nem externas, porém inerentes aos corpos, são conceituais, invisíveis, imateriais e, entretanto, podem comunicar-se reciprocamente. Isto tocou fundo no espiritualismo de Mure, quer dizer, o fato de Hahnemann penetrar numa relação íntima com os vários elementos da natureza, compreendendo sua linguagem que se revela para o homem através de suas propriedades, de suas emanações, em suma, seu "espírito". Este seria o legado de Hahnemann para a ciência, a verificação da atividade, presença e influência destas potências, que fogem aos domínios do saber científico, e que são por ele negligenciadas, pelo fato de tornar-se impossível conferir-lhes um aspecto material, quantitativo, um peso, uma medida, etc.

A identificação da matéria com o espírito possibilitada pelo conceito de dinamismo vital levou Hahnemann ao estabelecimento dos princípios válidos dentro da sua concepção de arte de curar. A lei dos semelhantes, a experiência pura e as doses. Sobre a lei dos semelhantes já dissemos o suficiente para o nosso objetivo. Resta apontar para um dos meios que fazem alguns elevarem a homeopatia ao patamar de ciência: a partir da observação criteriosa dos sinais e sintomas, efeitos da doença, é que se estabelece o diagnóstico, o prognóstico e terapêutica a ser adotada. As causas, pouco importam, mas a cura é obtida pela remoção dos efeitos da doença.¹⁴ A experiência pura, ou patogenesia pura, é a escolha de um único elemento por vez para a experiência, na tentativa de encontrar-se o análogo ao sintoma. Inicialmente, Hahnemann acreditava na aplicação, em geral, de doses mínimas do medicamento e no mais longo intervalo possível, já quando da publicação da sexta edição do seu *Organon*, havia passado à verificação da eficácia do medicamento em largas doses iniciais, para as doenças crônicas. Isto não viria a alterar o processo de dinamização, pois continuava a prevalecer o princípio da trituração das substâncias, sua divisão em partes infinitesimais, como reagentes suficientemente poderosos na relação com a força vital presente no corpo humano e, quanto mais o remédio aproximasse do sintoma, uma diluição maior deve ser utilizada. Mais do que inaugurar uma nova terapêutica, Hahnemann parece ter invertido o processo pelo qual são estabelecidos os conhecimentos elevados ao grau científico. O ponto de partida é a prática, por onde começamos a observar, em seguida a estabelecer comparações, classificações e depois inferimos, mas sempre a partir dos efeitos aparentes e não da busca dos antecedentes, que

¹⁴ James Krauss, "Introdução", in Samuel Hahnemann *Organon of Medicine*, Nova Delhi: B. Jain Publishers (P) LTD, 1988, 6ª ed. Revista, ampliada e preparada para publicação pelo próprio Hahnemann, pouco

parece impossível conhecer na totalidade. A dedução analítica, de acordo com os princípios hahnemaniannos, emerge, portanto, da experimentação.

A obra de Hoené Wronsky veio adicionar outros elementos interessantes ao pensamento de Mure e também ao próprio pensamento do período. Wronsky está inserido na tradição do pensamento que atribui a Deus o papel de criador e que confere a isto um significado especial do vínculo possível entre o ser supremo e todos os outros seres, bem como de todos os seres entre si. Para ele, o elemento ser, isto é, sua parte material e objetiva é indissociável do elemento saber, isto é, seu espírito ou consciência e, o que chama de elemento neutro ou fundamental (a realidade) é constituído pelos anteriores e interage com eles, de tal modo que pareça inconcebível pensar "uma matéria sem espírito, um ser sem consciência, sem saber, nem um espírito sem matéria, um saber sem realidade, sem ser" ¹⁵. Sobre estas idéias, reconhece sua dívida para com Kant, que na *Crítica da Razão Prática* vê o homem como um ser autônomo, independente e criativo, graças à atividade de sua razão, capaz de criar o seu próprio destino e estabelecer um sistema político que possibilite a vida em comunidade com seu semelhante.

No pensamento de Wronsky existe uma síntese de Leibnitz com Kant e a agregação de elementos provenientes do esoterismo judeu e cristão, porém sem admitir como idéia fundamental a queda, o pecado, etc. Por conceder uma importância maior à idéia de criação e de unidade, Wronsky reconhecia o seu sistema filosófico como uma filosofia do absoluto, daí imaginamos que Mure tenha extraído o título de uma de suas obras. Balzac, por seu

utilizada atualmente e que entretanto, repensa, de acordo com a sua experiência, o problema das doses, bem como esclarece alguns conceitos empregados em edições anteriores.

¹⁵ Philippe D'Arcy. *Hoené Wronsky. Une philosophie de la création*. Paris: Editions Seghers (Col. Philosophes de tous les temps), 1970, p.7. A interpretação da obra de Wronsky utilizada por nós neste capítulo é a deste autor.

turno, não escondeu sua admiração pelo pensamento de Wronsky, que inspirou a sua obra intitulada *Recherche de l'Absolu*. Para definirmos o Absoluto, seria necessário o nosso envolvimento com a discussão longa, antiga e interminável, no campo da filosofia e que foge ao objetivo imediato deste capítulo, entretanto, seria conveniente salientar que o interesse de Wronsky na questão seria contestar o modelo de Descartes, cuja influência sobre toda filosofia moderna parecia inegável, e responsável pela cisão entre matéria e espírito e a partir disto, pela instauração de uma série de outras oposições no campo político, intelectual, etc. Para Wronsky, a noção de absoluto, ajuda a pensar o ser como unidade e totalidade e, principalmente, como positividade e a pensar espírito e natureza como um par indissociável. Agora, começamos a compreender o fundamento do seu pensamento, bem como a razão pela qual tornou-se, tanto quanto Leibnitz, uma leitura obrigatória para os sansimoneanos. Ele coloca-se em oposição ao método dialético de Hegel porque simplesmente não pode aceitar o fato de objetivarmos a unidade do ser e o estabelecimento da comunidade, usando como instrumento e meio, a idéia da contradição, da oposição, da luta, princípios estes em choque com a idéia de unidade, sob o risco inclusive, de que a idéia permaneça enquanto tal e a realidade seja dominada pelas contradições, pela destruição. No lugar disto, o homem deve voltar-se para a experiência do bem, e isto implica em aceitar os vários elementos da realidade e procurar fazer a síntese entre eles, no lugar de provocar uma luta de morte, a revolução, nos moldes como a pensam os radicais. Esta visão pode ter sido responsável pelo elogio que dirigia a Louis Philippe, postura esta condenada por Mure, que via nesta atitude de Wrönsky uma adesão aos poderes materialistas. Entretanto, Mure reconhecia o mérito de Wrönsky como matemático e até mesmo o considerava como o Hahnemann da matemática, que re-descobriu a noção de infinito para aquela ciência e refutou, com sucesso, as teorias

de Laplace. Na verdade, Leibnitz teria primeiro descoberto a matemática infinitesimal a partir da concepção do Infinito como meio de geração de quantidade, teoria depois retomada por Victor Cousin. Para Wrönsky, todavia, a matemática adquire quase um caráter sagrado, isto é, impõe-se como a ciência da qual todas as outras derivam, e que diz respeito ao absoluto, embora seja um instrumento ao dispor dos homens. Por intermédio das matemáticas o homem pode equiparar-se a Deus, que é compreendido como sendo a própria razão, capaz de organizar e dar uma forma ao mundo.

Benoit Mure acreditava que um bom discípulo não copia, mas continua a obra de seu mestre e assim procurou fazer, relacionando entre si todos os autores a quem admirava. Não via nisso nenhuma contradição porque acreditava numa ciência única, que se achava dividida em vários ramos, todos ligados, porém, a um tronco comum, isto é, servindo a uma mesma causa, "oferecer (...) ao homem os meios de sua regeneração física e moral". Para Mure o materialismo nada explica, por isso a necessidade de "elevar as nossas noções de fisiologia", admitindo nesse campo, a idéia de uma "espiritualidade pura". As suas idéias acerca do problema ele resumiu nos termos da filosofia seguinte: "Nos pareceu urgente a aquisição pela homeopatia de uma noção já evidente para os metafísicos, os teólogos, e os magnetizadores: se o tempo e o espaço são apenas formas de nosso espírito, a extensão, a atração e todos os outros atributos da matéria são igualmente formas puramente ideais; se o homem é a imagem de Deus, ele deve participar do dom criador, ao menos nos limites do seu organismo"¹⁶. Hahnemann teria dado aos milhões de substâncias animais e vegetais a língua através da qual elas podem nos comunicar suas propriedades íntimas e suas especialidades metafísicas e morais. "Ele estudou as modificações do sono, a natureza dos

sonhos, e enfim, ele aborda o campo, desconhecido até aqui para o médico, da patogênese moral. Ele descreveu os elans da imaginação, a natureza das idéias, as tendências passionais, que toda substância produz de uma maneira específica na alma humana"¹⁷. Bom, tudo o que Hahnemann descobriu para o indivíduo, Fourier desenvolveu para a sociedade.

Como vimos, está também presente no pensamento de Mure, uma forte influência da metafísica de Kant, (e Kant, havia se colocado em franca oposição a Swedenborg) que não admite para a matéria senão uma existência em termos absolutos, daí resultando uma concepção da matéria como contingente e relativa, existente na medida em que a dotamos de força vital. Por isso, Mure conclui que "é o espírito que vivifica, é a fé confirmada pelas obras" ¹⁸, a verdadeira força transformadora. Assim foi, segundo Mure, que o cristianismo primitivo, pelo exercício de uma real fraternidade, construiu um Império, utopia até hoje jamais imitada. Se o homem é a imagem de Deus, e por isso pode também criar, ele é dotado, então, de espírito. Essas reflexões alertaram Mure para o desenvolvimento de uma teoria da nutrição recebida, entretanto, com desconfianças. Ao observar certas pessoas que sobreviviam, por longos períodos, privando-se da ingestão de alimentos, concluiu que o homem "alimenta-se também de luz, de calórico e de um número infinito de coisas imponderáveis; alimenta-se antes de tudo de sociabilidade. O cérebro, mais do que qualquer outro órgão, precisa de um exercício contínuo (...). O pensamento do homem não se desenvolve senão na companhia dos seus semelhantes" (...) ¹⁹. Para Mure ainda, a comprovação de que a matéria constitui apenas o invólucro do espírito e sujeita aos seus

¹⁶ Benoit Mure. *Doctrine de l'école de Rio de Janeiro et pathogénésie brésilienne*, Rio de Janeiro: Publication de l'Institut Homeopatique du Brésil, 1849, p. IV.

¹⁷ Idem p. 11.

¹⁸ Idem, p.43.

¹⁹ E.T. Ackermann. "Tese apresentada na Escola Homeopática sobre a teoria da vida e da nutrição do Dr. Mure", *A Sciencia*, (2), Rio de Janeiro: Typographia Universal Laemmert, agosto de 1847, p. 23.

ditames, é fornecida pelo estado de sonambulismo em que uma pessoa nestas condições torna-se capaz de modificar as propriedades do seu corpo para satisfazer as necessidades ditadas pela alma. Assim, o sonâmbulo ao ingerir um punhado de terra sacia um desejo de ingestão de um determinado alimento.

Essas teses de Mure nos revelam mais do que uma adesão ao magnetismo redescoberto por Mesmer. Se o impulso vital nasce no homem pela capacidade imaginativa e intelectual, parece uma necessidade, dentro do sistema de Mure, resolver o problema de uma utilização máxima e adequada das inteligências. Nessa tentativa ele procurou aplicar as descobertas de Jacotot, um pedagogo que assumiu uma posição de destaque no debate sobre a educação na França no período. Nascido em 4 de março de 1770, em Dijon, numa família de artesãos locais, destacou-se nos estudos e já aos 19 anos de idade obtivera o diploma de Direito. A sua verdadeira vocação, entretanto, parecia ser o magistério, por isto abandonou a carreira para dedicar-se ao ensino de Humanidades no colégio de Dijon. Como professor naquela cidade, participou da instrução de Etienne Cabet, sobre quem certamente exerceu uma viva influência, e há quem chegue a afirmar que o comunismo defendido por ele no seu *Voyage en Icarie* advém da leitura de *Telêmaco*, sugerida pelo mestre. O grau de verdade desta afirmação não podemos verificar, mas é certo que entre Cabet e Jacotot existia uma grande afinidade e por isto Cabet fora convidado a ministrar um curso no colégio de Dijon, sob orientação de seu mestre. Com a revolução, Jacotot procurou participar dos acontecimentos fundando a *Fédération de la jeunesse dijonnaise avec celles de Bretagne et d'autres provinces* e, em 1792 deixou o ensino para engajar-se numa companhia de artilheiros voluntários. As mudanças políticas que se seguiram obrigaram-no, em 1815, ao exílio na Bélgica e, depois da superação de muitos obstáculos, conseguiu colocar-se, em

1818, como professor de língua e literatura francesa na Universidade de Louvain, posição inferior a que alcançara na sua carreira na França. No exercício de sua profissão, Jacotot passou a desenvolver um método de ensino baseado em comparações e exercícios de memória e repetição, método que vinha investigando desde 1795 com o ensino de línguas antigas e estrangeiras e estendendo este princípio para todas as outras matérias. A descoberta de um sistema de aprendizado rápido e sólido surgiu por volta de 1818, quando ministrava aulas em Louvain para um grupo de alunos de língua holandesa, idioma desconhecido por Jacotot. Diante das circunstâncias teve a idéia de iniciar os trabalhos com a leitura de *Telêmaco* na versão de língua holandesa e francesa e pediu para os alunos que aprendessem de cor a versão francesa e, em seguida, a comparassem com a de sua língua materna. O sucesso desse método de aprendizagem logo pode ser notado e, em pouco tempo, Jacotot formulou as bases teóricas da sua descoberta estabelecendo os seguintes princípios que formam os alicerces de sua teoria sobre a emancipação intelectual:

"Deus criou a alma humana capaz de instruir-se a si mesma, sem o concurso de mestres explicadores."

"Quem quer pode"

"Aprender ou saber alguma coisa e a ela referir todo o resto"

"Tudo se acha em qualquer coisa"

"Todas as inteligências são iguais".

A escolha da obra de Fenelon para instruir os alunos foi casual, mas os detratores de Jacotot souberam fazer um bom uso da proposta, e repetiam sua máxima "tudo está em tudo", acrescentando "e tudo está em *Telêmaco*". Na verdade, desde o princípio, Jacotot objetivava criar as condições para que as famílias pobres pudessem instruir aos seus próprios

filhos, sem a intermediação do Estado. O seu ponto de vista viria a erguer uma polêmica sobre o assunto, sobretudo porque demonstrava ser partidário do autodidatismo e contrário à institucionalização do seu método, apesar de ter sido obrigado por Guilherme I a aplicá-lo na escola militar. Na verdade, ele estava consciente de todas as implicações que uma emancipação intelectual das massas poderia acarretar para a sociedade e por isto mesmo não acreditava que houvesse empenho, da parte das autoridades, em oficializar um ensino universal com um tal perfil, salvo se dele fosse retirado o caráter de uma formação verdadeira e sobre isto ele não estava disposto a fazer concessões.

A fórmula inventada por Jacotot tem como ponto de partida a analogia, a comparação e a memorização. Assim aprendemos a nossa língua materna sem que haja necessidade de um mestre que nos explique, pois nesse processo aprendemos pela observação e tradução. A simples constatação do fato nos levaria para a compreensão de que o conhecimento é universal, na medida em que todos nós somos dotados da mesma inteligência, embora não sejamos dotados dos mesmos gostos, nem da mesma vontade. Pela inteligência comum a todos é que os homens se identificam e se reconhecem uns nos outros e, pensando nisto, já nos seus últimos anos de vida, teria adotado um nome para o método que traduzisse exatamente as suas impressões e escolheu o termo *panecástico* que deriva do grego, *pan* traduzido pela palavra tudo e *ecastos*, que significa cada um.

Se o sistema de ensino universal e independente proposto por Jacotot significava, em primeiro lugar, emancipação intelectual, podemos imaginar a polêmica que suscitava naquele período, principalmente depois de passado o processo revolucionário quando todos deram-se conta de que os excluídos fizeram a revolução, mas não ocuparam o poder no final. Muitas discussões surgiram sobre a educação, neste período, tanto no bojo das instituições,

como dentro das correntes chamadas socialistas que incluíam o tema nos projetos alternativos de organização social que apresentavam ²⁰. Evidentemente, como o tema da educação influi diretamente sobre a organização social continua ainda a levantar polêmicas válidas até os nossos dias.

De todos os autores comentados até aqui, Jacotot parece ser o mais radical, no sentido etimológico, no que diz respeito à questão da igualdade porque a tomando como um ponto de partida nos leva a reflexão sobre a universalidade do conhecimento, numa unidade do pensamento colocada acima da forma variada como ele se apresenta. Tal a forma como Jacotot nos coloca diante do conceito de associação, a partir do axioma tomado de empréstimo a Anaxágoras, "tudo está em tudo", pois permite, pela aproximação, pela similaridade de idéias presentes em vários autores, a sua tradução recíproca, possível desde que imaginemos a universalidade do pensamento e a igualdade das inteligências. Para ele, Fenelon é a tradução de Horácio e de Virgílio, assim como Bossuet e Cícero estão em Fenelon.

O seu modo de raciocínio permitia então, que as mesmas questões desenvolvidas para o campo da pedagogia pudessem ser transferidas para o terreno da política. Isto aparece claramente numa de suas afirmações que agora reproduzimos: "Em tese geral, metafisicamente falando, se me perguntarem: O que pensa da organização das sociedades dos homens? Este espetáculo parece contra a natureza, responderia eu. Nada está no seu lugar, porque há lugares diferentes entre seres não diferentes" ²¹. Mure parece ter

²⁰ Victor Considerant teria dedicado um escrito ao problema da educação, matéria em que Fourier concentrou uma atenção especial. Benoit Mure também percebia a necessidade de um projeto de educação como meio capaz de transformar a formação moral da humanidade. Segundo Fourier, a Harmonia seria instaurada quando os seres humanos tivessem conseguido operar as transformações morais.

²¹ Jean-François Garcia, *Jacotot*, Paris: PUF (Col. *Pedagogues et Pedagogies*, 15), 1997, p. 124.

compreendido bem o caráter das descobertas de Jacotot e dizia não poder evitar o riso quando via chamarem de revolucionários Babeuf, Cabet e Proudhon, tratados por ele como "espíritos secundários", emaranhados nas teias de pequenas disputas articuladas por eles próprios. Para ele é Jacotot a representação mais fiel da imagem do "terrível revolucionário"²², pois ele ataca a idéia da superioridade incentivada pela "palmatória universitária". Do dia em que o povo compreenda a verdadeira causa de seus males e insurja-se contra os poderes (a ciência, a medicina e a justiça), a partir deste dia, Mure passaria a acreditar na revolução "porque o espírito humano emancipado saberá dirigir-se ele mesmo. Até aí, ele faz apenas mudar de jugo." ²³

A preocupação com a emancipação intelectual não era exclusiva de Mure, mas no seio do próprio movimento fourierista, do qual Mure fazia parte, havia o interesse na formação intelectual dos operários e operárias, como forma inclusive, de resgatar parte da dignidade humana perdida no trabalho extenuante, reduzir o grau de marginalidade a que estavam sujeitos, privados, como se viam, do acesso ao conhecimento, e finalmente, prepará-los para uma vida futura numa sociedade diferente. Mure achava muito provável, e Fourier também acreditava, que um homem pudesse ser ao mesmo tempo sapateiro, intelectual e mais alguma coisa ainda, sem prejuízo para nenhuma dessas atividades, bastava, para isso, que as condições exteriores se mostrassem favoráveis, em suma, que houvesse estímulos. A vida do próprio Mure é o retrato dessa filosofia, pois foi comerciante, médico, inventor, escritor, empresário, militante e pensador político e poeta, ocorre que quando se visa universalizar este modelo percebe-se a gama enorme de obstáculos e problemas que se apresentam, sobretudo na âmbito da educação dos pobres.

²²Benoit Mure, *La Philosophie Absolue*, op. cit., p. 72.

Mesmo considerando neste campo o fato destes socialistas terem negligenciado vários aspectos relativos ao assunto, como por exemplo, ausência do tempo disponível, a expectativa que os excluídos têm diante do conhecimento, a maneira como deve ser o aprendizado dos conteúdos e mais uma variedade de outras questões, o certo é que para os fourieristas, toda essa atividade física e mental torna o homem um ser saudável, equilibrado, mas este estado de harmonia interna não pode sobreviver ou mesmo se realizar se a sociedade também não estiver estruturada de modo equilibrado. Para Mure, Fourier foi capaz, a partir do rompimento com a filosofia, de traçar a rota de um novo Éden que deixa de existir apenas na imaginação e comprova sua exequibilidade por intermédio do cálculo. Para Fourier, a felicidade depende, num primeiro momento, da riqueza e da abundância, como forma de permitir a todos o usufruto de um *minimum* que garanta uma sobrevivência digna. Na sua interpretação ainda, um acréscimo dos produtos, pode ser obtido, rápida e facilmente, desde que se transforme o trabalho em prazer, isto é, bastaria que cada um fosse deixado livre para seguir o impulso recebido da natureza, ou, desse livre vazão à atração apaixonada. Isto só não é possível no estado atual, porque a organização social mostra-se contrária à natureza humana. Em contrapartida, o destino da humanidade é a associação, ou o emprego harmônico das individualidades, que se agrupam de forma espontânea para o exercício de um trabalho ou em prazer de uma paixão comum. Toda a organização do trabalho e da vida em sociedade deve refletir toda a variedade de caracteres e paixões.

Não cabe aqui apresentar a obra de Fourier na sua íntegra, porém é necessário dizer que, a maior parte dos seus discípulos ocultava as partes mais polêmicas da sua obra, como a cosmogonia, por exemplo, da qual pode-se depreender uma possível existência de vida em

²³ Idem, p. 108.

outros pontos do Universo e a multiplicidade de vidas da alma humana e outros Universos. Esse pensamento de Fourier, entretanto, nada tem em comum com as teorias espíritas, que, aliás, só tomaram um certo impulso depois de 1849. Enquanto Fourier estava preocupado em estabelecer um sistema de harmonia universal tendo como base uma organização social de cunho socialista, Kardec e seus sequazes, alguns inclusive, ex-fourieristas, preocupavam-se em invocar a alma dos mortos buscando soluções para problemas individuais.

Benoit Mure, parece ter compreendido a mensagem do mestre, mesmo sem ter sido completamente fiel à obra de Fourier, pois como nos faz crer, achava-se mais útil aos seus semelhantes como um pensador independente. Ao recuperar outros pensadores no século XIX, que permaneceram, na sua época, tão marginais como Fourier o foi nos meios científicos oficiais, ele procurou trazer para os homens uma alternativa de vida, onde eles próprios acreditassem na capacidade inata que possuem para criar o seu destino a partir de uma revalorização do conceito de espiritualidade, principalmente para uma época dominada pelo conceito oposto: o de materialismo.

Finalmente, resta determinar, o que representa este conceito de espiritualidade para Mure, e o que isto representa relacionado ao conceito de socialismo. Antes de mais nada, existe a crença numa força superior, Deus, que guia as ações dos homens. Os homens são dotados também dessa força criadora (pelo estímulo dos alimentos - que podem ser imateriais - e das impressões, pode inclusive, produzir ou regenerar os tecidos dos órgãos); assim como tudo que existe contém em si a mesma força vital (quando Mure experimentava em si mesmo as essências das plantas tomava, como dizia, o seu espírito, permanecendo sob o seu domínio). É necessário lembrar ainda, que o primeiro socialismo, em geral, como o socialismo defendido por Mure, não é ateu, e estabelece inclusive, como paradigma da

organização social harmônica, os princípios do cristianismo primitivo que, na interpretação de Mure, foi capaz de estabelecer uma organização comunal baseada em laços reais de fraternidade e da caridade. Portanto, o concurso a forças exteriores para o estabelecimento das bases filosóficas desse primeiro socialismo proporciona, finalmente, uma leitura crítica da sociedade existente e chama para o debate as instituições cristalizadas na ordem, como por exemplo, a Igreja e os filósofos, para que venham negar a pluralidade dos mundos e o direito ao prazer em todos os mundos ²⁴. Nesta postura, existem duas coisas importantes: em primeiro lugar, retirar do âmbito acadêmico o poder de estabelecer o limite do possível para o conhecimento; em segundo lugar, atribuir um caráter de conhecimento verdadeiro, portanto, científico, ao saber que nasce da experiência e este, como sabemos, tem um caráter eminentemente popular.

Para concluir, gostaríamos de dizer que este socialismo, o difundido pelos discípulos de Fourier, procura aproximar teorias que, se fossem analisadas separadamente, revelariam diferenças entre si, irreconciliáveis. Swedenborg, ao contrário de Fourier, discordava, por exemplo, dos que defendiam uma existência anímica dos planetas e, propunha a hipótese de uma eternidade absoluta e imutável. Porém, o fundo comum de todos esses pensamentos, foi condensado dentro de uma idéia primeira de socialismo, que no seu tempo assumiu um caráter francamente subversivo. Primeiro, porque atribui aos seres humanos uma capacidade criadora e transformadora, que pode conduzi-los à emancipação, depois, porque questiona a idéia de que as penitências experimentadas na terra servem para redimir os homens do pecado (para Fourier, o destino dos homens é a felicidade e o prazer aqui na terra e em outros mundos também). A lei da atração de Newton, estendida, por Fourier, a todos os ramos do

²⁴ Sobre o assunto ver Michel Nathan *op. cit.*

movimento, vem comprovar a possibilidade de atingirmos a perfeição no terreno da organização social e, o instrumento que torna isso possível está ao nosso alcance: o cálculo, a precisão matemática.

Entre todos os autores apresentados aqui, pudemos observar preocupações mais ou menos comuns traduzidas nos conceitos de analogia, correspondência, semelhança, igualdade, que são, na verdade, fruto das próprias características históricas do período, momento em que as desigualdades sociais emergiram para o debate público e os socialistas, no século XIX, terminaram por operar a síntese do conjunto de idéias das quais tornaram-se os herdeiros, para que traduzissem a sua realidade.

Os chamados primeiros socialistas nutriam também, a esperança na ciência – não naquela admitida pelo *status quo* -, como redentora da humanidade. Quando nos seus últimos dias de vida Mure dera-se conta de que tudo estava por terminar escreveu, com uma ponta de tristeza, estas últimas palavras que nos dão a medida da sua fé na ciência:

"Eu devo então renunciar enfim a uma obra que antigamente parecia-me tão fácil, e eu consolo-me pensando que eu fiz por minhas idéias tudo o que era humanamente possível. Como, por outro lado, este grande movimento humanitário, do qual eu esbocei as fórmulas, continua sobre proporções grandiosas, sua marcha lenta, mas segura, eu vejo com contentamento aproximar-se o momento onde os novos destinos brilharão sobre este mundo. Enfim, se eu não pude encarnar o ideal das reformas que eu tinha proposto em economia social, eu pude fazê-lo no domínio científico. Minhas tentativas não foram então malditas, pois eu obtive aqui embaixo uma recompensa tão magnífica por meus trabalhos e

que eu pude servir ainda esta humanidade ingrata, que execramos, é verdade, mas pela qual nos dedicamos com tanta alegria" ²⁵.

²⁵ Benoit Mure, *La Philosophie Absolue*, op. cit. p. 188-189.

O SAÍ

As imagens da partida. Divergências com os sansimoneanos.

"On va quitter la France", diziam os primeiros fourieristas imbuídos do espírito da realização do primeiro ensaio de falanstério. A impaciência era o caractere mais distintivo do gênio dos que se afirmavam como os verdadeiros partidários, os mais fiéis, os que melhor compreendiam a obra de Fourier. Os intrépidos operários condensavam nesta frase o desejo de ruptura total com o mundo civilizado, com seu país de origem onde não se percebiam mais como parte constitutiva. Mas além disto, rompiam também, com a escola fourierista, comandada por um chefe "que não conhece o pessoal que o rodeia"¹, totalmente destacada da base sobre a qual ela própria erguera suas pilastras. A escola, contrariamente aos anseios dos seus discípulos, cultivava a paciência e uma propaganda voltada para a arrecadação de fundos e, conseqüentemente, ceifava a adesão dos indiferentes, dos ociosos, dos *blasés* e excluía os impacientes e os desprovidos. Estes acreditavam na afluência de capitais e na universalização das idéias de Fourier pela propaganda originada pela prática, isto é, pensavam que as palavras pautadas na ação não permitiriam a dissipação dos sonhos, como acontece se escritas em folhas de papel perdidas ao vento. A paciência, imaginavam,

¹ Bacon ainé, *Correspondance des disciples de la science sociale* n° 7, Paris, abril-maio de 1846, p.1, Bacon ainé.IFHS fonds fourieristes 14AS7(88).

é o fruto da prosperidade, mas a pressa advém do sofrimento, da necessidade, e é ela o divisor dentro do movimento capaz de distinguir os fiéis, os abnegados.

Em "on va quitter la France" existe um misto de ressentimento e determinação, resignação e paixão. Nada de nacionalismo, tudo de cosmopolitismo, é o que a teoria de Fourier, em última instância, cobra de seus adeptos. Isto tudo é mais do que havia percebido nos operários o seu conterrâneo naturalista Auguste de Saint Hilaire, em cujos comentários acerca da colonização no Brasil aconselhava o governo brasileiro nos seguintes termos:

"o governo não deve limitar-se a aumentar a população do país, sem mais exame e sem escolha; importa-lhe, sobretudo introduzir homens que não estimulem, pelos maus exemplos, os vícios dos antigos habitantes, e não anulem com sofismas grosseiros, o que ainda lhes resta de senso moral. Evite pois o Brasil encaminhar para as terras colonos operários; homens desta classe que deixam a sua pátria são, as mais das vezes, elementos postos à margem no país de origem, pela sua indolência, pouca aptidão e mau procedimento.

"Se contudo se persistir em organizar verdadeiras colônias, convém não aliciar colonos em todos os países europeus, indiferentemente. Os franceses adaptam-se com extrema facilidade aos costumes dos outros povos; mas, emigram com a intenção de um dia voltar mais ricos para sua pátria"(...) ².

Na decisão de imigrar, os operários podiam então, contar apenas com esforços e recursos próprios. Na interpretação deles, o problema da colonização envolve algo de religioso, como a crença na necessidade da sua dispersão pelo mundo como num elemento fundamental para restaurar a Unidade perdida ou desconhecida para o mundo civilizado. O momento da partida representa um passo dado na direção da "abolição do proletariado" que, deslocado do seu lugar originário, rumo para território em que a liberdade acontece e onde não faltam os recursos naturais capazes de provê-los em sua missão. Na ideologia destes fourieristas o elemento geográfico é nuclear e as imagens do *départ* assumem uma

² Citado no artigo "Ainda o falanstério", por Carlos da Costa Pereira Filho, jornal *A Notícia*, Joinville, 26 de junho de 1992.

conotação especial: a de ruptura com a condição social de proletário escravizado e deserdado que busca a felicidade em outro país, que vê em outro continente o paraíso. Isto não impedia, entretanto, que as iniciativas levadas adiante na própria França, pátria de Fourier, fossem aplaudidas com entusiasmo, porém, o impulso dado à causa em Londres, na Irlanda, Polônia, América do Norte, demarcavam igualmente os avanços da ciência social no bojo das oficinas. A emigração prepara os caminhos de uma nova sociedade do futuro onde reinam a harmonia, a felicidade e liberdade verdadeiras, um novo mundo que se descortina para os homens no processo da associação do trabalho, do capital e do talento. O ímpeto de deixar o país nasceu não da ingratidão, mas da incompatibilidade existente entre as idéias que defendiam e aquelas postas em prática num século marcado pela estagnação quanto às questões sociais, totalmente absorvido por disputas políticas infrutuosas e surdo aos apelos da salvação. Não se conformavam com a passividade do governo francês que assistia indiferente à emigração de mil trabalhadores altamente qualificados e instruídos. Diziam: "Acordem aos colonos as mesmas vantagens que lhes oferece o jovem imperador do Brasil e nenhum só discípulo de Fourier deixará o solo natal."³

A visão do Brasil como um país paradisíaco difundiu-se entre os operários como lugar de uma beleza incomparável e uma natureza pródiga capaz de garantir a vida por longo tempo, pelo simples ato da coleta dos frutos, que pendem das árvores da floresta, da atividade da caça e da pesca. A fertilidade do solo proporcionaria ainda, uma variedade de produtos e uma farta e constante colheita. Neste país idealizado, há também, um monarca generoso, pronto a conceder, gratuitamente, para todo o sempre, uma vasta porção de terras

³ "Travailleurs de notre école-statuts de l'union industrielle. –Départ des colons-devoirs du gouvernement" *Le Nouveau Monde*, 1 de junho de 1841.

virgens, isenta, por um período, da cobrança de impostos, de tal modo que, dentro da mais ampla liberdade possível, e protegidos pelo governo, poderiam usufruir uma existência prazerosa.

O paraíso na terra, tal como haviam figurado, ainda não demonstrava ser um elemento suficiente para garantir a segurança daqueles dispostos ao risco de lançar-se na temerosa aventura da travessia do oceano, em direção a um mundo desconhecido e natural. Os emigrantes sentiam-se então, como um grupo particular entre todos, a vanguarda, os soldados que carregam a bandeira:

"a nós os ferimentos, a nós a morte moral, se necessário, porque nós desbravamos o terreno, nós preparamos o caminho, porque um cortejo sempre crescente nos segue (...). Nós somos homens de uma grande ambição (...). Nós queremos regenerar o mundo, e sob a aclamação dos reis e dos republicanos, estabelecer a harmonia universal"⁴.

Estes falansterianos da primeira partida tornaram-se figuras míticas dentro do movimento; uma vanguarda sagrada de combatentes falansterianos, encarregada de levar o estandarte de um novo tempo, em que as conquistas operárias pudessem realizar-se sem o derramamento de lágrimas, nem de sangue, porque no lugar das armas utilizavam-se das ferramentas na transformação das paisagens incultas em terrenos férteis e aprazíveis. A estes partidários de primeira linha, determinados a provocar a emancipação pacífica pelo trabalho, rendiam-se homenagens pela bravura e pela perseverança.

Havia um clima de emoção muito forte em torno da possibilidade da redescoberta do mundo e estes sentimentos apareciam ainda revestidos da noção de que cada passo da primeira experiência de realização inscrevia-se no domínio da história e também, da história do movimento social, em particular. Havia portanto, o cuidado para que tudo fosse

⁴ "Science sociale. -7 avril, anniversaire de la naissance de Charles Fourier". *Le Premier Phalanstère*, 15 de abril de 1841.

"grave, solene, amadurecido, legal, válido, na obra que trata da regeneração universal" ⁵. O falanstério do Saí, seria a primeira experiência realizada fora do território europeu e, por isto mesmo, as expectativas foram ampliadas, as responsabilidades também, o que levou os membros da *Société Union Industrielle* a inúmeras reuniões com o objetivo de confeccionar os seus estatutos, até conferir a eles uma forma definitiva. Inicialmente, puseram-se de acordo quanto às bases sobre as quais a sua organização, como sociedade, deveria erguer-se e, ao mesmo tempo, definiram os resultados pretendidos com esta reunião. Eles viam nos estatutos o reflexo das descobertas de Fourier, as leis que deviam regular as harmonias materiais e reger todas as sociedades humanas, leis estas facilmente assimiláveis, segundo eles, e que poderiam ser reduzidas a uns poucos itens: o trabalho assegurado, quanto à opção, exercido de forma parcelar, por grupos rivalizados, variado, por jornadas curtas e retribuído em razão direta da sua utilidade e inversa ao atrativo. Garantia da repartição equivalente entre os três fatores da produção, ou seja, entre o trabalho, o talento e o capital. Outros itens foram incluídos como a hierarquia segundo o mérito, garantia do mínimo confortável aos associados, educação unitária e integral, aposentadoria garantida aos idosos e inválidos, fundos da associação, crescimento dos produtos, higiene pública real. Este sistema a ser implantado no Saí, nada tinha a ver com o modo de colonização ao qual o Brasil vinha sendo submetido desde a chegada dos primeiros europeus e no lugar da ruína e da espoliação da natureza, os falanstérios pretendiam uma união entre os homens e a natureza para que, nessa aliança, pudessem obter dádivas maiores dos recursos naturais. Eles partiam do princípio de que a verdadeira riqueza não procedia, por exemplo, da

⁵ "Un essai phalanstérien". *Le Nouveau Monde*, 1 de outubro de 1841.

extração do ouro, fruto da cobiça dos primeiros exploradores, porém, do trabalho. O trabalho, por sua vez, é o instrumento da libertação dos homens, não da sua escravização ⁶.

É interessante observar como interpretavam o problema da escravidão. Para eles, não apenas os negros eram escravos, mas os operários também o eram e, muitas vezes, vivendo em condições ainda piores que a do escravo propriamente dito. Um exemplo deste contraste pode ser observado pela situação de boa parte dos falansterianos que redigiam os estatutos da Union Industrielle, submetidos, em Lyon, a jornadas de trabalho de quinze a dezoito horas, sem interrupção, pelas quais recebiam um salário de um franco, quantia insuficiente, na maior parte dos casos, até para o pão do dia. Os operários lioneses são freqüentemente retratados como desnutridos, apáticos, que caminham pelas ruas da cidade seminus e descalços, em igual ou pior situação que a dos escravos brasileiros. Fourier, talvez levando em conta esta realidade, tivesse ampliado o conceito de escravidão para designar a experiência dos seres humanos, de um modo geral, no regime de civilização. Muito embora nos vários relatos de viagem de franceses visitantes do Brasil o sistema escravista fosse destrinchado em todos os seus horrores e detalhes sórdidos, os fourieristas não dedicavam a isto uma atenção especial, como vimos, porque atribuíam a tais monstruosidades uma coerência com um sistema geral defeituoso e que as engendrava. Na visão deles, o fim da escravidão ocorreria na medida em que fosse estabelecido gradativamente o sistema de falanstérios, proposta esta válida tanto para o Brasil, como para as colônias francesas.

No manifesto dos estatutos, lançavam um apelo aos capitalistas para que cedessem recursos, habitualmente empregados por eles em futilidades ou negócios incertos, e que,

⁶ *Manifeste et Statuts de l'Union Industrielle*, Paris, imprimerie de P. Baudouin, 1841.

poderiam ser aplicados de maneira útil na implementação do projeto de falanstério. A idéia da emigração tomou corpo como uma ameaça aos capitalistas em caso da recusa dos seus capitais, pois através da emigração, os despossuídos assumiriam, por eles próprios, o destino que escolheram e, a comprovação do seu sucesso representaria, por si, um contra golpe para os ricos, pois as notícias das suas conquistas logo chegariam às oficinas e campos, causando um movimento de emigração em massa. Mas, no momento em que se pensava em lançar a primeira pedra do edifício social, isto é, construir relações fraternas entre os homens, era preciso acreditar na regeneração de todos, indistintamente, e convocar o concurso de todas as forças nesta confraternização universal. O jornal *Le Nouveau Monde* chegou a se manifestar sobre os estatutos, encontrando nele pontos obscuros e propostas às vezes pretensiosas, "e mesmo percebe-se ali uma animosidade que não está em harmonia com o grande objetivo dos colonos falanstérios" ⁷.

Diante de tantos cuidados, não se pode dizer que, desde o princípio, a idéia de realizar um falanstério no Brasil tivesse sido concebida apressadamente, sem estudos, sem que os envolvidos dominassem os princípios fundamentais do sistema societário de Fourier. Os adeptos da *Société Union Industrielle*, eram operários já organizados na França e esclarecidos sobre a sua condição de proletários e quanto aos seus objetivos como classe social. O grupo de Lyon, inclusive, reunia-se para a leitura e discussão das obras de Fourier, enviadas a eles pelo movimento em Paris. De Mure, que não era de modo algum proletário, tampouco podemos dizer que houvesse projetado tudo de última hora, apenas pelo fato de ter-lhe surgido a chance de tentar um ensaio inesperadamente, quando encontrou-se com operários que dirigiam-se à Argélia em busca de trabalho. Mure há muito

⁷ *Nouveau Monde*, 1 de junho de 1841, artigo citado.

tempo conhecia as idéias de Fourier e participava do movimento fourierista na França.

De qualquer modo, naquele momento, pela atividade de propaganda levada adiante pelos discípulos de Fourier, a teoria societária vinha conquistando o seu espaço junto aos operários, ou pelo menos assim viam os fourieristas: "Passem nas suas modestas oficinas, vocês verão ao lado dos seus instrumentos os livros do nosso mestre. O quadro feliz da harmonia não os faz esquecer os deveres do momento; eles trabalham e eles estudam; eles combinam os meios, e, entregues a seus fracos recursos, eles caminham lentamente, mas eles caminham em direção à realização. Praticantes, por necessidade e por vocação, eles fundam estabelecimentos garantistas, estabelecimentos onde não há assalariados, onde o operário encontra um médico seguro em caso de doença, um apoio na idade avançada"⁸.

Sobre o perfil dos operários que zarparam da França para o Brasil, muito pouco podemos dizer além disto. Deles apenas sabemos tratar-se, em grande parte, de operários qualificados, ao menos aqueles filiados à *Société Union Industrielle* e listados numa carta enviada por Derrion do seguinte modo: agricultores, 105; arquitetos, 2; aparelhadores, 1; alfineteiros, 2; abridores de poços artesianos, 1; alfaiates, 13; boticários, 2; bombeiros, 2; carroceiros, 2; carniceros, 8; couteiros, 9; cinzeladores, 3; chocolateiros, 1; contadores, 11; cordoeiros, 4; cozinheiros, 8; carvoeiros, 3; chapeleiros, 2; canteiros, 3; carreteiros, 2; coloristas, 3; carpinteiros, 19; carpinteiros da ribeira, 5; carruageiros, 4; cirurgiões, 1; chumbeiros (obras em chumbo), 2; esbaltadores de lãs, 2; plumeiros, 2; moleiros, 1; desenhistas, 17; fabricante de cal, 3; cabeleireiros, 3; curtidores, 8; cesteiros, 1; dentistas, 1; destiladores, 3; empenadores, 2; encadernadores, 1; estanhadores, 2; estampadores, 1; estampadores de chita, 3; estampadores de bordados, 1; estufadores, 1; espingardeiros, 1; fogueteiros, 2; feculistas, 1; fabricantes e tinturas, 2; fabricantes de velas de sebo, 2;

fabricantes de papelão, 3; fabricantes de pregos, 1; fabricantes de redes de arame, 1; fabricantes de massas alimentícias, 2; fabricantes de papel pintado, 1; fabricantes de canelas ou laçadeiras, 1; fabricantes de produtos químicos, 2; fabricantes de camurça, 1; fabricantes de esporas, 1; fabricantes de obras de casquilho, 1; fabricantes de papel, 2; fabricantes de acordeões, 3; fabricantes de pianos, 3; fabricantes de chapéus de sol, 2; forneiros, 5; fiandeiros, 8; fundidores de ferro, 2; idem de cobre e bronze, 1; idem de tipos, 3; funileiros, 14; forjadores (mestres), 6; foleiros operadores, curvatões e tangedores, 1; ferramenteiros, 4; fumoseiros (preparadores de chaminés), 1; gravadores em madeira, 3; idem em metal, 4; impressores, 2; latoeiros, 2; luveiros, 3; limadores, 3; ladrilheiros, 1; marmoristas, 2; moldeiros, 1; maquinistas, 33; moleiros, 2; médicos, 1; marinheiros, 4; marceneiros, 64; naturalistas, 6; oleiros, 11; ourives, 3; pedreiros (alvenéis), 3; pedreiros, 17; pintores de decoração, 3; idem de casas, 11; relojoeiros, 2; retratistas, 2; passamanes, 18; redeiros, 1; rendeiros, 2; saboeiros, 1; sapateiros, 15; surradores de peles, 8; salsicheiros, 1; serralheiros, 19; serradores, 2; toalheiros, 19; tintureiros de peles, 3; idem de lãs, 1; idem de algodão e seda, 2; tabaqueiro, 1; taboleiros, 2; tauriadores, 22; torneiros, 30; temperadores de aço, 1⁹.

Destes afiliados da Société Union Industrielle, somos incapazes de dizer quais teriam vindo ao Brasil, pois nos falta uma lista mais detalhada dos que desembarcaram no país. Uma coisa, entretanto, parece importante ressaltar: há entre os artesãos um certo elogio ao trabalho, um orgulho da profissão que não corresponde exatamente ao ideal de trabalho professado por Fourier, que percebia na atividade humana um elo de ligação entre os homens e o mundo, resultando desta união um novo ser. O trabalho deve ser exercido por

⁹ Idem.

escolha, por atração que pode ou não ser fixa e isto exclui, em princípio, a especialização, porque ela gera a monotonia e a perda do entusiasmo, pela desconsideração às aptidões individuais, além de estabelecer uma reunião desinteligente dos trabalhadores¹⁰.

Esta sociedade dirigida por Arnaud, Jamain e Derrion, da qual havia sido excluído o nome de Mure, ganhara o seu regimento e reunira os falansterianos dispostos a rumar para o Brasil e aqui realizar uma aplicação integral da teoria societária, e não apenas o *garantismo*. O momento da partida foi marcado por uma grande emoção. Os emigrantes dirigiram-se à tumba de Fourier como que se entregando a um ato religioso e compenetrados ouviam o discurso de Derrion e a leitura de uma carta deixada por Arnaud, pois naquele momento, encontrava-se já no Havre organizando a partida. A cena foi presenciada por Anastasie Czynski que se perguntava:

"Quem são esses viajantes, de fronte serena, que se reúnem sobre a tumba lúgubre? A esperança lhes sorri, a fé os releva, a vida em todo o seu esplendor reluz nos seus olhos brilhantes, e é ao melhor dos signos da morte que eles se ajoelham. São os trabalhadores falansterianos (...) Eles dirigem-se para a conquista do globo. Suas armas são as ferramentas; seus planos de campanha, os livros de seu mestre; seu estandarte, a ciência social; seu chefe Charles Fourier (...) Uma nova época começa. Os discípulos de nossa escola deixam a pluma para trocá-la pelas ferramentas, é à terra fértil que eles pedem suas riquezas, é pelos ensaios societários que eles começam a falar ao século sem fé" (...) ¹¹.

Nesta última homenagem ao mestre, uniram-se a eles os fourieristas de duas outras facções saídas do grupo do jornal *Le Nouveau Monde*, uma encabeçada por Mme. Gatti de Gamond e Arthur Young que preparavam um ensaio societário no antigo monastério de Citeaux, próximo de Dijon, e outra, fiel ainda a Czynski, que se preparava para tentar uma experiência no Texas. Estes três grupos uniram-se então, num grande banquete e, por isto

⁹ H Boiteux, "O Falanstério do Saï", in *Revista do Instituto Histórico e geográfico de Santa Catarina*. Florianópolis, 12, 1 sem., 1944, pp. 72-74.

¹⁰ Auguste Colin, "De la specialization dans le travail", *Le Nouveau Monde*, 11 de dezembro de 1839.

¹¹ Anastasie Czynsky. *Le Nouveau Monde*, 1 de outubro de 1841.

mesmo, parece difícil explicar porque cada um decidiu rumar para destinos diferentes, se comungavam de convicções, entusiasmo e esperanças.

A súbita decisão da partida fora tomada pelos mal entendidos entre Mure e os chefes da nova *Union Industrielle* e que se acirraram pela dificuldade de comunicação entre as partes. Mure já estava no Brasil, em viagem para a escolha do terreno, e a correspondência enviada por ele chegava ao destino com atraso ou, simplesmente, não era recebida na França, e isto não apenas por conta da precariedade do serviço de correio, mas, como o próprio Mure aventou, pela má fé de alguns. Por outro lado, a correspondência vinda da França, o doutor só a recebeu quando voltou ao Rio de Janeiro. O fato é que, para esclarecer os motivos do seu descontentamento, Mure enviou, do Rio de Janeiro, uma carta para Jamain, datada de 27 de maio de 1841. Nela protestava contra a influência deletéria dos sansimoneanos que haviam penetrado na organização, entre eles citava Arnaud, que vinha figurar como presidente da nova *Union Industrielle*. Para Mure a questão não era pessoal, mas ideológica, de dissidência irreconciliável com os sansimoneanos que via como uma "pálida reprodução dos jesuítas". E acrescentava:

"Vejo surgir um em toda parte onde haja homens a explorar, ou uma bela idéia a fazer abortar. Em homeopatia são partidários da sangria. Desejam eles aliar o terrível despotismo do seu princípio hierárquico aos seres livres, à verdadeira independência que dirige os grupos de Fourier; a desordem lógica e moral persegue-os fatalmente por toda parte. – Não é para eles que desejo trabalhar. (...) Não reconhecerei nenhuma Sociedade em que figurem sansimoneanos, sobretudo como chefes, e reservo-me o direito de não admitir na terra do Saí homens contaminados por esta lepra incurável. (...) Repito-lhe, pois, que estou pronto a ceder a minha propriedade sobre a colônia tal como a concebi sob a sua e a influência de Rouffinel, de Le Clerc, de Laurant, etc. Estes podem vir; dar-lhes-ei tudo, sem nada reservar para mim. (...) Obter terras para guardar, jamais foi meu pensamento. Tenho outros pontos de vista que não o de ser proprietário e minha vida passada responde pela minha vida presente. Aliás, já dei à colonização mais do que a terra do Saí; dei-lhe o suor do meu corpo e as angústias de minha alma durante um ano, coisas que a Colônia nem ninguém serão bastante ricos para pagar-me. O pedido de fundos será anexado ao orçamento que se discutirá no próximo mês e os remeterei para a França para a sua passagem e a dos fourieristas puros que me trouxer – ampla matéria para

os conciliábulos infantinistas deste inverno; (...) há apenas um meio de salvar a colonização [ilegível] é de derrubar este poder, que vocês não tem o direito de nomear sem mim, e contra o qual eu protesto. Venham cá sem ferramentas, sem roupas, sem dinheiro. O Saí lhes devolverá o que perderem hoje, mas venham como homens, não como rebanhos, porque os discípulos de Saint Simon, por este preço, encontrarão em mim um colaborador e um irmão, e espero não queiram ter-me como inimigo"¹².

A questão com os sansimoneanos parece ter sido o ponto principal que desencadeou a contrariedade de Mure. Para nós este ponto permanece obscuro até que se consiga desvendar o relacionamento de Mure com estes, antes de tornar-se fourierista. Porque, dentro do movimento dissidente os sansimoneanos foram recebidos sem restrições, apesar das críticas dirigidas pelos fourieristas à sua doutrina, e até mesmo participavam dos banquetes mensais, promovidos pelos discípulos de Fourier, em Belleville e no Palais Royal, quando também tomavam a palavra, erguiam brindes, entoavam os mesmos cânticos e serviam-se à mesma mesa. Numa destas reuniões, um adepto de Saint Simon, quis atribuir a seu mestre a concepção da idéia da libertação da mulher e nesta ocasião Mure teria tomado a palavra para demonstrar como os chefes sansimoneanos apossaram-se das idéias de Fourier com o fim de deturpá-las. Como exemplo, citou o papel atribuído à mulher por Fourier na sociedade futura, mesmo que no primeiro período só se possa vislumbrar para ela o poder de livre escolha diante da figura masculina. A questão da mulher ainda, teria sido um fator decisivo na ruptura entre Bazard e Enfantin, em novembro de 1831, aquele acusado de autoritário, austero e inapto para resolver a questão feminina. De qualquer forma, o incidente do banquete fez com que Mure redigisse um artigo, ainda na França, sobre as divergências entre Saint Simon e Fourier. Para Mure, as doutrinas do primeiro, baseadas em princípios contraditórios, tiveram como consequência o despotismo mais acachapante; enquanto do segundo, criador da teoria societária, resulta a formação das

¹² Carta de Mure para Jamain, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1841, AHJ.

séries passionais e a absoluta independência. No que se refere à mulher, até por uma questão de data de publicação, parece fácil provar que Fourier, em 1808, já falava na sua emancipação e Saint Simon viria a fazê-lo somente em 1822. Para Mure, os seguidores de Saint Simon teriam reproduzido de maneira odiosa estas idéias em suas reuniões, onde as emitiam como sendo criações próprias. Às liberdades intentadas pelos sansimoneanos, Mure respondia: "Podemos, sem puritanismo, desaprovar uma ação semelhante. Eu também, gosto de todo o mundo, entretanto, eu prefiro Fourier a Marat, Napoleão a Hudson Lowe. A filantropia universal é uma coisa bela, mas um pouco de ordem em tudo não estraga nada" ¹³. É interessante observar como, no século XIX, os homens apossaram-se do discurso sobre a emancipação feminina impondo às mulheres as fórmulas adotadas neste processo. A fórmula sansimoneana do não casamento, por exemplo, resultava para as mulheres a obrigação de arcarem sozinhas com as responsabilidades de mães e de trabalhadoras. A condenação do aleitamento materno e a necessidade de rompimento do laço maternal em nome de um suposto benefício para o estabelecimento de laços sociais mais profundos são um outro exemplo de que a emancipação, do ponto de vista masculino, exigia da mulher a recusa da sua identidade feminina. Algumas fourieristas insurgiram-se contra um tal modelo, como, por exemplo, Mme Gatti de Gamont, pois por discordar do papel atribuído à mulher no falanstério rompeu até mesmo com a dissidência. As sansimoneanas combativas, como por exemplo, Claire Démar, Suzanne Voilquin, igualmente, tomaram a pena para recolocar no discurso socialistas as questões relacionadas à subjetividade feminina. Apesar de certos desencontros de perspectiva entre as expectativas masculinas e femininas, podemos considerar uma atitude ousada dos homens a referência aos direitos da mulher, no bojo de uma sociedade que, em 1804, adotava um

¹³Benoit Mure, "Saint Simon et Fourier", *Le Nouveau Monde*, 11 de novembro de 1839.

Código Civil sobre a família e a regulamentação da propriedade, excluindo as mulheres dos direitos civis e políticos, enclausurando-a no lar ¹⁴.

Em geral, Mure não era hostil aos sansimoneanos, pelos quais nutria uma certa afeição por fazerem parte de uma elite intelectual jovem e entusiasta que viu nos anos 30 a possibilidade de uma era de renovação, entretanto, recriminava aos chefes que não souberam aproveitar esses talentos, fazendo da doutrina e de seus elementos uma figueira sem frutos e confiscando da causa falansteriana os recursos que poderia ter aproveitado. Mure, enfim, mostrava-se contrário a esta aliança, principalmente pela má fama dos sansimoneanos em toda parte, convertendo-se num obstáculo perigoso aos objetivos dos fourieristas.

As desavenças entre o doutor e os membros da *Société Union Industrielle* geraram um impasse e por isso os operários haviam decidido não embarcar até que fosse solucionado o problema do contrato e enviado o dinheiro para as passagens. Mure reagiu imediatamente a esta resolução e dirigiu uma carta a Rouffinel, um de seus homens de confiança, dizendo que uma tal atitude representaria uma ofensa a um governo generoso e, numa tal conjuntura, seria o momento de provar se na ação os fourieristas seriam tão bons quanto na facilidade do discurso. Mure propunha a Rouffinel que fizesse uso da autoridade da qual havia sido investido por ele e reunisse os operários, os fizesse assinar as listas; que nessa conversa deixasse de lado o falatório sobre os regulamentos, na opinião do doutor sem nenhum sentido, sobretudo no local onde a Colônia seria estabelecida, e reduzisse tudo aos termos fundamentais. Em suma, que a intenção era formar falanges com 1200 pessoas, em que cada indivíduo recebesse integralmente pelo seu trabalho, sendo descontada apenas

¹⁴ Claire Moses e Leslie Rabine. *Feminism, socialism and french romanticism*, Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 1993.

a parte destinada a cobrir os adiantamentos feitos pelo governo e as despesas sociais. Por outro lado, os colonos estariam cercados de todas as garantias, desde aquelas contra acidentes naturais, até educação. Através destas idéias simples Mure pretendia que Rouffinel fizesse face e desmantelasse os estatutos encabeçados por Arnaud, etc, que julgava vergonhosos e monstruosos. Mure recomendava ainda a seu amigo, que exercesse a sua autoridade com sabedoria e lembrou-o do seguinte: "O verdadeiro poder é familiar sem comprometer-se; aberto, mas com discrição. Atua fortemente, mas a sua ação não se faz sentir, pelos resultados é que se reconhece a sua presença"¹⁵

Na verdade, Mure ver-se-ia numa situação embaraçosa perante as autoridades brasileiras, caso viesse à tona o episódio da infiltração dos sansimoneanos entre os fourieristas que pretendia trazer. Nas sessões de julho da Câmara dos deputados, que votaria inclusive, o orçamento do ministério do império, juntamente com as despesas previstas na implantação do projeto do Saí, o deputado Andrada Machado, ávido pela votação da matéria, comentou que Mure, por quem nutria certa admiração, vinha sendo desacreditado como sansimoneano. Para dissipar os temores dos colegas quanto a esta possibilidade, apressou-se em explicar que no sistema de Fourier não existe a intenção de mexer-se com a religião ou com a política, apenas o trabalhador converte-se num associado e isto viria a eliminar os malefícios gerados pelo atual sistema de propriedade.

Os temores quanto à integridade dos colonos engajados na França parecem ter se dissipado depois do conhecimento da matéria da carta enviada de Paris por Derrion em que afirma não existir nada em comum entre os projetos vagos, incoerentes, impraticáveis e contrários à natureza dos sansimoneanos, a quem chama de sectários, e a associação dos fourieristas, fundada sobre a justiça e a equidade, social e positiva. Para Derrion, ninguém

¹⁵ Carta de Mure a Rouffinel, 5 de julho de 1841-Col Carlos Ficker AHJ.

no mundo mais deseja falar das extravagâncias dos sansimoneanos, estes são mortos a quem devemos deixar dormir em paz¹⁶.

A chegada tumultuada. Os desencontros no Sai e a fundação da colônia do Palmital.

As questões de ordem administrativa com o governo brasileiro haviam sido resolvidas e por isso, Mure escrevia a Rouffinel e, depositando confiança na atuação do companheiro, preparava-se para receber os colonos. Os 100 falansterianos associados da *Union Industrielle* partiram no *Caroline* do Havre em direção ao Rio de Janeiro, onde aportaram em 14 de dezembro de 1841, quatro dias após a assinatura do contrato, efetuado em nome do dr. Mure, com o governo brasileiro. Com o envio dos primeiros colonos Mure recebia uma carta de Rouffinel datada de 30 de setembro, momento do embarque no Havre, em que alertava o amigo para os humores alterados e fazia um apelo de, por precaução, não transferir a concessão recebida para quem quer que fosse e implorava mesmo, em nome de Deus, para que continuasse como o tutor, o mentor, para que sondasse as consciências e não agisse precipitadamente.

A imprensa noticiou a chegada com uma ponta de orgulho patriótico, pois o Brasil seria o palco de um ensaio inédito que poderia modificar a sorte das sociedades humanas. Se desse certo, isto atrairia para o país um contingente imenso de "escravos dos capitais", acostumados ao trabalho, mas, sem poder usufruir, na sua pátria, de bens proporcionais aos seus sacrifícios, voltariam seus olhos para o nosso continente, trazendo consigo sua

¹⁶ Carta de Derrion de 13 de agosto de 1841, ver Boiteux, artigo cit. p. 72.

indústria. Se falhasse e ficasse comprovada a ineficácia do sistema de Fourier, de qualquer modo, o saldo seria positivo, isto é, teríamos engrossado a nossa população com "homens industriais (...) morigerados". A expectativa do *Jornal do Commercio*, por exemplo, estendia-se até o ponto da dissolução das contendas políticas que, em última análise, representa a idéia de base do sistema societário, cuja implantação implicava a garantia de afluência enorme de capitais e, conseqüentemente, a conquista da harmonia social. Com todos os benefícios prometidos por este sistema inovador, as lutas políticas e processos revolucionários perderiam a razão de ser. É preciso nos lembrarmos do seguinte: no momento em que se discutia a imigração, os liberais pressionavam mais e mais o governo central e, a demanda de maior autonomia às províncias viria a originar, em 1835, a Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul, cuja duração estendeu-se até 1845. A idéia dos fourieristas parecia sedutora dentro deste quadro e, sabemos o uso sábio que eles conferiram a ela no trato com as autoridades. Assim, protegidos pelo imperador, pelas autoridades e recepcionados dignamente pela imprensa, desembarcaram no Rio de Janeiro. No primeiro sábado depois da sua chegada, isto é, em 18 de dezembro, os colonos foram apresentados ao imperador. Eram homens e mulheres trazendo os filhos pelas mãos, cheios de esperanças que ao desembarcarem desfraldaram sua bandeira de sete cores simbolizando a nova aliança entre o céu e a terra regenerada, e, carregando às costas os seus utensílios, rumaram em direção ao palácio ¹⁷. O espetáculo encheu de orgulho o ministro do império, Araújo Vianna, responsável pelo projeto de colonização. O imperador, por sua vez, "lançava olhos de curiosidade e de ternura para estes aventureiros que de tão longe vinham

¹⁷ Arthur de Bonnard. *Organisation du Travail. Organization d'une commune sociétaire d'après la théorie de Charles Fourier*, Saint-Nicolas-de-Pont: Imprimerie de P. Trenel, 1845, p.XX.

solicitar a felicidade de viver à sombra de suas leis"¹⁸. Na ocasião, o dr. Mure pronunciou um discurso inflamado exaltando as qualidades do imperador que soube acolher um empreendimento capaz de elevar o Brasil ao patamar das nações mais esclarecidas do globo e adotar as idéias de Fourier na tentativa de "resolver o grande problema da organização do trabalho e da pacificação dos interesses industriais". Com entusiasmo, Mure via nos recém chegados um exército renovador, como os gladiadores romanos fiéis a César e precursores de inúmeros imigrantes que "acorrerão às plagas edênicas do Brasil, para aqui realizar os destinos imensos e misteriosos de uma idade de ouro que a divindade reserva ao mundo do futuro" ¹⁹.

Na retirada, os colonos passaram pela rua do ouvidor sob os olhares desconfiados dos populares a quem causavam estranheza pelos modos e trajes. Depois, reunidos, entoaram cânticos, feitos por eles mesmos, glorificando o trabalho ou exaltando o reino da paz. Entre as cantigas, uma em especial, de despedida, cujo refrão foi repetido com entusiasmo *Adieu, terre de France! Salut, terre de l'Avenir!*. Das cenas presenciadas ninguém poderia dizer que houvesse ali elementos de discórdia e preparavam-se para a partida em direção a São Francisco do Sul, o que ocorreria no dia 30 de dezembro. Mas, os recém-chegados, ao tomarem conhecimento dos termos da assinatura do contrato, imediatamente protestaram ao verificar que tinha sido feito em nome exclusivo de Mure e de acordo com os interesses dele, sem considerar os dos seus representados. Na tentativa de abafar o clima de revolta, Mure interveio com uma proposta de acordo a ser retificado perante o cônsul francês, porém, no dia e hora marcados, Jamain e Derrion esperavam no consulado, enquanto Mure embarcava para Santa Catarina com todo material avaliado em

¹⁸ Boiteux, artigo citado, p. 69, conforme artigo do *Jornal do Commercio*, de 21 de dez.

¹⁹ Idem, p. 70.

60.000 francos e mais as mulheres e filhos dos diretores e conselheiro administrativo da Sociedade, além dos pertences de mais vinte associados que abandonara no Rio de Janeiro. Ao chegarem os colonos em São Francisco, nos primeiros dias de janeiro, logo depois, contrariados com o doutor Mure, travaram relações com um conterrâneo de nome Henry Doin, estabelecido no lugar já há algum tempo, onde exercia a profissão de ferreiro. Este não ocultava as reservas com relação às habilidades de Mure como dirigente e empresário e, com suas observações, provavelmente viria a adicionar um bom fermento às disputas entre Mure e os colonos. Isto resultou que muitos dentre eles preferissem permanecer em São Francisco a instalarem-se no Saí e a retirar de bordo do *Caroline* vários artigos pertencentes à Colônia, que foram armazenados na casa de um tal Pedro Alemão. Mediante isto, Mure remeteu-se diretamente ao presidente da província pedindo que enviasse instruções às autoridades locais do município de São Francisco, no sentido de impedir que os colonos permanecessem na vila e lá obtivessem emprego, ou teto. Além disso, solicitava a proibição do ingresso, na colônia, dos que não tivessem sido selecionados por ele, devidamente munidos de passaporte, e constando da nova lista oficial a ser enviada ao governo. Finalmente, pedia a aplicação de todo rigor no trato com estes franceses, até mesmo levá-los à expulsão para, com essas medidas, promover o reconhecimento da sua autoridade como empreendedor e poder prevenir que na chegada do próximo grupo de colonos, aguardada para breve, os incidentes violentos voltassem a se repetir. Não desejava também, o dr. Mure, ver comprometidas, por conta de tais incidentes, as boas relações de trabalho e de amizade que, segundo afirmava, vinha mantendo com a população local²⁰.

²⁰ Carta de Mure ao Presidente da Província de Santa Catarina, datada de 5 de janeiro de 1842, Rio de São Francisco do Sul, AHJ.

No dia 13 de janeiro de 1842, Mure solicitou ao juiz de paz de São Francisco, Joaquim Gonçalves da Luz, um mandato de busca na casa de Pedro Alemão com o fim de recuperar a mercadoria, composta por uma ou mais barricas de farinha de trigo, fitas, flores artificiais, e estofas de moda, vários utensílios, sementes, um barril de pólvora, diversos baús de outros colonos fiéis e muitos outros objetos destinados aos colonos vindos para o Saí, comprados na França e transportados com o dinheiro emprestado pelo governo, com um valor estimado em mais de três contos de réis²¹.

Ao chegar à casa de Pedro Alemão, o oficial de justiça Domingo José Ramirez, que se achava na companhia de alguns colonos fiéis a Mure, foi impedido de entrar pela resistência de três mulheres e um rapaz francês de nome Ge, sendo ameaçado por ele e dos quais recebera palavras injuriosas. Com a finalidade de cumprir o mandato, o oficial requisitou ao comandante militar, o envio de uma força armada e assim pode entrar na residência e recuperar os pertences, mas por razões humanitárias Mure deixou ali uma barrica de farinha de trigo, galinhas, dois sacos de batatas e outros mantimentos e vinho para o sustento deles. Enquanto resgatavam os produtos, repentinamente, interferiu Henrique Doin, colocando-se no meio dos guardas para proferir um discurso sedicioso, em voz alta, contra a justiça da vila "que protegia os ladrões e os guardas nacionais e ajudavam o roubo dos pobres inocentes injuriando assim a justiça e opondo-se no seguimento das ordens legais (...)". Em virtude disto, Mure dirigiu ao presidente da província, em 27 de janeiro de 1842, a cópia do mandato de busca e pedindo providências contra Henry Doin que desde a sua chegada vinha "seduzindo e extraviando colonos caluniando-me e insultando-me publicamente e obstando as intenções do governo"²².

²¹ Carta de Mure ao Juiz de Paz de São Francisco, 13 de janeiro de 1842, AHJ.

²² Carta e Mure ao Presidente da Província, 27 de janeiro de 1842, AHJ.

Depois do incidente da apreensão da mercadoria, chegam a São Francisco, em 24 de janeiro, a bordo do navio a vapor Campista, que saiu do Rio de Janeiro, Jamain, Derrion e os outros vinte societários, os mesmos deixados naquela cidade na ocasião da primeira remessa de colonos ao Saí. Informados de que houve violência contra suas mulheres e crianças no episódio da busca, Jamain e Derrion, enviaram uma carta ao presidente da província de Santa Catarina, com o fim de colocá-lo a par do sucedido e também, dos seguintes fatos: que o dr. Mure era um delegado da *Union Industrielle* e isto pelo ato firmado na presença do cônsul do Brasil, em Paris; que ultrapassando as suas atribuições, tratou com o governo brasileiro, em seu nome, no lugar de requerer no nome coletivo, a concessão das terras e do dinheiro; que sem o conhecimento de tais assuntos, os 100 primeiros colonos partiram da França, às próprias custas, e apenas ao chegar haviam sido inteirados das condições firmadas; que sendo abandonados no Rio de Janeiro, dirigiram-se aos ministros, com o fim de obter os meios para chegar ao Saí e estes levaram ao seu conhecimento as cláusulas do contrato ocultadas por Mure; que em vista disso, estas autoridades concederiam sua proteção do momento em que a maioria dos chefes pedisse para ser desligada de Mure, como um intermediário desleal. Finalizaram a carta com as seguintes palavras: "nós viemos com a intenção de estabelecer uma numerosa colônia cuja indústria variada enriqueceria a província, mas não para ser escravos de um homem"²³.

Antero José Ferreira de Brito, na época Presidente da Província, enviou uma cópia da carta ao major Jerônimo Francisco Coelho, então nomeado inspetor da Colônia Industrial, esperando que pudesse resolver o assunto. Na impossibilidade de ir, naquele momento, ao Saí, por ter sido designado para uma missão pelo Ministério da Guerra, o

²³ Cópia da carta de Jamain e Derrion, diretores da *Société Union Industrielle* ao Presidente da Província de Santa Catarina, São Francisco do Sul, 24 de janeiro de 1842, AHJ

inspetor sugeriu que as seguintes medidas fossem tomadas: que o dr. Mure se pronunciasse sobre as reclamações; comprovasse, através de documentos, a sua atribuição de chefe; fizesse uma relação com os nomes de todos os colonos e de suas famílias, os nomes dos que ficaram na corte e o dos dissidentes; levasse ao conhecimento de Jamain e Derrion que não havia autorização legal alguma para reconhece-los como diretores, mas que, mediante a apresentação do documento firmado na presença do cônsul em Paris, poderiam requerer do governo imperial alguma medida; que a mercadoria retirada sob violência fosse imediatamente recolhida ao depósito público ou ficasse em poder de uma autoridade, até a solução do caso; alertasse, colonos e empresário, que em caso de ameaça à segurança de algum indivíduo, os trabalhos de fundação da colônia seriam paralisados. Finalmente, o inspetor pedia ao governo que mandasse, o quanto antes, uma pessoa de confiança ao Saí para inteirar-se da situação e um empresário para auxiliar nos trabalhos de fundação e aplinar as dificuldades surgidas neste período inicial²⁴.

O caldeirão fervia no Saí e, no próprio dia da chegada dos diretores e demais abandonados, Mure, prevendo o pior, havia requisitado, ao juiz de paz de São Francisco, o envio de algumas tropas da guarda nacional para a proteção da sua propriedade e do contrato dele com o governo, serviço pelo qual propunha-se a custear, caso houvesse necessidade.

Os envolvimento com a burocracia devem ter absorvido completamente o tempo de Mure no Saí. Para responder às solicitações do ministro do império, feitas pelo ofício de 19 de dezembro de 1841, Mure enviava ao Presidente da Província, através do coronel Camacho, uma cópia do contrato social, ou regulamento interno da colônia, com as

²⁴ Ofício de Jerônimo Francisco Coelho, Inspetor da Colônia Industrial, ao Presidente da Província, Antero José Ferreira de Brito, cidade do Desterro, 28 de janeiro de 1842, AHJ.

assinaturas da quase totalidade dos associados, segundo ele, excetuando-se alguns chefes da *Union Industrielle* que intentavam fazer valer os seus estatutos como o regulamento da colônia. Para o doutor, não seria possível o reconhecimento de tais estatutos, julgados por ele "anárquicos, inconciliáveis às Leis, à Constituição e a religião do Brasil". Com o fim de adiantar ao presidente da província os motivos dos últimos acontecimentos do Saí, vinha lembrar que aqueles estatutos eram anteriores ao contrato firmado com o governo, em 11 de dezembro de 1841, que assegurou a fundação da colônia societária e, por isso mesmo, o ministro dos negócios de império reconhecia a Mure como dirigente e não aos diretores da *Société Union Industrielle*. Sobre todas estas questões, era preciso que o Presidente fizesse parte ao ministro. Outros esclarecimentos seriam prestados por sua mulher que partira ao encontro do presidente acompanhada por Narciso Deyrolles, irmão do cirurgião da colônia.

As dificuldades de relacionamento entre os colonos pareciam inamovíveis, é o que nos faz intuir a participação feita pelo coronel Camacho ao Presidente da Província, datada de 6 de fevereiro de 1842, em que mencionou os esforços inúteis empreendidos por ele, no sentido de uma conciliação entre os dissidentes, sobretudo porque havia os interessados na discórdia e na desativação da colônia. Mas Mure parecia determinado a cumprir o contrato então, como revelou Camacho, o doutor enviava para o Rio de Janeiro, uma pessoa de confiança, que embarcaria para a França, com a missão de engajar colonos "que pelo certificado de suas condutas possam ser reconhecidos pelo governo de S.M. O Imperador"²⁵.

Neste meio tempo, os dissidentes, encabeçados por Jamain e Derrion, fizeram a ocupação violenta e ilegal, segundo Mure, das instalações provisórias da colônia. Parte das

²⁵ Carta do coronel Francisco de Oliveira Camacho para o Presidente da Província Manoel Antero José Pereira de Britto, 6 de fevereiro de 1842, AHJ.

responsabilidades sobre este incidente o doutor viria a atribuir à inépcia do juiz de paz que não prestava apoio moral à causa da colonização e que na chegada dos dissidentes ao Saí havia lhes comunicado o ofício com o seu requerimento para o envio da força pública, com o fim de proteger a colônia de uma eventual invasão. A intriga ainda seria alimentada por Henry Doin que "preside a todas as determinações, faz advogado e o intérprete em casa dos juizes e até abre os despachos dirigidos por V. Exa. aos chefes da União (...)"²⁶.

No dia da invasão Mure teria experimentado momentos de muita tensão, em que corria mesmo perigo de vida, tendo sido ameaçado cem vezes. Além de ter sido mantido sob vigília por 12 horas, perdeu os seus direitos de empreendedor por decisão de uma assembléia feita pelos invasores, seguida de votação. A ocupação da colônia, que se deu por 12 a 15 dias, adquiriu, para Mure, um caráter militar e, como ainda depois da desocupação mantinham sentinelas, resolveu transportar a sede da colônia para os limites da propriedade, onde já haviam plantado uma roça e erguido ranchos para receber as famílias de colonos²⁷. Na retirada, Jamain, Derrion e seus associados levaram consigo novamente as mercadorias, por isso Mure dirigiu-se ao juiz de paz solicitando a recondução dos bens, conforme instrução do Presidente de Santa Catarina, e seu armazenamento em depósito público²⁸. As reclamações de Mure foram contestadas por Jamain e Derrion que alegaram ter procedido a uma ocupação pacífica da colônia onde se encontravam os pertences dos seus associados, levados para lá pelo dr. Mure. Alegaram também, ter retirado objetos da colônia sob o consentimento de Mure, que lhes passou recibos, e desta mercadoria muita coisa havia sido adquirida em Paris, portanto pertencente à sociedade, coisas compradas com o dinheiro concedido a ela pelo governo. Sobre a afirmação de Mure

²⁶ Cópia da carta do dr. Mure ao Presidente da Província de 14 de fevereiro de 1842, AHJ.

²⁷ Carta de Mure ao Presidente da Província datada de 14 de fevereiro de 1842, AHJ.

de que se recusavam a cumprir o contrato com o governo, disseram, ao contrário, que não se recusavam ao contrato com o governo, e sim ao outro contrato, aquele em que Mure exigia a assinatura de todos, em oposição, tanto aos interesses dos societários como aos do governo²⁹.

Estas desavenças geraram um impasse em que as 30 famílias fiéis ao dr. Mure, temerosas da reprodução dos incidentes violentos, recusassem-se a admitir na colônia, como associados, os membros da *Union Industrielle*, e pediam, segundo o doutor, uma integração gradual destes indivíduos, submetida, por um período, a certas restrições, como, por exemplo, privação de voto na Assembléia Geral. As atitudes passionais e precipitadas de ambas as partes só faziam distanciar, cada vez mais, a possibilidade de um entendimento. Mure instigava ainda, a autoridade a cobrar dos dissidentes uma indenização pelos prejuízos causados, tanto à colônia, como aos cofres públicos, pelos gastos com o transporte das mercadorias.

Para completar a confusão, o Juiz de Paz, Joaquim Gonçalves da Luz, tomava partido da *Société Union Industrielle* e num de seus relatórios apresentava a Antero de Brito a sua versão dos fatos em que o empreendedor aparece como o único provedor de toda discórdia. Ao declarar-se senhor absoluto das terras cedidas para a colônia e ao pretender submeter os seus associados a condições por ele próprio estabelecidas, sem buscar um entendimento mútuo, comprovava o seu caráter "pertinaz, imprudente e injusto" pois tratava os seus conterrâneos não como associados, mas como escravos. Estes, por sua vez, eram homens humildes, que não recusam as condições do governo, mas não aceitam aquelas do Mure, e por isto, foram excluídos por ele dos quadros da colônia, despejados dos

²⁸ Carta de Mure ao juiz de paz, São Francisco do Sul, 7 de fevereiro de 1842, AHJ.

²⁹ Carta de Jamain e Derrion de 7 de fevereiro de 1842, AHJ.

alojamentos provisórios, construídos no caminho que leva à colônia, em princípio destinados a abrigar os que dela tomassem parte. Por esta razão, achavam-se na vila gastando o que não podiam e privados de trabalho. Para o juiz, Mure:

"é a causa original de todos os transtornos sucedidos, é um composto de inconseqüências e contradições. Dele vem todo o mal. Nenhum da parte dos colonos. Quer; não quer. Diz, contradiz. Faz; desfaz, etc. (...) Haverá alguma dúvida em sustentar se circunstância sinistra o não eleva a desatinos tais, sofrer o Dr. Mure alienação mental?"³⁰.

O Presidente da Província mantinha o Ministro do Império informado sobre os acontecimentos em São Francisco e procurava dissuadir os dissidentes no sentido de submeterem-se às determinações do governo e que se reconcilhassem, para seu próprio benefício. No momento em que escrevia ao ministro, tinha sob suas vistas os Estatutos da Sociedade União Industrial os quais interpretou como:

"doutrinas as mais perigosas e princípios não só subversivos de toda a ordem, como contrários às instituições que nos regem, sendo esta mais uma razão poderosíssima para não admitir-se no Saí os que abraçaram e professaram tais doutrinas e princípios, e que ao menos os não abjurarem por meio de um novo contrato"³¹.

Sobre o contrato, Antero de Brito sugeria que ficasse mais explícito o direito e o dever dos colonos e menos amplos o do empresário e, de toda forma, elucidasse o papel preponderante, na direção do projeto, por parte do governo imperial.

As contradições acumulavam-se, o tempo passava, as autoridades incomodavam-se, aproximava-se à vinda do inspetor da colônia e Mure ainda ocupado com a remessa, para o Presidente da Província, das peças solicitadas que pudessem comprovar as suas atribuições como diretor do empreendimento do Saí. Em 15 de fevereiro, enviava então, à capital da província, um representante munido de sete documentos para comprovar a sua situação. O

³⁰Relatório do juiz de paz de São Francisco, Joaquim Gonçalves da Luz, ao Presidente da Província, Antero J. F. de Brito, 8 de fevereiro de 1842, AMJ.

³¹ Livro de Registros nº 118 do Presidente da Província para o Ministro do Império, 8 de fevereiro de 1842, APESC.

primeiro documento era o ato da sociedade da primeira *Union Industrielle*, com sede na casa do sr. Julien de Paris, seu amigo, ato do qual constava o seu nome e reconhecido e impresso por ele naquela cidade, em 21 de abril de 1840. Este ato teria sido firmado quando, disposto a embarcar para o Brasil, convenceu operários que se dirigiam para a Argélia a o acompanharem. Pelo documento Mure teria o direito de tratar, no Rio de Janeiro, das transações, por isto mesmo, não o assinava, porém os associados o faziam, de tal modo que, havia uma obrigação deles para com o doutor e não o inverso. O segundo documento era o ato da atual sociedade *Union Industrielle*, em nome de Arnaud, Jamain, Derrion e Companhia, não reconhecido por ele, contra o qual sempre protestou e que não podia apossar-se da sua propriedade. Com esta nova sociedade ele nada tinha a ver porque sua sede mudara de endereço e tanto o seu nome, quanto o de seu amigo Julião, haviam sido excluídos dela e substituídos pelos de desconhecidos e de inimigos. Como terceiro documento, apresentava a carta enviada a Jamain, em 27 de maio de 1841, e que ele pretendia furtada para não ser obrigado a mostrá-la. O quarto documento, uma carta enviada em 5 de abril de 1841 a Rouffinel, amigo comum de Mure e Jamain, na qual Mure pedia ao amigo que formasse uma nova sociedade. O quinto documento, consistia da carta de Rouffinel de 30 de setembro de 1841, implorando para que não cedesse os seus direitos aos associados, o que vinha sendo obrigado a seguir. O sexto documento, era uma carta do deputado Carneiro Leão de 5 de dezembro de 1841, onde o parlamentar reconhecia os méritos do doutor na condução dos negócios e dando preferência para o estabelecimento do contrato do governo com Mure e não com os colonos. O último documento, um ofício da Secretaria do Estado dos Negócios do Império, solicitando ao doutor a remessa à secretaria da cópia do contrato firmado com os colonos. O envio de tais peças poderia, acreditava Mure, comprovar os seus direitos, enquanto os seus detratores nada tinham a apresentar.

Desculpava-se por não poder ir pessoalmente ao encontro do presidente, como lhe havia sido solicitado, e justificava sua ausência pela necessidade de permanecer no Saí, no interesse da prosperidade da colônia, e para evitar novos atos violentos por parte dos seus caluniadores³².

Mure estava realmente irritado e em carta de 13 de fevereiro de 1842 dizia:

"ninguém neste mundo tem, ao meu ver, o poder de obrigar-me a trabalhar para a Sociedade Arnaut, Jamain, Derrion e Companhia, a que nunca reconheci, com a qual nunca me correspondi, e cujos espantosos estatutos nunca serão por meu consentimento aplicados ao Brasil.

Entretanto hoje que alcancei os meios de fundar uma colônia e sabem meus amigos com que trabalho vem essa Sociedade por a mão sobre a minha obra, oferece-me condições vergonhosas e quer pagar com um salário uma obra cujo caráter é tão sublime, porém não lhes reconheço tal direito, e Rio de Janeiro sabe como respondi a essas proposições.

Agora, que devo fazer no meio de complicações suscitadas pelos chefes da União, e como responder à torrente de calúnias lançadas contra mim?

Por fatos. Primeiramente, todas as cartas de recomendação que eu trouxe para o Brasil dirigidas aos senhores Reis Torres, José Clemente Pereira, Paulo Barboza Araújo de Porto Alegre, conde de Lages, V. Ex. a que as entreguei: eles bem o sabem e nunca me conhecerão como agente. Em segundo lugar, a ata da Nova União Industrial obriga os membros para comigo e não me obriga para com eles; longe de ser o seu agente, nem sou seu sócio. Em terceiro lugar, a Sociedade Arnaut, Jamain, Derrion e Companhia foi feita depois da minha partida; eu não a reconheço; desafio seus membros de apresentarem uma só carta que eu lhes tenha dirigido. Fundador, agente ou protetor, alguma coisa eu era para a União de 21 de setembro de 1840, porém nada sou para a de 18 de abril de 1841.

Agora, embora todas as minhas protestações, os chefes da União ocultam esta verdade a seus societários, desfiguram as minhas cartas, tornam a copiá-las. Lêem-nas truncadas nos banquetes, a que eu dirigia a indivíduos, lêem-nas à Sociedade (...). Formam-se laços infames para a trair colonos ao Brasil. Trazem-me homens enganados, desencaminhados, irritam-nos contra mim..".

Na carta Mure ainda pedia liberdade para continuar a sua obra com outros colonos que faria vir, e com aqueles que haviam aceitado as "condições liberais" propostas pelo novo contrato de 19 de janeiro de 1842, quanto aos outros,

³² Cópia da carta de Mure ao Presidente da Província, Rio de São Francisco do Sul, 15 de fevereiro de 1841, AHJ.

"os apóstolos do canhão e da guerra contra o rico, levem para outra parte suas doutrinas incendiárias; o bom senso brasileiro e as leis, se for preciso, saberão castigar os desvios dos indivíduos. Porém, que se funde uma colônia sobre semelhantes princípios, e que seja submetida à aprovação do governo semelhantes doutrinas e sua causa a qual não posso prestar-me, qualquer que seja o resultado ainda que as conseqüências de minha constância causassem a ruína de minhas esperanças as mais caras e trouxessem a paz se a perda dos meus bens e do meu porvir."³³.

Na verdade, desde o princípio de fevereiro, os dissidentes vinham queixado-se ao juiz de paz da situação em que foram postos por Mure, privados da posse dos terrenos da colônia, do sustento e tudo o mais, alugaram casas na Vila de São Francisco e iniciavam a exploração dos terrenos concedidos. O Palmital, situado numa planície, estaria, segundo eles, melhor posicionado que o Saí e melhor adaptado para a instalação de uma colônia industrial pela facilidade em abrir-se caminhos para o escoamento de seus produtos industriais. Para poderem dar seguimento aos seus trabalhos pediam ao presidente da província o acesso aos fundos concedidos e que fossem isentados das responsabilidades das faltas de economia feitas por Mure, e mais, solicitavam legalmente um inventário dos bens em posse do doutor, para que pudesse responder pela perda e pela falta dos materiais sob sua cautela³⁴.

O coronel Camacho, designado pelo presidente da província para tentar a reconciliação entre as partes, perante o juiz de paz, não conseguiu levar à presença da autoridade Derrion e Mure, que receosos de ausentarem-se do Saí, mantinham suas posições. A União, entretanto, enviou Jamain, Pomatelli e Tesseire. Camacho também, não mantinha-se imparcial, pendia para o lado de Mure e dos colonos fiéis, de cujos resultados de trabalho já tinham uma forja, um forno, algumas cabanas e preparavam um terreno para o plantio de feijão, batata e bananas para alimentarem-se, "enquanto aqueles insubordinados andam

³³ Carta de Mure ao Presidente da Província, São Francisco 13 de fevereiro de 1842, AHJ.

lameados por esta Vila, incomodados e incomodando"³⁵. Camacho admitia a dificuldade em se atribuir a razão a alguma das partes, porém se considerado o decreto de 11 de dezembro de 1841, não havia como negar os direitos do doutor, do mesmo modo, na sua opinião, não poderiam ser considerados como colonos aqueles que se colocaram fora dos quadros da colônia e não se sujeitando ao seu chefe³⁶.

As autoridades, por sua vez, também não se entendiam sobre o assunto, é o que se pode perceber pela comunicação estabelecida entre o Ministro do Império e o Presidente da Província. Tudo porque houve muita pressa na formulação do contrato com Mure e as terras do Saí, sequer haviam sido demarcadas para o fim de colonização quando os colonos chegaram. O ministro tomava conhecimento da existência de alguns posseiros no terreno doado à colônia, de quem se fazia necessária a preservação dos direitos. Na verdade, dois casos chegavam ao conhecimento e demandavam uma solução rápida: o primeiro, de um morador de São Francisco que exigia a posse dos domínios da colônia porque, em 1833, recebera uma permissão oficial de uso de parte dos terrenos mencionados. A este o governo teria preservado os direitos sobre a área cultivada e já ocupada por ele, ampliando-a para uma direção sem prejuízo para a colônia. O outro caso, seria o de um morador cuja propriedade situava-se no caminho que levava à colônia e que se negava a ceder a madeira necessária às obras. Neste caso o governo teria optado por fazer valer a lei nas "condições com que sempre são dadas às sesmarias"³⁷. O decreto do governo de 14 de setembro de 1842, publicado no dia 18 pelo *Jornal do Comércio*, teria resolvido o assunto.

³⁴ Carta de Jamain e Derrion, ao juiz de paz, São Francisco do Sul, 7 de fevereiro de 1842, AHJ.

³⁵ Carta de Francisco de Oliveira Camacho ao Presidente da Província do Quartel da Vila de São Francisco em 11 de fevereiro de 1842, AHJ.

³⁶ Idem.

³⁷ *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro*, 17 de julho de 1842.

As notícias sobre os primeiros desentendimentos entre os recém chegados fizeram com que fossem alertadas as autoridades de São Francisco do envio dos primeiros colonos e sobre eventuais descontentamentos que poderiam suceder, caso o doutor não tivesse preparado de antemão depósito de víveres, etc., pela precipitação da partida. Por isto recomendava as autoridades competentes o acolhimento dos colonos e o abastecimento do necessário³⁸. O presidente da província ainda remetia-se ao ministro do império cheio de dúvidas sobre em nome de quem deveria ser feita a concessão dos terrenos, se no de Mure, ou seria ele apenas um encarregado? Porque havia necessidade de saber quem arcaria com as custas e, por outro lado, saber sob que condições os colonos entrariam de posse dos seus terrenos e quais os seus direitos³⁹. Sem que fosse inteirado destas questões não podia inclusive, atender ao pedido do doutor sobre penalizar os colonos que se recusavam a ir para o Saí. Em caso de aplicação da lei, eles deveriam ser enquadrados nos artigos 12 e 13 da lei de 11 de outubro de 1837.

Os dissidentes Jamain, Pomatelli e Teyseyre explicaram, em termos mais claros, as suas divergências com Mure na presença do presidente da província. Em primeiro lugar, não podiam aceitar a ata de Doação da Sociedade ao sr. Mure, passada no tabelião de São Francisco, em 2 de fevereiro de 1842, e a eles comunicada em 18 do mesmo mês, a qual Mure pretendia ver assinada por todos. Isto porque não haviam saído de seu país para cair, aqui, na dependência de uma pessoa com ímpetos de controle absoluto, inclusive dos fundos cedidos pelo governo, para a colônia, mas tutelados por Mure que os empregaria como pretendesse, sem submeter essas despesas ao controle dos demais, pois pela ata

³⁸ Ofício do Presidente da Província ao Ministro do Império, 30 de dezembro de 1841, resposta ao aviso de 18 de dezembro de 1841, Livro de Registros nº 112, APESC.

³⁹ Ofício do Presidente da Província ao Ministro do Império, 8 de janeiro de 1842, Livro de Registros, nº 113, APESC.

apenas a uma pessoa, eleita pela sociedade, caberia o direito de verificação destes gastos. Se o reembolso ao governo deveria ser feito pela sociedade como um todo, e não apenas pelo doutor, então a ela, como um todo, deveria reservar-se o direito de usar estes fundos de acordo com o interesse geral e no interesse da maior economia. Na sua reclamação perguntavam-se como o sr. Mure, que se diz um filantropo e um bem feitor da humanidade, ousava abjurar uma quantia de dois milhões de francos, como consta dos artigos 4 e 5 da sua ata, para a criação de seis milhões em ações, que na verdade, não lhe custariam que dois traços de pluma porque a indústria européia saberia fazer o seu valor. Os artigos 16 e 17 da ata que garantem 10/12 dos produtos ao capital os faziam compreender porque Mure reservava-se os direitos sobre uma das duas embarcações da colônia. Não concordavam também, com os pagamentos ao capital feitos em moeda francesa, ao invés de em moeda brasileira, pois isto revelava a intenção de Mure de ganhar com o ágio e com o câmbio. Os queixosos perguntavam, ainda, por que Mure não queria ver os colonos assumirem a dívida com o governo? Porque, conforme os artigos 1, 4 e 23 da sua ata, ele é o mestre soberano, a terra do Saí é sua, é o seu dinheiro que ele dá. A Mure reconheciam, apenas, como um agente a quem deviam o pagamento pelos serviços prestados, e só. Do governo, esperavam ser empossados do terreno concedido e dos fundos votados pela câmara dos quais deveria ser destituído o doutor, por não gozar da confiança dos associados e pela má gestão que vinha fazendo dos mesmos fundos. Do doutor, esperavam a restituição das suas ferramentas, e objetos em seu poder, e uma indenização pelo tempo preciosos que perderam. Na impossibilidade do rompimento do contrato com Mure, como alegavam as autoridades, os dissidentes solicitavam a concessão de terras no Palmital e fundos para

implantar ali uma colônia, isto é, que a eles o governo concedesse as mesmas facilidades outorgadas a Mure⁴⁰.

O conturbado mês de fevereiro no Saí reservaria ainda, novas surpresas desagradáveis para o doutor. Lefèvre, um dos membros do conselho da sociedade *Union Industrielle*, dirigiu-se ao juiz de paz com uma grave acusação contra Mure e Camacho. Dizia ele que trouxera consigo da França, às suas custas, uma irmã, Sra. Croissonier, com uma filha de 12 anos, Josefina Francisca, engajadas, logo na chegada, para o lado de Mure, pois este comprometera-se a assumir as suas dívidas com Lefèvre. Depois disso, o doutor pretendeu ofertar a menina como presente ao coronel Camacho, com quem deveria deitar-se. Para preparar a menina e convencê-la a anuir, chamara um colono, Bouvier, e este prometia a Josefina casar-se com ela depois, apesar de já viver com a mãe dela, e para aliciá-la, garantia à criança recompensas, pois, reconhecida como filha pelo coronel, poderia tornar-se rica. Assim dizendo, levou-a para a cama preparada para Camacho, mas, quando este apareceu, a menina, assustada, correu para a cama da Sra. Annette e de lá foi tirada sob ameaças por Bouvier. Camacho que já estava deitado à espera, dizia à menina "venir, venir comigo", mas ela recusou-se, permanecendo em companhia da Sra. Annette. No dia seguinte, esta e Francisco Mardel, um outro colono que tudo ouvira, foram queixar-se a Mure, mas este não quis tomar conhecimento, então, os próprios colonos fizeram chamar Bouvier e o repreenderam e esbofetearam. A menina, pressionada a agradar ao coronel pela própria mãe e por Bouvier, fugiu para a Vila procurando abrigo na casa do tio. Sobre Mure, Lefèvre alegou na ocasião que:

"não pode crer na virtude; casado na França com Mademoiselle Bazar, filha do chefe da escola de Saint-Simon, ele abandonou a mulher na infelicidade e juntou-se com

⁴⁰ Reclamação de Jamain, diretor da União Industrial, Pomatelli, Conselheiro da União e Teyseyre membro do conselho, ao Presidente da Província, Santa Catarina, 21 de fevereiro de 1842, AHJ.

uma intrigante, Mme D'Alibert, antiga figurante da ópera, e vive com ela com o nome de Mme Mure para esconder aos olhos do mundo a vergonha de um ajuntamento escandaloso. Eis aqui o homem que quer mostrar-se protetor da inocência, quer ele enganar a V. Majestade e vender a honra da fraca menina porque é capaz de todos os crimes quem enganou a mulher, a sociedade, o governo, as autoridades e todos que com ele tinham contratado por isso"⁴¹.

O quanto existe de verdade da participação de Mure neste caso não podemos determinar, mas o certo é que levada à presença das autoridades a menina confirmou toda a história e o juiz retirou-a da guarda da mãe, transferindo este direito ao tio. Mure tentou reaver a criança sob a alegação de que ela corria riscos por estar sujeita a contaminação, hospedada numa casa onde já haviam morrido duas pessoas. Alegava também, o doutor, que a verdadeira história era outra: Lefèvre pretendia casar Josefina com um de seus filhos, sem a autorização da mãe da menina. Nada conseguiu o doutor.

Ainda no final de fevereiro de 1842, a situação permanecia muito tensa entre Mure e dissidentes do Saí, pois estes viam-se vagando pela Vila sem recursos e sem trabalho, sem assistência de nenhuma espécie, como afirma Jamain, apesar do Coronel Camacho mencionar ter dado serviço a alguns deles, fato desmentido por Jamain. Na correspondência oficial, Mure dizia que, em cumprimento às determinações das autoridades, vinha fornecendo socorros aos dissidentes para ajudá-los em seus primeiros trabalhos no Palmital, e para isto havia devolvido a eles os seus utensílios, desembarcados por ele na casa de beira mar, e também alguns objetos comprados no Rio de Janeiro com os fundos cedidos pelo governo⁴². Com isso o doutor encerrava o assunto, fazendo com que os dissidentes assumissem a responsabilidade pelo reembolso ao governo do material sob seu usufruto. Uma carta de Jamain, datada também, de 28 de fevereiro de 1842, dá uma versão diferente

⁴¹ Abaixo assinado ao juiz de paz, onde assinam como testemunhas Lefevre, François Mardelle, C. Duboit, Annette Caulier, A. Baillen, H[], em fevereiro de 1842, AHJ.

⁴² Mure ao Presidente da Província, Rio de São Francisco do Sul, 28 de fevereiro de 1842, AHJ.

dos procedimentos do doutor para com os dissidentes. A narrativa de Jamain revela a situação desesperadora em que se encontravam, pois Mure, de início, havia prometido ceder víveres para todos os societários, mas posteriormente resolveu cede-los apenas depois da resignação dos dissidentes ao contrato. Enfurecido pelo fato dos dirigentes terem partido ao encontro do Presidente da Província no Desterro e aproveitando-se da ausência deles, Mure enviou emissários com o fim de levantar a discórdia entre os dissidentes. Como, de toda maneira, os desgarrados recusassem à proposta de Mure, foi ele próprio quem se colocou no meio destes para fomentar desconfianças sobre os seus chefes da Union Industrielle, afirmando ser responsabilidade daqueles a falta de víveres. Assim dizendo, recolheu todos os medicamentos comprados por eles no Rio, e também outros recursos, entre estes uma grande parte pertencente aos próprios dissidentes, e que foram depositados numa cabana no mato. Pela privação de víveres e medicamentos três crianças morreram. Logo na sua chegada da capital, Jamain soube dos fatos e pode ainda contemplar o cadáver de um dos que acabava de morrer. Debaixo de uma emoção muito forte teria ido ao encontro do doutor pedir os pertences dos seus associados, até porque vários dentre eles estariam doentes. Mure, impassível, mostrara a Jamain várias cartas das autoridades sentenciando a seu favor. Atônito, Jamain respondera:

"eu creio comparando (...) com a maneira pela qual o sr. presidente nos recebeu que nós estávamos enganados, eu disse então, ao sr. Mure, nós somos abusados tanto pelas autoridades como pelo sr.: não nos resta nenhuma proteção, o sr. fez dar fuzis a todos nossos homens, assalariados ou não, devemos então ter confiança apenas em nós. Assim, eu previno o sr. pois necessitamos víveres hoje ou amanhã tomaremos também fuzis e saberemos encontrar os víveres que o sr. escondeu".

Mure deu a Jamain cinquenta mil réis e, no dia seguinte, comunicou a ele o ofício recebido do presidente da província autorizando-o a ceder os víveres. Jamain via o doutor Mure como um homem "ambicioso, vingativo, desumano", além de um "hipócrita" que,

depois de tudo, ainda tentava aliciar os societários para que apenas assinassem o seu ato, em troca de saldar suas dívidas para com a sociedade a qual eram afiliados e de passagens e dinheiro para custear a viagem até o Rio de Janeiro⁴³.

Depois destes tristes episódios, uma parte dos associados da *Union Industrielle* resolveu permanecer no Palmital e dar início às obras de uma colônia societária, fazendo uso dos recursos destinados a eles doravante, e dos materiais, em parte já deteriorados, em função da demora da solução dos desentendimentos.

As brigas geraram a dispersão dos dissidentes, uns foram contratados por seis meses para montar uma serraria a vapor, fora daquele município, outros não esboçaram desejo de levar adiante o empreendimento do Palmital e resolveram permanecer na Vila. Da parte da colônia do Saí, os que permaneceram fiéis e assinaram a ata do doutor, passada no tabelião da vila de São Francisco do Sul, em 19 de fevereiro de 1842, estão os seguintes nomes: G. F. Boureier, Labbé e sua mulher, Confait, Narciso Deyrolle, Mangin, sua mulher e três filhos, F. Tommia, A. Jolly e sua mulher, E. Deyrolle, cirurgião, Benoit, sra. Duddorf, Duddorf, seu filho, sra. Croissonier e dois filhos, Le Teinturier, A. Boudeau, Loué, Troesca e sua mulher, Tne. Buchélé. Estes, segundo Mure, estariam pouco dispostos a abandonar alguma parte do seu poder⁴⁴. De acordo com o Presidente da Província, as adesões ao contrato de Mure reduziam-se a 10 colonos vindos da França e mais cinco engajados no Rio de Janeiro, enquanto os que não aceitaram era de 64⁴⁵. Mure concordava em dividir os recursos com os dissidentes, porém não achava justa a repartição com os que haviam saído do município e com os que permaneciam desocupados na vila, sem pretender dirigir-se para

⁴³ Carta de Jamain, destinatário desconhecido, São Francisco do Sul, 28 de fevereiro de 1842, AHJ.

⁴⁴ Carta de Mure sem destinatário, São Francisco do Sul, 19 de março de 1842, AHJ.

⁴⁵ Livro de Registros nº 121, do presidente da província para o ministro do império, 4 de março de 1842, APESC.

o Saí ou para o Palmital. Perguntava então, às autoridades como proceder nestes casos, ou antes, sugeria que as próprias autoridades prestassem esclarecimentos a estes porque se recusaram ao cumprimento da determinação da autoridade quando da solicitação das suas assinaturas no contrato diante do tabelião. Apesar disto, Mure estava disposto a recebê-los no Saí e a pagar-lhes a parte competente dos seguros mensais, porém mediante recibo de cada chefe de família e não dos diretores da sociedade da qual tomavam parte e que não podia reconhecer. Havia feito esta proposta movido por sentimentos humanitários e visando concilia-los aos interesses da colonização, entretanto, por eles foi insultado violentamente. Na ocasião, este grupo de dissidentes informou não ter mais a intenção de trabalhar pelo lado do Palmital, optando pela permanência na Vila onde a câmara municipal havia cedido a eles um terreno para estabelecerem ali uma casa de comércio. Os desgarrados ampliaram suas reivindicações: agora pediam um aumento de soldo; a posse dos cultivos da colônia na beira do Saí, sobre a qual não podiam reclamar direitos, em função do artigo 3 do contrato de 11 de dezembro⁴⁶, e a concessão de outros terrenos, situados no sertão, além daqueles já ofertados pela municipalidade. Para Mure, tais reivindicações eram descabidas, pois a eles foi cedido, sem objeções, o terreno que escolheram no Palmital⁴⁷. E até injustas porque enquanto os seus partidários dirigiram-se diretamente ao Saí, os outros, ao invés de povoarem o sertão, no interesse do país, pretendiam "descansar nas vilas, o traficar nelas (...) com grave dano e ressentimento dos nacionais"⁴⁸. O Presidente da Província, depois da conferência com os três dissidentes, também julgou suas pretensões exageradas, malgrado isto, determinou que Mure continuasse a supri-los de alimentos, pois, de toda maneira, mostravam-se dispostos ao trabalho, mas, sobretudo porque "sessenta e quatro indivíduos

⁴⁶ Segundo esta cláusula, a distribuição das terras entre as famílias de colonos ficava a critério de Mure.

⁴⁷ Carta de Mure ao Presidente da Província, 20 de março de 1842, AHJ.

entregues à ociosidade e azedada pelas contrariedades que têm encontrado e acossados pela fome, poderiam tornar-se perigosos, quando dados ao trabalho se tornarão de muita utilidade para o país"⁴⁹. O presidente da província, por seu turno, não estava convencido com os argumentos apresentados pelo doutor e, pela análise de todos os documentos em seu poder, tomou por desleal a conduta de Mure para com os colonos. As suas conclusões tinham por base o fato do empresário protestar contra a ata, e contraditoriamente, continuar a chamar os societários, pedindo-lhes apenas que abjurassem o sansimonismo, sem fazê-los conhecer as condições do contrato a que estariam submetidos. O conhecimento dos termos do contrato os colonos só obtiveram depois de chegarem a São Francisco, depois de feitas as despesas e de terem empregado ali o que cada um pode apurar. Por esta razão, mostrava-se favorável à concessão das terras devolutas reivindicadas por eles no Palmital. Quanto aos socorros aos dissidentes, o presidente da província teria sido claro: apenas os que, como colonizados, cultivassem terras poderiam receber os recursos de forma continuada, porém mediante garantias de reembolso.

As acusações de Mure levaram o Presidente da Província a enviar aos dissidentes, através do juiz de paz, um ofício, entregue pelo comandante militar. A resposta ao documento foi dada por Jamain que negou tivesse destruído os terrenos cultivados pelos colonos do Saí:

"que o inspetor venha, é tempo, ver estas terras cultivadas e que nos acusam de querer insurgir e não se verá que um pequeno campo de feijões que foi plantado num terreno alugado, por homens assalariados do país, com dinheiro do governo; do outro lado se verá homens trabalhando sem descanso na sua terra, que eles compraram com seus recursos na Palmital e que eles tratam de fazer valer e, na

⁴⁸ Carta de Mure a destinatário desconhecido, São Francisco do Sul, 15 de março de 1842, AHJ.

⁴⁹ Livro de registros nº 121, do presidente da província para o ministro do império, 4 de março de 1842, APESC.

colônia Mure e alguns indivíduos ocupados a caçar e a passear, comendo o dinheiro do governo que tinha sido destinado a fazer florescer a colônia"⁵⁰.

Estas informações vinham contradizer a propaganda feita por Mure através do *Jornal do Commercio*, em que narrava os grandes trabalhos realizados no Saí. Naquela carta e em outras enviadas ao Presidente da Província, Jamain pedia a concessão das terras do Palmital, no seu nome, no de Derrion e de Arnaud onde já trabalhavam, tendo erguido casas e preparado o terreno para o cultivo. Com o título em mãos, pretendiam convocar os seus 1200 amigos em Paris e animá-los a virem mais rapidamente. Pedia também, que apoiasse, junto à Câmara, um pedido de crédito de 15 contos de réis, destinados à implantação de usinas e fábricas e transporte dos que viessem do Rio para o Palmital. Ele oferecia como garantia ao dinheiro, o trabalho, que ultrapassaria, em muito, o valor adiantado e prometia realizar mais do que uma colônia: "nós queremos ser irmãos dos nossos concidadãos, queremos que eles iniciem-se em nossas indústrias (...) métodos de trabalho [estudem] as ciências aplicadas" para que primeiro imitem e depois rivalizem com a Europa⁵¹.

A estas solicitações o governo estava pouco disposto a atender, principalmente a concessão dos 15 contos obtendo como garantia apenas o trabalho.

A vida na colônia

Até meados de 1842, que trabalhos realizaram os falansterianos dirigidos pelo dr. Mure com o dinheiro despendido pelo governo brasileiro? As notícias sobre como se vivia no Saí, naquele período, nos chegam através de uma carta, publicada na Europa, escrita por uma mulher que se dizia jornalista e falansteriana convicta. Depois de perseguir o ideal de

⁵⁰ Carta de Jamain ao Presidente da Província, 12 de abril de 1842, AHJ.

Fourier pela América espanhola, teria optado por dirigir-se ao Brasil tão logo soube da existência, no Saí, de uma colônia baseada no sistema associacionista. O seu nome era Louise Bachelet, mas sobre ela nada pudemos encontrar, além da sua carta publicada⁵², que é, na verdade, um relato romântico sobre a colônia com o fim de levar ao conhecimento do mundo a concretização de uma idéia posta em dúvida por uma grande maioria. Este caráter de propaganda da obra nos faz suspeitar de que o relato tivesse sido elaborado pelo próprio Mure, ou por alguém próximo, e assinado com um pseudônimo. Isto, entretanto, são meras conjecturas, que não se tem como provar. De qualquer modo, a descrição da colônia fornecida pela narrativa de Bachelet, corresponde, ao menos nos elementos, às informações encontradas na documentação sobre o assunto, exceto pela parte dos desentendimentos que sequer foram mencionados. Bachelet disse ter chegado ao Saí em 25 de julho de 1842 e ter sido recebida pelos colonos ao som de uma canção cujo refrão dizia:

"Partons, partons pour la terre promise,

Il faut un nouveau monde à des destins nouveaux."

Esta recepção calorosa teria arrancado lágrimas de seus olhos e governada por uma forte emoção ajoelhou-se e beijou a areia da praia. O seu ato contagiou de emoção e alegria outras mulheres presentes que caminharam em sua direção para abraçá-la. Neste momento, rodeada pelos colonos, sentia-se como entre amigos com os quais se compartilham as mesmas emoções. Na colônia as refeições eram modestas, mas Bachelet não parecia incomodada por isto e nem teria notado entre seus pares alguma contrariedade. Ela, recém chegada, ávida pelo conhecimento do modo de vida societário, preparava-se para o trabalho

⁵¹ Carta de Jamain ao Presidente da Província, São Francisco do Sul, 12 abril de 1842.

⁵² Louise Bachelet. *Phalanstère du Brésil. Voyage dans l'Amérique méridionale*, Imprim. De Pommeret et Guenot, 1842. O que levou-me a pensar na possibilidade do uso de um pseudônimo foi uma nota sobre o livro publicada no jornal *Nouveau Monde* de 1 de fevereiro de 1843, p.4, onde diz-se ter saído da pena de Dalibert, cujo estilo seria bem parecido com o de Mure.

de observação. A primeira conclusão a que chegou foi de que nesta etapa do empreendimento, onde tudo estava por ser feito, os colonos poderiam usufruir apenas parcialmente dos benefícios da associação. Bachelet teve a oportunidade de observar os grupos de trabalho em ação: um grupo de pescadores, um grupo ocupado com a construção de uma forja, outro com a construção de uma olaria. Naquele momento, também tinham construído um pequeno estabelecimento destinado à exploração da madeira e os terrenos limpos estariam prontos para a criação de animais e para o plantio. Bachelet observa que o projeto de Mure tratava com atenção a idéia de dar desenvolvimento ao ramo da indústria agrícola, como comprovam as atividades em curso delegadas ao colono Trubert de cujo trabalho resultariam ovos, manteiga, leite e carne, produtos que os novos colonos poderiam usufruir na sua chegada. Mure via na mecanização da agricultura um modo de resolver o problema brasileiro do emprego de braços escravos cujos efeitos nefastos para a economia, política e sociedade já se faziam sentir.

Se a olaria funcionava nesse momento, não saberíamos dizer, mas o que parece certo é o fato dos prédios da colônia terem sido erguidos com materiais simples, como madeira e folhagens. Estas construções rústicas estariam muito aquém da expectativa do próprio Fourier em construir o palácio onde habitará a humanidade com materiais nobres. Até mesmo Mure, nos vários artigos publicados pelo *Jornal do Commercio*, tinha esperanças de ver erigidos no Saí os monumentos de uma arquitetura compatível ao grau de perfeição alcançado pela sociedade, infelizmente, foi obrigado a contentar-se com a forma arquitetural correspondente a uma forma social que produziu misérias, sofrimentos e contradições.

Durante a exploração do terreno da colônia, Bachelet pode também, contemplar o resultado do trabalho árduo de Buchlé na exploração da madeira e abertura do caminho na

direção da casa Picot. Esta construção teria sido o primeiro edifício societário e levava o nome do redator em chefe do *Jornal do Commercio*, a quem os colonos fizeram a homenagem pelo apoio e proteção por ele prestado ao projeto fourierista do Saí. A casa ficava na entrada da mata virgem e estava cercada por campos de cultivo sobre os quais Bachelet presenciava uma segunda sementeira. Era uma casa espaçosa, feita para a acomodação provisória dos colonos até que se pudesse construir habitações suficientes na colônia. Ali funcionava também, uma padaria que abastecia toda a colônia.

Ao término da visita à casa Picot, Bachelet foi ter com a família de Mangin, o engenheiro da colônia, e no dia seguinte, saiu acompanhada por ele em direção ao interior do Saí. Mangin teria mostrado a ela o caminho que abriu em direção ao centro do estabelecimento colonial, obra, segundo ela, imensa, construída sobre um terreno difícil, montanhoso, porém com um traçado inteligente, teria sabido evitar os principais obstáculos e concluído a obra fazendo uso de apenas 17 pontes! Segundo o engenheiro, as obras eram necessárias para o próprio estabelecimento da colônia, de tal modo que permanecemos sem saber se o terreno teria sido mal escolhido, ou se Mangin não estava qualificado para a execução da obra.

Seguindo pelo caminho Mangin e atravessando uma segunda cadeia de montanhas, era possível ver através de um campo desmatado a planície do Saí onde seria elevado o primeiro falanstério. A beleza natural do lugar, cercado por uma cadeia de montanhas e por rios e cascatas, fez a jornalista comparar o lugar à terra prometida e a perceber uma total correspondência entre o pensamento falansteriano e "esta natureza nobre e luxuriante do Novo Mundo"⁵³. De resto, na opinião dela, este mundo virgem, intocado pelos malefícios do velho mundo, seria o lugar compatível com o ideal de Fourier de realização de uma

comuna modelo, ou antes, este ideal parece ter sido concebido para uma terra virgem sobre a qual poderia ser escrita uma nova história da humanidade.

A caminhada com Mangin introduzia a alma romântica de Bachelet num mundo mágico, colorido e exuberante, em que cada paisagem era absorvida por ela como se estivesse diante de pinturas, desde então percebidas não mais como imagens estáticas, mas como realidades experimentadas. Na companhia do amigo, pode presenciar o começo das obras de uma barragem para tornar o pequeno Saí navegável e um caminho acessível ao mar com vistas ao escoamento dos produtos da colônia. Entre o barulho das cascatas, alternado aos golpes das ferramentas, os dois podiam ouvir ao longe os colonos trabalhando embalados por um canto:

"O Béranger, dont l'accent prophétique
Nous annonce l'avenir tant de fois,
Et nous a dit la grande république
Faisant l'aumône au dernier de ses rois
Pardonne moi, si ma muse plus sage
Rêvant aussi la chute du passé
Du phalanstère en ses vers peint l'image
Faisant l'aumône (bis) au vieux civilisé
Par un beau jour de dix-huit cents soixante
Le phalanstère étalait au Sahy
Des travailleurs la cohorte brillante
Et séduisant le regard ébahi
Quand les vieillards une foule débile
Par la misère et le chagrin brisés
Vient à sa porte implorer un asyle
Et le pardon (bis) pour les civilisés."

O canto vinha dos colonos agricultores, aliados a alguns assalariados brasileiros, na tarefa de desmatamento de um terreno para iniciar o plantio de alimentos que esperavam ver consumidos pelo grupo de novos colonos.

⁵³ Idem, p. 13.

Não nos iludamos, entretanto, que pelo fato de terem optado por uma vida encerrada no meio da mata virgem, estivessem pretendendo o isolamento com relação ao mundo exterior. Mesmo nesta fase inicial dos trabalhos de instalação, a colônia do Saí mantinha contato com o movimento fourierista de outras localidades, pois recebia o jornal *Phalange* de Londres, redigido por Doherty, e mantinha correspondência com Tandonnet que rumara para Montevideu onde difundia os métodos e teoria societários. É provável mesmo que a colônia do Saí tivesse estabelecido um comércio de madeiras com o pessoal de Tandonnet, ou mesmo que para lá tivessem se dirigido alguns colonos do Saí liberados e recomendados por Mure⁵⁴.

Os dados disponíveis até o momento sobre a vida na colônia, nos levam a crer que mesmo sob as tensões das disputas entre os dois grupos rivais, havia ali alguma atividade, porém realizada a duras penas tendo em vista localizar-se a colônia em plena mata virgem, onde tudo estava para ser feito: derrubada das matas, construção das casas e galpões, cultivo dos alimentos, construção de caminhos e meios de transporte, etc. Por outro lado, isto nos faz ver que o modo escolhido por eles para reescrever a história não renega os progressos técnicos e materiais alcançados pela sociedade do velho mundo em modo de civilização, apenas contestam o conteúdo moral atribuído ao uso dos benefícios que poderiam gerar para a sociedade.

⁵⁴ A presença de Tandonnet no Uruguai, no momento em que se estabelecia o falanstério no Brasil, seria uma mera coincidência ou teria ele vindo junto com os primeiros falanstorianos e, pelos desentendimentos iniciais tivesse optado por deixar o grupo? Uma outra dúvida paira em torno do possível comércio e trânsito de colonos do Saí para Montevideu, pois pelo contrato firmado com o governo brasileiro em 11 de dezembro de 1841, o comércio da colônia com países estrangeiros só poderia efetuar-se quando os colonos entrassem "no gozo dos direitos que competem aos cidadãos brasileiros naturalizados". Teriam eles recorrido ao contrabando? Com esta cláusula o governo criava um impasse para a sobrevivência da colônia. O contrato ainda previa no seu artigo 12º a sujeição às penas da lei de 11 de outubro de 1837 aos que "arbitrariamente se ausentassem do território pertencente ao estabelecimento". Até o momento não se conhece a aplicação das penas aos colonos que ignoraram as cláusulas do contrato.

O romantismo presente na narrativa de Bachelet não foi suficiente para embaçar a visão de um novo foco de desentendimento entre os fourieristas quando, em 27 de novembro de 1842, o brigue *Virginie* trouxe a bordo mais 117 falansterianos destinados à colônia e que foram disputados ferozmente pelos colonos do Saí e do Palmital. Assim, tornava-se fácil prever para breve o desmantelamento de um sonho de curta duração e Bachelet, mesmo recusando-se a aventar tal hipótese, provavelmente abandonara o Saí, como tantos outros o fizeram. O seu paradeiro ninguém ainda, foi capaz de descobrir. Alberto Rangel, no seu conservadorismo, escrevendo sobre a experiência do Saí, em plena era de ascensão do movimento operário, comentava, num tom irônico que seria pouco provável a permanência desta fourierista entre os colonos até a dissolução do grupo porque:

"Com a dispersão da tribo sagrada, que iria fazer esta alma penada, consertando as madeixas, entre tiriricas e carrapatos do Saí, devolvida à simplicidade do nosso caipira para o qual o fourierismo nada deveria exprimir, senão a mania do estrangeiro dar um nome difícil a coisa tão fácil, quanto fosse fincar quatro paus na terra, cobri-los de pindobas, meter em volta uns pedaços de maniva e, enquanto esperasse a chuva, ferver a dança da atira, na zoeira das violas e sanfonas"⁵⁵.

As observações de Rangel nos levam a reflexão sobre dois pontos distintos. Em primeiro lugar, o despreparo dos colonos franceses para uma vida de privação dos elementos necessários aos seus costumes e, num país tropical, habitando na floresta, pois, como vimos, os colonos vinham, em grande parte, dos centros urbanos. Em segundo lugar, atentamos para a opção do governo em desenvolver um programa de colonização, com o uso de mão de obra estrangeira. Esta política inclusive vinha sendo questionada por Antero de Brito, desde 1841, que já prenunciava o insucesso da colonização francesa. Num de seus relatórios aos deputados, lembrava o número de pessoas na província desprovidas de terras, ou possuindo terras já esgotadas, com interesse em estabelecer-se como colonos e que para

⁵⁵ Alberto Rangel. *No rolar do tempo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937, p. 103.

este fim seriam necessárias pequenas despesas com as quais o governo provincial não poderia arcar pela escassez de rendas. O presidente da província chamava a atenção para este fato porque, ao invés do desperdício de dinheiro com a colonização por estrangeiros, poder-se-ia aproveitar, com mais sucesso e economia, a mão de obra nacional. Na sua opinião, a prosperidade da província adviria da concessão das facilidades às populações já existentes para favorecer o seu aumento progressivo e daí gerar o povoamento do interior. Esta seria uma forma inteligente, segundo ele, de enfrentar a ferocidade dos índios e aniquilá-los ou civilizá-los associando-os aos trabalhadores nacionais⁵⁶. Por aí podemos notar uma grande discrepância entre os objetivos do país relativos à colonização, e o objetivo dos fourieristas com o estabelecimento de um falanstério. Esta diferença de concepção pode ser ilustrada pelo relatório do presidente da província do Rio de Janeiro de 1844 em que dedica um capítulo ao problema da colonização. Ali aparece claramente uma preocupação em povoar o país com mão de obra branca para substituir a mão de obra escrava que começava a faltar. Entretanto, o sistema a ser empregado em matéria de colonização ainda não estava definido, apenas a assembléia geral da província teria esboçado o desejo de proceder à colonização em grande escala com a proposição da lei de 30 de maio de 1840, nº 446. Todas as tentativas vinham sendo experimentadas para chegar-se ao conhecimento da melhor fórmula. Em termos de colonização agrícola tanto praticavam a concessão de terrenos por grupos de imigrantes que se incumbiam de cultivá-los por conta própria, como utilizavam-se do emprego de assalariados nas lavouras, no lugar dos escravos. No Rio de Janeiro, naquele momento, o presidente da província destacava a concepção de dois novos projetos de colonização: um feito através de um

⁵⁶ Relatório do Presidente da Província para os Deputados, Desterro, 1 de março de 1843, APESC.

francês M. Bergasse que, sem dinheiro próprio comprometia-se a trazer para a província 600 colonos brancos, oriundos dos departamentos setentrionais da França, da Suíça, para a fabricação, por técnicas mais avançadas, em grande escala, de açúcar e cultura de tabaco. O outro projeto apontado pelo presidente da província seria a colônia belga de Pedra Lisa, formada por 99 imigrantes que tiveram suas passagens e víveres adiantados pelo governo, valores a serem reembolsados com a primeira colheita.

A necessidade mais urgente, do ponto de vista das autoridades, seria a solução da mão de obra para a agricultura, porém neste ponto esbarravam em um entrave: num país tropical, a mão de obra branca livre não podia concorrer, na lavoura, com a mão de obra escrava africana. Entretanto, o governo não pretendia restringir o emprego de mão de obra européia à agricultura. Algumas tentativas envolvendo a utilização de proletariado industrial, levadas no Rio de Janeiro e na Bahia, pareciam mais promissoras do que as experiências agrícolas, segundo a opinião do conde Ney. Para ele, ao contrário do agricultor, o proletariado industrial encontraria ocupação mais facilmente em profissões mecânicas, no serviço doméstico, no comércio, ou mesmo na supervisão de trabalhos agrícolas, o que o faria uma opção mais interessante⁵⁷. Na verdade, no Rio de Janeiro, a Assembléia Legislativa alocou verbas para a colonização com vistas a impulsionar também, um desenvolvimento da indústria manufatureira. Por volta de 1842, prosperava a manufatura de sabão, chapéus, tapetes, fabricação de veículos e, pensava-se até na introdução do bicho da seda com vistas à produção do tecido no futuro. Nesses empreendimentos, o governo incentivava de todas as formas a participação de estrangeiros e, entre estes, de franceses. Em 1842, estima-se que a população francesa na cidade do Rio

⁵⁷ Carta de Ney a Guizot, Rio de Janeiro, 30 de abril de 1844. *Correspondance Consulaire et Commerciale*, 8, p. 348-356. ADMAE.

de Janeiro atingisse a 3000 indivíduos, dedicando-se à indústria, agricultura e, sobretudo ao pequeno comércio, conferindo à cidade uma aparência de capital européia. Por isto não parece estranho o fato de o governo ter esboçado o desejo de que Mure trouxesse no primeiro embarque uma maior parte de operários. Depois, na segunda etapa, o governo privilegiaria lenhadores, agricultores. Teria então o governo aproveitado do idealismo de Mure para fazê-lo trabalhar, sem que se desse conta inicialmente, por interesses do próprio governo? Parece que sim, uma vez que retirava da colônia os meios de subsistência não cumprindo as promessas, por exemplo, de encomenda de máquinas a vapor. Sem outro mercado a quem oferecer os seus produtos – no exterior estavam impedidos de fazê-lo -, os dias de sobrevivência do projeto estavam contados.

A política de colonização do governo nos coloca algumas questões. Na tentativa de reformulação do modelo econômico, enquanto o Estado assume os custos com a colonização obtém apenas uma vantagem indireta que não chega a cobrir o montante empregado inicialmente, pois por um valor estimado de 300.000 réis por ano, por colono, obtém de retorno deles 90.000 réis anuais. Se estes dados apontados pelo conde Ney conferem com a realidade, a implantação de um sistema de colonização representava a aplicação de dinheiro a fundo perdido. Ao que parece, o governo estava disposto a gastar com a colonização, porém pensava em reduzir os seus custos com a entrada em cena das empresas particulares. Estas passariam a assumir o processo de implantação de colônias, com ou sem o auxílio do Estado que visava, por intermédio delas, adquirir um maior proveito ao livrar-se do grosso das despesas e dos aborrecimentos com engajamento de pessoal. Esta expectativa não se cumpriu e o caso do Saí bem ilustra a decepção. Na maioria dos casos, a colonização tornava-se um negócio lucrativo para os agentes, empresários e armadores, como, por exemplo, M. Charles Delrue, vice-cônsul, dono do

navio *Curieux*, que havia transportado colonos para o Saí e os colonos belgas destinados a Pedra Lisa. Aos armadores, o governo brasileiro concedia uma redução de taxas variável de acordo com o número de imigrantes que transportasse. Quanto aos colonos, na maior parte dos casos, terminavam entregues à mais absoluta miséria e abandono.

Em suma, a reprodução em cadeia de projetos absurdos e mal sucedidos de colonização, só nos leva a refletir que o governo não parecia importar-se em criar empresas produtivas de imediato, mas simplesmente estabelecer no país uma mão de obra branca, livre, para agricultura ou indústria, de origem francesa ou chinesa, pouco importava. As vantagens para o governo surgiriam na utilização desta mão de obra, de forma bastante lucrativa em obras públicas, por exemplo. De fato, não adiantava pretender um negócio, sem infraestrutura de transporte de produtos, nem mercado consumidor. A colonização tornava-se um paradoxo, não só neste sentido, mas também pelo fato de produzir um benefício para o governo brasileiro, porém a um custo alto; objetivar a produção agrícola por brancos livres e, inversamente, causar uma extensão da produção por escravos, pois o primeiro pensamento dos colonos ao perceberem-se impotentes para lutar contra as adversidades era o de reunir economias e comprar um escravo.

Do ponto de vista das autoridades francesas no Brasil, a emigração de compatriotas para cá, ao contrário do que imaginavam os fourieristas vindos ao Saí, era vista com bons olhos, pois só faria aumentar a população francesa no país, a reproduzir, por meio disto, a língua e os costumes e conseqüentemente, incrementar o consumo de produtos da França. Este benefício, entretanto, foi considerado fraco em comparação com as supostas perdas de capitais dos empresários estrangeiros envolvidos com a colonização, e até do governo francês que, no caso do Saí, viu-se obrigado a repatriar parte dos colonos.

O projeto do Saí parecia ter se destacado da realidade do mundo circundante, o seu único vínculo com o mundo parecia ser a persistência de umas poucas pessoas em tentar levá-lo adiante. Como procuramos ilustrar, havia todo um pano de fundo na discussão entre as autoridades sobre o problema da colonização e que os fourieristas sequer imaginavam. Como também, antes de partir para o Brasil não imaginavam as dificuldades em fazer vitorioso um sistema dentro de um outro que lhe era oponente.

Mure, agora diante dos obstáculos parecia pouco disposto a permanecer à testa do empreendimento. Em meados de 1843, partiu para o Rio de Janeiro deixando em seu lugar Charles Leclerc a quem teria prometido voltar num período de dois a três meses. Ao término de quase cinco meses da ausência de Mure, o seu substituto resolveu dirigir-se ao Presidente da Província em busca de socorro, pois o doutor o havia deixado na posse de apenas um conto de réis e escrevera do Rio comunicando a remessa para o Saí de mais um comboio de cento e dez colonos franceses. Leclerc pedia ao Presidente da Província que enviasse o navio de volta para o Rio de Janeiro, onde toda esta gente poderia encontrar uma ocupação porque no Saí, com apenas nove contos de réis por cabeça não encontrariam instalações, víveres e recursos de nenhuma espécie⁵⁸. Esta leva de imigrantes vinha pelo brigue *Curieux* e trazia 120 falansterianos tendo à frente Arnaud. Como o governo recusou-se a pagar pelas despesas de passagens até São Francisco, alegando falta de fundos, os colonos permaneceram no Rio de Janeiro e Arnaud logo voltou para a França.

Em final de 1843 a Secretaria de Estado dos Negócios do Império já começava a requerer, em nome do Imperador, junto ao inspetor José da Silva Mafra e ao Presidente de Santa Catarina, informações mais precisas sobre o estado da colônia. Isto porque segundo o

⁵⁸ Carta de Leclerc, diretor interino da colônia do Saí, ao Presidente da Província de Santa Catarina, 10 de dezembro de 1843, AHJ.

contrato firmado com Mure, o prazo para a colocação dos imigrantes no Saí e início do reembolso ao governo das somas adiantadas seria 11 de dezembro daquele ano⁵⁹. Para atender a esta solicitação, Mure teria escrito uma memória e o Presidente da Província requisitava uma copia do documento àquela secretaria, mas infelizmente não pudemos localizar estes papéis, ou talvez refiram-se ao material publicado no *Jornal do Comércio*. O governo exigia uma avaliação mais precisa do estado em que se encontrava a colônia em fins de 1843 e, para isto, um questionário foi enviado na ocasião pelo Presidente da Província e respondido pelo colono Leclerc:

"1- Quantos colonos chegaram em São Francisco para a Colônia do Saí?

Resposta: Contando os que vieram na Caroline, Neustrie, Virginie e do Rio, chegaram 236 colonos.

2 -Quantos existem no Saí; seus nomes, idades, sexos e estado?

Resposta: Mangin, sua mulher e dois filhos	4
Simon, sua mulher e um filho	3
Chaurisé, sua mulher e dois filhos	4
Büchele, solteiro	1
Pion, solteiro	1
Felix, solteiro	1
L'Abbé e sua mulher	2
	16

Um só tem ofício que é de ferreiro.

3 - Quantos há estabelecidos no Palmital, suas idades, sexos e estados?

11 homens, 5 mulheres e 6 crianças. Nada mais sei.

4 Os colonos estabelecidos no Palmital estão debaixo da administração do snr. Mure, ou tem administradores à parte?

Resposta: Os societários do Palmital estão ainda hoje debaixo da direção por eles eleita na França e são administrados de um modo diferente e independente inteiramente do Saí.

5 A divergência que se tinha manifestado entre os dois estabelecimentos cessou; estão já concordes? Provas disto,

Resposta: A divergência que existia a princípio provinha da diferença entre o plano de organização do sr. Mure e o da União Industrial, redigido e aceito na França. Hoje, inteiramente separados de interesses, nenhuma desinteligência se manifesta entre eles; pelo contrário, vejo reciprocidade de trato amigável nos colonos dos dois estabelecimentos e que se ajudam uns aos outros pessoalmente.

6 Quantas oficinas há montadas quer no Saí, quer no Palmital e para que artes e ofícios?

⁵⁹Registro de Correspondência IJJ9-28; pp 116, 120. AN.

Resposta: Eu vo-lo direi uma vez por todas. No Saí não há nada. Os trabalhos que se fazem são a beira mar na Casa Picot. Uma forja junto à praia, em atividades. Um rancho e um forno para cozer pão. Uma olaria abandonada. Um rancho ocupado por um estranho. A casa denominada Garillant onde mora o que faz trabalhar a fábrica de socar. Esta fábrica de socar em muito mau estado. A Casa Treuber ocupada por Mangin. A Casa Picot em que moram Simon, Chaurisé, Büchéle e Felix. Em cima do morro um rancho em bom estado, onde mora o empresário da serraria. A serraria novamente começada. Segue-se a estrada, que começa a beira mar e vai até o rio Saí, tendo de comprimento desde a casa Picot até ao rio, uma légua de França pouco mais ou menos. Esta estrada não tendo serventia, cada dia se deteriora mais, já pela vegetação e queda contínua de árvores que a atravancam.

- 7 Quais são as estradas que os colonos tem aberto no Saí, seu comprimento, largura e se podem servir para cavalos e carros?

Resposta: Nenhuma mais há que as acima mencionadas.

- 8 Quantas casas ou mesmo colonos tem sido construídas no Saí; em que posição, qual é a sua capacidade, e se são habitadas ou não?

Resposta: Não há mais que as acima mencionadas e além destas dois grandes ranchos no Saí, dos quais um está completamente descoberto e o outro em ruína; mais uma grande oficina derribada, debaixo de cujos entulhos estão enterradas algumas madeiras destinadas a uma máquina de serrar que se queria estabelecer no Saí.

- 9 Se há no Saí uma olaria, se se trabalha nela e quais são os seus produtos?

Resposta: A olaria está abandonada. Tratou-se da continuação de outra ao pé da Casa Picot que se não concluiu (...)"

Através das 16 perguntas deste relatório soubemos ainda que o funcionamento das poucas máquinas era precário e que para os trabalhos de marcenaria Mure contratava os serviços de uma pessoa não pertencente aos quadros da colônia. Apesar das derrubadas consideráveis, nada foi semeado nos terrenos abandonados. Sobre o Palmital, Leclerc informou a presença ali de "mecanistas" (mecânicos) e de um material considerável⁶⁰.

Ao que tudo indica, as perguntas do relatório Leclerc teriam sido elaboradas com a finalidade de verificar se na memória enviada por Mure e datada de 14 de setembro de 1843, o empresário dizia a verdade. A visita do inspetor da colônia José da Silva Mafra, que endossou o relatório Leclerc, viria a comprovar o fato de Mure ter faltado com a verdade em diversos pontos. Enquanto o doutor afirmava ter gastado os 40 contos de réis

no envio ao país de 400 operários e na realização de trabalhos agrícolas e industriais, o inspetor constatava a chegada no Saí de apenas 236 franceses, dos quais boa parte partiu para Montevidéu. Quanto aos trabalhos agrícolas e industriais mencionados, o pouco que se fez deixou-se perder. O doutor também afirmava haver em São Francisco 60 homens, quando na verdade apenas 18 permaneceram. Sobre as oficinas, garantia sua capacidade para absorver o trabalho de 200 homens, mas apenas uma forja existia no Saí. Quanto à afirmação de ter promovido a limpeza de terreno para dar trabalho a 1000 agricultores, de fato, constatava-se dois campos limpos pelos colonos, porém jamais cultivados. Mure dissera que a serraria da colônia cedia material para os seus marceneiros, mas nem vestígio dela foi notado na visita, tudo se achava em ruínas e o único marceneiro ali era assalariado e não colono, quanto à madeira extraída, teria sido vendida. Sobre a afirmação de Mure da existência, no Palmital, de trabalhos de construção de barcos e de todo o necessário a construção de máquinas a vapor, Mafra afirma ter visto lá apenas um bote em construção.

Na sua memória, Mure pedia a instalação, em São Francisco, de uma alfândega filial e que o governo entregasse ao seu procurador em Paris, os nove ou dez contos de réis restantes. Sobre o primeiro pedido, Mafra lembrou que só faria sentido a criação da alfândega caso a colônia prosperasse; sobre o segundo ponto aconselhava: "tudo quanto deixar de despendar com a colonização francesa e pelo sistema societário, que em colonização é verdadeira utopia, será lucro para os cofres públicos, pois se com quarenta contos quase nada se fez, com vinte quatro mais, nada se fará...". O inspetor fundamentou esta sua opinião, na comparação com outros núcleos coloniais de alemães, italianos e de nacionais, localizados em terrenos mais difíceis e com menos recursos fizeram muito mais

⁶⁰ Relatório de José da Silva Mafra para o Presidente da Província, Desterro, 7 de novembro de 1843, AHJ.

que os franceses do Saí.

A saída de Mure da colônia significou a quase paralisação das poucas obras existentes no Saí e, desta data até fins de 1844, não temos notícias dos acontecimentos passados na colônia. Em agosto de 1844, vemos Derrion assumir a colonização do Saí e junto com isto estabelecer um novo contrato, tendo em vista que o estabelecido anteriormente por Mure, havia caído em desuso pelas próprias circunstâncias. Este segundo contrato parecia mais afinado com a realidade vivida no dia a dia do Saí, do que os estatutos da *Société Union Industrielle* e, já admitia-se, por exemplo, o emprego de assalariados junto aos associados e retribuição pelo trabalho respeitando-se os valores locais. Sob a nova administração assistimos o último suspiro da experiência do Saí. Derrion esforçou-se por reerguer a obra, porém, sem pessoal e desacreditado pelo governo nada pode fazer, senão cumprir as determinações do presidente da província e enviar um relatório sobre a real situação da colônia naquele momento, enquanto a autoridade competente não viesse para estabelecer o inventário dos bens coloniais a serem seqüestrados pelo governo. Pelo documento sabemos que Mure havia comprado para a colônia um terreno de 120 braças de frente e 80 de fundo ao qual deu o nome de Lymber. A serraria e a forja foram estabelecidas numa casa coberta por folhas e este atelier era comandado por Labbé que com as grandes quantidades de mercadorias recebidas de Mure pode forjar boa parte das ferragens utilizadas na colônia, inclusive as utilizadas na serraria mecânica. Derrion aponta a dificuldade em avançar com os trabalhos, seja pela destruição das obras causada por acidentes naturais, seja pela má fé de brasileiros suspeitos da prática do roubo de certos elementos pertencentes à colônia. Naquele momento, praticavam a cultura de cana, feijão, arroz, mandioca, milho, e de uma pequena horta onde ensaiava-se, ainda timidamente, o cultivo da beterraba, da colza e do linho. Além disto, cuidavam de uns poucos animais.

Perto da casa antes habitada por Mure ainda sobreviviam vestígios de uma fundição abandonada e jamais posta em funcionamento por defeito de construção ou mesmo de concepção. Uma nova serraria mecânica teria sido construída por Leclerc, Nenéve e outros e posta em movimento por uma queda d'água, entretanto, estava capacitada para serrar apenas uma dúzia e meia ou duas dúzias de taboas por dia. Mure teria pago a Leclerc e Nenéve pelo trabalho, um conto de réis, independentemente do fornecimento das peças principais para a construção da serraria. E, pelas cláusulas do contrato eles tornavam-se credores de 200 dúzias de tábuas a serem retiradas sobre a metade dos produtos da serraria.

Para a exploração da madeira destinada à serraria, Derrion, Mangin, Remond, Leclerc e Nenéve formaram um grupo, porém os trabalhos foram interrompidos tão logo percebeu-se a necessidade de fazer os melhoramentos indispensáveis do caminho e nisto passaram três semanas durante as quais exauriram todas as suas forças. Os dois bois e o cavalo pertencentes à colônia representavam um gasto maior do que geravam em benefício pelo seu trabalho. Boa parte das casas construídas, e deixadas ao abandono, foram invadidas pelo mato e apodreceram pelo efeito da umidade. O terreno propriamente dito da concessão achava-se desabitado pela distância enorme com relação à baía e a dificuldade de transporte.

A colônia via-se reduzida aos seguintes membros:

Michel Marie Derrion, 43 anos, casado, dois filhos homens de cinco e sete anos, antigo tecelão de seda em Lyon.

Charles Leclerc, 35 anos, casado, um filho homem de dois anos, torneiro mecânico.

Nicolas Mangin, 37 anos, casado, 3 filhos, 1 menino de 7 anos, 2 filhas de 1 e 3 anos, antigo empregado da estrada de ferro.

Clement Marie Labbé, 38 anos solteiro, ferreiro, serralheiro.

Nenéve Remond, 38 anos, casado, 2 filhos; menino de 3 anos, menina de 2 anos, marceneiro.

Rémond, 28 anos, solteiro, tamanqueiro, marinheiro.

Marechal, 44 anos, casado, sua mulher e um filho permaneceram na França, fundidor.

Michel Rousselle, 36 anos, solteiro, terraplenador e lavrador.

François Rousselle, 32 anos, solteiro, terraplenador e lavrador.

François Michel Launay, 33 anos, solteiro, lavrador.

Etienne Felix Miger, 42 anos, solteiro, carpinteiro e lavrador.

Rita, 32 anos, solteira, portuguesa da Europa ao serviço de Labbé.

Seja, 11 homens, ao todo 24 pessoas.

Com tais resultados e pressionado pelas autoridades, Derrion não parecia sentir-se intimidado, tanto que requisitava ainda a liberação da reserva dos fundos votados para a colônia⁶¹. Na verdade, o governo, quando solicitou, em 9 de setembro, o seqüestro dos bens da colônia, como forma de saldar as dívidas de seus associados, determinou, entretanto, que se mantivesse na posse dos colonos ainda residentes, as suas casas ou ranchos e o domínio útil da propriedade que pudessem cultivar⁶².

Derrion revelou no seu relatório que a sua:

"intenção, tanto quanto aquela de seus companheiros não foi jamais de fundar uma colônia ordinária composta somente por lavradores (...). O que nós queríamos é importar para o Brasil o que lhe falta, quer dizer, várias indústrias as quais ele possui ou pode obter facilmente as matérias primas e as quais, entretanto, ele é tributário do comércio estrangeiro"⁶³.

Talvez depositando ainda algum crédito nos progressos do Saí, o governo ordenou, em 14 de novembro de 1844, que os bens seqüestrados permanecessem na posse da

⁶¹ Relatório da Colonização do Saí, por Derrion, São Francisco, 30 de dezembro de 1844, AHJ.

administração da colônia e que os indivíduos que a compunham continuassem "a obedecer à referida administração, na forma dos regulamentos da sua associação"⁶⁴. Nada mais além disto foi concedido.

Na verdade, o governo, por razões já apontadas, não estava preocupado com o insucesso da colonização francesa. Em maio de 1844, quando o navio *Cureme* aportou em São Francisco trazendo 100 colonos para o Saí, nada fez para mantê-los ali e, em junho do mesmo ano outros 99 franceses chegavam ao Rio de Janeiro objetivando dirigir-se ao Palmital, mas foram impedidos pelo governo que os empregou em obras públicas.

O fim da experiência e o início do movimento fourierista no Rio de Janeiro

Em começos de 1846, podemos atribuir o verdadeiro fim da colônia, com o embarque de Derrion para o Rio de Janeiro. Mas qual teria sido o destino dos colonos desembarcados nas sucessivas travessias do *Caroline*, *Neustrie*, *Virginie* e *Curieux*? Em 1843, o cônsul Saint Georges escrevia ao ministro Guizot informando sobre a dispersão da colônia do Saí com a maior parte dos franceses vindos no *Virginie* e *Caroline* rumado para Santos e Rio de Janeiro⁶⁵. Segundo a documentação analisada, pouco precisa neste aspecto, podemos dizer que a maior parte teria embarcado de volta para a França. Dos que permaneceram, parte rumou para montevidéu, cidade em que a população francesa estava estimada entre 6000 a

⁶² Registro de Correspondência, IJJ9-28, pp 129-130, Palácio do Rio de Janeiro em 9 de setembro de 1844, José Carlos Pereira de Albuquerque Torres ao Snr. Presidente da Província de Santa Catarina, AN.

⁶³ Relatório Derrion, já citado.

⁶⁴ Registro de Correspondência IJJ9-28, p. 132, José Carlos Pereira d'Almeida Torres para o Snr. Presidente da Província de Santa Catarina, 14 de novembro de 1844, AN.

⁶⁵ Carta de Saint Georges à Guizot, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1843. Correspondance consulaire et commerciale, 8, p. 94-95. ADMAE.

8000 pessoas; parte permaneceu em São Francisco e Paranaguá, prestando serviços na região e o restante dirigiu-se ao Rio de Janeiro, uns empregando-se em obras públicas, outros, ao que parece uma maioria, sem trabalho e sem meios de vida, contavam com a benevolência da Sociedade de Beneficência Francesa, cujos fundos mostravam-se insuficientes para atender a uma demanda tão grande. Os empregados pelo governo, tiveram melhor sorte, recebendo um pagamento diário de 1.300 réis, o que equivalia a 4 francos, portanto muito mais do que receberiam por um dia de trabalho na França. As mulheres e crianças recebiam 800 réis. É verdade que o governo cobrou deles o reembolso das passagens, mas todos saldaram a dívida rapidamente. Quanto aos outros, ficaram à própria sorte, pois a Sociedade de Beneficência Francesa nada pode fazer. Em 1844, prestava já assistência a 90 franceses oriundos do Saí e com a fim de socorrer-los apelou para a caridade de compatriotas estabelecidos no Rio de Janeiro, sem ter extraído desta demanda o esperado. A recusa das autoridades brasileiras em despender fundos com esta finalidade fez com que Eugenio Ney, presidente honorário da Sociedade de Beneficência Francesa, recorresse a Guizot, suplicando ajuda para aqueles franceses em situação de absoluta miséria⁶⁶. Caso houvesse uma remessa de fundos, o objetivo seria, em primeiro lugar, ajudar as mulheres e crianças, depois repatriar os que "por incapacidade ou por má vontade se recusassem a ganhar suas vidas trabalhando de maneira honesta"⁶⁷. Do governo francês, Eugenio Ney apenas recebeu autorização para repatriar os incapacitados para o trabalho.

O destino de um dos colonos saídos do Saí nos foi revelado por um despacho do Conde Eugênio Ney ao ministro Guizot. O ex-colono fourierista teria partido do porto de Santos,

⁶⁶ Carta endereçada pelo conde Eugenio Ney a Guizot, ministro secretário de estado, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1844. *Correspondance Politique* (22), juillet 1843-mai 1844, AMAF.

no mês de julho de 1843, em direção à costa oeste da África com o objetivo de traficar negros para o Brasil. Assim, teria arrumado uma embarcação ruim com o nome de Espírito Santo, a qual comandava, pois era capitão e formou uma equipe de sete homens, entre os quais havia mais três fourieristas. A travessia até o destino se fez em dois meses e ao alcançarem a costa africana foram perseguidos por uma corveta inglesa determinada a impedir que aportassem. Nesta perseguição teriam perdido as suas três âncoras e no final de dois dias, os ingleses, percebendo que a tomada de uma embarcação tão insignificante não valia o esforço, desistiram. A esta altura, os franceses estariam a 80 léguas [mais ou menos 4km cada légua] do ponto de embarque e para alcançá-lo seriam obrigados a enfrentar mais 27 dias de vento contra e maré. Algo precisava ser feito porque estavam sem água, sem madeira para proceder a um carregamento de 130 a 190 negros, como projetavam e, além disto, o barco precisava ser calafetado porque não era revestido em couro, sem âncoras, etc. Estes percalços obrigaram o capitão a entrar no rio Matambí, lugar pestilento, e parando ali enviou um francês acompanhado por três negros ao Chicongola, distante dali 30 léguas, pedindo que remetessem o seu carregamento, enquanto fazia os reparos e o abastecimento necessários. Em oito dias, depois de trabalhos desgastantes, recuperaram a embarcação, mas isto teria custado a vida de cinco de seus homens, sucessivamente, além do próprio capitão que teria caído doente também. Os negros do lugar, vendo o capitão só e moribundo, sem notícias de seu enviado, que, por sua vez, teria sido roubado pelos guias, puseram-se a destruir a embarcação. Depois de 90 dias, um pouco restabelecido, mas sem navio, sem nada, desistiu do seu intento e deixou a África a bordo de um navio vindo de Cabo Frio. O capitão desembarcou no Rio de Janeiro, ainda em um estado de saúde

⁶⁷ Idem.

deplorável, porém alimentando a idéia de voltar para a África, desta vez com um comando delegado pelos portugueses.

Outros fourieristas, os mais convictos como Derrion, Nicolas, permaneceram no Rio de Janeiro fazendo a propaganda fourierista. Para sobreviver, Derrion tornou-se professor de música lutando penosamente contra a miséria, porém ainda movido pela paixão da idéia de um mundo diferente, participara, junto com outros fourieristas, naquela cidade, de um banquete pelo aniversário de nascimento de Charles Fourier, como costumavam fazer antes da partida para o Brasil. Na ocasião, Derrion teria pronunciado um discurso em que dizia: "A colônia do Saí existe e que constitui um vasto domínio de duas léguas quadradas, perfeitamente situadas e prontas para dar cabo a todas as tentativas mais ou menos integrais que homens ávidos de prática queiram realizar"⁶⁸. Naquele momento, esquecendo-se das desavenças do passado teria prestado também uma homenagem ao dr. Mure.

No Rio de Janeiro, procurou iniciar uma propaganda da teoria societária através de um jornal intitulado primeiramente, *O Socialista*, e depois, *O Socialista da Província do Rio de Janeiro*⁶⁹. O seu contato com a escola societária em Paris parecia precário, mas mantinha com seus membros uma correspondência, entre eles Allyre Burreau e Victor Hannequin. Do movimento em Paris e Lyon, recebia brochuras, o jornal *Démocratie Pacifique* que procurava fazer penetrar nas populações, entretanto esta era uma tarefa árdua e na sua execução contava ainda com a má vontade do movimento de Paris que sempre colocou-se contra a imigração para o Brasil.

⁶⁸ Apud, Raquel Thiago, *Fourier: utopia e esperança na península do Saí*, Blumenau-Florianópolis: FURB-UFSC, 1995, p. 142.

⁶⁹ De acordo com Hermínio de Linhares, *Contribuição à História das lutas operárias no Brasil*, São Paulo: Alfa-Ômega, 1977, p. 30, o jornal, que era impresso pela Typografia Nictheroyense e era dirigido por M. de S. Rego, teria sido publicado de 1845 até 1847, com saídas às segundas, quartas e sextas-feiras, num total estimado de duzentos e quarenta e cinco números, pois este seria o número do exemplar que consta do acervo da Biblioteca Nacional.

Uma carta do fourierista Nicolas nos dá idéia da relação existente entre o movimento fourierista na França e no Brasil em 1846. Nesta época, o pessoal de Paris entrou em contato com Nicolas, através de outro fourierista, Bénistant, com o fim de iniciar um intercâmbio: a *École* enviaria os livros e o movimento do Rio de Janeiro informações sobre a questão social daqui. Pelo tom irônico da carta estas relações não pareciam tão cordiais, quando por exemplo, Nicolas diz que Benistant teria comentado o fato de o *Démocratie Pacifique* não ter assinantes e, sendo assim, podiam inscrevê-lo como um, além dos seguintes: M Olive Jbte., rua do Ouvidor nº. 107, M. Forest (que também quer seis primeiros meses da falange de 1845), Nicolas, rua São José, 75, M. Piel, rua São José, 47, Santiago Nunes Ribeiro, professor de filosofia no colégio de São Pedro, rua de São Pedro, nº 312, 2º andar, Etienne Auguste Roudeaux, rua dos ourives, 145. Nicolas pedia ainda, o envio de 25 *Almanach Phalanstériens*, 25 *Union Ouvrière* de Flora Tristan, 5 *Chantiers* de Poncy, 5 *Juif Roi de L'époque*, 2 *Solidarité*, 6 *Fabules* de Lachambeaudie, 2 *Fou du Palais Royal*, além de retratos de Fourier e do Palais d'Avenir.

Bem, é de se esperar que conseguissem propagar a teoria com mais facilidade entre os estrangeiros conhecedores da língua francesa, entre os nacionais versados no idioma, imaginamos fazerem parte dos estratos mais altos, entretanto, todo o material pedido por Nicolas é de divulgação popular. A menção, na carta, ao sansimoneano, fabulista e cancioneiro francês Pierre de Lachambeaudie (1806-1872) exemplifica o modo de propaganda objetivado. As suas *Fables Populaires* (1839), que chegaram ao conhecimento do público graças ao incentivo de Enfantin, tornaram-se um veículo de fácil transmissão e assimilação dos ideais democráticos defendidos pelo autor. Para Nicolas, num país em que a questão social despontava como uma novidade, parecia fácil semear a idéia na opinião pública e dizia:

"O que é preciso aqui é tocar o coração da Franco maçonaria; apresentar planos aplicáveis às crianças abandonadas, ter a apresentar projetos para os estabelecimentos como os de Chalon sur Marne, petit Bourg, Oswald Mettray, etc!... Isto inchará o espírito filantrópico dos brasileiros porque eles [ininteligível] ver a indústria fixar-se aqui já há tempos"⁷⁰.

Numa de suas cartas Derrion reclamava do atraso no recebimento do material e pedia para obter informações mais precisas sobre a data de chegada de suas caixas e o navio incumbido de trazê-las. Nesta carta terminou dizendo "eu não agradeço de modo algum aos senhores a amabilidade de porem-se a enviar-me [ininteligível] tudo o que vos peço, mas creiam que eu vos sou profundamente reconhecido"⁷¹. Isto nos leva a crer que a escola enviava apenas parte do material encomendado e também, como queixou-se Derrion, empurrava para cá um material difícil de vender, deixado em estoque já na França, e nada sobre Fourier.

Em 1850 uma epidemia de febre amarela espalhou-se pelo Rio de Janeiro e toda a família Derrion foi afetada. Seu filho restabeleceu-se em poucos dias, mas Derrion, depois de sete dias de sofrimento veio a falecer, em 12 de março, às 11 horas da noite. Sua mulher, permanecia acamada e quando recuperou-se voltou para a França com o filho. A morte de Derrion viria a abalar o incipiente movimento fourierista no Rio de Janeiro que agora seria levado adiante por Huger. Em carta aos redatores do *Démocratie Pacifique*, Huger comunicou o falecimento do amigo e comentou as dificuldades em suprir, no movimento aqui, a lacuna deixada por Derrion. As atribuições de Derrion seriam conferidas a Huger, que já ocupava também o posto de tesoureiro do comitê de rendas do movimento no Rio, e prometia continuar enviando para o movimento na França, o máximo e o mais freqüente possível, as somas arrecadadas, porém pensava ser impossível dedicar-se à causa do mesmo

⁷⁰ Carta de Nicolas aos redatores da *Democracia Pacífica*, 22 de agosto de 1846, fonds fourieristes 10AS41, ANF.

modo como o amigo o fazia, pois "cada um de nós tem um estabelecimento que é impossível abandonar". Segundo Huger, Derrion constituía um exemplo para os verdadeiros discípulos de Fourier, porque suportava na sua missão uma carga além de suas forças, um verdadeiro apostolado em que todo o tempo livre disponível entre as aulas, Derrion ocupava-se com a colocação dos livros da *École* e com as assinaturas dos jornais, sem retirar disto benefício próprio. Os últimos pensamentos de Derrion foram colhidos por Huger, que não abandonou o seu leito nas derradeiras horas,

"seus pensamentos giravam apenas sobre 2 objetos: sua vida futura e os apóstolos de Fourier. Ele exaltou sua bonança do porvir, e suas derradeiras palavras foram os nomes de Considerant e Coignet, dos quais ele assegurou-me ser parente, como sendo de Lion! Eu creio que ele não se enganou. Se eles não são nada pelo sangue, eles devem ser *Irmãos* pelos pensamentos. Pois seria preciso um volume para resumir a vida de Derrion desde 1830 somente"⁷¹.

Como então compreender que estivessem tão inflamados de idealismo e no momento de ver as chances de executar um projeto de vida alternativa tivessem adotado posturas tão contraditórias? Será que as responsabilidades pelo fracasso podem ser atribuídas, como se tem feito, ao sistema concebido por Fourier e que se demonstra inexecutável? Bem, com os documentos disponíveis até o momento podemos chegar a conclusões mais modestas. A experiência fourierista no Brasil ficou restrita, pelo que se sabe até o momento, apenas às colônias do Saí e do Palmital e foi muito insignificante se comparada ao movimento fourierista nos EUA, por exemplo. No caso americano, havia, antes do início das comunidades fourieristas, uma propaganda mais consolidada da teoria, executada por Alberto Brisbane. Ao mesmo tempo, a tradição fourierista na América do Norte aparece imbricada a um outro tipo de tradição de experiência comunitária, de cunho milenarista,

⁷¹ Carta de Derrion a Victor Considerant, Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1847, fonds fourieristes 10 AS 37, ANF.

⁷² Carta de Huger aos senhores redatores da *Democracia Pacífica*, Rio de Janeiro 24 de março de 1850, fonds fourieristes 10AS40, ANF.

que vinha desde o século XVIII. Portanto, muito do que se conhece sobre o fourierismo naquele país não poderia ser aplicado ao que se conhece do fourierismo no Brasil. Se for verdade, como apontou Desroches, que existe um fourierismo escrito e um fourierismo praticado, dizemos que nessa prática o fourierismo é plural. No seu episódio brasileiro foi capaz de revelar, neste único momento, as suas várias tonalidades, os desencontros de expectativas. Do ponto de vista teórico, os homens são para uma vida em comunidade onde os seus gostos e inclinações formam o cimento desta união, em contraposição ao sistema civilizado e discriminatório amparado na fragmentação social imposta pelo padrão capitalista. Na prática, o espaço da comunidade, - que no caso do Saí parece não ter sido jamais ocupado -, ou se quiserem, o espaço onde se torna possível compartilhar crenças, símbolos, rituais, em suma, onde há participação conjunta, não acontece. No lugar disto assistimos o fortalecimento dos preconceitos antigos e o florescimento das disputas mais acirradas, os individualismos substituindo o princípio comunitário.

Uma outra peculiaridade do caso brasileiro refere-se ao próprio caráter assumido por esta comunidade, isto é, a primeira experiência fourierista fora da Europa, seria erguida como o sonho da sociedade tecnológica perfeita. Já na América do Norte, as comunidades fourieristas emergiam sob uma base agrária como crítica ao modelo industrial do país, num momento em que certos setores da sociedade, os mais atingidos pelas súbitas mudanças do sistema, teriam visto a proposta dos fourieristas como uma via alternativa de sobrevivência, como segurança perante a instabilidade. No caso brasileiro observamos, por um lado, uma fraca adesão de nacionais à teoria que embasava o movimento, por outro, as autoridades apoiavam o projeto não pelo desejo de revolucionar o mundo, mas como uma busca de solução aos problemas imediatos tais que o enfraquecimento da monarquia e a proibição do tráfico de escravos. Quanto à população local das imediações da colônia, manteve,

aparentemente, uma relação de boa vizinhança e de trabalho com os associados, sem jamais aderir ao grupo. Não saberíamos dizer se teriam sido convidados a isto. Entre os habitantes do lugar, parece ter havido uma certa resistência à aceitação da colônia, pois como apontou o presidente da província, o governo deveria empregar seus recursos com a população de nacionais, também interessada nos benefícios concedidos pelo governo aos estrangeiros. As acusações de Derrion sobre os saques de objetos da colônia comprovam este descontentamento que talvez tivesse alguma relação com o fato de posseiros ocuparem parte das terras doadas pelo governo ao empreendedor. Se, em algum momento houve disputa pela posse das terras, isto não pudemos confirmar, porém sobre isto Mure fora taxativo, garantindo não estar interessado nas terras já ocupadas. Se do ponto de vista legal, a demarcação do terreno teria sido resolvida, na prática pode ter gerado descontentamento.

O problema da busca de segurança também não aparece de forma muito clara quando se trata da emigração desses franceses para o Brasil. Os estatutos da *Société Union Industrielle* nos falam de um grupo de trabalhadores conscientes do seu papel social, cuja interpretação do conceito de felicidade extrapola a busca das garantias mínimas de sobrevivência. Eles contavam com um projeto social e viam-se como os condutores de um processo revolucionário sem mortos nem feridos.

Não percebemos no sistema de Mure um ideal de comunidade tão arraigado à família, diferente, no que diz respeito a muitas comunidades da América do norte, pois como o doutor deixou transparecer, idealizava um sistema de liberdade, em princípio não contrário à família (a emigração inclusive, possui em si, um caráter familiar), mas que não toma a família tradicional como espelho para a sua organização. No Saí admitiam-se laços ilícitos como Mure e D'Alibert, Labbé e Rita e até a relação de Camacho com Josephine que talvez

Mure tenha interpretado como uma forma sadia de liberação dos costumes, sem conhecer a realidade da posição da figura do coronel na sociedade brasileira do período.

A liderança de tipo comunitário normalmente é interpretada como a assunção de um papel paternalista, mas não observamos, da parte de Mure, uma atitude nesse sentido, talvez até pelo fato de ter experimentado e contestado este tipo de hierarquia no bojo do movimento sansimoneano. O fato de ter tomado para si a condução do processo na colônia não significa que intentasse ocupar o lugar do provedor dos colonos. A documentação nos leva a ver o problema da seguinte maneira: havia uma resistência contra a penetração dos sansimoneanos no movimento, em seguida, havia um contrato com o governo e Mure sentia-se no compromisso de cumpri-lo, queria também, por uma questão de vaidade pessoal, ser a encarnação do benfeitor esperado por Fourier por toda a sua vida e pusesse em prática a idéia do falanstério. Talvez também, e aí aproximando-se do modelo sansimoneano, acreditasse na preponderância do saber e do conhecimento como forma de liderança no seio de uma comunidade. Por isto mesmo respeitava o coronel Camacho, pois o via de uma forma totalmente idealizada, como esta liderança não autoritária, apaziguadora dos desentendimentos, em suma, um representante legítimo da comunidade à qual pertence e que não se coloca acima desta. Assim Mure pretendia ser para a colônia. Por outro lado, almejava destacar-se no seio do movimento fourierista, sendo o primeiro a obter resultados da teoria, fora do continente Europeu, num momento em que a experiência vinha sendo ensaiada desde o início dos anos trinta na França (Condé-sur-Vesgre, 1832-1834), Espanha (falanstério de Manuel SAGRARIO de Veloy), Romênia (Scaeni, 1834 dirigido por Theodor DIAMANT, jornalista sansimoneano e fourierista, e pelo proprietário Balaceano), Argélia (tentativa de colonização pelo sistema fourierista levada pelo general Bugead), Alemanha (falanstério fundado pelo administrador municipal de Estrasburgo, Mr.

Schlutzemberger). Na maior parte dos casos, houve a dissolução dos ensaios logo no início, ou mesmo o recuo antes da tentativa. O caso da Romênia, entretanto, é curioso porque dissolveu-se não por questões internas, mas pela interferência do governo, temeroso da reprodução das idéias, julgadas por ele comunistas, na sociedade, resolveu por fim à reunião⁷³.

Independentemente de questões teóricas relativas ao pensamento de Fourier, a colonização do Saí pelos franceses, já estava fadada ao fracasso antes mesmo de ter-se iniciado, pelas divergências entre Mure e os associados da *Société Union Industrielle*, estes últimos, pouco inclinados à obediência a um empreendedor. Os operários possuíam uma outra visão da liberdade e aproveitaram da teoria societária o viés que tende mais para o comunismo. Junto a este grupo havia adesões de gente menos comprometida com as idéias do mestre, pessoas ou pequenos grupos que viam a possibilidade de enriquecimento rápido e fácil pelo sistema associacionista como comprova o relato do conde Ney sobre os fourieristas imiscuídos no tráfico de escravos. Este é um exemplo isolado entre os fourieristas porque há informações sobre a presença de remanescentes do Saí, mais engajados com a teoria, numa experiência posterior levada por Victor Considerant, no Texas, chamada La Réunion (1854-1861)⁷⁴. Por outro lado, sabemos das dificuldades encontradas pelos colonos, em geral, e de outras nacionalidades, em dar seguimento às suas atividades sem a integração na economia escravista. Há vários casos de adoção de trabalho escravo de africanos pelos colonos europeus, chamados ao país

⁷³ Ver, Jacqueline Russ. *O Socialismo Utópico*, São Paulo: Martins Fontes, 1991, p.210; Dan Berindei "Le Phalanstère de Scaieni en Valachie", *Cahiers Charles Fourier*, Besançon, (2), 1991.

⁷⁴ Vamireh Chacon no seu *História das idéias socialistas no Brasil*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985, p.223, faz menção a uma passagem de Victor Considerant pelo Brasil, em busca de apoio para reerguer o projeto do Texas que naufragava. Infelizmente nada pudemos apurar sobre esta visita.

para justamente gerar uma economia baseada no trabalho livre. Os colonos do Saï, entretanto não fizeram uso de mão de obra escrava.

A diversidade entre os associados da colônia brasileira pode ser ainda espelhada pelo exemplo de Rose Grisard, mulher de ascendência nobre, casada com o escultor e marceneiro Leon Ledoux, ambos teriam deixado a França impulsionados por idealismo. O grupo parecia bem heterogêneo, apesar de notar-se a adesão de uma maioria aos estatutos da *Union Industrielle*.

Enfim, entre eles próprios uma ruptura vinha tomando corpo desde o princípio e nada tinha a ver com as questões teóricas concernentes ao pensamento de Fourier, mas ao modo de implantação do sistema. Mure tornou-se o proprietário do terreno, enquanto os associados defendiam a propriedade comum do solo. Mure, por outro lado, não tinha a intenção de ser proprietário, nem capitalista, pois durante a sua vida gastou quase o equivalente, em valores atuais, a três milhões de francos com a propaganda e execução de seus projetos. Dentro do sistema fourierista, a questão da propriedade havia deixado de ser um problema, na medida em que foi convertida numa atribuição de todos. Flora Tristan atribuía aos operários a propriedade sobre os seus braços, por exemplo, e Mure criou um sistema de propriedade desde os bens culturais até os elementos do sub solo. Nos estatutos da *Union Industrielle*, a propriedade do solo é comum, porém a remuneração é diferenciada ao capital, ao trabalho e ao talento. Dizer, portanto, que os desentendimentos surgiram por conta da questão da propriedade, também não seria de todo verdadeiro, embora para os membros da *Union Industrielle*, o fato de Mure aparecer como proprietário do terreno soasse como a encarnação da figura do patrão, a qual estavam prontos a demolir.

"ISTO É MUITO BELO PARA NÃO SER A VERDADE"

Quando, há anos atrás, vi-me completamente envolvida nas pesquisas sobre o falanstério do Saí uma primeira questão, relativa ao pensamento utópico em geral, parecia-me fundamental averiguar. É que, muito costuma-se falar acerca de uma tradição do pensamento utópico ao longo da história, em contra partida, é notória a ausência de estudos mais abrangentes sobre tal suposição. Porque, se de fato, Platão, Morus, Campanella, Dom Deschamps, Fourier e outros dedicaram o seu tempo a formulação de projetos alternativos de sociedade, é preciso dizer que, embora almejassem a objetivos semelhantes, cada um deu vida a uma forma particular de visão ou imaginação social. Platão, no seu livro V das Leis, nos oferece um modelo da sua República, imaginada como a materialização do sonho agrário, da sociedade da boa lei, da ação, do estabelecimento do bem e do uso do necessário, nem luxo, nem pobreza. Ali, o filósofo é rei e os reis e príncipe tem o espírito do filósofo para garantir e fazer valer, pela lei, na cidade, a comunidade de bens e de mulheres. No esquema platônico, a distribuição eqüitativa dos bens materiais está garantida por um cálculo matemático que toma por base o número 5040. Morus, dentro de uma perspectiva humanista cristã, já ambicionou uma comunidade fundamentada mais na própria natureza humana do que na sua regulamentação anterior pelas instituições e não poderia ser diferente no momento em que se descobria o Novo Mundo. O seu livro, na realidade, é um diálogo de

um viajante, companheiro de Américo Vespúcio, sobre as ilhas do Novo Mundo. Este discurso, como logo percebemos, sofre influências da literatura medieval sobre relatos de viagem em que o narrador peregrino identifica num lugar distante, pelo qual passa, o lugar ideal. Mas o discurso, em si, é bastante astucioso e erigido nos moldes da retórica humanista em que a narrativa adquire na superfície uma certa inocência por apresentar-se como simples descrição despojada de um conteúdo analítico. Morus, na verdade, nos introduz num divertido jogo de faz de conta entre a realidade e a ficção, uma brincadeira séria onde a imaginação do avesso do mundo nos fornece o retrato acabado das imperfeições do mundo que experimentamos. A sua Ilha Utopia, localiza-se no novo mundo, ou se quisermos, do outro lado do espelho, em território que pelo consenso geral da época, a idade do ouro havia sido preservada. A escolha do lugar nos permite ainda muitas extrapolações porque a ruptura e integração da geografia novo mundo/velho mundo já é, por si mesma, um elemento para a reflexão sobre um centro e o que existe além dele de tal modo a fazer com que o primeiro seja posto como um contraponto que permite operar a crítica do segundo. Este lugar distante, de localização imprecisa, parece existir realmente, mas longe das nossas vistas, e o que lhe confere essa materialidade é a própria narrativa. Como podemos ver, aí sobrevive muito da herança do pensamento clássico, inspirado, por sua vez, na importância do mito como enunciação dos fundamentos de uma sociedade e de sua história. Ao lançar mão de um discurso com estatuto de verdade, Morus também possibilitou a utilização da liberdade intrínseca à narrativa num sentido inverso: a Ilha Utopia, que está num descompasso com o tempo e com o espaço, converte-se no lugar onde tudo é possível, onde a ficção assume o lugar da realidade, a transgressão é elevada ao nível da lei e da ordem, e

ao entrar numa comparação com a Inglaterra do período recoloca a realidade histórica como ficção ¹.

Fourier, ao contrário de Morus, vislumbrou um mundo da ampla liberdade, do luxo e do prazer, mas muito influenciado também, como em todos os casos anteriores, pelas imagens e acontecimentos do seu próprio tempo. Do ponto de vista da construção do discurso, Fourier elaborou o seu pensamento como um diálogo estabelecido num encontro casual com seus interlocutores, mas na sua narrativa a crítica é explícita e o traçado imaginário do novo mundo é acompanhado por um guia minucioso que indica como chegar até lá. O estabelecimento destas diferenças entre os escritos dos vários autores exige naturalmente, um estudo maior e este aspecto do pensamento utópico não é o objetivo principal deste trabalho, apenas acho útil prestar atenção às sutilezas de cada discurso porque, desde que se costuma pensar que sob o título de utopias pode-se congrega num todo indiferenciado autores de formação intelectual diferentes, nascidos também em tempos diferentes, precisamos caminhar neste terreno com cautela. Se, por um lado, existe um campo comum de temas, como o questionamento da ordem e da sua racionalidade, o estabelecimento de um diagnóstico crítico dos pilares morais que conferem sustentação a esta sociedade e, a partir destas colocações, a proposição de mudanças, por outro lado, esses temas podem estar enraizados tanto em sistemas políticos, como nos mitos populares; em doutrinas religiosas como em poemas, e o modo como são apresentados faz toda a diferença.

¹ Louis Marin, *Utopiques: jeux d'espaces*, Paris: Les Éditions de Minuit (Col. "Critique"), 1973. O livro é um interessante estudo sobre o discurso utópico, o lugar que ocupa e suas funções. Uma parte traz uma análise da *Utopia* de Morus.

No vasto campo da literatura no gênero, é necessário ainda que se faça uma distinção entre os escritos dirigidos ao puro entretenimento (como é o caso dos relatos de viagem e da literatura ficcional) e os de caráter mais político, na medida em que objetivam uma imediata interferência na história, na vida social e econômica do seu tempo (como acreditamos, seja o caso de Fourier). Assim, um fio condutor numa suposta história das utopias, parece um elemento tênue, entretanto, encontramos dentro de uma variedade de concepções a recorrência de certos temas, como, por exemplo, o do estabelecimento da cidade ideal, da criação de seres imaginários ou mesmo a própria modificação de certas características físicas dos humanos e do mundo físico em geral, da expectativa do estabelecimento da harmonia social pela regeneração moral da humanidade, enfim, indícios que apontam para o desejo de uma ordenação completa e perfeita do universo. Vale dizer que persiste uma tendência em universalizar o modelo da sociedade ideal, inclinação muitas vezes confundida com desejos, conscientes ou não, de estabelecer sistemas totalitários de controle social. Mas, a preocupação em generalizar o modelo revela muito mais a necessidade de tornar possível o estabelecimento de um mundo racionalmente planejado e fundamentado no que se acredita ser o justo ou melhor e ao cessar as contradições gerar uma estabilidade pela contensão do movimento da história. Em alguns casos ainda, como em Platão, São João e Fourier, aparece como fundamental a representação matemática do novo mundo, como se tais fórmulas pudessem nos assegurar uma vida tranqüila na certeza de um mundo estável, sob nosso controle. Enfim, o conjunto destas expectativas faz das utopias, mesmo daquelas cuja interferência na ordem social seja incipiente, no mínimo uma fonte de conhecimento do mundo, que nelas é descrito em minúcia, mesmo pelo emprego de metáforas ou pelo uso do artifício de linguagem do faz de conta. Nesse sentido, os relatos

utópicos contribuem com uma crítica ao mundo experimentado e conhecido, e através da imaginação do fantástico ou do maravilhoso, que se encontra além deste mundo, fomentam o desejo de mudança do mundo presente. A avaliação que se faz destes textos ao longo do tempo, também sofreu modificações. Até o século XVIII falar em utopia, significava conceber a palavra nos moldes platônicos que tratam de um plano de governo imaginário, que não é, mas pode ser. No século XIX, esta literatura passa a ser desprestigiada em função da ruptura que se operava entre ciência e utopia. A imagem herdada por nós das utopias como quimeras e sonhos irrealizáveis fica a dever muito ao discurso de Morus que atribuiu o nome de Utopia (*ou* como sinônimo de não e *topos* como lugar, portanto um lugar imaginário) à sua descrição fantástica de um mundo inventado. Mas ao interpretarmos desse modo o problema das utopias nos esquecemos, ou preferimos não enxergar, que Morus faz uso da própria ambigüidade dos significados para nos introduzir na exploração do campo do imaginário e ampliar os seus horizontes, aí, não se pode negar, estaríamos próximos do sentido platônico do campo virtual. Na verdade, ele teria buscado inspiração não apenas na mitologia antiga e na filosofia grega, mas também na doutrina cristã por isto, na sua obra, podemos entrever referências aos temas da Idade do Ouro e do Paraíso, como tempos perfeitos. O que marca a sua diferença com relação ao que lhe é anterior reside no fato de ser uma obra renascentista e por isto é o próprio homem, e não os deuses, quem cria o mundo novo e este, por sua vez, assume o seu lugar como paraíso, porém terreno. Na humanização do mundo perfeito muito pouco sobrevive das imagens evocadas por Hesíodo porque na utopia de Morus, a natureza não auto produz e os homens têm que trabalhar, eles também, são mortais, diferente dos deuses, e convivem com os vícios e males próprios da sua condição. De qualquer maneira, o livro formula uma crítica ao modelo político inglês do

período e remete ao elogio da igualdade. Sobre este último ponto, notamos mais uma aproximação com Platão, inclusive em referências muito explícitas, até mesmo pela adoção dos números utilizados pelo filósofo: os utopianos habitam 54 cidades construídas sob o mesmo plano.

O elo que mais une os diversos projetos alternativos seria esta preocupação em criar ou refazer uma ordenação do todo, seja em comparação com uma idade de ouro ou com o paraíso como estados originários de uma felicidade perdida. No seu *Cosmology in Antiquity*, M. R. Wright esclarece que a palavra *Kosmos* pode tanto significar o belo arranjo das partes num todo, como também, o próprio todo. A palavra cosmologia formou-se pela adição do terminal *logos*, que designa um relato racional, e foi nesta forma que aquela palavra passou a significar as "análises, teorias e explicações do fenômeno do universo"². Porém o belo, ou a ordenação perfeita num todo harmônico, não representava para os antigos gregos apenas a junção dos elementos idênticos entre si, ao contrário, o estabelecimento da melhor ordem, dependia da combinação sábia das diferenças. A nós parece que toda a abordagem dos gregos sobre o mundo exterior adquire um peso na avaliação dos escritos posteriores dedicados à investigação ou transformação de tudo que nos cerca. Platão, principalmente, tornou-se um marco do pensamento no campo dos estudos das chamadas utopias. Mas aqui nos defrontamos com um problema se pensarmos em Fourier como um exemplo. Certamente, Fourier teve acesso aos escritos do filósofo, mesmo porque no séc. XIX, muito mais do que atualmente, toda boa formação do indivíduo incluía o domínio dos clássicos, mas a questão é: com que olhos Fourier teria lido Platão? Com os olhos de um homem do século XIX e por isso mesmo tecia suas críticas em torno de uma herança maléfica, segundo

² M. R. Wright, *Cosmology in Antiquity*, Londres/Nova Iorque: Routledge, 1996, p. 3-5.

ele, para os homens do seu tempo, de toda uma herança do pensamento ocidental, infelizmente cultuada com o fim de limitar, ao invés de desenvolver, a atividade humana, tanto física, como intelectualmente. Para ele, os textos de Platão não perdem o mérito literário, mas em matéria de política e de moral são uma nulidade, como, aliás, os escritos dos filósofos, em geral, tratados por ele como "fazedores de frases" aconselhando bobagens à humanidade, como Sêneca, que dizia para abandonarmos as riquezas imediatamente e nos entregarmos já à filosofia³. Fourier se chocava com o "egoísmo de Platão, que no lugar de procurar um remédio para as misérias da humanidade, agradecia aos deuses por ter escapado ao mal comum, por ter nascido homem e não mulher, Grego e não bárbaro, livre e não escravo." E complementa: é de surpreender que com um tal caráter os filósofos tenham errado o cálculo da atração que tende à felicidade de todos?"⁴. Todos, para Fourier, inclui também os animais de cujo bem estar depende o estado de harmonia societária, bem como de parte de suas riquezas. De qualquer maneira, acho impossível, mesmo atualmente, que alguém compreenda Platão no seu sentido integral, sem antes conhecer razoavelmente a tradição órfica do *canon* dos números sagrados, na qual Platão teria sido iniciado. Apenas depois disto, pode-se ver através das palavras escritas, um cálculo matemático e uma geometria, como expressões de um pensamento, ou seja, Platão desenvolve uma sub-mensagem dentro da mensagem que aparece na superfície.

John Michell, no seu *The Dimensions of Paradise* conduz com competência uma interpretação sobre a importância do cálculo na filosofia de Platão, baseado numa concepção, herdada de tempos remotos, de um *canon* de proporções, formado pelo

³ Charles Fourier, *Théorie des quatres mouvements et des destinées générales*, Paris: Jean-Jacques Pauvert, éditeur, 1967, p. 198.

agrupamento de números que assim foram codificados e passaram a representar o universo numericamente criado⁵. Para os antigos filósofos em geral, o número aparece na raiz de todas as ciências e por isso é considerado como o "primeiro paradigma" ou a "reflexão primária da realidade"⁶. O exemplo fornecido pela geometria ilustra como os estudiosos na área visavam projetar formas que imitassem ou representassem mais fielmente a forma original ou ideal, o universo⁷. Os números do canon são, *nada mais, nada menos*, do que as "dimensões e distâncias da terra, lua, as medidas do universo ideal e a formula atrás de algumas expressões antigas disso como: o diagrama da Nova Jerusalém, o plano do templo de Stonehenge, a cidade perfeita de Platão nas Leis..."⁸. Normalmente, a representação gráfica destas cidades ou templos corresponde ao círculo (céu), enfeixado por um quadrado (terra), sendo que as duas figuras devem possuir o mesmo perímetro. A palavra latina *urbs*, inclusive, parece advir de *orbis*, redondo, e isto nos leva a pensar no formato circular adotado no planejamento das primeiras cidades⁹. De qualquer modo, na tradição do pensamento o círculo seria a expressão simbólica do desconhecido, isto é, remete o espiritual, a eternidade, o sem começo e sem fim, o medido pelo incomensurável π . O quadrado aparece como a expressão simbólica do racional, da terra e encontra no número 4 sua representação.

As noções clássicas sobre a concepção do espaço da cidade como sendo o lugar onde é possível o estabelecimento do bem viver e do entendimento social é retomado na

⁴ Charles Fourier, *Le Nouveau Monde industriel et sociétaire*, Paris: Flammarion (Nouvelle Bibliothèque Romantique), 1973, p.149.

⁵ John Michell, *The dimensions of paradise. The proportions and symbolic numbers of ancient cosmology*, Londres: Thames and Hudson, 1988, p. 7.

⁶ Idem p.48.

⁷ idem p. 65.

⁸ Idem, p. 54.

⁹ Idem p. 67.

renascença, período em que se atribui à arquitetura uma função preponderante, como arte capaz de imitar a perfeição, harmonia e unidade inscritas na natureza. Leon Battista Alberti no seu *De re aedificatoria*, publicado em 1485, afirma que "a beleza é uma espécie de harmonia e de acordo com todas as partes, que formam um todo construído segundo um número fixo, uma certa relação, uma certa ordem tais como o exigem o princípio de simetria, que é a lei mais elevada e a mais perfeita da natureza".¹⁰

Como diz Lewis Mumford, "esta discussão da comunidade ideal obtém sua forma e sua cor do tempo no qual foi escrita"¹¹, como procuramos rapidamente ilustrar. Mas, além disto, as diferenças existentes entre os vários esquemas explicativos nos remete imediatamente para a importância da discussão sobre a história no centro de uma discussão sobre as utopias, o que é muito evidente, sobretudo para o século XIX. Fourier, por exemplo, está dominado pelas imagens do mundo industrial e das mudanças que provocou na sociedade. O seu falanstério é a casa do trabalho organizado, produtivo, e também o lugar do luxo e do prazer. Platão, talvez influenciado pela guerra do Peloponeso, imaginou uma cidade completamente voltada para dentro, em uma sequência de círculos concêntricos. Mas, seja em um ou em outro modelo, o importante é reparar neste vínculo estreito existente entre a realidade e a imaginação utópica que faz com que os visionários andem "com o pé no chão e a cabeça no ar"¹². Com isto, poderíamos dizer que há uma ligação entre a ficção e a ação, entre a literatura e a política.

Para termos uma idéia da importância assumida, no século XIX francês, pelos discursos que valorizavam a história, basta verificarmos como as consequências inesperadas

¹⁰ <http://www.bnf.fr/web-bnf/expos/utopie>.

¹¹ Lewis Mumford, *The story of utopias*. Nova Iorque: Boni and Liveright Publishers, 1922, p. 11.

¹² Idem.

do processo revolucionário levaram a uma posterior reconstrução romântica do passado, que acabou servindo como fonte legitimadora de certas atitudes tomadas ainda no presente e que, ao mesmo tempo, autorizam a formulação dos caminhos do futuro naquele país. Como demonstra Crossley, ao se atribuir aos eventos da Revolução um caráter da cultura do povo francês, passa a existir, evidentemente, uma aceitação coletiva, uma identificação, com esse passado reconstruído, mesmo que nesta reconstrução apenas parte da totalidade dos eventos se apresente como a verdade integral deles¹³.

No tempo em que Fourier escrevia, portanto, a preocupação com o movimento da história parecia primordial para a sociedade francesa como um todo. No caso do nosso pensador, todavia, a explicação do processo histórico não se prestava à legitimação do passado, mas visava revelar uma história de derrotas e fracassos até o tempo presente, e demonstrar, a partir disto, como o tempo pode, no seu movimento progressivo, gerar um futuro de harmonia e felicidade, se as lições do passado tiverem sido bem compreendidas. Antes de mais nada, Fourier rompe com a tradição da época que via na revolução um portal para o transporte da sociedade francesa ao futuro glorioso e só aceita o passado como um exemplo, é verdade, mas a não mais ser imitado. Abel Transon, segundo Fourier, o discípulo que melhor interpretou sua obra, concordou que "nesses últimos tempos insistiu-se muito sobre o valor do 'argumento histórico' para sustentar toda previsão de futuro" e além disto, "uma teoria dos destinos gerais", como a do mestre, "não pode ter crédito senão dando contas do passado, e mostrando no presente os germes do porvir que ela anuncia"¹⁴. Por

¹³ Ceri Crossley, *French historians and romanticism: Thierry, Guizot, the saint-simonians, Quinet, Michelet*, Londres: Routledge, 1993.

¹⁴ Abel Transon, *Teoria societária de Carlos Fourier ou arte de estabelecer em todos os países associações domésticas agrícolas de 400 a 500 famílias – Exposição sucinta por Abel Transon, antigo discípulo da Escola Politécnica, engenheiro de minas*, Rio de Janeiro: Typ. Bras. De Crémère, 1845, p. 6.

isso mesmo Fourier ilustrou no seu *Théorie des quatre mouvements*, o seu *Tableau du Cours du Mouvement Social*, onde descreve as quatro fases e trinta e dois períodos da história, ou trinta e seis períodos se considerarmos os dois períodos de apogeu e os dois de transição¹⁵. Na sua teoria a valorização do tempo parece primordial para o desvendamento do cosmo, na medida em que confere à matéria e ao movimento uma existência temporal. Quando depois de 80000 anos a história é extinta, carrega com ela a vida, dos astros, inclusive. A história, então, não deixa de acompanhar o ciclo natural da vida, isto é, tem nascimento, maturidade e finalmente morte. Porém, os homens podem optar por uma existência prazerosa dentro da cadeia do tempo. No seu movimento, a história pode nos garantir um período de 8000 anos de felicidade, mas o usufruto desses benefícios depende do nosso querer, pois se nada fazemos, postergamos indefinidamente a experimentação do bem viver em abundância. É, em suma, nas teias do tempo que os homens cultivam a sua liberdade, é na interdependência do movimento cósmico com o movimento social que encontram o seu verdadeiro destino, paradoxalmente.

Mas, se a história termina, o tempo não, porque para Fourier "o caos não é de modo algum absoluto"¹⁶ tanto que prevê futuros em ultra mundos e "nosso ser em movimento se tornará mais denso, carregado de passado e rico de porvir"¹⁷. Esses são os pressupostos que permeiam inclusive, a sua teoria da transmigração das almas, que nos faz supor uma reconstrução do tempo histórico em outros moldes, diferentes do nosso tempo histórico decadente, pois não aceita como destino da humanidade o estado de civilização e barbárie. Esta concepção de tempo progressiva, marca a diferença dos escritos de Fourier, com

¹⁵ Charles Fourier, *Théorie des quatre mouvements et des destinées générales*, op. cit., p.338-339.

¹⁶ Idem, p.391.

¹⁷ idem.

relação aos da antiguidade clássica e da tradição cristã, porque naquele caso há um deslocamento da idade do ouro do começo para o fim da história e, a substituição de uma concepção de tempo cíclica e de reposição por uma outra com vistas ao futuro. Talvez possamos localizar o impulso transformador operado sobre o pensamento clássico neste domínio, nas correntes milenaristas messiânicas que acreditavam na promessa do reino da felicidade, da justiça localizado não mais no tempo das origens, mas no porvir e, de preferência, como prefigura o Apocalipse de São João, aqui na terra.

Mas, tanto Fourier, como seus adeptos, recusavam-se a aceitar a denominação de utópicos que lhes havia sido imputada por seus detratores na época. Não pensavam a teoria como uma quimera, mas como um estudo sério e bem fundamentado numa análise histórica minuciosa, estudo este, capaz de lançar as bases científicas para o estabelecimento de uma sociedade alternativa no futuro próximo. Talvez até o questionamento externo incessante sobre a racionalidade do discurso utópico seja um dos fatores no incentivo da produção de relatos tão detalhados sobre a sociedade futura, onde nada escapa ao leitor. Mas, a recusa da palavra utopia se deve principalmente ao fato de estar contraposta à palavra ciência, o que em princípio localizaria estes discursos no campo da mera literatura para entretenimento. Então, pode-se falar sem compromisso das verdades que se queira, desde que se passem num não-lugar, geograficamente e mentalmente distante do lugar onde se está, mas este não era o propósito de Fourier, pois expressava claramente o seu pensamento ilustrando tudo com exemplos retirados do seu próprio tempo. O curioso é que o fazia, sem privar o leitor do prazer da leitura, seja na narrativa dos aspectos fantásticos do mundo futuro, seja pelo tom irônico-cômico empregado para analisar os malefícios causados pelas relações monogâmicas a nós impostas pela moral. E aqui encontramos mais uma característica

comum aos relatos utópicos das diversas épocas, que é a produção de uma linguagem particular voltada para refletir e representar fielmente uma imagem-ideia¹⁸ que venha a tocar a alma do interlocutor, seduzir, despertar desejos, excitar a curiosidade. É assim que o real nas suas limitações acaba sendo recomposto no sonho da Nova Cidade, toda construída pela imaginação sem limites e, por isto mesmo criativa, na medida em que ultrapassa as barreiras do real, projetando sobre ele as imagens de um futuro perfeitamente exequível¹⁹. A imaginação da Cidade em si, e a sua localização fora dos limites da Cidade real, já apontam uma ruptura com o tempo histórico. A formulação de um calendário próprio, por seu turno, aponta para a superposição de um tempo imaginado sobre o tempo real ou se quiserem, socialmente aceito. Este é um dos pontos que exercem influência sobre a narrativa de Fourier e, em certa medida, aproxima o seu discurso do relato de viagem ou da literatura, onde se percebe geralmente, uma distinção entre o tempo do narrador e o tempo da narrativa.

Dentro do campo das referências dos fourieristas em geral, tanto os escritos de Morelly, como os de Fontenelle, assumem uma importância inegável quando se quer avaliar o que os socialistas imaginavam como hipótese em termos de tempo futuro e mesmo de configuração da situação do presente. Uma leitura do *Code de la Nature*, de Morelly, pode esclarecer a interpretação um tanto ambígua do tempo decadente, mas prevendo possibilidades de progresso se mudarmos o curso da história fundando uma história alternativa, por exemplo. O *Diálogos Sobre a Pluralidade dos Mundos*, de Fontenelle, como diz o título, investiga a possibilidade da existência de outros mundos, além do nosso, e

¹⁸ Bronislaw Baczko. *Utopians Lights. The evolution of the idea of social progress*, Nova Iorque: Paragon House 1989, p. 17.

¹⁹ Idem, p. 62-73.

de outras formas de vida (os mercurianos, os selenitas, etc.)²⁰. Se isto nos parece extravagante hoje, representava, para o século XVIII, os novos moldes de desenvolvimento do raciocínio científico, baseado na experiência, na razão e na analogia. De qualquer modo, as conclusões de Fontenelle não deviam parecer nada absurdas para um tempo onde a impossibilidade de comprovação das hipóteses pela ausência dos recursos materiais, tecnológicos, fizesse verossímil a crença de vida em outros planetas pela homogeneidade estrutural presente no sistema do universo. E, não fosse a curiosidade natural suscitada pela dúvida, teríamos nós do século XX, chegado à Lua?

A investigação do cosmos pelos chamados primeiros socialistas tinha como pano de fundo, mais do que a busca da proximidade com Deus e o estado de perfeição, como almejavam os antigos, a busca de respostas às perguntas sobre a existência, o tempo, a matéria e, mais ainda, sobre alternativas de solução dos problemas sociais que se tornaram uma questão emergente para o pensamento no século XIX. Não se pode negar também, que tais especulações, respondiam a inquições populares sobre o começo e o fim do mundo, as convulsões do universo provocadas pelo descompasso entre os desígnios de Deus e as atitudes humanas, etc. E, não é incomum encontrarmos entre o material de divulgação das idéias de Fourier, pelos seus continuadores, manuais abordando os principais pontos da teoria do mestre sob a perspectiva popular da convulsão do mundo físico causada pela organização social conflituosa. Não nos parece sem propósito então, que Victor Considerant, no seu *Description du phalanstere & considerations sociales sur l'architecture*, inicie o capítulo dois citando o *Apocalipse XXI*, 1. 2., que trata justamente da visão do profeta João quando o mundo desaparece cedendo lugar ao novo

²⁰ Morelly. *Código da Natureza*, Campinas: Editora da Unicamp, 1994. Fontenelle, *Diálogos sobre a*

céu e à nova terra, quando vê descendo do alto a cidade santa, a nova Jerusalém²¹. Mas porque buscar o paradigma da cidade santa? A Jerusalém converteu-se certamente, numa imagem universal de cidade ideal, onde pode-se habitar em comunhão e ao mesmo tempo desfrutar das belezas arquitetônicas, o que, diga-se de passagem, é um ponto crucial na confecção das chamadas utopias. Guardadas as devidas diferenças entre os Felicianos e os Sevarambos, do ponto de vista da constituição do espaço onde se realiza a história ideal, podemos apontar muitas semelhanças. Sempre há, por exemplo, uma preocupação em tornar o espaço público aprazível, por meio da abertura de avenidas amplas, praças e jardins paradisíacos, construção de habitações bem ventiladas, cujas janelas e portas permitam uma bela vista do exterior bem como a benéfica recepção dos raios solares. Esse conjunto visa representar sempre a constituição de uma boa ordem, isto é, racionalmente planejada, por isto inclusive a preocupação com uma certa simetria no uso das formas geométricas. No caso dos fourieristas, Considerant esclarece que não se trata de uma discussão meramente arquitetônica, mas da compreensão da arquitetura "nas suas relações com as formas diversas da sociedade, com a vida humana, e pivotalmente com o destino humano²²". As formas arquitetônicas do futuro "são apenas uma dedução" dos "princípios gerais da sociedade do futuro", isto é, devem expressar o conjunto dos valores sociais, morais, bem como as aspirações estéticas dos seus habitantes. Ao conceber a arquitetura como arte suprema, capaz de resumir em si a sociedade, Considerant explica as imundices de Paris como o resultado de uma organização social, contrária à ordem natural e que só pode engendrar formas incongruentes, em desarmonia com o paradigma do que se imagina como perfeição.

pluralidade dos mundos, Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

²¹Victor Considerant. *Description du phalanstere & considerations sociales sur l'architectonique*, Paris: Guy Durier éditeur (Col. Futurs-Antérieurs), 1979, p.57.

Como o espelho das formas de organização social, a "arquitetura escreve a História"²³, ou antes, quando observamos o cenário urbano, podemos "ler" nossas atitudes e decifrá-las. E, porque existe uma interação entre o pensamento e a forma, se um é a expressão do outro, Considerant pode preconizar que "*a Evolução social que conduzirá a humanidade a PERÍODOS HARMÔNICOS, nos trará PALÁCIOS onde a CIVILIZAÇÃO soube construir apenas MAISONS DE BOUE ET DE CRACHAT*" expressão para designar moradias de má qualidade e sem solidez²⁴. Jules Lechevallier, chega a ser categórico inclusive sobre este ponto, pois não admite a possibilidade de realização da Associação "sem uma nova ARCHITETURA"²⁵. Por meio destas intenções, podemos reparar numa certa relação existente entre a cidade realmente constituída – Paris – , e a idealmente planejada. Paris, representação da história imperfeita, permite, com suas incongruências, pensar na formação de um novo espaço social, de felicidade – o falanstério – , que por sua vez, é apresentado como uma releitura ou ainda uma revisão, da Paris historicamente constituída. Assim, as minúcias do plano arquitetônico da nova cidade apontam para um aspecto francamente pedagógico presente nos seus signos monumentais e luxuosos (quem vê, lê a mensagem contida) que, entretanto, não foram criados do nada, mas de uma situação pré-existente, ou ainda das formas básicas contidas na própria natureza (o círculo, o quadrado, etc.). Todavia, o fato de atribuir-se a estas formas um aspecto monumental significa a própria exigência em, tanto tornar perene na memória o conjunto dos valores assumidos socialmente, como perpetuar o seu triunfo perante os valores ultrapassados que a velha ordem expressava. Bronislaw Baczko ao analisar a arquitetura do período revolucionário

²² Idem, p. 20.

²³ Idem, p.38.

²⁴ Idem. A expressão pode ser traduzida literalmente por "casas de barro e escarro", p. 53.

francês lembra que "perpetuar a experiência Revolucionária em bronze e mármore é tomar posse definitiva do futuro da cidade ou simplesmente do futuro"²⁶.

Mas as previsões dos fourieristas acerca do futuro encontram seu apoio num discurso científico que confere uma legibilidade e legitimidade à história, pois uma vez que se conheça uma lei universal e geral, ou ainda, uma vez dominado o passado, pode-se, a partir destes indicadores, lançar-se prognósticos a respeito do que nos reserva o futuro. Nesta medida, na perspectiva fourierista, que bem caracteriza o século XIX, no que se refere ao problema da história como progresso, o discurso científico apossou-se do discurso histórico, banindo deste todos os resíduos dos sonhos e quimeras como expectativas irrealizáveis, pois agora podem ser experimentados. O objetivo de Fourier parece ser o de promover um encontro definitivo entre a utopia e a história, que havia sido frustrado com os descaminhos da Revolução. O seu *Tableau du cours du mouvement social*, bem pode ser visto sob esta perspectiva e mesmo em substituição ao calendário adotado pelos revolucionários de 1789. Sim, porque no seu calendário julga substituir a ilusão pela realidade, isto é, combina imagens e símbolos com procedimentos sociais, e nesta medida, recusa, ao mesmo tempo em que visa regenerar a história.

Numa primeira aproximação com o esquema de Fourier, podemos dizer que ele não recusa de todo, como vimos, as formas criadas pelo sistema vigente o que nos faz pensar que, na sua obra, existe um encadeamento na história de tal modo a tornar a idéia de felicidade dependente da experiência do seu inverso. Na arquitetura do falanstério, sobrevive o desenho do Palais Royal, porém, o modelo civilizado é criticado sobre vários pontos. Antes de tudo, Fourier aponta para a necessidade de estabelecer-se, no que diz respeito ao

²⁵ Idem, p. 57.

modelo de falanstério, uma forma consensual com o fim de evitar as arbitrariedades, trazidas pela profusão de fantasias individuais dos vários realizadores. A multiplicação desordenada de planos, poderia comprometer a implantação de um sistema cujo bom funcionamento depende de uma combinação perfeita de vários elementos, diferentes entre si. Um erro no plano material refletir-se-á desastrosamente, também no passional.

A pior forma a ser escolhida - e infelizmente, eleita por Owen em New Harmony - é aquela, adotada com vistas às reuniões monásticas e que se prestam bem a esta finalidade, pois incorporam o espírito de monotonia pelas quais são regidas. Esta forma inadequada para o falanstério é a do quadrado, ou monotonia perfeita, cujo maior inconveniente pode ser observado, por exemplo, em reuniões de trabalho, sobretudo em se tratando do uso de ferramentas, ou ainda, como ambiente para estudos musicais. O principal problema é o da reprodução dos sons até a metade da sua área incomodando as pessoas ocupadas em outras funções. As formas freqüentemente adotadas em civilização, como esta do quadrado, também impediriam a organização dos seristérios ou o estabelecimento de inúmeras salas, de tal forma a comportar as várias divisões de grupos e atividades e também a permitir o relacionamento entre as várias séries de trabalho e os indivíduos que as compõem. As funções barulhentas devem ocupar no falanstério, um lugar mais afastado das habitações, para evitar-se o burburinho das cidades civilizadas a romper o tímpano dos vizinhos "enquanto o vendedor de gesso ou de carvão os envolve com uma poeira branca ou negra que impede a abertura das janelas, obscurece as lojas e a vizinhança em nome da liberdade do comércio"²⁷. Na parte dos alojamentos, também seria necessário evitar o esquema das

²⁶ Bronislaw Baczko. *Utopian Lights. The evolution of the idea of social progress, op. cit.*, p. 302.

²⁷ Charles Fourier. *Le Nouveau monde industriel et sociétaire*, Paris: Flammarion (Nouvelle Bibliothèque Romantique), 1973, p. 170.

construções monásticas e aplicar uma forma favorável ao relacionamento entre as classes sociais e para isto bastaria a mistura alternada dos apartamentos mais luxuosos com os mais simples. A solução proposta por Fourier para aproximar as três classes sociais distintas, num primeiro momento, pelo laço de vizinhança, é no mínimo engenhosa. No falanstério, os apartamentos são alugados aos moradores e seus preços variam em vinte graduações, de acordo com o seu padrão, do luxuoso ao mais simples. Como na ordem harmônica as diferenças assumem uma conotação inversa daquela a qual estamos habituados em civilização, é preciso intercalar os apartamentos dos vários tipos para garantir a convivência entre as classes sociais e evitar a formação, como observamos ainda, de ilhas onde habitam os ricos e ilhas onde habitam os pobres. O objetivo pretendido por Fourier é a quebra das desconfianças e prevenções de classe à classe pelo conhecimento recíproco. Evidentemente, o simples fato de confrontar as classes pela aproximação num espaço comum não seria suficiente para atingir a unidade de ação pretendida por Fourier e medidas coadjuvantes devem ser tomadas. No falanstério, no fim de contas, tudo pertence a todos, o luxo é um direito de todos, a refeição servida aos ricos é a mesma servida aos pobres, as chances de ascensão a postos também, isto torna a diferença uma sutileza, apenas um elemento necessário à combinação e à emulação na ordem da harmonia. Hoje o que vemos e o que Fourier já criticava é que a diferença serve como instrumento para a prática da injustiça e da opressão, para a fome, a miséria e a falta de dignidade. Se, nos primeiros momentos de implantação do novo sistema Fourier vislumbrava ainda um caráter nefasto das diferenças, a entrada gradual no sistema de harmonia restituirá à diferença a importância do seu papel para a conformação de um todo equilibrado. Um todo equilibrado, na ótica de Fourier, é aquele que permite a igualdade do desfrute daquilo que cada um entende como prazer e, no

regime de harmonia o prazer individual só é alcançado quando a coletividade pode garantir a cada um a sua cota.

Uma parte importante da construção do edifício é a rua galeria, situada em torno do primeiro andar, mas ligando-se ao térreo em alguns pontos, cujo modelo a ser seguido em harmonia é o mesmo da galeria ligando o Louvre ao Museu de Paris. A novidade é a climatização desta via para permitir o bem estar dos falansterianos no inverno e no verão e mesmo responder às exigências de um sistema social que obriga ao constante trânsito de pessoas, de um lugar para outro, de hora em hora, de meia em meia hora ou a cada duas horas. Como o espaço público é também o espaço da sociabilidade, a rua galeria deverá ser utilizada, em certas ocasiões festivas, como o local de banquetes.

A dificuldade em se imaginar antecipadamente a forma global e concreta destes palácios onde habitará a humanidade, resulta mesmo da ignorância quanto à experiência de se viver sob o signo de uma ordem tão inédita, então, caberia à própria realidade do novo sistema fornecer novos padrões para redesenhar o modelo originário, seja em função da ampliação das riquezas, seja pela descoberta de novas atividades e atrações reintroduzindo a necessidade de transformação dos espaços. Fourier previa então, para os primeiros anos, construções em materiais simples, como tijolos, substituídos, num futuro muito próximo, por materiais mais suntuosos como expressão do enriquecimento interno e externo de um falanstério. Por outro lado, como ele próprio admite, o primeiro alvo da atração é o luxo, isto explica porque as oficinas da civilização falham em matéria de excitar a atração pelo trabalho, erro a ser evitado no falanstério a partir da constatação do modo como a forma também é capaz de influir sobre o conteúdo ou os resultados pretendidos.

A descoberta da influência das características psicológicas dos homens sobre a organização social confere à teoria de Fourier um caráter bem peculiar e uma acuidade na avaliação crítica do modelo de civilização. A percepção, por exemplo, de que o homem ama a riqueza e que a riqueza é, na verdade, tanto externa, como interna, tanto material, quanto espiritual, mas que em civilização só pode ser apreciada no menor grau, contribui para a reflexão sobre uma nova organização social onde o amor pelas riquezas converta-se de vício em caminho de virtude. A virtude a que se refere não é a mesma apresentada pelos moralistas, pois estes solidificam sua doutrina em axiomas do gênero "*quem bem canta e dança, pouco avança*, princípio muito falso em mecânica societária, e, sobretudo na falange experimental, que *avancará muito*, se ela tiver um povo muito educado, bem cantante e dançante"²⁸. A partir do destrinchar de um perfil do comportamento individual e social dos homens, Fourier procurou construir uma teoria sobre a organização social bem coesa de tal forma que a colocação em prática de um ou outro elemento isolado das suas propostas compromete irremediavelmente o conjunto. Neste âmbito, o espaço social aparece como indissociável do espaço privado porque pelo exercício do prazer e pela oportunidade de escolha, o espaço público de trabalho/divertimento é identificado como a própria casa e os companheiros de vida como a própria família. A família tradicional, para Fourier, o núcleo de todos os vícios da civilização, tende a desaparecer no regime de harmonia, porque nele os filhos deixam de representar um peso para os pais, aqueles, por sua vez, cessarão de desejar a morte dos pais objetivando a herança; mas para que isto ocorra é preciso revolucionar os casamentos, baseá-los na livre escolha, além disto, é preciso aceitar a autonomia das mulheres e das crianças e também permitir que cumpram uma função econômica e social

²⁸ Charles Fourier, *Le Nouveau Monde Industriel et sociétaire*, op. cit., p.148.

como os homens. Apenas depois destas medidas laços autênticos e desinteressados poderão brotar. Tais vínculos tendem a reproduzir-se no relacionamento social, a partir dos encontros proporcionados pelas atividades cotidianas e que, de acordo com as expectativas de Fourier, devem ocorrer de forma inversa à do regime civilizado por adquirirem no regime de harmonia um caráter natural, despojado de interesses anteriores e perversos. As relações vão estar sempre amparadas por laços de interesse mútuo, de ajuda recíproca, de tal forma que será bastante comum num falanstério, a manifestação de laços de amor inusitados, e plenamente aceitos, entre indivíduos de idades diferentes e até de mesmo sexo, ou ainda, uma pessoa pobre ver-se servida espontaneamente por uma pessoa de nível social superior, algo que parece bem lógico num sistema calcado na escolha e na atração, ao invés de sedimentar-se exclusivamente no capital. O fato das relações não serem intermediadas pelo salário contribui para o estabelecimento dos relacionamentos amistosos entre indivíduos de diferentes classes sociais porque é a falange que paga a cada um pelo serviço, por um dividendo atribuído ao grupo. Assim, entre uma variada gama de atividades cotidianas cada um pode estar escolhendo ao longo de sua jornada entre funções bem lucrativas e outras não, de acordo com a atração e, inversamente a necessidade do ganho da vida, pois esta já está garantida previamente. Esta situação permite o encontro de todos no terreno social e o fácil estabelecimento dos laços por simpatia e por antipatia também. Os conflitos ocupam uma outra função, na medida em que, não está mais em jogo o problema da sobrevivência individual, mas o desejo de destaque social pelo grau de contribuição que cada um pode oferecer para o desenvolvimento do todo. Neste caso, devemos seguir o mesmo sistema das dissonâncias na música, isto é, em todos os momentos da vida falansteriana parece de extrema utilidade a querela, a competição, as rivalidades e antipatias, porque são elementos

necessários à progressão das idéias e das atividades em geral, ou, como acredita Fourier, "a ausência de oposição resulta despotismo em política e monotonia em prazer"²⁹, do mesmo modo como parece indispensável o desacordo entre as notas ré, mi bemol e do sustenido. A organização dos grupos de uma série deve respeitar essa graduação de antipatias porque dela resultam os pontos necessários ao estabelecimento de uma ordem de harmonia: emulação, justiça, verdade, acordo direto, acordo inverso ou absorção das antipatias individuais pelas afinidades coletivas e, finalmente, unidade de ação. O segredo do bom funcionamento do sistema está em saber organizar as séries de tal modo a permitir o livre desenvolvimento das três paixões distributivas (cabalista, compósita e borboleta) pelo emprego de três métodos: a compacidade, isto é, a formação de séries próximas em variedades de cultivo; jornadas curtas, de no máximo duas horas e, exercício parcelar, isto é, estimular a formação de subgrupos restritos a cada parcela de função do trabalho, sempre distribuída de acordo com a atração.

As idéias polêmicas de Fourier brotaram, entretanto, da observação da desordem promovida por um sistema industrial altamente preparado para gerar elementos de felicidade, mas não a felicidade em si, porque cria os seus produtos de uma forma anárquica e, ao mesmo tempo, nega uma retribuição proporcional na participação ao crescimento das riquezas. O industrialismo converte-se, nestes termos, numa quimera, pois não consegue resolver a contradição existente entre a produção de riquezas e o crescimento constante da pobreza. Fourier julgou ter encontrado a solução para o reencontro das expectativas capaz de romper com o bloco do pensamento sedimentado entre os dois partidos em choque: de um lado, os liberais e industrialistas, de outro, os obscurantistas e absolutistas, cuja única

²⁹ Charles Fourier, *Le Nouveau Monde Amoureux*, Paris/Genebra: Ressources, 1979, p. 7.

diferença entre eles é a de que os segundos não escondem o desejo de retroagir para o século X, ao passo que entre os primeiros existe a convicção do aperfeiçoamento da civilização, amparado por uma ciência, de resto falsa, cujos mecanismos nos levam para trás em matéria de organização social, em escravidão e miséria³⁰. De qualquer forma, para Fourier, ninguém avançará muito se houver a persistência em restringir as mudanças apenas ao plano das reformas industriais.

A confusão estabelecida pode ser facilmente resolvida, segundo Fourier, com a aplicação dos conceitos simples da matemática e da geometria no terreno da produção e da distribuição das riquezas de acordo com o que foi exposto até aqui, do contrário permaneceremos restritos ao mundo das quimeras do industrialismo relegando o desfrute dos prazeres ao plano do imaginário; mergulhados num sistema que obriga a maioria a entender que é melhor se abster do que não se pode ter. No sistema de falanstério a ilusão deve ser substituída pela realidade.

Os termos propostos por Fourier para o estabelecimento da cidade (mundo) ideal parecem bem simples. Inicialmente, o plano do falanstério deve estar pautado num princípio natural, de livre desenvolvimento das inclinações individuais conjugadas à necessidade de manutenção da unidade no âmbito do coletivo. O industrialismo, na forma como é exercido, representa o contrário da harmonia, mas sua existência serve para comprovar que os homens não podem dedicar a isto mais do que um quarto do seu tempo, porque as atividades relacionadas à indústria não são atraentes, fogem do paradigma da natureza. A base da economia num falanstério deve ser a agricultura, já a indústria precisa acompanhar as atividades trabalhadas nas culturas e não o inverso. Por exemplo, as séries que cultivam

³⁰ Charles Fourier, *Nouveau monde industriel et sociétaire*, op. cit. p. 73.

flores podem levar ao desenvolvimento de uma indústria de perfumes e manter uma coerência no plano da produção e do comércio. Isto deve ser levado em consideração quando se projeta instaurar um sistema associacionista e não a interpretação dada por Owen que pretendeu estabelecer uma indústria de produção de tecidos em New Lanark, uma região sem uma atividade agrícola voltada para este propósito. Para evitarmos este tipo de contra-senso, a comunicação entre o campo e a indústria deve estar sintonizada e o trabalho entre uma e outra atividade também, ao mesmo tempo em que o comércio, a distribuição, respeitem a regra da necessidade e da utilidade.

Fourier parecia consciente do fato de que um sistema onde a astúcia e a maldade cedessem lugar à verdade e ao amor, só poderia vigorar com pleno êxito num mundo mentalmente preparado para isto. Por esta razão, dedicou uma parte dos seus estudos ao problema da educação e da infância, preocupação que podemos notar também, com tons nuançados, em Cabet, Saint-Simon e, sobretudo, Owen. No caso de Fourier, um bom começo na tentativa de erguer uma sociedade voltada para a satisfação plena de cada um de acordo com o trabalho e o talento, é uma reflexão sobre a educação da infância, porque as crianças estariam ainda menos inclinadas do que os adultos aos preconceitos e desconfianças. Se a civilização nos faz crer que os pais são os educadores naturais dos filhos, devemos desconfiar e passar a acreditar no oposto se pretendemos algum benefício para os pequenos, sobretudo depois da constatação de que o ambiente familiar é a célula nuclear a partir da qual os vícios serão reproduzidos socialmente. No ambiente familiar civilizado, a criança aprende a mentira, a cupidez, o desrespeito, a libertinagem, portanto, em nome da correção destas distorções, os pais devem ser apartados dos filhos. Para os genitores, por seu turno, será um alívio a entrega dos filhos às babás da comunidade, por

quem serão mais bem cuidados já que a maior parte dos pais, por questões de trabalho ou de falta de recursos não pode fazê-lo. A experiência ensina que o melhor educador de uma criança é um companheiro um pouco mais velho, a quem tende a seguir e a copiar o exemplo. A principal função das babás, depois dos cuidados de higiene e alimentação, é levar a criança, desde muito pequena, a utilização plena do seu corpo, colocando à disposição dela os vários objetos adequados à idade. Em seguida, ficar atenta às preferências da criança para poder levá-la, no futuro, a perceber as atividades que seria capaz de executar com vontade. As características mais gerais da infância também contribuem para perceber nela uma capacidade de trabalho social, como, por exemplo, o desejo de tudo verificar, investigar, a mania de imitar, o gosto pelas pequenas oficinas, gosto pelos trabalhos barulhentos, a gula como via de interesse pela agricultura. Tudo isto precisaria ser melhor aproveitado em termos de integração da criança no espaço social e produtivo e, em suma, é neste espaço mesmo que a educação harmoniana acontece como formação integral dos indivíduos. Longe dos pais esse processo deve ocorrer de maneira a que as crianças não sejam submetidas à execução de tarefas pelas quais não nutram um interesse e, por outro lado, a sua conduta estará sujeita à crítica da sociedade que, ao contrário da dos pais, é incapaz de relaxar no rigor. No regime civilizado, a educação representa o contrário da experiência até porque ocorre fora dela, mas em harmonia, o interesse pelos estudos nasce do convívio social e do despertar para as várias atividades de trabalho e, dentro desta concepção, os indivíduos desde a mais tenra idade encontram-se preparados para o autodidatismo porque a iniciativa para o aprendizado parte de cada um e a instrução acontecerá durante a freqüência às reuniões científicas ou industriais que escolher tomar parte.

As crianças organizadas em grupos denominados *petites hordes* e *petites bandes* cumprem um papel importante no seio da comunidade. No primeiro caso, assumem a execução das tarefas normalmente recusadas pelos adultos como a limpeza de chaminés e demais tarefas imundas, mas atraentes para as crianças pela inclinação natural que demonstram pela sujeira. Por executarem os trabalhos desdenhados pela maioria, as hordas recebem constantemente homenagens da coletividade e uma remuneração alta, em razão inversa ao atrativo da função. A posição social adquirida não foi conquistada apenas por isto, mas pelo exemplo de caridade prestado à falange, pela manutenção da unidade com os serviços prestados.

A exibição aqui, de algumas das idéias básicas da organização do belo pelo bom, ou do bom pelo belo, sob a perspectiva de Fourier – e esta fica, por uma parte, em dívida com Kant –, nos levam a compreender que na estética fourierista não pode existir uma contradição entre os termos: não há educação quando há estômagos vazios; não há luxo verdadeiro quando é vizinho da miséria, não existe real felicidade que não seja coletiva, não há o que seja belo sem o bom, unidade sem a participação de cada um. A aliança do bom com o belo reinterpreta nosso conceito de política ao resgatá-lo do jogo interesseiro das intrigas de partido, úteis apenas para a manutenção do *status quo*. A política converte-se na arte do bem viver na coletividade em que a todos possam ser garantidos os direitos básicos, mas principalmente os de escolha e de participação.

O pensamento de Fourier representa, na verdade, o reflexo do sistema apresentado pelo universo, um sistema uno, inteligível pelo homem, uma vez que ele é o espelho do universo e está ao seu alcance apossar-se das leis da analogia e, pela comparação, retrair o

destino geral dos seres humanos em harmonia, com a mesma maestria que são capazes de criar uma peça musical.

Os discípulos de Fourier tenderam a reproduzir novos modelos utilizando-se para tal, de aspectos, ou idéias tomadas isoladamente da teoria do mestre. Um exemplo disto é a interpretação de Benoit Mure, fundador do falanstério do Saí, em que o modelo original sofreu várias alterações decorrentes das próprias características particulares com que imaginava uma boa organização do belo e que procurei elucidar em outro capítulo. No seu *Philosophie Absolue* ³¹, a descrição da forma ideal de sociedade, busca apoio em uma situação imaginada fora do nosso planeta, na impossibilidade da utilização, como exemplo para figurar a boa ordem, de qualquer modelo existente de sociedade, todos considerados falhos, anormais. Mure visita em um vôo da imaginação o planeta Vênus e ao tocar o solo depara-se com a monumental arquitetura que de imediato o fez lembrar-se dos falanstérios de Fourier. Seis enormes edifícios dispostos circularmente sobre um imenso platô, dividido ao meio por um canal de uns dez quilômetros de comprimento que em uma das extremidades terminava num templo imponente, em forma circular fazendo lembrar o Panteão de Agrippa. Na outra extremidade estava o palácio, grandioso, dominando a paisagem cercada por uma natureza exuberante e sulcada por caminhos de ferro dirigidos para a linha do horizonte. No meio desta paisagem brotavam monumentos colossais erigidos em mármore, jaspe, e colunas de ágata, dispostas em fileiras intermináveis, na altura das fachadas e destacando uma multidão de estátuas, mais numerosas do que as do *duomo* de Milão, por entre as quais circulam os habitantes do lugar; figuras de baixa estatura, trajadas

³¹ Benoit Mure, *La Philosophie Absolue*, edição póstuma, revista e atualizada por Sophie Liet, Paris: Librairie Moderne, 1884, cap. III.

de maneira indescritível. Na imaginação de Mure, existe uma identidade entre o templo e o palácio, uma aproximação possível entre dois extremos: a esfera espiritual e a material.

O anfitrião de Mure em Vênus é Sollias que passa a fornecer todas as explicações sobre o sistema venusiano. Ali não há taxas, nem administração em separado da coletividade, muito menos a instituição do sufrágio universal, nome utilizado para disfarçar a cobrança de impostos. Em Vênus o povo é, de fato, soberano, na medida em que recebe a sua parte do orçamento, formado com a cobrança de um único imposto sobre os proprietários. O sistema que rege Vênus é o ARMANASE baseado nos seguintes princípios: o povo reina, os delegados governam, o indivíduo é soberano, as companhias administram. A lei social tem por base a preservação da família, da propriedade e da liberdade absoluta. O capital, as companhias, proprietárias dos prédios e das vias públicas, garantem uma administração eficaz, em substituição à ineficiente administração pública e, na visão de Mure, é o regime da propriedade privada que, paradoxalmente, realizará "as maravilhas em vão prometidas pela unidade violenta do socialismo comunitário"³² pois não haverá obstáculos impostos para as iniciativas individuais. Nesta idéia de Mure sobrevive à crença na ciência e na tecnologia como redentoras da humanidade, as máquinas e os aperfeiçoamentos mecânicos utilizados em proveito das massas, na execução dos trabalhos duros, escravas da vontade dos homens.

A crença de que o capital é capaz de criações úteis objetivando o social predomina tanto em Mure como em Fourier, com a diferença de que o primeiro transfere para a indústria todo este potencial de criação humana porque através das forças mecânicas os homens exercem o seu domínio sobre as forças, antes incontroláveis, da natureza.

³² Benoit Mure, *La Philosophie Absolue*, op. cit., p. 68.

Infelizmente, apesar de deixar pistas esparsas, em sua obra, da sua concepção de mundo harmônico, Mure não nos legou uma descrição mais detalhada sobre o modo como este mundo deve ser organizado em termos mais concretos, como procurou fazer Fourier. Sobre isto só nos resta uma pequena ilustração representando o falanstério, reproduzida por ele no *Calendrier Social*³³, que fez publicar para o ano de 1840, e que vendia, a unidade a um soldo e a dúzia a cinco soldos, com o fim de difundir a idéia do falanstério e da homeopatia. Para ele tanto a teoria de Fourier, como a de Hahnemann formavam um corpo consistente e intercambiável, principalmente pelo fato de ambas estarem ancoradas no princípio comum de não contrariar a natureza, obedecendo-a em tudo.

A imagem adotada por Mure respeita o modelo inicialmente proposto por Fourier e inspirado no Palais Royal, em forma de "u", com fileira dupla de edifícios margeada por pátios internos e jardins externos. Na figura de Mure este palácio foi colocado no centro de uma planície cercada por vegetação, imagem ao fundo destacada por um horizonte ensolarado. A paisagem é animada por grupos esparsos de pessoas a transitar calmamente pelos jardins externos do edifício e, em primeiro plano, por uma família, que do alto de uma montanha, contempla, com serenidade e satisfação, a cena descortinada pela planície. O conjunto, o belvedere, estabelece uma continuidade entre a planície e o infinito do horizonte para criar, pela monotonia desta visão, a sensação de tranquilidade de espírito e a harmonia trazidas pela vida no falanstério. Finalmente, o encontro harmonioso entre cidade e campo, inspirado pela figura, aponta para um princípio da teoria pouco explorado pelos estudiosos e que considera o homem como um ser natural, é verdade, mas também como um produto da cultura.

³³ *Calendrier Social de 1840*, Paris: Imprimerie de Bouchard-Huzard; folheto. IFHS 14AS8 (22).

O desenho, na verdade, visa concretizar as aspirações do bem viver, universalizá-las, recurso este que não teria sido utilizado apenas por Fourier e Benoit Mure, mas por discípulos da escola fourierista oficial, interessados em atrair o público para a idéia do falanstério. Com tal finalidade, chegaram a projetar a instalação, no coração de Paris, de uma grande caixa em madeira, vedada, para não deixar passar a luz externa, com uma abertura apenas para a entrada dos passantes que de dentro poderiam maravilhar-se com imagens tridimensionais, em grandes proporções, de vistas privilegiadas do falanstério, ali ressaltadas por meio de um jogo de luzes na escuridão do ambiente. A intenção era a de fazer o transeunte interagir com a imagem.

A escolha, por Fourier, do modelo do Palais Royal, não é arbitrária, evidentemente. Uma tal preferência desvenda um mundo de significados alcançados por qualquer um, sem grandes sacrifícios no exercício da inteligência. Em regime de harmonia, o rei não mora mais solitário no palácio, o povo é trazido para dentro dele. Este povo admite a continuidade da figura simbólica do rei, mas ele governará junto com o povo, que por sua vez é, agora, soberano. O palácio, como expressão do luxo, do prazer e da boa vida não pode estar localizado numa cidade como Paris, pois compete com o conjunto arquitetônico da cidade que é a expressão das contradições de toda ordem. Ele deve, portanto ser reconstruído em outro espaço, ter suas dimensões ampliadas para permitir o desfrute, por todos, da beleza.

Na interpretação de Cantagrel, discípulo destacado de Fourier, o falanstério "não é outra coisa que um palácio convenientemente e comodamente distribuído que nós substituiremos aos barracos, tendas, choupanas, que compõem hoje nossas cidades. (...) é absolutamente necessário que o Falanstério responda, pela sua disposição às diversas

aptidões industriais, às diversas necessidades sensitivas, anímicas e intelectuais, às diversas exigências passionais que se manifestarão no bojo de uma tal associação"³⁴.

Na ótica de Fourier, sobrevive na ironia velada do discurso, uma certa ambivalência no sentido de uma ruptura/integração com relação ao Palais Royal já existente. Na época em que viveu, os jardins abertos eram freqüentados por um público composto, em grande parte, por artistas e literatos reunidos em vários grupos animados por uma conversa em torno de temas como arte, política, literatura, moral, metafísica. Durante todo o dia, no inverno ou no verão, podia-se observar o movimento de pessoas e a troca de idéias cujo tom fugia àquele difundido no ambiente acadêmico da Sorbonne e da Câmara dos Deputados. A experiência desta sociabilidade urbana Fourier transportou para o seu falanstério reproduzindo-a para todas as instâncias do cotidiano da vida, então a cidade como o lugar onde esta relação acontece, deve representar a intimidade da casa e a mundaneidade. A ironia e a audácia de Fourier está em irromper palácio adentro com uma multidão *bien chantante et dançante* que adentrou não só para pedir comida, mas também para resgatar com dignidade o seu direito ao luxo e á felicidade.

³⁴ F. Cantagrel, *Le Fou du Palais-Royal*, Paris: Librairie Sociétaire, 2 ed. Inteiramente revista pelo autor, 1845, p.203-204.

CONCLUSÃO

As inúmeras tentativas de implantar um regime de comunidade regida por princípios do fourierismo no século XIX, e que foram registradas em bibliografia de época e atual, são capazes, por si, de nos revelar a medida em que aquele século foi marcado, para a população pobre na França, pela necessidade de recondução da humanidade aos valores da aliança e do amor, num mundo fragmentado pela doença do industrialismo.

Se cada século traz uma nova palavra de ordem, o século XIX trouxe a bandeira da emancipação e, até o final dos anos 40, os males da civilização foram compreendidos a partir do que se convencionou chamar "feudalidade industrial", sobre a qual acreditava-se que os governos e a própria sociedade não conseguiam exercer um controle. O combate a esta lepra que assolava toda a Europa exigia reformas capazes de provocar a emancipação do proletariado, de forma pacífica e gradativa, sem rejeitar a noção de progresso, apenas mudando o seu objetivo. Na verdade, viam-se num impasse entre dois extremos: de um lado, a doença do industrialismo, do outro lado, a terapia da revolução que fracassara.

O aspecto mais interessante, é que uma boa parcela da sociedade francesa teria optado pela forma de engajamento político proposta pelos fourieristas, que, aliás, converteu-se na forma de oposição mais consistente aos encaminhamentos da vida política na França, até meados do século XIX. Não falamos aqui apenas dos fourieristas, apesar de terem levado a sobrevivência do seu movimento até o final daquele século, mas também

dos cabetistas e sansimoneanos, tão importantes quanto os primeiros, na conformação de um pensamento social e igualmente contribuintes na organização de um movimento social emergente, quer dizer, que assumia novos contornos, como revelam os estudos sobre a revolta dos *canuts*.

Na verdade, o desabrochar do pensamento socialista demarca um terreno para o qual confluíram os vários setores sociais numa tentativa de renovação, de caráter revolucionário, embora sob um discurso de conciliação, que a própria história havia ensinado como medida de prudência. Assim, foram atraídos para idéias bem revolucionárias naquele período, às quais deu-se o nome de reformas sociais, intelectuais, artistas, empresários, artesãos, mestres e operários de várias categorias e profissionais liberais. A aproximação entre uma certa intelectualidade e os operários tornava-se um fato incontestável. Os sansimoneanos, encabeçados por Enfantin, passaram a valorização dos trabalhos manuais, misturando-se aos trabalhadores e executando as tarefas mais pesadas e mesmo repugnantes. Flora Tristan, via em Considerant, um homem de alta inteligência, cujo domínio de uma tão nobre ciência poderia oferecer vantagens, em termos de uma União geral dos trabalhadores, pois não só influía sobre os adeptos da escola societária, como sabia posicionar-se frente aos homens do governo. Georges Sand tornara-se amiga e conselheira de Poncy, marceneiro, poeta, simpatizante do sansimonismo e republicano, e também próxima de Agricol Perdiguier. Ao primeiro ela aconselhava que permanecesse na idéia de incentivar uma ação operária distante dos burgueses filantropos (os Arago, Lamennais, Béranger, J. Reynaud) dos quais nada podia esperar. Mesmo quando não havia um comprometimento direto com o movimento fourierista, como no caso de Georges Sand, Victor Hugo, os seus escritos difundiam e tornavam-se o reflexo das novas idéias em torno das quais parecia legítimo refletir sobre a sociedade francesa da época e estas idéias gravitavam em torno da teoria

fourierista e da crítica da sociedade que fora capaz de sistematizar. Evidentemente, isto não quer dizer que entre os partidários fourieristas houvesse uma unanimidade quanto a excelência do trabalho de Hugo, no que diz respeito ao modo como havia assimilado as propostas do movimento. Dentro do movimento fourierista brotavam críticas ao modo como Hugo compreendia a arte, nisto até cobrando dos artistas e literatos, um engajamento mais sério. Mas, isto não invalida, de modo algum, a influência, no sentido que o século XIX conferiu à palavra, da movimentação e dos escritos dos fourieristas sobre a sociedade francesa como um todo. Os operários e artesãos, que vinham construindo uma identidade própria no espaço social, adicionaram à sua prática política conceitos e métodos organizacionais vindos de Saint-Simon, Cabet e Fourier; o mesmo podemos dizer de empresários, como Arthur Young, que se envolveu com as idéias associacionistas e empregou grandes somas de capital para a compra da antiga abadia de Cîteaux, próxima a Dijon, com a finalidade de fundar um falanstério, o que se concretizou em 1842.

Os estudos de Ferdinand Rudé e Maurice Agulhon sobre a classe operária em Lyon e Toulon, respectivamente, comprovam uma coincidência entre o surgimento de um perfil mais ideológico nas associações dos operários que transcendia às características tradicionalistas e moralizantes dos *compagnonages* da década de vinte, e o surgimento em cena dos fourieristas e sansimoneanos, por volta dos anos 30 ¹. Os operários reunidos em Uniões, Associações, etc., de várias ordens e congregando ofícios diversos, dizem-se "societários", ou "associacionistas", fourieristas, sansimoneanos, etc., ainda que tudo isto pudesse ter se resumido, para eles, aos princípios básicos da teoria e suas formas mais

¹ Sobre os levantes de Lyon ver, Fernand Rude, *L'insurrection lyonnaise de novembre de 1831. Le mouvement ouvrier à Lyon de 1827-1832*, Paris: Anthropos, 1969. Sobre a classe operária em Toulon ver, Maurice Agulhon, *Une ville ouvrière au temps du socialisme utopique. Toulon de 1815-à 1851*. 2ª ed., Paris/Haia: Mouton/EHESS/CRH (Civilizations et Sociétés, 18), 1977.

imediatas de alcançar sua realização. Isto se refletia em associações mais preocupadas em transcender uma esfera local de atuação e que, não nos esqueçamos, contestava um plano geral da elite intelectual fourierista sobre a necessidade de evitar as coalizões. As Uniões operárias, sob o espírito sansimoneano, visavam congregar, como irmãos e amigos, operários de vários ofícios, até porque no que diz respeito à massa dos trabalhadores, a situação de miséria era a mesma, já que, independentemente do ofício os salários ficavam entre um e 2.50 francos; o mesmo se poderia dizer das condições de trabalho e da duração da jornada, nunca inferior a 11 horas de trabalho. Na década de 40, Flora Tristan promoveria o seu Tour de France imbuída deste princípio de união operária, de caráter geral, de todos os ofícios e de todas as regiões do país e que, entretanto, era recebido com desconfiança pelas organizações operárias já existentes e em conformidade aos limites das leis ².

Da idéia única de Fourier, todavia, brotaram inúmeras formas de organização, cada uma com características próprias, mas todas elas amparadas no modelo fourierista, que deste modo, ficou reduzido à mera tentativa de associação do trabalho, do capital e do talento, seguindo um esquema de repartição das riquezas também ternário. Ora, nós vimos que o esquema proposto por Fourier parecia bem mais amplo, objetivando a união total de todo o globo que poderia ainda ir além do mundo tangível, e em função da nova realidade a previsão da transformação completa das formas de conhecimento humanas, do estabelecimento de uma nova linguagem, de caráter universal. Em contraposição aos impulsos cosmopolitas e universalizantes da teoria do mestre, os seus discípulos aceitaram, talvez pelas próprias limitações objetivas, proceder a experiências truncadas, tendendo para

² Flora Tristan. *Le Tour de France. Journal inédit 1843-1844*. Paris: Éditions Tête de Feuilles (Archives et Documents), 1973.

um certo isolamento, uma forma de atuação pelas bordas do sistema existente, ao invés de um mergulho nele e uma tentativa de transformação e rompimento da ordem em vigor a partir de dentro. As *boulangerie véridique*, e outros empreendimentos com base no esboço do *commerce véridique* proposto por Fourier, ou, até mesmo, projetos mais audaciosos como os de falanstérios, por razões que poderíamos enumerar numa longa lista, tiveram uma existência curta. Os projetos menores, restritos ao mutualismo ou cooperativismo parecem ter sido mais eficientes do ponto de vista de oferecer soluções mais imediatas para os problemas enfrentados pelos operários, principalmente quanto à sobrevivência e necessidades de socialização, mas também não estão isentos do crivo da crítica, como, por exemplo, a sociedade de socorros mútuos dos sapateiros de Paris, que tinha à testa Laurent Héronville. De 1840 a 1848, existiam, em Paris, em torno de 250 sociedades de socorros mútuos, que aglutinavam vinte mil mutualistas, prestando, aos seus associados, auxílio na velhice, na doença e, quando necessário, obsequias. A sociedade gerida por Héronville, operário sapateiro fourierista dissidente, ambicionou adicionar ao esquema mutualista, a garantia de emprego aos seus associados e, na falha deste, o abono-desemprego de um franco por dia. Mais do que isto, a sociedade de sapateiros pretendia, ao contrário das várias mutuais em vigor, atuar além da esfera beneficente e reunir os sapateiros de Paris na organização, levando-os dali, ao socialismo. A promessa de colocar operários no mercado de trabalho parecia ser cumprida, mas pelas próprias circunstâncias a que a sociedade se via obrigada com o empregador, desmantelavam suas características de sociedade voltada para a salvaguarda dos interesses dos sapateiros. Embora tivesse partido de um objetivo oposto, a sociedade foi acusada de favorecer mais as empresas do que os operários na contratação dos desempregados, porque ao colocar-se como intermediária nesta relação apenas conseguiu um rebaixamento dos salários no setor, até por uma desmobilização dos

sapateiros, enquanto tal, que permitisse um enfrentamento com os negociantes, os empregadores ³. Com uma esfera de ação limitada, acabou espremida pelo próprio jogo das contradições sociais.

Aos fracassos não podemos atribuir simplesmente, uma falha na teoria de Fourier inviabilizando a sua prática. A experiência ensina que as teorias socialistas levadas avante posteriormente e, acreditando-se mais amparadas por um método científico mais elaborado, tampouco obtiveram sucesso no seu igual anseio de recriar o mundo sob novas bases. Ao que poderíamos atribuir tais decepções? A resposta a esta pergunta importante e enigmática demandaria um amplo debate e estudos mais abrangentes. De qualquer forma, uma investigação neste sentido deve levar em consideração uma análise mais profunda da teoria e da prática formuladas pelos chamados primeiros socialistas. Neste trabalho, procurei dar uma contribuição, ainda que tímida, mas na direção de novas perspectivas a partir das quais uma crítica deste pensamento pudesse ser construída e que partisse das características intrínsecas a ele próprio. Este procedimento resgataria aos movimentos sociais uma parte que lhes é constitutiva, mas havia sido relegada ao limbo, região pouco visitada de sua história, sobre a qual não se quer falar.

Debaixo de idéias posteriormente julgadas incompatíveis com um pensamento social, tais como, associação de todas as classes, imitação da unidade divina, incentivo à disseminação da propriedade, não apenas do solo, recusa do jogo político, revolução pela conciliação, produziu-se uma mobilização social expressiva, que contava com recursos e uma imprensa própria, e conquistados pelo empenho dos operários, que adotaram como interesse seu, a difusão daquelas idéias. Não pretendo com isto dizer que houvesse uma

³ Michael D. Sibalís "Une mutuelle fourieriste au dix-neuvième siècle: Laurent Héronville et la société laborieuse des cordonniers-bottiers de Paris", *Cahiers Charles Fourier* (1), 1990, p. 67-83.

adesão em massa de operários ao sistema fourierista, em muitos casos, inclusive, mesmo os que aderiram, e estes foram muitos, a assimilação da teoria de Fourier, como um todo, não parecia completa. Em casos que ilustramos aqui, ainda, a adesão ao fourierismo vinha pelo conhecimento do sansimonismo. Entretanto, de uma maneira geral, os operários viam no movimento uma fonte de expressão dos seus próprios anseios, eles também foram formados pelas suas idéias e, num sentido inverso, trouxeram a sua própria contribuição ao movimento e também, ao surgimento de uma reflexão, nascida deste contato, sobre a sua identidade enquanto classe e do seu objetivo enquanto tal.

A questão das comunidades fourieristas aponta além disto, para uma reflexão neste sentido. A decisão da partida, principalmente, refletia um modo peculiar de compreensão da identidade de classe e do papel da política. Tão importante quanto escrever é realizar e os operários, assumindo o papel de vanguarda, percebiam-se como parte fundamental deste processo: a parte que faz, mas também escreve. Na comunidade, esperava-se ver a política integrada ao próprio fazer e não elevada a uma instância superior à coletividade, esfera inatingível aos pobres, mas o estabelecimento das lideranças vindas do todo.

Fourier havia planejado os falanstérios como verdadeiras cidades abertas para o contato com o mundo: qualquer um poderia aderir ou abandonar o projeto quando quisesse, trazer sua contribuição, em trabalho ou em dinheiro, e esta forma foi concebida tendo em vista a necessidade de transição. Na prática, os falanstérios revelaram uma tendência para as comunidades tradicionais que pecam pelo isolamento e por tornar o sistema inviável quando as gerações futuras começam a cobrar o seu direito à propriedade, cobrando, na verdade, mais do que isto, a expansão que o sistema de fechamento não permite atender. Mas a idéia inicial de Fourier de formar uma sociedade por ações, um todo indiviso, onde a parte de cada um é ideal, inviabilizaria este tipo de colapso, embora pudesse não evitar os

de uma outra ordem, caso a atuação do falanstério permanecesse restrita à esfera das realizações meramente econômicas. Enfim, o fenômeno das colonizações de caráter ideológico, que se tornou tipicamente norte americano, aponta para o fato de propor vantagens para a classe operária, que não poderia desfrutar delas fora disto, como, por exemplo, participação nos lucros, seguros e educação. Este esquema, extremamente atraente pela proposta de liberdade e segurança, oscila, entretanto, entre a preservação de uma aliança de grupo solidamente estabelecida, e a abertura às ameaças externas. E o que fazer com isto? Optar por uma política ofensiva com relação ao sistema agindo de forma combinada e nisso contrariar os pressupostos que regem a comunidade, isto é, os laços pessoais, ou, fechar-se para a preservação destes valores?⁴

O estabelecimento da comunidade ou experiências associacionistas menores, em isolamento, apresenta também, um outro tipo de limitação derivado de uma interpretação específica do conceito de reforma. Isto é, compreende-se a reforma global como o resultado de reformas celulares, mas ao serem praticadas há a confrontação entre a idéia de fazer germinar o socialismo, ou comunismo, ou simplesmente reproduzir-se o cooperativismo e, neste caso, estar a serviço do aperfeiçoamento do sistema já existente, ao invés de combatê-lo. O estabelecimento da comunidade, como forma de concretizar as aspirações sociais cria, na verdade, como demonstram os casos norte americanos, um impasse angustiante, na medida em que, a forma encontrada para tornar viável o estabelecimento da comunidade é o cooperativismo.

⁴ Sobre a colonização americana há dois trabalhos excelentes: Robert S. Fogarty *All things new. American communes and utopian movements 1860-1914*. Chicago: University of Chicago, 1990. Carl J. Guarneri *The utopian alternative. Fourierism in nineteenth-century america*. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1991.

No caso brasileiro, com relação ao falanstério, não podemos sequer chegar a uma sofisticação interpretativa da ordem das da historiografia norte americana, e isto pelas próprias limitações das fontes, que até o momento não esclarecem sobre o funcionamento interno da colônia do Saí. A documentação que pude reunir levou-me para uma reflexão de fundo, isto é, sobre em que medida uma idéia tão bela de aliança teria chances de espalhar-se num mundo tão completamente assolado pelas misérias, contradições, ódios e desconfianças.

A experiência do Saí, por outro lado, vinha inserir-se num contexto histórico e político diferente do da América do norte. Aqui, não houve como lá, uma forte tradição de colonização que culminou, no século XIX, num cruzamento entre teosóficos, transcendentalistas e outros tipos de experimentos religiosos e os ideais comunistas e socialistas e, nesta condição, acabaram também influenciando, na época, o movimento operário, com o seu programa e também com suas revalorizações de costumes. Os fourieristas franceses vindos ao Brasil, e sobre os quais temos informações precárias, saíram diretamente de Paris ou Lyon para a selva brasileira, num povoado que era a expressão de um país agrícola e escravocrata cujo governo visava, com a pretendida colonização nada além dos benefícios econômicos e dividendos políticos que pudesse auferir. Entre o modelo ideológico de colonização proposto pelos fourieristas e o modelo de colonização pretendido pelo imperador, havia um distanciamento enorme. Por outro lado, um desencontro entre o empresário da colônia, Benoit Mure, e os seus companheiros aparece como um dos fatores determinantes para a falência do projeto. Mure, provavelmente, chegou ao fourierismo pela via do magnetismo e do swedenborguismo e certamente, pela homeopatia. Ele parecia ver uma certa identidade entre as doutrinas conhecidas e a teoria fourierista no que tange, por exemplo, à tentativa de estabelecimento

dos laços universais de irmandade entre os homens e a investigação dos mistérios da natureza. Da parte dos colonos, nos faltam dados mais concretos, mas é muito provável que tivessem, em boa parte, saído dos levantes de Lyon, pelo menos Mure parece tê-los conhecido antes, pela via do sansimonismo. Entretanto, permanece nebulosa a relação de conflito entre eles, estabelecida ainda na França. Qual teria sido o envolvimento de Mure com os levantes dos *canuts*? O pai de Mure foi um fabricante bem sucedido, mas que atitudes teria tomado quando os operários e mestres insurgiram-se? Derrion parece não ter tomado parte direta no levante, embora comprovadamente travasse relações com vários operários, por ser ele também um negociante, mas talvez não tão próspero quanto à família Mure. Benoit Mure, por sua vez, no auge dos conflitos em Lyon, estava na Itália, porém, em Lyon, parece ter tomado parte do grupo da juventude intelectualizada e crítica reunida em torno dos sansimoneanos. Da participação neste grupo é que parece ter nascido o contato entre ele, Derrion, Rouffinel, Joly e Jamain.

A incapacidade para resolver os conflitos intestinos foi decisiva para a extinção de um projeto que mal chegou a efetivar-se, porém outros fatores concorreram para isto. Além da ausência dos preparativos iniciais para a recepção adequada dos colonos, as dificuldades de adaptação ao clima contribuíram para o fracasso, entretanto, fatores de outra ordem revelam-se de suma importância. No ensejo de retribuir os trabalhos com um valor mais real e justo, os sistemas comunitários fourieristas, em geral, não apenas o do Saï, acabavam entrando em colapso, uma vez que, ao atribuir salários mais elevados do que os pagos na região, não encontravam sucesso em tornar seus produtos competitivos no mercado. Neste caso, voltamos para a discussão inicial, em torno das comunidades, inviabilizadas pelas contradições entre suas tendências para o social e sua impossibilidade de expansão para o mundo circundante regido pelo capitalismo.

Fourier parecia ter noção desses desencontros e, por isto mesmo, teria dedicado várias passagens na sua obra ao problema da educação. Para ele, não é a idéia de confraternização que está em descompasso com a realidade, mas são os homens que estão dominados por uma visão distorcida sobre a questão material e emperram o processo de mudanças, que não pode ocorrer isoladamente, mas deve ser geral. Sobre esta questão do despreparo da humanidade para a recepção da novidade, parecia haver um consenso. Flora Tristan, não economizou palavras para afirmar que os males do operariado devem-se, principalmente, à ignorância e à miséria e, a partir desta constatação, defender uma real emancipação dos operários começando pelo reconhecimento dos direitos das mulheres e da sua instrução, pois está a cargo delas a educação das crianças, meninas e meninos ⁵. Na verdade, uma preocupação mais geral quanto ao problema da educação, teria surgido na França, com a revolução, quando, em 1792, Condorcet apresentara o seu relatório sob o título de *Organisation générale de l'instruction publique*, localizando ali o problema da democratização do conhecimento como uma questão de justiça, isto é, capaz de provocar uma igualdade de fato entre os cidadãos ao chamar os que estão à margem para uma participação efetiva na vida do país. Uma real democratização do poder ocorre por uma real democratização do saber. A justificativa para o estabelecimento de uma instrução pública não recaía, simplesmente, no ensejo de emancipar o operariado, mas prepará-los para a qualificação e a tomada de iniciativa no que diz respeito ao trabalho. Disto deriva uma iniciativa dos próprios operários no sentido do seu processo de educação o que conferiu a eles uma maior liberdade e autonomia diante da sociedade como um todo.

A educação convertera-se no terreno onde era promovido o encontro entre uma certa elite intelectual com os proletários, que veiculavam uma idéia de emancipação

⁵ Flora Tristan. *Union Ouvrière*, Paris: Editions Populaires, 1843, p. 62.

primeiramente pelo domínio do idioma, pois de posse da palavra o proletariado seria recolocado como sujeito social com uma ação definida no espaço. Como observa Jacques Rancière, este papel o proletariado não possuía quando estava excluído da palavra ⁶. Ora, a palavra permite ao proletariado a tradução dos conteúdos do seu universo material, da sua experiência, em determinações intelectuais. O método Jacotot, tão difundido entre os pensadores sociais do século XIX, e fundamentado na crença de uma igualdade de inteligências, tinha como base a instauração de três paradigmas que possibilitavam a apreensão do conhecimento: a língua materna (como se aprende a língua se pode aprender qualquer coisa), o da escrita (depois de aprender alguma coisa de cor, é preciso vê-la escrita), o da coisa (uma coisa material é o único ponto de comunicação entre dois espíritos).

Estas teorias e a reprodução do ensino mutualista e da preocupação com o ensino dos adultos, bem como a fundação de bibliotecas populares livres nos anos 40, criaram para a elite, que aparentemente incentivou, em certa medida, este processo, um grande problema, quando os operários, donos da palavra e de uma imprensa também, começaram a atacar os fundamentos da sociedade. Esta comunicação entre os proletários ajudou na sua reunião em associações e cooperativas. Este processo não ocorreu de imediato. Inicialmente, apenas uma elite operária comparecia aos cursos e logo se percebeu que uma luta pela educação não poderia efetivar-se separadamente de uma luta pelo direito ao lazer.

Da experiência da educação voltada para os adultos proletários, surgiram vários questionamentos, em torno inclusive, da própria instituição do saber. Se, por um lado,

⁶ Sobre a educação e emancipação do proletariado no século XIX pela via do conhecimento ver a publicação das atas do colóquio de Creusot de outubro de 1984, dirigido por Jacques Derrida. *Les sauvages dans la cité. Auto-émancipation du peuple et instruction des prolétaires au XIX siècle*, Macon: champ Vallon (Col. Milieux, dir. Jean-Claude Beaune), 1985.

Jacotot havia tirado seus princípios de uma razão iluminista, por outro lado, foi apropriado pelo operariado de uma forma diversa. Além disto, os intelectuais difundem a crença na possibilidade de aquisição, pelo operário, de um conhecimento de elite, entretanto a prática vai ser restrita a um conhecimento raso e limitada ao mínimo possível. E, no lugar do conhecimento real adota-se a visão popularizada do conhecimento que exclui as explicações mais complexas dos conceitos copernicanos pela preferência de Fontenelle, por exemplo, através do qual o conhecimento torna-se aprazível. Nesta medida poder-se-ia questionar inclusive, a medida de um real interesse desta elite intelectual em emancipar o operariado. Este é o caso, por exemplo, de Auguste Comte, que procurava introduzir seus alunos na doutrina positivista através de estudos astronômicos, objeto de extremo interesse para as classes populares. É também o caso dos teóricos das escolas socialistas que visavam a formação de uma militância pelas fórmulas do catecismo, um sistema de perguntas com respostas curtas e automáticas versando sobre os pontos principais da teoria que se pretendia ver assimilada sem questionamentos.

Os operários, entretanto, demonstraram uma certa autonomia para fugir ao modelo filantrópico proposto pelos intelectuais e que estabelecia, na verdade, uma falsa igualdade entre os dois extremos da relação, baseada no fato de que seria possível uma indiferenciação entre os estratos sociais, com base na identificação de todos no terreno das ciências. Vinçard, Nadaud, Tristan, Perdiguier, exemplificam como os operários fizeram-se sujeitos do próprio conhecimento, na medida em que, dominada a palavra, desenvolveram uma ciência própria, cuja base é sua própria história. Desta atitude, outros questionamentos poderiam ser levantados, se levarmos em conta os reflexos da educação do operariado sobre a sua própria identificação enquanto tal, depois da experiência do saber. Não são raros os casos em que, proletários instruídos romperam os laços de classe, distanciando-se do seu

meio, familiar inclusive, por não se identificarem mais com ele. O relato de Flora Tristan sobre a educação do sobrinho do barão de Beauséjour, nos moldes propostos por Owen, em New Harmony, revelam coisas interessantes sobre a contra mão neste processo. Isto é, ao ver o seu sobrinho instruído nos moldes da educação utilitária, quer dizer, voltada para os trabalhos manuais e, portanto dispensando o refinamento do domínio das línguas clássicas, literatura, etc., recusou-se ao pagamento dos honorários do professor. Aqui, não estaríamos mais apenas diante da aceitação, ou recusa, de comunicação entre universos distintos e em oposição, mas, a partir desta realidade, estaríamos confrontando o próprio saber enquanto tal e como experiência. Fourier percebeu que a re-invenção do mundo sob novas bases só poderia ser operada pelo rompimento com as falsas ciências responsáveis pela produção do mundo invertido experimentado por nós. Em substituição à catarata intelectual, que oculta do homem o conhecimento do seu próprio destino ao cobrir a natureza de mistério, ele propõe uma nova ciência, como arte de organizar a sociedade em harmonia e realizar, aqui mesmo na terra e, num prazo curto, um destino de felicidade para os homens.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FUNDOS DE ARQUIVOS

ARCHIVES DU MINISTÈRE DES AFFAIRES ÉTRANGÈRES – QUAI D'ORSAY

Correspondance Politique, Bresil, vol. 20 à 24.

Correspondance Consulaire et Commerciale, Rio de Janeiro, vols. 7 e 8

Mémoires et Documents, Bresil, vol. 3 e 4.

Affaires Diverses Politiques, Bresil, vol 1, 5, 6, 7, 8.

Affaires Diverses Commerciales, caixas. 132, 133, 250, 272, 285, 324, 670

Nouvelle série, Brésil, vol. 7, 14, 22.

Microfilmes da série P, 07046, 07047, 07048

ARCHIVES NATIONALES (FRANÇA)

Fonds fourieristes

série 10 AS 28 a 10 AS 42

Papiers Privés

Fonds Guizot.

42 AP 1 a 249

ARQUIVO EDGARD LEUENROTH/IFCH/UNICAMP

Brasil. Império. Leis e Decretos. Legislação brasileira, ou coleção cronológica das leis, decretos, resoluções de consulta e provisões do Império do Brasil de 1808-1831.

Organizado por José Paulo de F. N. Araujo, RJ, Villeneuve 1836-1838, 1844.

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

Coleção Carlos Ficker

ARQUIVO NACIONAL

Anais da Camara dos Deputados, discursos.

Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense, vol. II. Flor., 1950.

Códice 807: Cartas em francês do Dr. julio Parrigot ao Presidente da Província da Bahia e ao Ministro do Império em 1840 e 1843; Breves Consideraciones sobre Colonización, por Adadus Calpe, pseudonymo de Antonio Deodoro de Pascual, escriptor hespanhol, naturalizado brasileiro (1822-1875); Memorandum em que são expostas as vistas do Governo Imperial a respeito da Colonização e Imigração para o Brasil. Sem data, nem assinatura.

Entrada de estrangeiros 1838-1841, 1840-1842.

Ministério da Justiça (colonização de Santa Catarina): Ofícios dos Presidentes, 1830-1843, 1839-1871; ofícios dos Presidentes ao Ministério da Justiça 1842-1851, Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Consulado francês no Rio de Janeiro, 1844-1862-1916.

Ministério do Império. Terras públicas e colonização. avisos, ofícios dos presidentes (1840-1842) e registros de correspondência (1808-1856), documentos diversos de diversas repartições, sinópses e consultas ao Conselho de Estado.

Ministério dos Estrangeiros. Índices dos livros de registro pareceres do Conselho de Estado. Ministério dos Estrangeiros, Secretaria da Administração, registro de correspondência do corpo diplomático, nomeações, exonerações, 1818-1843, 1844-1861.

Ministério dos Negócios Estrangeiros 1848 a 1850-1856. Ofícios, legação imperial do Brasil na França.

Registro de Correspondência – IJJ9-28

Microfilmes:

Relatórios Provinciais:

Santa Catarina 1835-1853

Rio de Janeiro, 1835-1843, 1844-1849).

Relatórios Ministeriais:

da Justiça (1825-1853)

da Marinha (1827-1844).

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Livro de Registros – Ofícios de Presidente da Província (1841-1842)

ÉCOLE NORMALE SUPERIEURE

Fundo Considerant, 13 caixas contendo manuscritos, recortes de jornais, documentos vários e brochuras.

INSTITUT FRANÇAIS D'HISTOIRE SOCIALE

Fundo fourierista, série 14 as 1 a 14 as 10.

SWEDENBORG SOCIETY (LONDRES)

Arquivos

Correspondência

PERIÓDICOS

Anais do Senado do Império do Brasil. 1840-1841, 1843-1848.

Almanach Social, publié par la Librairie Sociale, 1840.

Chronique du mouvement social, agosto-novembro de 1838; abril-maio de 1839.

Correspondance Phalanstérienne, Publication mensuelle, Paris, 1843.

Correspondance harmonienne, Lyon, 1838-1839
Correspondance des disciples de la science sociale, Paris, 1846
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 1839-1845.
Le Nouveau Monde, 1839-1841, 1843-1844.
La Nouvelle Jérusalem, Revue religieuse et scientifique, Saint-Armand, 1838-1848.
Le Premier Phalanstère, 1841.
Revue Sociale ou Solution Pacifique du problème du prolétariat, Publiée par Pierre Leroux, Boussac, 1840-1846.
A Sciência revista synthética dos conhecimentos humanos, RJ: Typ. Universal Laemert., 1847-1848.

LIVROS E FOLHETOS

AUBÉ, Léonce. *La Provence de Sainte-Catherine et la Colonisation du Brésil*. Rio de Janeiro: Imprimerie Française de Frederico Alfredson, 1861.
 BACHELET, Louise. *Phalanstère du Brésil. Voyage dans l'Amérique méridionale*, Imprim. De Pommeret et Guenot, 1842.
 BONNARD, Arthur de. *Organisation du Travail. Organization d'une commune sociétaire d'après la theorie de Charles Fourier*, Saint-Nicolas-de-Pont : Imprimerie de P. Trenel, 1845.
 CABET, Etienne. *Colonie icarienne aux États-Unis: Sa constitution ses lois sa situation matérielle et morale après le premier semestre 1855*. Ed. fac-similar da ed. de 1856, Nova Iorque: Lenox Hill, 1971.
Calendrier Social de 1840, Paris: Imprimerie de Bouchard-Huzard.
 CANTAGREL, F. *Le Fou du Palais-Royal*, Paris: Librairie Sociétaire, 2 ed. Inteiramente revista pelo autor, 1845.
 CHENU, A. *Les Conspirateurs*, Paris: Garnier Freres, Libraires-Editeurs, 1850.
 CHEVALLIER, Emmanuel. *Theorie Sociétaire de Charles Fourier. Les 27 et 28 aout a Cluny*, La Croix Rousse: Imprimerie de Th. Lépagnee, 1841
 CONSIDERANT, Victor. *Description du phalanstere & considerations sociales sur l'architectonique*, Paris: Guy Durier éditeur (Col. Futurs-Antérieurs), 1979
 ———. *Destinée Sociale*. Paris: Librairie Phalanstérienne, 1848-1849, 2 vols.
 ———. *Principes du Socialisme, Manifeste de la Démocratie Pacifique au XIX siècle suivi du procès de la Démocratie Pacifique*, reimpressão da edição original publicada em Paris em 1847, Osnabrück: Otto Zeller, 1978.
 DALIBERT, *Histoire de l'Homoeopathie en Sicile*, Paris: Imprimerie de Mme Lacombe, s.d.

- DEBÛ-BRIDEL, Jacques (org.). *Fourier, 1772-1837*. Genebra/Paris: Éditions des Trois Collines (Col. "Les classiques de la liberté"), 1947.
- DERRION, Michel. *Constitution de l'industrie et organization pacifique du comerce et du travail ou tentative d'un fabricant de Lyon pour terminer d'une manière definitive lê tourmente sociale*, Lyon, Mme Durval, 1834.
- Diário íntimo do Engenheiro Vauthier 1839-1846*. Prefácio e notas de Gilberto Freyre, Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Ministério da Educação e Saúde, 1940.
- DOHERTY, Hugh. "Mesmerism" *New Church Advocate, a magazine on review of theology, science, art and literature*, (29), 1 de julho de 1843.
- FAURE, Alain; RANCIÈRE, Jacques (orgs.). *La Parole ouvrière 1830-1851*. Paris: Union Générale d'Éditions (Col. "10/18"), 1976.
- FOURIER, Charles. "Cosmogonie" in: *Oeuvres Complètes de Charles Fourier*, tomo XII, Paris, Anthropos, 1968.
- _____. *Le Nouveau Monde Industriel et Sociétaire*, Paris: Flammarion (Col. "Nouvelle Bibliothèque Romantique"), 1973.
- _____. *L'ordre subversif. Trois textes sur la civilisation*. Paris: Aubier Motaigne (Col. "Bibliothèque sociale"), 1972.
- _____. *Oevres complètes*. Paris: Anthropos, 1966.
- _____. *Théorie des Quatre Mouvements et des Destinées Générales*, 3ª ed., Paris: Librairie Sociétaire, 1846.
- GUILBAUD, P. A.. *Plan d' un phalanstère d'enfants approuvé par Charles Fourier*, Paris: Lacour et Compagnie, Imp. de Baudouin, 1840, 26p
- HAHNEMANN, Samuel. *Organon of Medicine*, 6ª ed. rev. e amp., Nova Delhi: B. Jain Publishers, 1988.
- LEROY, Maxime. *Les précurseurs français du socialisme: De Condorcet à Proudhon*. Textos reunidos e apresentados por Maxime Leroy, Paris: Éditions du Temps Présent (Col. "Sources de la pensée contemporaine"), 1948.
- LIET, Mme Vve.. *Manuel Homoeopathique à l'usage des familles suivi de la liste et des propriétés des médicaments brésiliens et autres, de l'école du Dr. Mure ou Algèbre Homoeopathique mise à la portée de tout le monde*. Gênova: Via Galata Casa Ponte, 1861.
- Manifeste et Statuts de l'Union Industrielle*, Paris: imprimerie de P. Baudouin, 1841.
- MIRECOURT, Eugène de. *Béranger*. 3ª ed., Paris: Gustave Havard, 1855.
- MURE, Benoît Jules. *Instrução Para os Enfermos Tratados Homeopaticamente no Antigo Gabinete de Consultas dos Drs. Bento Mure e João Vicente Martins*. Rio de Janeiro: Typ. Guanabarenses, 1855.
- _____. *O Medico do Povo, Instrução Pondo ao Alcance dos Homens Conscienciosos e de Boa Vontade os Processos Mais Aperfeiçoados e as Mais Recentes Descobertas da Arte de Curar, Indicando os Meios de tratar todas as Molestias Segundo os*

Princípios da Homeopatia. ed. rev. e melhorada pelo Dr. A de Castro Lopes. Rio de Janeiro: A. J. de Mello, 1868

_____. "Prefácio" in: *O médico do povo. Instrução pondo ao alcance dos homens conscienciosos e de boa vontade os processos mais aperfeiçoados e as mais recentes descobertas da arte de curar, indicando os meios de tratar todas as moléstias segundo os princípios da homeopatia*, 3 ed. rev. e melhorada pelo dr. A. de Castro Lopes, Rio de Janeiro: A. J. de Mello, 1868.

_____. *Doctrine de l'École de Rio de Janeiro et pathologie brésilienne*, Rio de Janeiro: Publicação do Instituto Homeopático do Brasil, 1849.

_____. *La Philosophie Absolue*, edição póstuma, revista e atualizada por Sophie Liet, Paris: Librairie Moderne, 1884.

_____. *Carta Dirigida ao Jornal do Commercio Acerca de um Projeto de Colonização no Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1840.

Première Commemoration du jour de naissance de Charles Fourier, Paris: Imp. de Lottin de Saint Germain, 1838.

RÉGNIER, Philippe (org.). *Le livre nouveau des saint-simoniens. Manuscrits d'Émile Barrault, Michel Chevalier, Charles Duveyrier, Prosper Enfantin, Charles Lambert, Léon Simon et Thomas-Ismayl Urbain (1832-1833)*. Tusson: Du Lérot (Col. "Transferts"), 1991.

RUDE, Fernand (apresentação). *"Allons en Icarie". Deux ouvriers viennois aux États-Unis en 1855*. Presses Universitaires de Grenoble (Col. "L'empreinte du temps"), 1980.

SAINT-SIMON. *De la réorganisation de la société européenne ou de la nécessité et des moyens de rassembler les peuples de l'Europe en un seul corps politique en conservant à chacun son indépendance nationale*. Paris: Les Presses Françaises (Col. "Bibliothèque romantique"), 1925.

SCHÉRER, René (org.). *Charles Fourier ou la contestation globale. Essai suivi d'une anthologie de textes*. Paris: Séguier (Col. "2000/2"), 1996.

TRANSON, Abel. *Teoria societária de Carlos Fourier ou arte de estabelecer em todos os países associações domésticas agrícolas de 400 a 500 famílias – Exposição sucinta por Abel Transon, antigo discípulo da Escola Politécnica, engenheiro de minas*, Rio de Janeiro: Typ. Bras. De Cremière, 1845.

TRISTAN, Flora. *Le Tour de France. Journal inédit 1843-1844*. Paris: Éditions Tête de Feuilles (Archives et Documents), 1973.

TRISTAN, Flora. *Promenades dans Londres ou L'aristocratie et les prolétaires anglais*, ed. org. e comentada por François Bédarida, Paris: François Maspero (Col. "Centre d'Histoire du Syndicalisme"), 1978.

TRISTAN, Flora. *Union Ouvrière*, Paris: Editions Populaires, 1843.

VERSAILLES, Haute cour de. *Procès de 13 juin. Déclaration du Cytoven André Luis Jules Lechevallier Jor. Accusé, ex membre du comité de la presse et du comité socialiste*. Londres, impr. Française de Jos. Thomas, juin-oct., 1849.

VIGOUREUX, Clarisse. *Parole de Providence*. Pref. de Jean-Claude Dubos, Seyssel: Champ Vallon, 1993.

WARRAN, Francis. *L'Oeuvre philosophique de Hoené Wronski. Textes, commentaires et critique*. Paris: Les Éditions Véga, 1933, vol. 1. WARRAN, Francis. *L'Oeuvre philosophique de Hoené Wronski*

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

AA. VV. *Romantismes et Socialismes en Europe 1800-1848 (Actes du colloque de Aille, 1987)*, Paris: Dif: Didier Erudition (Études de littérature étrangère et comparée, 82), 1988.

ABENSOUR, M. *O novo espírito utópico*. Campinas: Editora da UNICAMP (Col. "Repertórios"), 1990.

AGULHON, Maurice. *Une ville ouvrière au temps du socialisme utopique. Toulon de 1815-à 1851*. 2^a ed., Paris/Haia: Mouton/EHESS/CRH (Civilizations et Sociétés, 18), 1977.

ANSART, Pierre. *Sociologie de Saint-Simon*. Paris: Univ. de France, 1970.

ARANTES, Urias. "Et l'idée organise le monde... Notes sur les fourieristes dissidents", *Cahiers Charles Fourier*, n 5, Besançon: Société Charles Fourier, 1994.

_____. *Charles Fourier ou l'art des passages*. Paris: L'Harmattan (Col. "La philosophie en commun"), 1992.

BACZKO, Bronislaw. *Utopians Lights. The evolution of the idea of social progress*, Nova Iorque: Paragon House, 1989.

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/Brasiliense, 1990.

BAUR, J., *Petite histoire de l'Organon et de ses métamorphoses*. Lyon, 1975.

BEAUNE, Jean-Claude; BORREIL, Jean; DOUAILLER, Stéphane et alli. *Les sauvages dans la cité. Auto-émancipation du peuple et instruction des prolétaires au XIX siècle*, Macon: champ Vallon (Col. "Milieux"), 1985.

BEECHER, Jonathan. *Charles Fourier: the visionary and his world*, Berkley/Los Angeles/Londres: University of California Press, 1986

BÉNICHOU, Paul. *El Tiempo de los Profetas. Doctrinas de la época romántica*. México: Fondo de Cultura Económica (Col. "Lengua y Estudios Latinos"), 1984.

BOITEUX, Henrique. "O falanstério do Sai", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, Florianópolis, 12, 1 sem. de 1944

BOUGLE, C. *Chez les prophètes socialistes*, Paris: Librairie Félix Alcan, 1918.

- BROCK, Erland J. et alli (orgs.). *Swedenborg and his influence*, Pennsylvania:, The Academy of New Church, Bryn Athryn, 1988.
- BRUCKNER, Pascal. *Fourier*. Paris: Seuil (Col. "Écrivains de toujours"), 1975.
- BRUNET, Georges. *Le mysticisme social de Saint-Simon*. Paris: Les Presses Françaises (Col. "Études romantiques"), 1925.
- BUBER, Martin. *O Socialismo utópico*, 2ª ed., São Paulo: Perspectiva (Debates), 1986.
- CHACON, Vamireh. *História das Idéias Socialistas no Brasil*. 2ª ed. rev. e aum., Fortaleza/Rio de Janeiro: Edições UFC/Civilização Brasileira, 1981.
- COLOMBO, Arrigo; TUNDO, Laura (org.). *Fourier: la passione dell'utopia*. Milão: Franco Angeli, 1988.
- CROSSLEY, Ceri. *French historians and romanticism: Thierry, Guizot, the saint-simonians, Quinet, Michelet*, Londres: Routledge, 1993.
- D'ARCY, Philippe. *Hoëné Wronsky. Une philosophie de la création*. Paris: Editions Seghers (Col. "Philosophes de tous les temps"), 1970.
- DARTON, Robert. *O lado oculto da revolução: Mesmer e o final do iluminismo na França*, São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- DEBOUT, Simone. *"Griffe au nez" ou donner "have ou art": écriture inconnue de Charles Fourier*. Paris: Éditions Anthropos, 1974.
- _____. *L'Utopie de Charles Fourier*. s.l.: Les presse du réel (Col. "L'écart absolu"), 1998.
- DEBÛ-BRIDEL, Jacques. *L'actualité de Fourier. De l'utopie au fouriérisme appliqué*. Paris: Éditions France-empire, 1978.
- DERRÉ, J. R. (org.). *Regards sur le saint-simonisme et les saint-simoniens*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon (Col. "Littérature et idéologies"), 1986.
- DESANTI, Dominique. *Flora Tristan la femme révoltée*. Paris: Hachette, 1972.
- _____. *Les Socialistes de l'utopie*. Paris: Payot (Col. "Petite Bibliothèque Payot", 190), 1970.
- DESROCHE, Henri. *La Société festive. Du fouriérisme écrit aux fouriérismes pratiqués*. Paris: Éd. du Seuil, 1975.
- DILAS-ROCHERIEUX, Yolène. "Utopie et communisme. Étienne Cabet de la théorie à la pratique", *Revue Française de Science Politique*, Paris, 41 (5), out. 1991.
- D'IVRAY, Jehan. *L'aventure saint-simonienne et les femmes*. Paris: Félix Alcan, 1928.
- DONALD Jr., Warren. "A medicina espiritualizada. A homeopatia no Brasil do século XIX". *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 13 (1), mar. 1986.
- DROZ, Jacques (org.). *Histoire Général du Socialisme*. Paris: PUF, 1978, 4 vols.
- FAURE, Olivier (org.). *Praticiens, patients et militants de l'homéopathie (1800-1940). Actes du Colloque franco-allemand, Lyon, 11-12 octobre 1990*. Lyon: Centre Pierre Leon d'histoire économique et sociale/Éditions Boiron/Presses Universitaires de Lyon, 1992.

- FOGARTY, Robert S. *All things new. American communes and utopian movements 1860-1914*. Chicago: University of Chicago, 1990.
- FONTENELLE. *Diálogos sobre a pluralidade dos mundos*, Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- FRIEDBERG, Morris. *Influence de Charles Fourier sur le mouvement social contemporain en France*, Paris: Marcel Giard, 1926.
- GALHARDO. *Iniciação homeopática*. s.l., Typ. H. M. Sandermann, 1936.
- GALLO, Ivone Cecília d'Avila. "A utopia de Charles Fourier", in: MONTEIRO, John Manuel; BLAJ, Ilana (orgs.) *História & utopias. Textos apresentados no XVII Simpósio Nacional de História*. São Paulo: ANPUH, 1996.
- _____. "Leandro Konder. *Fourier, o socialismo do prazer*", *Idéias*, Campina, 6 (2)/7 (1), 1999-2000.
- GARCIA, Jean-François. *Jacotot*, Paris: PUF (Col. Pedagogues et Pedagogies, 15), 1997.
- GAUMONT, Jean. *Le commerce véridique et social (1835-1838) et son fondateur Michel Derrion (1803-1850)*, Amiens: Impr. Nouvelle, 1935.
- GODIN, J. B. A. "Charles Fourier et les expériences fourieristes aux États-Unis", *La Revue Socialiste*, Paris, 9 (53), maio 1889.
- _____. "Réponse à Monsieur de Pompéry", *La Revue Socialiste*, Paris, 22 (132), dez. 1895.
- GONÇALVES, Adelaide. "Aux origines du socialisme au Brésil", *Economie & Humanisme*, (354) "L'utopie d'une économie de changement social", out. 2000.
- _____. "O fourierismo e os primórdios do socialismo no Brasil", <http://www.ceca.org.br/edgar/Fourierismo.htm>
- GORET, Jean. *La Pensée de Fourier*. Paris: P.U.F., 1974.
- GUARNERI, Carl J. *The utopian alternative. Fourierism in nineteenth-century America*. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1991.
- GÜTTLER, Antonio Carlos. *A colonização do Sai. Esperança de fanlansterianos expectativa de um governo*, Dissertação de Mestrado, Florianópolis: UFSC, 1994.
- JANOT, Charles. "Benoit Mure", http://www.multimania.com/shv/anciens_articles.htm#benoitmure
- JOHNSON, Christopher H. *Utopian communism en France. Cabet and the Icarians, 1839-1851*. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1974.
- KONDER, Leandro. *Fourier, o socialismo do prazer*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- LEFEBVRE, Henri (org.). *Actualité de Fourier. Colloque d'Arc-et-Senans*. Paris: Éditions Anthropos, 1975.
- LEHOUCK, Emile. *Fourier Aujourd'hui*. Paris: Denoël, 1966.

- LEJEUNE-RESNICK, Evelyne. *Femmes et associations (1830-1880): Vraies démocrates ou dames patronnesses?*. Paris: Publisud, 1991.
- LEROY, Maxime. *Le socialisme des producteurs: Henri de Saint-Simon*. Paris: M. Rivière (Col. "Bibliothèque d'information sociale"), 1924.
- LINS, Ivan Monteiro de Barros. *Tomás Morus e a utopia*. Rio de Janeiro: s.e., 1938.
- LÖWY, Michel. *Redenção e Utopia. O judaísmo libertário na Europa central: um estudo de afinidade eletiva*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- Luvah, Besançon, (16), "Charles Fourier", fev. 1989.
- MAITRON, Jean (coord.). *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français*, Primeira Parte: 1789-1864, *De la Révolution Française à la fondation de la Première Internationale*. Paris: Les Éditions Ouvrières, 1964-1966, 3 vols.
- MARIN, Louis. *Utopiques: jeux d'espaces*. Paris: Les Éditions de Minuit (Col. "Critique"), 1973.
- MICHELL, John. *The dimensions of paradise. The proportions and symbolic numbers of ancient cosmology*, Londres: Thames and Hudson, 1988.
- MILL, John Stuart. *Princípios de economia política. Com algumas de suas aplicações à filosofia social*. São Paulo: Abril Cultural (Col. "Os Economistas"), 1983.
- MORELLY. *Código da Natureza*, Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- MORO; CAMPANELLA; BACON. *Utopias del renacimiento*. México: Fondo de Cultura Economica, 1987.
- MORUS, Thomas. "A Utopia", in: *Os Pensadores*, São Paulo: Abril, 1972, vol. 10.
- MOSES, Claire Goldberg; RABINE, Leslie Wahl. *Feminism, socialism and French romanticism*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 1993.
- MUMFORD, Lewis. *The story of utopias*. Nova Iorque: Boni and Liveright Publishers, 1922.
- NATHAN, Michel. *Le ciel des fourieristes- habitants des étoiles et réincarnation de l'ame*, Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1981.
- NOYES, John Humphrey. *History of American socialisms*. Reimp. da ed. de 1870, Nova Iorque: Hillary House Publishers, 1961.
- PEREIRA FILHO, Carlos da Costa. "Ainda o falanstério", *A Notícia*, Joinville, 26 de junho de 1992.
- PETITFILS, Jean-Christian. *Os socialismos utópicos*, Rio de Janeiro: Zahar ("Biblioteca de Ciências Sociais"), 1978.
- POLLARD, Sidney; SALT, John (orgs.). *Robert Owen prophet of the poor. Essays in honour of the two-hundredth anniversary of his birth*. Londres/Basingstoke: Macmillan, 1971.
- POMPÉRY, E. de. "Le travail-fonction", *La Revue Socialiste*, Paris, 22 (132), dez. 1895.

- PRUDHOMMEAUX, Jules. *Icarie et son fondateur Etienne Cabet*, reimp. da edição de Paris de 1907, Genebra: Slatkine-Megariotis Reprints, 1977.
- RANCIÈRE, Jacques. *A noite dos proletários. Arquivos do sonho operário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- RANGEL, Alberto. *No rolar do tempo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.
- REYBAUD, Louis. *Etudes sur les Réformateurs ou Socialistes Modernes*. Nova Iorque: Arno, 1979.
- RUDE, Fernand. *C'est nous les canuts*. Paris: Maspero (Col. Actes du Peuple), 1977.
- _____. *Les révoltes des canuts (1831-1834)*, Paris: Maspero (Petite Collection Maspero), 1982.
- _____. *L'insurrection lyonnaise de novembre de 1831. Le mouvement ouvrier à Lyon de 1827-1832*, Paris: Anthropos, 1969.
- RUSS, Jacqueline. *O Socialismo Utópico*. São Paulo: Martins Fontes (Col. "Universidade Hoje"), 1991.
- SCHÉRER, René. *Charles Fourier*. Paris: Seghers, (Col. "Philosophies de tous les Temps"), 1970.
- _____. *Pari sur l'impossible*. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes (Col. "La philosophie hors de soi"), 1989.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador. D. Pedro II, um monarca nos tropicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SERVIER, Jean. *Histoire de l'utopie*. Paris: Gallimard (Col. "Folio – essais"), 1999.
- SIBALIS, Michael D. "Jan Czyski: Jalons pour la biographie d'un fouriériste de la Grande Émigration polonaise", *Cahiers Charles Fourier*, n.6, Besançon: Société Charles Fourier, 1995.
- _____. "Une mutuelle fourieriste au dix-neuvième siècle: Laurent Héronville et la société laborieuse des cordonniers-bottiers de Paris", *Cahiers Charles Fourier* (1), 1990.
- SIÖDEN, Karl-Eric. "Swedenborg en France" in *Acta Universitatis Stockholmiensis* (Stockholm Studies in history of literature, 27), 1985.
- SOCIÉTÉ DES ÉTUDES ROMANTIQUES. *Les socialismes français, 1796-1866. Formes du discours socialiste*. Paris: SEDES, 1995.
- SPIGUEL, Agnes. "Mesmer et l'influence", *Romantisme- Revue du dix-neuvième siècle*, (98), Paris: Sedes, 4º trimestre, 1997.
- STAFFORD, William. *Socialism, radicalism and nostalgia. Social criticism in Britain, 1775-1830*. Cambridge/Londres/Nova Iorque: Cambridge University Press, 1987.
- THIAGO, Raquel S. *Fourier: esperança e utopia na península do Saí*, Blumenau: FURB/Florianópolis: UFSC, 1995.
- TROBRIDGE, G. *Swedenborg, life and teaching*, Londres: The Swedenborg Society, 1974.

- VERNUS, Michel. *Victor Considerant 1808-1893. Le Coeur et la Raison.*, Dole: Canevas Editeur, 1993.
- WILSON, Edmund *Rumo à Estação Finlândia: escritores e atores da história*, São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- WRIGHT, M. R. *Cosmology in Antiquity*, reimp., Londres/Nova Iorque: Routledge, 1996.
- ZUBILLAGA, Carlos e BALBIS, Jorge. *História del movimiento sindical uruguayo*. Tomi I: Cronologia y fuentes (hasta 1905), Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1985.
- ZWEIG, Stefan. *Mesmer*, Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores (col. "A cura pelo espírito", 1), s.d.

ANEXOS



Dr. Bento MURE

Figura 1 – Dr. Benoît Jules Mure (1809-1858)
Fototeca pessoal do Dr. Robert Séror
<http://www.homeoint.org/photo/m/mureb.htm>

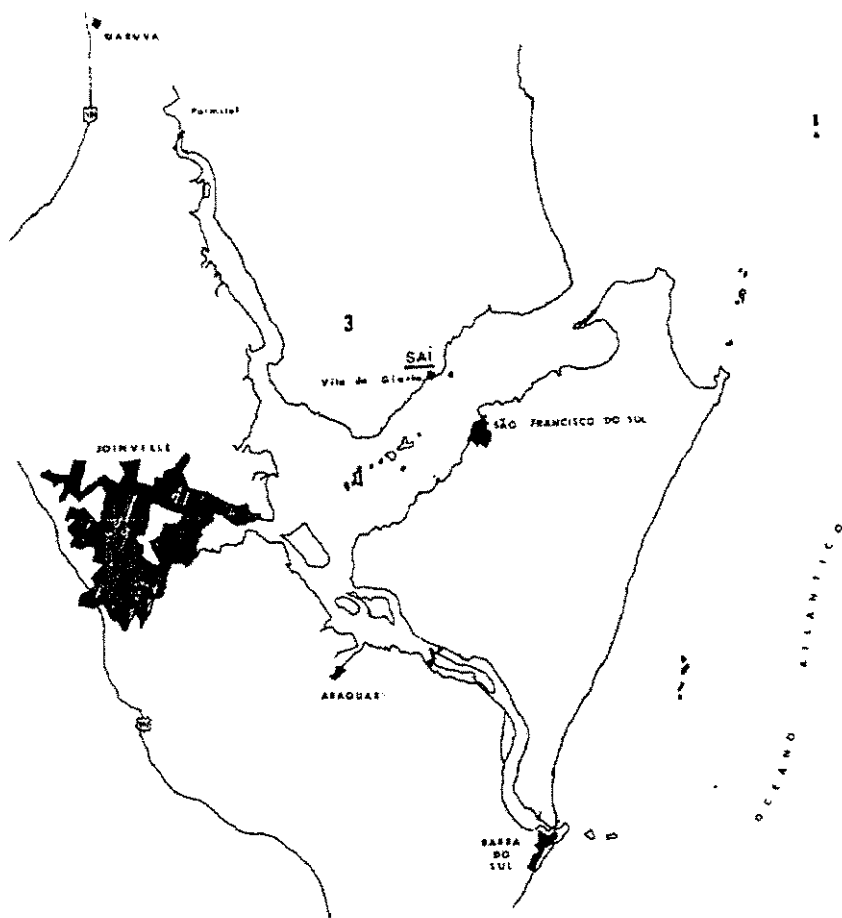
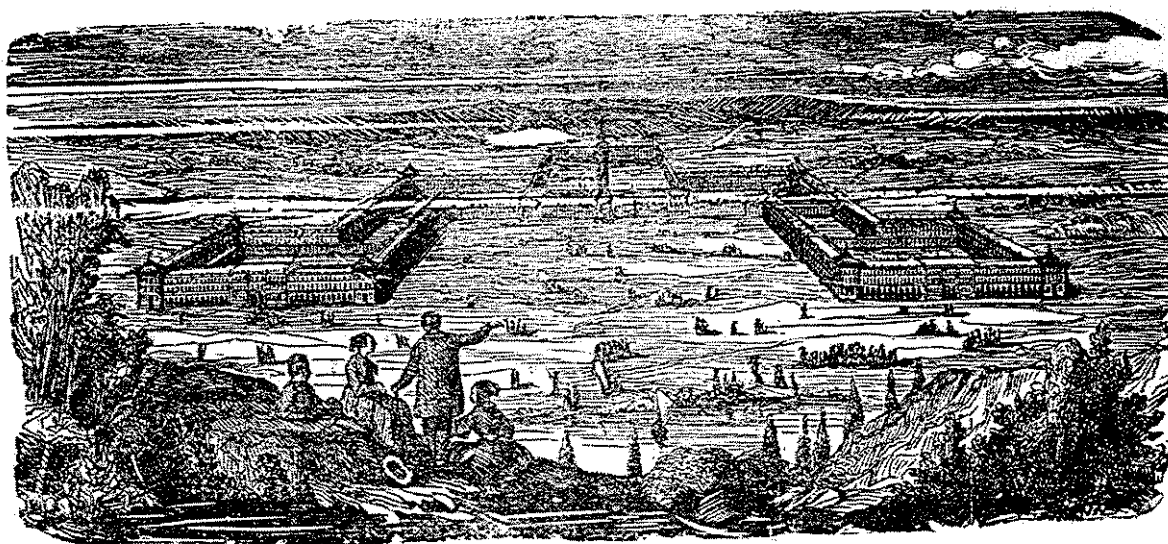
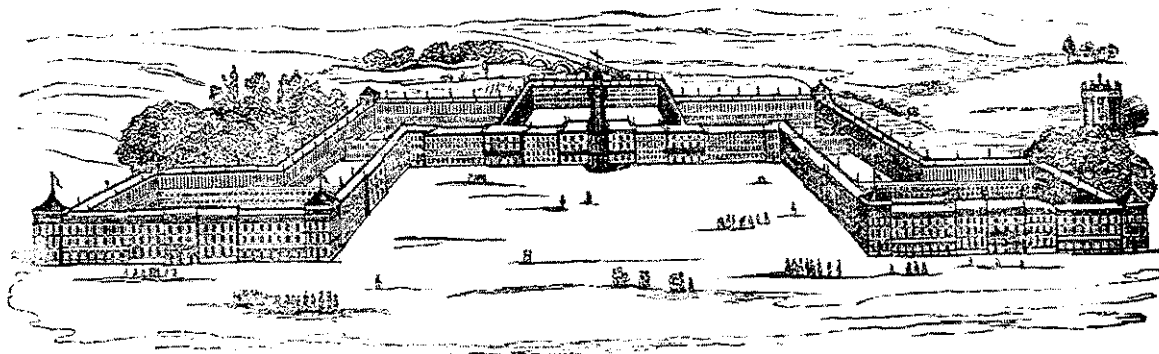


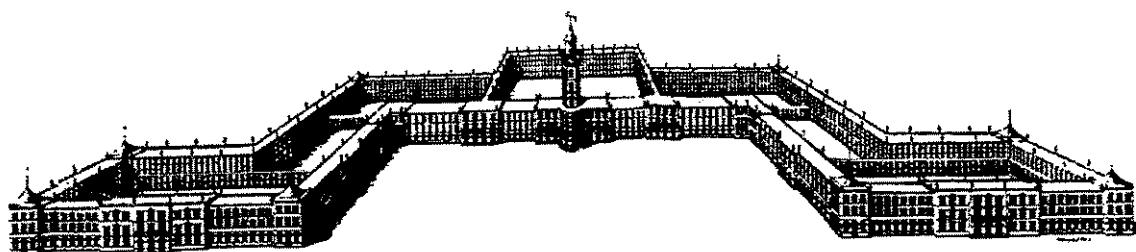
Figura 2 – Ilha de São Francisco do Sul e Península do Saí; ilustração de Carlos da Costa Pereira Filho.
Retirado de Thiago, S. Raquel. *Fourier: Utopia e esperança na Península do Saí*, p. 68.



Figuras 3 e 4 – Duas vistas do falanstério do Brasil em 1842.
Retirado de Mure, Benoît Jules. *La Philosophie Absolue*, edição póstuma atualizada e revista por Sophie Liet, pp. XVI-XVII.

Le mouvement social et politique de l'avenir
L'AVENIR.

Perspective d'un Phalanstère ou Palais Sociétaire dédié à l'humanité.



Vue perspective d'un phalanstère
Cliché Bibliothèque Nationale

Figura 5 – Vista de um falanstério.

Retirado de Considerant, Victor. *Description du Phalanstère & Considerations Sociales* sur *L'Architectonique*, p. 56.